

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

Maurício João Vieira Filho

“VAMOS DESCOMPLICAR O SEXO”: pedagogias da sexualidade no projeto **Sem
Capa**

Belo Horizonte

2022

Maurício João Vieira Filho

“Vamos descomplicar o sexo”: pedagogias da sexualidade no projeto Sem Capa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Textualidades Midiáticas

Orientador: Prof. Dr. Bruno Souza Leal

Belo Horizonte

2022

301.16 Vieira Filho, Maurício João.
V658v "Vamos descomplicar o sexo" [manuscrito] : pedagogias
2022 da sexualidade no projeto Sem Capa / Maurício João Vieira
 Filho. - 2022.
 356 f. : il.
 Orientador: Bruno Souza Leal.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1. Comunicação - Teses. 2. Sexo - Teses. I. Leal, Bruno
 Souza. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
 de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Vamos descomplicar o sexo': pedagogias da sexualidade no projeto Sem Capa"

Maurício João Vieira Filho

Dissertação de mestrado defendida e aprovada, no dia **16 de fevereiro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Prof. Bruno Souza Leal - Orientador

UFMG

Prof. Carlos Magno Camargos Mendonça

UFMG

Prof. Felipe Viero Kolinski Machado

UFOP



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Souza Leal, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2022, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Magno Camargos Mendonca, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2022, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, Usuário Externo**, em 17/02/2022, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1255794** e o código CRC **EF6DFD08**.

AGRADECIMENTOS

Fazer pesquisa envolve solidariedade, colaboração, coragem e amizade. Foi doloroso desenvolver o projeto em meio à conturbação da pandemia de covid-19 e ao atual governo, que desvaloriza continuamente a produção acadêmica, ataca as instituições e incita ódio contra os pesquisadores. Somado a isso, tornou-se mais difícil o fato de estar isolado em casa, passando horas à frente do computador, sem poder tomar café com colegas e trocar ideias sobre a pesquisa.

Embora essa trajetória tenha tido percalços, sinto-me imensamente grato a todas as amigades que compartilharam a construção deste trabalho comigo e tornaram todo o processo mais acolhedor. Há pessoas que tocam nossas vidas de formas inexplicáveis e as palavras parecem ser insuficientes para descrevê-las. Para não esquecer ninguém, agradeço imensamente a todas as minhas amigas e meus amigos com quem pude dividir o avanço do meu trabalho, ouvir conselhos e sentir a torcida para continuar. Muito obrigado por todos os momentos.

Agradeço ao Bruno Leal, meu orientador, pela partilha ao longo desses dois anos, pelos encontros de orientação, por questionamentos tão pontuais que me deslocavam para outras possibilidades, pela edição atenta ao que apresentava e pela paciência comigo durante esse processo de formação. Agradeço ao Carlos Mendonça e ao Felipe Viero pelas leituras generosas, apontamentos precisos e oportunidades de diálogo desde a qualificação. Gostaria igualmente de agradecer todas as professoras e todos os professores que participaram da minha formação em várias etapas, transformaram minha vida e me mostraram como a educação exige coragem e respeito.

Sinto falta de viver intensamente o campus, entrar na Fafich e estar em sala de aula, mas o PPGCOM e a UFMG promoveram tudo para que nossa experiência como estudante se mantivesse a melhor nas condições possíveis para o momento em que estamos. Muito obrigado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (Capes), pelo apoio financeiro nos últimos seis meses de pesquisa sem o qual não seria possível concluí-la.

Quero dizer o quanto sou grato a minha mãe, a quem dedico esse trabalho. Muito obrigado pelo carinho, alegria, preocupação, ajuda, amor incondicional e por me apoiar sempre. Somente nós dois sabemos o quão difícil foi chegar até aqui, mas chegamos juntos.

Por fim, registro que minha motivação para seguir nesse caminho é querer lutar por uma educação que seja acolhedora e, como diria Paulo Freire, pela *boniteza* do mundo. Por isso, mais uma vez, agradeço a todas e todos que fizeram parte dessa etapa. Sigamos!

RESUMO

Entre a infinidade de plataformas pornográficas e de conteúdos que colocam os corpos e as sexualidades em evidência, o projeto audiovisual *Sem Capa* foi desenvolvido em 2018 com o propósito de “descomplicar o sexo” em 24 episódios. Focado nas reflexões sobre homossexualidade e relações sexuais entre homens, o canal permanece em ascensão até hoje na plataforma *Xvideos*, na qual está completamente publicado. Diante desse objeto de pesquisa, questionamos: que pedagogia da sexualidade é proposta no projeto *Sem Capa*? Essa questão principal que intriga os caminhos de investigação se desdobra no objetivo geral de refletir analiticamente a textualidade do *Sem Capa* no que diz respeito à descomplicação do sexo. Para tanto, realizamos um exercício metodológico embasado nas noções de textualidade (ABRIL, 2007, 2012, 2018; BRAGA, 2008; LEAL, 2018) para apreender as afirmações, contradições e negações do *Sem Capa*, bem como mapeamos e contextualizamos a emergência e os conteúdos do canal. Apresentamos a discussão sobre as pedagogias da sexualidade, começando pelo dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1999) e seguindo pela teoria *queer*, cujos estranhamentos teóricos, conceituais e políticos permitiram refletir *com* o *Sem Capa*. Para essa trama, convocamos discussões complementares ao agir pedagógico, tais como masculinidades e pornografias. Com essas apreensões, notamos que o *Sem Capa* se situa em tensões com a pornografia platformizada para poder circular e alcançar engajamento da audiência. Para conseguir cumprir o propósito de inteligibilidade, valeu-se de três ações pedagógicas: a centralidade nas experiências de seu idealizador, no estabelecimento de um elo confessional e confidencial e por meio das tutorizações do sexo.

Palavras-chave: pedagogias da sexualidade; textualidades; *Sem Capa*.

ABSTRACT

Among the plethora of pornographic platforms and content that put bodies and sexualities in the spotlight, the audiovisual project *Sem Capa* was developed in 2018 with the purpose of “uncomplicating sex” in 24 episodes. Focused on reflections on homosexuality and sexual relations between men, the channel remains on the rise to this day on the *Xvideos* platform, on which it is fully published. In view of this research object, we ask: what pedagogy of sexuality is proposed in the *Sem Capa* project? This main question that intrigues the investigation paths unfolds in the general objective of analytically reflecting the textuality of *Sem Capa* with regard to the uncomplication of sex. To this end, we conducted a methodological exercise based on the notions of textuality (ABRIL, 2007, 2012, 2018; BRAGA, 2008; LEAL, 2018) to apprehend the affirmations, contradictions, and negations of *Sem Capa*, as well as mapping and contextualizing the emergence and the channel contents. We present the discussion on the pedagogies of sexuality, starting with the sexuality dispositive (FOUCAULT, 1999) and following by *queer* theory, whose theoretical, conceptual and political estrangements allowed us to reflect *with Sem Capa*. For this plot, we call for complementary discussions to the pedagogical action, such as masculinities and pornography. With these apprehensions, we note that *Sem Capa* is in tension with platform pornography in order to circulate and achieve audience engagement. In order to achieve the purpose of intelligibility, it made use of three pedagogical actions: the centrality in the experiences of its creator, the establishment of a confessional and confidential link, and through the tutoring of sex.

Keywords: pedagogies of sexuality; textualities; *Sem Capa*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Banner e imagem do perfil, ambos alusivos ao projeto	21
Figura 2 – Primeira parte da captura de tela do canal de Sa João	23
Figura 3 – Segunda parte da captura de tela do perfil de Sa João	24
Figura 4 – Frame de um dos vídeos em que percebemos Sa João apresentando para a câmera, o desfoque ao fundo e a iluminação	26
Figura 5 – Frame do oitavo vídeo que exemplica o enquadramento	27
Figura 6 – Imagem de destaque para o vídeo 1 na plataforma e frame do momento em que colocará a camisinha.....	27
Figura 7 – Frames dos vídeos “Vamos falar de sexo?” e “Bota a camisinha parte 2”	37
Figura 8 – Frames em que Sa João exemplifica suas falas em seu corpo	37
Figura 9 – Frames da apresentação de Charlinhus e Ton Dutra, convidado, com Sa João, respectivamente	38
Figura 10 – Captura de tela do perfil Sem Local	41
Figura 11 – Trecho da tabela principal.....	46
Figura 12 – Trecho da tabela secundária de comentários.....	46
Figura 13 – Exemplo de produção cinematográfica pirateada na Xvideos	101
Figura 14 – Banner para criar uma conta na plataforma e benefícios da adesão	102
Figura 15 – Captura de tela de um dos anúncios publicados na Xvideos	104
Figura 16 – Ícones de alternância entre as páginas	105
Figura 17 – Barra de categorias na seção “pornografia gay”	105
Figura 18 – Trecho da tela inicial do serviço “Red”	105
Figura 19 – Captura de tela da abertura do episódio “Sigilo”	123
Figura 20 – Captura de tela do encerramento do episódio “Sigilo”	124

LISTA DE EPISÓDIOS DO *SEM CAPA*

- SEM CAPA #1 | VAMOS FALAR DE SEXO?
- SEM CAPA #1 | VAMOS FALAR DE SEXO? (LEGENDADO)
- SEM CAPA #2 | BOTA A CAMISINHA, BOTA MEU AMOR
- SEM CAPA #3 | HIV NÃO É DOENÇA
- SEM CAPA #4 | PREP-ARA
- SEM CAPA #5 | DESINFORMAÇÃO É PIOR QUE DST
- SEM CAPA #6 | LAVA O PINTO DIREITO
- SEM CAPA #7 | PELUDOS E PELADOS
- SEM CAPA #8 | O MELHOR AMIGO DO HOMEM
- SEM CAPA #9 | PAU PRA TODA OBRA
- SEM CAPA #10 | O SEGUNDO MELHOR AMIGO DO HOMEM
- SEM CAPA #11 | HOW TO XUCA
- SEM CAPA #12 | BORA SARRAR
- SEM CAPA #13 | BOTA A CAMISINHA PARTE 2
- SEM CAPA #14 | FANTASIAS NO AR
- SEM CAPA #15 | HEY MACHÃO
- SEM CAPA #16 | SIGILO
- SEM CAPA #17 | SINDIBIXA E POKÉMON
- SEM CAPA #18 | TREPADA ADITIVADA
- SEM CAPA #19 | CASALZÃO DA PORRA
- SEM CAPA #20 | O NEGÃO DA PIROCA
- SEM CAPA #21 | MANDA NUDES
- SEM CAPA #22 | SURUBA NÃO É BAGUNÇA
- SEM CAPA #23 | PARECE UMA PORNÔ
- SEM CAPA #24 | PÓS-COITO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 (DES)COMPLICANDO AS TEXTUALIDADES DO SEXO NO PROJETO <i>SEM CAPA</i>	20
1.1 Desencapando o <i>Sem Capa</i> : mapeamento e contextualização.....	21
1.2 Da aula às relações sexuais: passeio pela proposta de “descomplicar” o sexo em 24 vídeos	29
1.2.1 Temáticas	36
1.2.2 Espectadores e visualizações.....	41
1.3 Desenhos metodológicos e parâmetros para análise	44
1.4 Te(n)sões no <i>Sem Capa</i> : sexo em redes.....	47
2 PEDAGOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE E SEUS ENREDAMENTOS NO <i>SEM CAPA</i>	56
2.1 Foucault e o dispositivo da sexualidade.....	57
2.1.1 Poder.....	58
2.1.2 Dispositivo	62
2.1.3 Pedagogização	66
2.2 Estranhamentos <i>queer</i> para repensar a sexualidade.....	69
2.3 Preciado e a contrassexualidade.....	75
2.4 Construções de masculinidades	78
3 ENTRE A DESCOMPLICAÇÃO E A PEDAGOGIZAÇÃO DO SEXO	85
3.1 Operacionalização da textualidade no <i>Sem Capa</i>	85
3.1.1 Pornografias	87
3.1.2 Plataformização	96
3.1.3 <i>Xvideos</i>	98
3.1.4 Aproximações entre <i>Sem Capa</i> e pornografia “plataformizada”	108
3.2 “Aulinha”, “aula”, “intensivão”: processos pedagogizantes e injunção da sexualidade no <i>Sem Capa</i>	111
3.2.1 Centralidade nas experiências de Sa João	112
3.2.2 Confissão e confiança, ações entrelaçadas	117
3.2.3 Tutorização do sexo	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE.....	131
REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS CITADOS	136

REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES	146
APÊNDICE A – Transcrição dos vídeos	146
APÊNDICE B – Comentários de espectadores para o <i>Sem Capa</i>	293

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa de mestrado origina-se de interesses em estudar produções midiáticas voltadas às discussões sobre a sexualidade. Durante o trajeto inicial, deparei-me com conteúdos espalhados pela internet, sobretudo, que trabalham com uma perspectiva de trazer novos arranjos para as experiências do corpo e o erotismo. Encontrei filmes do cineasta português Antonio Da Silva, as revistas on-line “Falo”, “Corpo Explícito” e “Pós-corpos”, os projetos audiovisuais do ator brasileiro André Medeiros Martins, perfis no *Instagram*, como @corpostracados, @sentomesmo, @projeto vulgar... Toda essa gama de materiais, que se alongava a cada nova procura e descortinava possibilidades de incursão, tem duas características comuns e, de certa forma, divergentes. Primeiro, abordam a sexualidade englobando marcas estéticas da audiovisualidade pornográfica e se dedicam ao homoerotismo masculino e/ou às homossexualidades, segundo, borram as fronteiras delimitadoras do que é tido como pornográfico e o que não é, inclusive pelos espaços onde circulam e se desenvolvem.

Ao longo desse mergulho em uma vasta coleção de produções que se propuseram a refletir e problematizar questões sobre os corpos e as sexualidades, reencontrei o projeto audiovisual *Sem Capa*, lançado em 2018. Naquela época de estreia, acompanhei os episódios de forma aleatória, mas com curiosidade nas temáticas apresentadas, por ser um homem *gay* que vivenciou situações relatadas ali e instigado por ser um projeto publicado em uma plataforma pornográfica, *Xvideos*. Agora, recupero o interesse em sua proposta de “vamos descomplicar o sexo” como uma dúvida inicial que me afeta em relação a esse fenômeno e projeta desafios para esta investigação.

O *Sem Capa* aparece como um projeto audiovisual cuja construção busca pôr em evidência a homossexualidade e as relações sexuais entre homens. O público principal pressuposto é de homens *gays*. O objetivo é descrito brevemente pela frase imperativa: “vamos descomplicar o sexo”. Para alcançá-lo, a proposta se desenvolve em 24 episódios, todos publicados e encontrados atualmente no perfil de um dos seus idealizadores, Sa João, na plataforma *Xvideos*. A partir da mobilização de elementos semiológicos variados, são feitas reflexões sobre as vivências de homens *gays*, as interdições que atravessam desejos e prazeres, as práticas sexuais homossexuais e as experiências com o corpo. Nesse ínterim, o projeto se estabelece entre os “melhores canais de pornografia *gay*” disponíveis na *Xvideos*, embora sua construção possibilite questionar os modos como se situa no e transita pelo campo do pornográfico.

Tendo essa descrição em vista e em concordância com Carlos Mendonça e Bruno Leal (2018, p. 103), que afirmam que “[o]s ambientes digitais têm se tornado lugares de ocupação e manifestação de diferentes indivíduos e grupos em busca da produção de visibilidades e visualidades peculiares”, este estudo pretende investigar o *Sem Capa* como fenômeno comunicacional marcado pelas possibilidades dos espaços on-line e das potencialidades da audiovisualidade. Nessa cultura visual, a emergência do *Sem Capa* e de seus conteúdos que misturam nudez, sexo, informações e agir pedagógico gravitam num espaço entre a abundância de produções pornográficas, entrelaçam-se a repertórios variados disponibilizados na *Xvideos*, correlacionam com as dimensões da plataforma, almejam uma audiência para engajamento e apresentam experiências corporais. Apesar das semelhanças com outras iniciativas de tematização do sexo e do corpo encontradas nas redes sociais e de borrar fronteiras do pornográfico, o *Sem Capa* tem características específicas e peculiares que instigam a realização desta pesquisa, como a busca pela inteligibilidade das relações sexuais e a construção pedagógica na plataforma. Seu contexto de emergência é marcado pela ampliação dos fenômenos de plataformização, no qual as plataformas trazem outras lógicas para produção e consumo de conteúdos e evoluem junto às transformações nas tecnologias da comunicação (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020), e aos processos de midiaticização, que conformam relações de sentido nas práticas sociais. Vale mencionar que a iniciativa também pode ser localizada de forma fragmentada na *Pornhub* e *XNXX*, com um ou outro episódio publicado, mas sem ter a totalidade e sequencialidade da série de vídeos. Essas características, construções e posicionamentos instigam, portanto, a perscrutá-lo para apreender suas afirmações e contradições.

Desse modo, para situar a pregnância deste trabalho, partimos pelo mapeamento de dissertações e teses feitas em programas de pós-graduação de Comunicação no Brasil, entre 1972 e 2015, que fizeram interlocuções com os estudos de gênero, realizado por Tainan Pauli Tomazetti (2020). Ele identificou que, apesar da ascensão nos últimos anos de pesquisas que envolvessem tais problematizações, as investigações ainda estão no começo e necessitam de esforços para ampliar seus alcances no campo. A conclusão é de que “[t]alvez nosso lugar de iniciantes seja o melhor lugar para se estar nesses tempos, pois estamos abertos para aprender” (TOMAZETTI, 2020, p. 79). É notório, assim, fomentar novas investigações sobre os diferentes elementos participantes dessas relações em conversa com os saberes comunicacionais para abrir oportunidades de apreensão dos processos culturais e sociais que nos entrecruzam.

Na esteira do esforço empreendido por Tomazetti (2020), sigo a busca por teses e dissertações no intervalo entre 2016 a 2021, posterior ao trabalho do pesquisador, limitando-se à área de conhecimento da Comunicação no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (Capes)¹. Com auxílio dos filtros da plataforma para refinamento da pesquisa, inicialmente, o levantamento compreende as palavras-chave “gênero”, “sexualidade”, “teoria *queer*” e “pornografia”, que formam os interesses desta dissertação. Necessário apontar que a observação feita pode englobar produções que tiveram mais de uma palavra-chave comum em sua indexação, ou seja, uma mesma dissertação, por exemplo, pode ter apresentado “sexualidade” e “teoria *queer*” como termos de busca. Logo, em vista dessas limitações, a tabela abaixo não tem o propósito de apresentar uma quantificação que evidencie a intersecção nas produções acadêmicas, mas perceber o panorama de investigações do campo que fizeram interlocução por meio das palavras-chave listadas. Os resultados mostram a discrepância entre o volume encontrado.

Tabela 1 — Indexação de palavras-chave relacionadas com os estudos de gênero em teses e dissertações na área da Comunicação entre 2016 e 2021²

COMUNICAÇÃO	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Gênero ³	83	105	138	151	138	27
Sexualidade	10	18	16	23	23	7
Teoria Queer	149	142	147	179	149	31
Pornografia	3	3	3	3	3	0

Fonte: elaboração própria a partir de buscas no catálogo de teses e dissertações da Capes em novembro de 2021

O cenário das palavras-chave revela a ascensão dos termos listados no campo da Comunicação a cada ano. Por outro lado, há disparidade entre a quantidade de pesquisas. Por exemplo, a temática “sexualidade” é menor em relação a “gênero”. Quando se observa as

¹ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: nov. 2021.

² Os números de 2021 correspondem aos trabalhos depositados no repositório até o mês de novembro.

³ Gênero, no campo da Comunicação, pode ser apreendido nas relações midiáticas como formatos audioverbovisuais e jornalísticos diversos. Por isso, pondera-se, aqui, a possibilidade de as buscas englobarem investigações que se debruçaram em outros aspectos diferentes das problemáticas das relações sociais generificadas.

pesquisas indexadas em “pornografia”, o número permanece constante, embora seja baixo, o que sinaliza para o debate ainda reduzido na Comunicação que carece de considerá-la como partícipe das relações sociais atravessadas pelas disputas de sentidos sobre corpos e pela compreensão do fluir comunicacional.

Para situar essa contextualização, avanço a busca de forma expandida desde a primeira edição on-line disponível para acesso de duas revistas acadêmicas importantes para o campo da Comunicação, *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom-RBCC)* e *E-Compós*, ambas avaliadas com *Qualis Periódicos A2* pela Capes (quadriênio 2013–2016). Primeiro, sigo pela palavra-chave “sexualidade” com vistas a mapear textos que trouxessem temáticas pertinentes ao nosso enfoque. Em cada uma, foram encontrados quatro artigos em seus repositórios. Nos mesmos periódicos, agora com as palavras-chave “pornografia” e sua derivação informal “pornô”, foram obtidos apenas dois trabalhos na *E-Compós*, sendo um da pesquisadora Mariana Baltar (2014), que tenta trazer aproximações entre documentário e pornografia, principalmente, pela noção de excesso; e o outro texto de Pedro Vinicius Asterito Lopera (2019) que aborda o consumo do cinema e da pornografia no período conhecido como Belle Époque no Rio de Janeiro. A *Intercom-RBCC* não exibiu nenhum artigo.

À frente dos baixos resultados, a procura continuou por outros periódicos da área com altos estratos de avaliação (*Qualis A* no quadriênio 2013-2016) e pertinência para o debate comunicacional, sendo elas a Revista *FAMECOS, Comunicação, Mídia e Consumo (CMC)*, *Galáxia* e *MATRIZES*, seguindo a ordem de palavras “sexualidade”, “pornografia” e “pornô”, sem delimitar um recorte temporal, e sim desde a primeira edição disponível em seus repositórios com vistas a ampliar a procura. A pesquisa não teve intenção de esgotar todos os repositórios classificados no estrato *Qualis A* ou de alta relevância para a Comunicação, mas, sim, navegar pelos dados obtidos de modo a perceber como se situam no campo. Nesse sentido, encontramos, no total, 27 artigos indexados por “sexualidade”, 8 por “pornografia” e nenhum por “pornô”. Os resultados mostram a escassez de trabalhos sobre pornografia e confirmam que não é um objeto frequente nos estudos da Comunicação.

Com essa verificação, torna-se importante também observar outro campo de estudos, a Antropologia, em que a vida social e as relações culturais são fenômenos de análise. Questões sobre corpos e sexualidade são investigadas com maior frequência nas pesquisas antropológicas, tornando-se interfaces pertinentes para traçar diálogos nos estudos de gênero. Para tanto, foi realizada uma procura com as mesmas palavras-chave nos periódicos *Sociedade e Cultura*, *Cadernos Pagu*, *Horizontes Antropológicos*, *Estudos Feministas* e *Revista de*

Antropologia. Novamente, esse exercício não teve o propósito de pormenorizar as produções da área. Os resultados estão sistematizados na tabela abaixo e evidenciam a desproporção de estudos entre áreas das Ciências Sociais.

Tabela 2 — Comparativo entre a quantidade de artigos da Comunicação e da Antropologia indexados conforme cada palavra-chave

COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	SEXUALIDADE	PORNOGRAFIA	PORNÔ
FAMECOS	9	3	0
CMC	3	0	0
Galáxia	6	1	0
MATRIZES	1	2	0
E-Compós	4	2	0
Intercom-RBCC	4	0	0
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA	SEXUALIDADE	PORNOGRAFIA	PORNÔ
Cadernos Pagu	190	15	4
Horizontes Antropológicos	0	0	0
Estudos Feministas	181	6	1
Sociedade e Cultura	14	0	0
Sociologia & Antropologia	1	0	0
Revista de Antropologia	0	3	1

Fonte: elaboração própria a partir de buscas feitas nos repositórios em novembro de 2021

Com esse comparativo, é notável as disparidades entre as duas áreas quando procuramos por investigações científicas voltadas à sexualidade e à pornografia. Ainda, corrobora com a afirmação de que a Comunicação vem desenvolvendo um caminho inicial nos estudos de tais temáticas. Nesse sentido, acredito que, de alguma forma, esta dissertação tem a contribuir na exploração de caminhos fissurados pelas disputas com a sexualidade e a pornografia, fundamentalmente para as discussões sobre pedagogização da sexualidade.

Em confluência com o percurso traçado e a maturação que foi sofrendo, assim como pela busca por realizar uma leitura crítica do fenômeno, a pergunta central que guia esta dissertação é: que pedagogia da sexualidade é proposta no projeto *Sem Capa*? Essa questão principal que intriga os caminhos de investigação se desdobra no objetivo geral de refletir analiticamente a textualidade do *Sem Capa* no que diz respeito à descomplicação do sexo.

Especificamente, objetiva-se:

- i) apreender como a combinação de elementos informativos sobre as relações sexuais, com a exibição de sexo e nudez, constitui entrelaçamentos em uma perspectiva pedagogizante;
- ii) identificar quais são os temas elencados pelo *Sem Capa* e suas abordagens de modo a entender a proposta de “descomplicação do sexo”;
- iii) desenvolver uma abordagem crítica e metodológica sobre o *Sem Capa* a partir da noção de textualidade.

Para tanto, esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, “(Des)complicando as textualidades do sexo no projeto *Sem Capa*”, apresentamos o fenômeno comunicacional sobre o qual direcionamos olhares para situá-lo, identificar suas características textuais e realizar um passeio pelas temáticas dos 24 episódios que o compõem. Como um gesto propositivo assinalado pelo desenho metodológico proposto, a partir do que o projeto diz e aponta, entendendo-o como textualidade, reconhecemos mundos projetados pelo *Sem Capa* através de suas afirmações, negações e contradições, adentrando suas fissuras, ambiguidades e recusas.

No segundo capítulo, “Pedagogização da sexualidade e seus enredamentos no *Sem Capa*”, à luz da perspectiva de Michel Foucault (1999) de *dispositivo da sexualidade*, discutimos como aconteceu uma proliferação de discursos sobre a sexualidade na contemporaneidade que constituem estratégias de saber e poder sobre os indivíduos. Mobilizamos pensadoras e pensadores da teoria *queer* em diálogos pelos estranhamentos das normatividades que nos permitem abalar as normalizações e fluir pelas diferenças. As perspectivas *queer* têm em Foucault um pilar que faz possível compreender como a sexualidade se arranja em um dispositivo histórico cujos alicerces são a heterossexualidade, logo, se trata de uma construção social e cultural, o que possibilita insurgências. Em diálogo com entendimento de Tamsin Spargo (2019) de *queer* como verbo, isto é, uma ação de estranhamento para questionar binarismos, incomodar as normas e qualquer suposta estabilidade perturbadora (LOURO, 2019), tentamos fazer essa ação a partir do *Sem Capa*.

No último capítulo, “Entre a descomplicação e a pedagogização do sexo”, operacionalizamos a discussão das textualidades por meio das chaves do campo do pornográfico onde o projeto se situa. Ao balizar alguns dos mecanismos formadores da pornografia em suas estéticas, crescimentos e transformações na indústria cultural, princípio de máxima visibilidade, exposição para atestar uma narrativa baseada em uma “realidade” e a apresentação dos corpos, penetração e nudez, tensionamos com o *Sem Capa* para apreender como se estabelece em uma plataforma pornográfica, na qual institui jogos em trânsitos pela audiovisualidade e plataforma *Xvideos*. Em seguida, depreendemos aspectos pedagogizantes que modulam os significados atribuídos na narrativa de “descomplicar o sexo”. Nesse movimento analítico, destacamos o protagonismo de Sa João em centralizar suas experiências como parâmetros para o desenvolvimento do projeto, o enredamento das confissões e confidências entre interlocutores e a ação de tutorizar com a finalidade de dar preceitos e instruções para as relações sexuais.

1 (DES)COMPLICANDO AS TEXTUALIDADES DO SEXO NO PROJETO *SEM CAPA*

Deixa eu te fazer uma pergunta: tudo o que você aprendeu sobre sexo na sua vida, você aprendeu onde? E com quem? Eu posso dizer, pela minha experiência, que, com certeza, eu não aprendi nem pela minha família, nem na escola, nem pelos médicos, que são as referências usuais que a gente tem quando a gente vai aprender qualquer coisa na vida, né? Relacionado a saúde, comportamento, etc., mas, no caso do sexo, não é assim pra maioria das pessoas. Então, a gente acaba recorrendo à única alternativa restante: a internet. E como todos nós sabemos, não é mesmo, a internet é uma fonte inesgotável e totalmente confiável de todo tipo de informação, não é? Então foi por isso que a gente criou esse canal maravilhoso! Aqui a gente vai falar de sexo de forma prática, sem esse negócio de esqueminha, sem desenhinho, sem códigos, sem rodeios, sem... capa, entendeu? (SA JOÃO, 2018a, 2018b, 25s–1min15s)

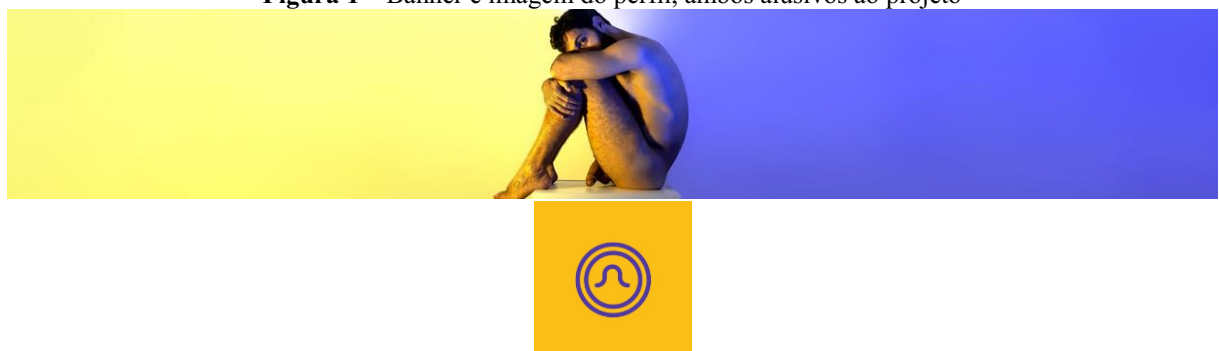
Em 2018, João Pedro Sa, chamado pelo apelido/nome artístico Sa João, elaborou o *Sem Capa*, uma iniciativa audiovisual junto ao seu então namorado Charles, conhecido como Charlinhus, para falar de sexo fazendo sexo. Descrevendo-se como homem *gay*, com formação acadêmica em Cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e *performer* em festas adultas, Sa João é conhecido na internet por outras produções voltadas às temáticas da sexualidade e do corpo, como *Sem Local*, *Goofs*, *Kiki*, *Logos*, *Colby Does America*, *Bubbling Hot*, *Runner*, *Zephyros* e *The Wall*, sendo grande parte atualmente indisponível para acesso. Com 24 vídeos que tecem uma linha condutora pelo propósito da “descomplicação”, o *Sem Capa* percorre, a princípio e de modo geral, por temas ligados a sexo, sexualidade e corpo, direcionando especificamente para o público de homens *gays*. A publicação foi feita em duas plataformas cujos fins são comerciais e pornográficos, *Xvideos* e *Pornhub*, sendo que, hoje, segue completa apenas na *Xvideos*, onde alcança altas posições em ranqueamentos de canais amadores e voltados para homens homossexuais. Na *Pornhub*, apenas 12 vídeos seguem postados sem seguir a sequência enumerada de episódios.

Sua proposta, como exposta na abertura deste capítulo, expande as possibilidades de enveredar por seus emaranhados audioverbovisuais. Tendo em vista a emergência e as importâncias já apresentadas, descrevemos o *Sem Capa* em três etapas neste capítulo. Primeiro, contextualizando e entendendo suas características. O segundo passo empreendido aqui é caminhar pelas temáticas trazidas com vistas a perceber o que é debatido e como o projeto articula os 24 vídeos. O terceiro momento é o desenho metodológico para nos auxiliar no exercício analítico e nas reflexões com o fenômeno. Fechamos o capítulo com um movimento para pensar as textualidades (LEAL *et al.*, 2018; ABRIL, 2007, 2012, 2018) e seus enredamentos, abordando as tensões do projeto, processos de significação e as balizas de diferentes questões sobre sexualidade engendradas pelo *Sem Capa*.

1.1 Desencapando o *Sem Capa*: mapeamento e contextualização

“Vamos descomplicar o sexo”. Essa breve afirmação imperativa, por mais significados que possa carregar, é a descrição do projeto *Sem Capa* na *Xvideos* e envolve a intencionalidade desse texto (LEAL, 2018). Em 2018, quando foi lançado, os episódios eram liberados às quintas-feiras à noite na plataforma *Pornhub* (https://pt.pornhub.com/model/sa_joao), usando suas possibilidades de armazenamento como repositório para as produções e as funcionalidades disponíveis para que os usuários pudessem comentar. Os vídeos também eram incorporados ao site de Sa João (sajoao.com), que está atualmente indisponível para acesso na internet. Esse espaço funcionava também como *portfólio* de trabalhos e reunia outras criações audiovisuais. Posteriormente, as publicações passaram a ser feitas no perfil de Sa João na *Xvideos* (https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa_joao), onde está completo e acessível. Nessa plataforma, segue ocupando a 20.^a posição em um ranqueamento de “melhores classificações de canais de pornografia *gay* no Brasil”, mesmo sem novas publicações desde seu encerramento no ano de 2018. O somatório das visualizações ultrapassa 4,1 milhões, e o destaque das métricas se dá ao 13.^o vídeo, “Bota a camisinha Parte 2”, em que Sa João ensina como um homem pode usar um preservativo interno, comercialmente conhecido como camisinha feminina, ultrapassando 600 mil reproduções; em contrapartida, o 17.^o episódio, “Sindibixa e Pokemon”, que aborda experiências possíveis de serem vividas por homens *gays*, tem a menor quantidade, com cerca de 37 mil visualizações.

Figura 1 – Banner e imagem do perfil, ambos alusivos ao projeto



Fonte: Xvideos (2021)

Ainda no que concerne aos detalhes sobre essa conta, são apresentados alguns pontos específicos na página “Acerca de mim”, em que o dono do perfil é descrito. São exibidas

informações sobre identidade de gênero e sexualidade (homem *gay*), idade em 2021 (35 anos), seu país (Brasil), número de acessos ao perfil (553.541) e de assinantes da conta (23.541), total de visualizações em todos os vídeos publicados (5.184.642), ranqueamentos nacionais, latinos e mundiais que classificam o perfil entre os demais da plataforma, região e cidade (Rio de Janeiro), idioma (português), data de inscrição (5 de abril de 2018) e última atividade da conta. Nesta seção, complementam-se os dados com a frase descritiva do perfil (“Vamos descomplicar o sexo”), com quem ou para quem já trabalhou (Colby Keller) e as marcações mais frequentes em seus vídeos: *gay* (30), *sajoao* (29), *semcapa* (24), *sem-capa* (24), *sa-joao* (19), *art* (3), *colby-keller* (3). Juntam-se, ainda, imagem e capa do perfil, ambas ligadas ao *Sem Capa*, e outras funcionalidades da plataforma para interação com a conta. Importante explicarmos que o perfil inclui outras produções audiovisuais, como *Logos* e *Colby Does*. Nota-se, contudo, que o *Sem Capa* prevalece entre o total de postagens — de 30 vídeos, 25 são do projeto (os 24 citados mais a versão legendada do primeiro episódio), assim como as imagens do perfil, apresentadas na figura anterior. Por esse motivo, ao longo deste trabalho, usaremos a palavra “canal” como sinônimo para o *Sem Capa*.

Nas imagens abaixo, visualizam-se como os episódios são expostos no canal em uma galeria de possibilidades para os usuários explorarem seja pelo ordenamento por visualizações, maior número de comentários, postagem mais recente ou vídeo mais assistido recentemente entre os internautas. Ali, pode-se interagir, além dos vídeos, com fotos — no caso, a única disponível é um pedido de verificação de perfil, em que Sa João posa com um papel escrito ‘Xvideos’ —, ler as informações descritivas do canal — como as apresentadas acima —, comentários de espectadores, saber quem são os amigos e os fãs, compartilhar o *link* de acesso à página em redes sociais, bem como adicionar aos amigos e inscrever, caso tenha uma conta na *Xvideos*. No topo, a navegação pode fluir pela barra de buscas por outros conteúdos, criar uma conta ou fazer *login* em uma já existente e, ainda, clicar no *banner* ‘Xvideos’ com cores que remetem ao arco-íris para acessar o início do site e navegar pela infinidade de produções pornográficas marcadas para o público *gay*. Ao fim da tela, a *Xvideos* apresenta outros *links* clicáveis que direcionam para informações sobre seus termos de uso, como tornar-se um modelo pornográfico, políticas de privacidade, como publicar vídeos ou fazer anúncios publicitários, a plataforma em outras redes sociais e aplicativos *mobile*, como se associar e ganhar dinheiro, assinar a *Xvideos* em um plano chamado *Red* ou, ainda, pedir a remoção de alguma publicação, por exemplo.













Figura 2 – Primeira parte da captura de tela do canal de Sa João

The screenshot shows the Xvideos channel page for 'Sa João'. At the top, there is a search bar with 'Pesquisar 9.741.607' and a search icon. To the right, there are buttons for 'Associe-se GRATUITAMENTE' and 'Log in'. Below the search bar is a banner image of a man in a blue shirt, with a 'Subscrever 23,5 k' button and an 'Adicionar aos amigos' button. The channel name 'Sa João' is displayed with a verified checkmark and the bio 'Homem gay, Amador, 35 anos'. A link 'Clique para ir para sajoao.com' is also present. Below the banner, there is a navigation bar with 'Vdeos 30', 'Fotos 1', and 'Amigos e fans 294 / 610'. The main content area shows a grid of video thumbnails with titles, view counts, and durations.

Vamos descomplicar o sexo.

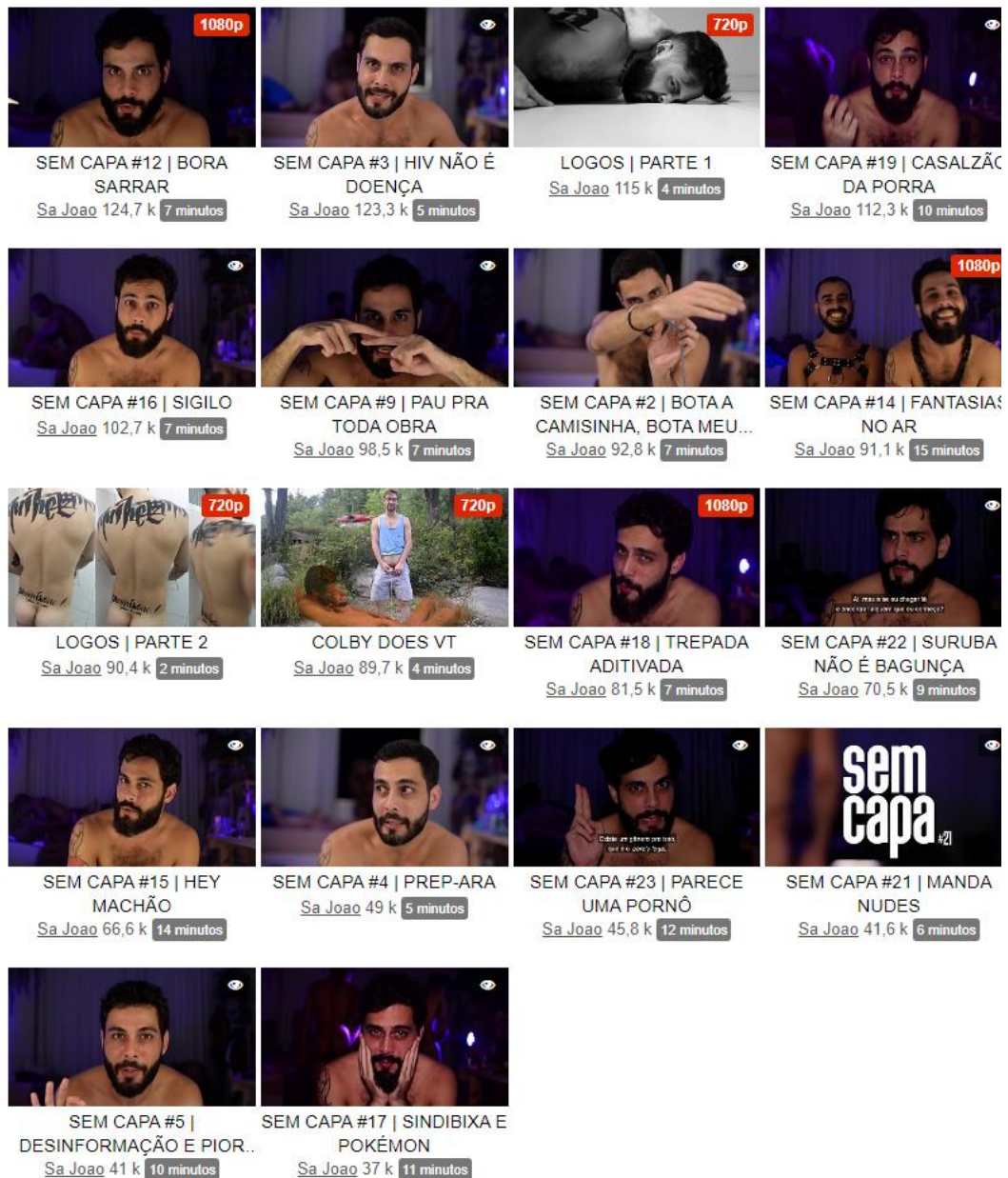
Videos 30 Fotos 1 Amigos e fans 294 / 610

Sa Joao 30 vídeos (Visto recentemente / Novo / Mais vistos / Mais comentado)

 <p>SEM CAPA #13 BOTAA CAMISINHA PARTE 2 Sa Joao 627,1 k 8 minutos</p>	 <p>COLBY DOES KY PART 2 Sa Joao 445,8 k 5 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE SEXO? Sa Joao 430,5 k 5 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #24 PÓS-COIT Sa Joao 412,5 k 16 minutos</p>
 <p>SEM CAPA #7 PELUDOS E PELADOS Sa Joao 357 k 8 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #8 O MELHOR AMIGO DO HOMEM Sa Joao 287,4 k 6 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #11 HOW TO XUCA Sa Joao 282 k 7 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE SEXO?... Sa Joao 209,8 k 5 minutos</p>
 <p>SEM CAPA #6 LAVA O PINTO DIREITO Sa Joao 186 k 6 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #10 O SEGUNDO MELHOR AMIG... Sa Joao 174,4 k 9 minutos</p>	 <p>SEM CAPA #20 O NEGÃO DA PIROCA Sa Joao 153,1 k 7 minutos</p>	 <p>COLBY DOES KY PART 1 Sa Joao 145 k 2 minutos</p>

Fonte: Xvideos (2021)

Figura 3 – Segunda parte da captura de tela do perfil de Sa João



[Ganhe dinheiro com XVIDEOS](#) - [Torne-se num modelo pornográfico](#) - [Termos de serviço](#) - [Política de privacidade](#) - [Publique Seus Vídeos](#) - [Remoção de conteúdo](#) - [Publicidade](#) - [XVideos no Twitter](#) - [RSS Deletes](#) - [XVideos Aplicação para Android](#) - [Privacy notice](#) - [XVIDEOS RED](#) - [Mais...](#)

XVideos.com - os melhores vídeos pornô gratuitos na internet. 100% gratuito.

Fonte: Xvideos (2021)

Voltando à referência do próprio nome, “Sem Capa”, verificamos a marca de uma intenção específica, frisada logo no primeiro episódio (SA JOÃO, 2018a, 2018b), que se une ao planejamento atribuído ao objetivo da descomplicação. Trata-se de um desejo de revelar, falar de forma inteligível e sem qualquer repressão. Em entrevista concedida ao canal do *YouTube Prudence Oficial*, pertencente à marca de preservativos homônima, em 2019, Sa João

explicou a intenção mobilizada com o título do projeto e como essa ideia correlaciona com o desenvolvimento de suas reflexões nos episódios:

O nome é Sem Capa porque a gente está falando de sexo, só que a gente quer falar de sexo de uma forma nova, de uma forma que não tenha tabus, que não tenha barreiras, que não tenha eufemismo, que seja uma coisa sem amarras, sem capa. Então, é uma alusão ao termo que as pessoas usam no meio do sexo, de uma gíria sexual, mas que não necessariamente faz apologia a isso, é justamente subverter, porque, na verdade, em quase todos os vídeos, a gente incentiva as pessoas a usarem camisinha. (PRUDENCE OFICIAL, 2019, 4min14s–4min47s)

Esse jogo semântico, portanto, não tem ligação com práticas sexuais sem uso de preservativos, comumente classificadas pelos termos “*bareback*”, “na pele”, “no pelo”, “sem camisinha” ou “sem capa” e encontradas na *Pornhub* ou *Xvideos*. Todavia, procura referir-se à criação de um espaço sem limitações discursivas e imagéticas para as conversas propostas, ação que representa a *intencionalidade* (LEAL, 2018) desta proposta comunicacional. A possibilidade de poder filmar relações sexuais ou corpos nus na plataforma possibilita com que os episódios circulem livremente por ela sem qualquer chance de serem excluídos por infringir diretrizes de comportamento, algo que, se fosse no *YouTube*, por exemplo, seria restrito ou, até mesmo, deletado.

É importante saber que a apresentação é feita, majoritariamente, por Sa João em frente à câmera, se dirigindo diretamente ao seu espectador em um formato de conversa próxima, uma espécie de conexão “olhos nos olhos”, ação com o intuito de alcançar intimidade com quem acompanha o vídeo. Os episódios apresentam similaridades em seus primeiros segundos, em que, quase sempre, Sa João começa caminhando nu em um quarto, saindo da cama, na qual ele e outros homens fazem sexo, seguindo em direção à câmera, assenta-se diante do equipamento e começa a falar. Apenas no último episódio (SA JOÃO, 2018y) é revelado que o local das gravações é o apartamento de Charlinhus.

A estética das produções tem semelhanças recorrentes entre os episódios, como o desfoque na imagem de fundo, impossibilitando ter nitidez para enxergar quem são as pessoas que estão ali participando das gravações e se relacionando, mas permite ver vultos das movimentações e entrever os corpos em cena. Também é apenas no último vídeo que a imagem de fundo é focada e Sa João e Charlinhus fazem sexo para encerrar o projeto (SA JOÃO, 2018y). O enquadramento em primeiro plano (PP), com o ângulo voltado para o peito e o rosto de Sa João, tem a intenção de convocar quem assiste para uma relação mais próxima que desperte a curiosidade e, portanto, engaje seus espectadores com o conteúdo. Há uso de apenas uma

câmera que permanece fixa, sem realizar movimentos para a filmagem e com alta qualidade de imagem. Luzes em tons de roxo também compõem o cenário, e as gravações sugerem a realização à noite, percepção constatada nos episódios em que a cortina da janela está aberta, o que se associa tanto ao horário de liberação dos episódios na plataforma à época — quintas-feiras, às 22h —, quanto à festa *Hole*, na qual Sa João trabalha e sempre convida os espectadores para frequentarem após assistir o episódio daquela quinta-feira.

Figura 4 – Frame de um dos vídeos em que percebemos Sa João apresentando para a câmera, o desfoque ao fundo e a iluminação



Fonte: Sa João (2018r, 36s)

Em certos momentos, para proporcionar veracidade ao que explicita e elucidar a anatomia do pênis, da bunda ou como se introduz uma camisinha, por exemplo, focaliza-se em tais partes do corpo, como nas imagens abaixo. Essa ação opera como um tutorial para o tema explorado no episódio e reduz o corpo à objetificação do pênis ou da bunda naquele movimento. Sa João, assim, assume uma postura de tutor para seus espectadores. Mesmo assim, permanece a captura de apenas uma câmera.

Figura 5 – Frame do oitavo vídeo que exemplica o enquadramento



Fonte: Sa João (2018i, 2min26s)

Figura 6 – Imagem de destaque para o vídeo 1 na plataforma e frame do momento em que colocará a camisinha



Fonte: Sa João (2018a, 0s)

Apesar de ser categorizado pela *Xvideos* como um canal amador, a produção do *Sem Capa* tem elementos que delineiam cuidados com a pré e pós-produção dos vídeos. Se na estética amadora da pornografia, considerada por Sousa (2012), são perceptíveis os ruídos nas imagens e sons ou edições artesanais, no *Sem Capa*, há cortes entre as imagens, inserção de legendas, logotipo e identificações das redes sociais que sinalizam para cuidados com a edição final.

Do primeiro ao último vídeo, há uma construção narrativa com o intuito de constituir o propósito do projeto, passando por debates de temáticas variadas sobre como se deve usar preservativo convencional e o modelo interno nas relações sexuais, explicações sobre as diferenças entre HIV e aids, os tratamentos e as prevenções de infecções sexualmente

transmissíveis (ISTs), a importância da higiene íntima, ter ou não ter pelos no corpo, anatomia do pênis e do ânus, como fazer chucha — lavagem retal feita, geralmente, antes do sexo anal —, outras formas de sentir prazer para além de relações sexuais com penetração, fetiches, discussões sobre masculinidades, relações sigilosas, fetichização do corpo negro, envio de nudes, utilização de drogas, festas e sexo em locais públicos, problematização sobre a pornografia industrial e uso de redes sociais. No último vídeo, Sa João (2018y) explica a finitude do projeto e fala sobre a escolha de ser 24 episódios “por motivos óbvios”. Entendemos, embora não seja explicitado, que a referência ao “24” se trata da ligação do número, no jogo do bicho, com o animal veado, que também é uma forma tradicionalmente pejorativa associada a homens *gays*.

Em trabalho apresentado no X Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Étnico-racial e de Gênero, organizado pela Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (X CINEABEH), analisamos mais de 500 comentários direcionados aos episódios do *Sem Capa* pelos quais notamos diferentes perspectivas dos espectadores sobre o projeto, que apontaram para te(n)sões, questionamentos, enaltecimentos da proposta do canal e assédios dos espectadores contra os idealizadores (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021). Em virtude das possibilidades oferecidas pela *Xvideos*, o público pôde escrever em dois espaços, um designado especificamente ao canal e outro abaixo de cada vídeo. A diversidade de interesses, dúvidas e, até mesmo, xingamentos expõem as contraposições, ligações e expectativas entre quem assiste e o que desejaria ver, o que conforma a *aceitabilidade* (LEAL, 2018) dos vídeos. Apesar do grande número de interações, que seguem acontecendo mesmo com o término da iniciativa, o *Sem Capa* não respondeu nenhum espectador diretamente ali. Dessa forma, notamos uma dualidade, que aponta para interações unilaterais e apenas entre os próprios usuários, mas que, em contrapartida, se tornaram balizas no desenvolvimento do projeto, sobretudo para sua finalização (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021). Conforme Sa João (2018y) explana no último episódio, o recebimento de mensagens impertinentes de assédio e fotos de nudez foi um dos fatores que levaram à interrupção do *Sem Capa*. Ainda, o encaminhamento de perguntas que Sa João acreditou não conseguir responder motivou o desenvolvimento de outro projeto, o *Sem Local*, disponível para acesso na plataforma *YouTube* (<https://www.youtube.com/c/SemLocal/>), que se constitui como um desdobramento para trabalhar outros temas a partir de relatos de seis pessoas sobre experiências de si, com o corpo e a sexualidade.

Apesar de haver essa distância com a audiência, existem espectadores que aceitaram a proposta do canal como um espaço informativo e, por isso, fizeram perguntas com a expectativa de terem suas dúvidas respondidas ou concordaram com a temática apresentada dos vídeos. Comentários como “Obrigado pelo vídeo !Super explicadinho ! Adorei o fundo também, bem criativo haha !! O Youtube devia permitir vídeos com teor de educação sexual, independente das imagens...” (*sic*); “Eu nunca pensei que eu fosse ver esse tipo de vídeo nesta plataforma, eu tô meio não acreditando ainda.” (*sic*); “Entre na intenção de bater uma e cá eu achando um canal com os melhores assuntos que precisam ser falados uma putaria educativa” (*sic*); “Bem didático, adorei!” (*sic*) reiteram os aspectos pedagógicos voltados ao ensino e o objetivo do *Sem Capa*. Sob outra perspectiva, críticas foram encaminhadas ao projeto para rebater o que foi exibido e dito ali. Por exemplo, “qual é o sentido de fazer uma palestra enquanto tem caras se comendo no plano de fundo???” (*sic*) e “Falou tudo, mas não falou nada!” (*sic*). Outros comentários salientam a satisfação *voyeur* dos espectadores, mas também são formas de assédio dirigidas aos idealizadores do projeto, tais como “Quero transar contigo” (*sic*) e “como sou louco por este cara!!” (*sic*). Ainda, há prevalência de enunciados destacando o pênis de Sa João, por exemplo, “Pau bonito..” (*sic*). Assim, os comentários compõem aspectos significativos para a trama textual desenvolvida pelo *Sem Capa*, visto que marcam elogios e críticas diante da perspectiva do “descomplicar”. Desse modo, quer dizer que os espectadores expressam aprovação ou contestação da proposta da iniciativa e se integram à medida que expõem seus desejos e intimidades (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021).

1.2 Da aula às relações sexuais: passeio pela proposta de “descomplicar” o sexo em 24 vídeos

A ordem de episódios segue a sequência de títulos: *Vamos falar de sexo?*; *Bota a camisinha*; *HIV não é doença*; *PREP-ara*; *Desinformação é pior que DST*; *Lava o pinto direito*; *Peludos e pelados*; *O melhor amigo do homem*; *Pau pra toda obra*; *O segundo melhor amigo do homem*; *How to xuca*; *Bora sarrar*; *Bota a camisinha parte 2*; *Fantasia no ar*; *Hey machão*; *Sigilo*; *Sindibixa e pokémon*; *Trepada aditivada*; *Casalção da porra*; *O negão da piroca*; *Manda nudes*; *Suruba não é bagunça*; *Parece uma pornô*; *Pós-coito*. Nota-se, de imediato, a estratégia de realizar um jogo de palavras semelhante a trocadilhos para destacar os títulos.

Em meio a uma gama de opções para navegação dos usuários pela plataforma, valer-se de uma expressão já conhecida no imaginário popular ou com duplo sentido, manipulando-a

para adquirir outros significados e aguçar a curiosidade de um possível espectador é fundamental para se distinguir das demais produções e ganhar visualizações. Não à toa, o projeto traz paródias e figuras de linguagem para seus títulos.

“Bota a camisinha”, por exemplo, retoma a famosa marchinha de carnaval homônima criada em 1988 por Abelardo Barbosa, conhecido como Chacrinha, apresentador de televisão já falecido, Leleco Barbosa e João Roberto Kelly. Naquela época, acontecia o surto do vírus HIV pelo mundo e a canção carnavalesca retoma a importância do uso de preservativos nas relações sexuais. A música era cantada durante o programa de televisão “Cassino do Chacrinha”, exibido pela Rede Globo, e nos carnavais até hoje. A abordagem sobre o incentivo ao preservativo é sublinhada ao longo do projeto em episódios que tratam da importância para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Já “PREP-ara” remete à abertura da música “Show das Poderosas”, lançada em 2013 pela cantora Anitta, mas fazendo alusão à Profilaxia Pré-Exposição ao HIV cuja sigla é PrEP, um tratamento medicamentoso que impede a contaminação pelo HIV em caso de contato com o vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, [s.d.]). “Fantasias no ar” alude ao programa “Fantasia”, da emissora SBT, que fez sucesso no Brasil nos anos 1990, cuja música de abertura tinha a frase “fantasia no ar”; “Parece uma pornô” é uma frase, que viralizou como *meme* na internet, dita em um vídeo pela artista Inês Brasil e publicado por ela no *Twitter*. “Suruba não é bagunça” lembra o famoso bordão “travesti não é bagunça” de Luana Muniz, a Rainha da Lapa, falecida em 2017 e importante ativista LGBTQIA+, frase que se tornou *meme* após sua participação no programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo, em 2010. Outra citação a *meme* é “casalção da porra” que tem relação com “homão da porra”, expressão qualificadora dada ao artista Rodrigo Hilbert na internet, em 2017, devido às inúmeras atividades realizadas por ele em seu programa no canal GNT e em sua vida pessoal.

As referências dos títulos também envolvem expressões culturais reverberadas socialmente. O “melhor amigo do homem”, popularmente associado ao cachorro, passa a remeter ao pênis, e o “segundo melhor amigo do homem” seria o cu; “pau pra toda obra” é um ditado popular sobre alguém com quem se pode contar em todos os momentos, porém o conteúdo do episódio é sobre formatos e tamanhos de pênis/paus.

As menções não se limitam apenas na forma de intitular, mas também nos conteúdos dos vídeos. Por exemplo, a abertura do 15.º é composta por três perguntas, sendo que a primeira faz alusão à canção “Masculino e Feminino” de Pepeu Gomes, lançada em 1983. Sa João (2018o, 0s–32s) diz: “ser um homem feminino não fere o seu lado masculino? O que é ser

masculino? O que é ser feminino?”. Essas indagações atuam na interpelação do espectador e já trazem dúvidas relacionadas com os binarismos de gênero. Já “um é pouco, dois é bom, três é demais?” (SA JOÃO, 2018t, 29s32s), frase conhecida popularmente, é dita no começo do episódio sobre monogamia e não-monogamia. Essa expressão retoma a música da banda Renato e Seus Blue Caps, do período da Jovem Guarda, e de seriados americanos do século passado como “Three’s Company” e “Full House” cujas traduções para a língua portuguesa no Brasil resgatam esse enunciado. Mais pontos são recuperados de diferentes gêneros midiáticos, como o jogo “Pokémon”, o *reality show* “RuPaul’s Drag Race”, o filme de *stand-up* “Hannah Gadsby: Nanette”, o grupo musical É o Tchan! e o personagem ET Bilu, além de trazer outros elementos para a narrativa que recapitulam histórias, como a do político e ativista Harvey Bernard Milk, primeiro homem *gay* a ocupar um cargo público no estado da Califórnia, nos Estados Unidos.

Desse modo, muitas citações mobilizadas pelos idealizadores do *Sem Capa* são referentes a produtos audiovisuais, midiáticos ou dizeres cristalizados culturalmente que circulam em diferentes ambiências. Trata-se de referências que articulam temporalidades variadas e exprimem outros significados com os trocadilhos ou pelas maneiras como são incorporadas às narrativas. No entanto, esse jogo linguístico pode não ser assimilado por todos os espectadores no contato inicial com os títulos ou com os trechos dos episódios, tendo em vista que pressupõe um repertório da cultura audiovisual e popular para sua compreensão. Sob outra perspectiva, quando debruçamos apenas nas formas como os episódios são nomeados, essa estratégia difere o *Sem Capa* das demais produções publicadas na plataforma *Xvideos*, na qual, em grande parte, tem vídeos intitulados com base nas performances sexuais, nos indivíduos envolvidos ou nas situações gravadas, sobretudo interligando as categorias e as classificações que indexam os conteúdos em grupos semelhantes.

No quadro abaixo, compilamos informações sobre a duração e o número de visualizações dos episódios juntamente aos temas fundantes para condução das narrativas. As datas de publicação de cada vídeo não são disponibilizadas na plataforma.

Quadro 1 — Estrutura dos episódios

Títulos	Tempo	Visualizações ⁴	Temas
SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE	4min53s	207.439	Contextualização sobre a origem do projeto; apresentação dos temas

⁴ O número de visualização corresponde ao acesso em 28 de maio de 2021.

SEXO? (LEGENDDADO)			tratados; ensino sobre uso da camisinha.
SEM CAPA #2 BOTA A CAMISINHA, BOTA MEU AMOR	6min44s	91.997	Continuação sobre a importância do uso da camisinha; possíveis argumentos usados por pessoas que não querem usar preservativo nas relações sexuais e contrapontos a isso; medição da maior circunferência em preservativos e comparativo com a grossura do braço.
SEM CAPA #3 HIV NÃO É DOENÇA	5min43s	122.532	Diferença entre o vírus HIV e a doença aids; características do vírus e as dificuldades para se conseguir um método curativo; explicação sobre o que a aids causa no organismo; tratamento gratuito para HIV no Sistema Único de Saúde (SUS); as formas de transmissão do vírus e a importância do uso de preservativos nas relações sexuais.
SEM CAPA #4 PREP-ARA	4min49s	48.494	Explicação sobre os medicamentos PrEP, Profilaxia Pós-exposição ao HIV (PEP) e Anticorpos Mediando Prevenção (AMP); entendimento do conceito “grupo de risco” pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); aconselhamento sobre se informar e usar preservativos.
SEM CAPA #5 DESINFORMAÇÃO E PIOR QUE DST	10min10s	40.502	Explicação sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) causadas por fungos, bactérias e vírus, e suas formas de tratamento; retoma a necessidade das pessoas se informarem e usarem preservativos.

SEM CAPA #6 LAVA O PINTO DIREITO	6min37s	184.170	Questionamentos sobre higiene íntima ser um assunto generificado e abordado de modo discrepante culturalmente para mulheres e homens; associação entre a falta de higiene do pênis com ISTs; exemplificação no próprio pênis das regiões que necessitam de maior cuidado na higienização; fimose e higiene.
SEM CAPA #7 PELUDOS E PELADOS	8min04s	353.247	Questões estéticas e de higiene ligada aos pelos; experiência pessoal com depilação; apresentação no próprio corpo indicando como se depila.
SEM CAPA #8 O MELHOR AMIGO DO HOMEM	5min52s	284.536	Explicação sobre a anatomia do pênis; exemplificação no próprio corpo; como acontece uma ereção e o funcionamento dos testículos. Demarca a condução do episódio como “aulinha de anatomia”.
SEM CAPA #9 PAU PRA TODA OBRA	7min27s	97.880	Apresentação sobre tamanho e curvatura do pênis, além da percepção sobre como as pessoas querem dizer que têm pau grande.
SEM CAPA #10 O SEGUNDO MELHOR AMIGO DO HOMEM	9min17s	173.406	Explicação sobre a anatomia do ânus e do sistema digestivo. Críticas contra a medicina, frisando a exclusão de discussões sobre usos de partes do corpo não consideradas “órgãos sexuais” para o sexo.
SEM CAPA #11 HOW TO XUCA	7min40s	279.436	Apresentação sobre como se faz a chuca e os métodos para realizar o procedimento de lavagem; questionamentos se faz mal ou não à saúde; experiência pessoal de Sa João.

SEM CAPA #12 BORA SARRAR	7min01s	123.830	Explicações sobre outras partes do corpo, para além do pênis e do ânus, nas relações sexuais; explanação sobre o que é <i>guinage</i> ; experiências pessoais; possibilidades de cada um explorar a sexualidade.
SEM CAPA #13 BOTA A CAMISINHA PARTE 2	7min59s	619.663	Ensina como se usa um preservativo interno e apresenta um passo a passo para introduzi-lo; elenca vantagens do produto.
SEM CAPA #14 FANTASIAS NO AR	15min15s	90.366	Diálogo com um convidado sobre fetiches, discute sobre algumas práticas e consentimentos.
SEM CAPA #15 HEY MACHÃO	14min31s	65.926	Questionamentos relacionados aos binarismos de gênero, ligação entre sexo-gênero-sexualidade, masculinidades e feminilidades.
SEM CAPA #16 SIGILO	7min29s	101.582	Indagações sobre uma pessoa ser “enrustida, discreta, fora do meio, estar no armário” e aconselhamentos para sair do armário.
SEM CAPA #17 SINDIBIXA E POKÉMON	11min13s	36.640	Sa João apresenta sua experiência ao entender sua sexualidade; aborda dilemas enfrentados por homens <i>gays</i> ao longo da vida; fala sobre a importância do acolhimento após uma pessoa se declarar LGBT.
SEM CAPA #18 TREPADA ADITIVADA	7min42s	80.538	Explicação sobre uso de drogas durante as relações sexuais; questionamentos direcionados aos espectadores; droga para suprir o prazer; opinião sobre a legalização de drogas.

SEM CAPA #19 CASALZÃO DA PORRA	9min46s	111.583	Sa João fala sobre relacionamento não monogâmico; a relação de Charles e Sa João; elenca motivos que podem ser conflituosos em um relacionamento.
SEM CAPA #20 O NEGÃO DA PIROCA	7min06s	151.946	Conduzida por Charlinhus, a discussão é voltada para a sexualização do corpo negro, focalizando nos estereótipos carregados por homens negros <i>gays</i> ; fala sobre racismo, fetichização e objetificação dos corpos.
SEM CAPA #21 MANDA NUDES	5min47s	41.266	Envio de <i>nudes</i> , compartilhamento em redes sociais e repressões causadas na vida das pessoas.
SEM CAPA #22 SURUBA NÃO É BAGUNÇA	8min57s	69.917	Impressões sobre sexo grupal entre homens <i>gays</i> , trabalho em festas de sexo e esclarecimento de possíveis dúvidas dos espectadores, bem como empecilhos que podem inibir alguém de ter tais experiências sexuais.
SEM CAPA #23 PARECE UMA PORNÔ	12min29s	45.282	Problematização sobre a pornografia <i>gay</i> , focando nas produções industriais; discussão sobre a lógica capitalista, questões construídas culturalmente, estupro, sexo como tabu, problema sobre a pornografia ser fonte de informação, representações problemáticas sobre sexo, reafirmação da intenção do <i>Sem Capa</i> , prenúncio de um novo projeto.
SEM CAPA #24 PÓS-COITO	16min34s	408.565	Encerramento do <i>Sem Capa</i> , justificativas para o fim, anúncio do <i>Sem Local</i> e término do

			episódio com Sa João e Charlinhus fazendo sexo.
--	--	--	---

Fonte: elaboração própria a partir de dados coletados na *Xvideos* e pela análise dos episódios

1.2.1 Temáticas

Quando adentramos pelas temáticas, atentamos que o *Sem Capa* tem caminhos narrativos que costuram os episódios com a intenção de “descomplicar o sexo” nas palavras do canal, isto é, os temas abordados se entrelaçam em propósitos maiores, como saúde, anatomia, “modos de fazer” e experiências. Do primeiro ao sétimo vídeo há discussões que percorrem os cuidados de si com uso de preservativos, apresentação sobre HIV e os tratamentos para o vírus, seguido da explanação de outras ISTs virais e bacterianas, atenção com a higiene pessoal e os pelos corporais. As questões voltadas à saúde retornam à centralidade do discurso no 11.º episódio dedicado à explicação sobre como fazer a chucha, no 13.º para demonstração de como se usa um preservativo interno no sexo anal, no 18.º com as considerações ao uso de drogas durante as relações sexuais e, ainda, durante o 23.º quando se fala dos impactos da pornografia para a vida dos consumidores. A discussão sobre fetiches, no 14.º, pontualmente, apresenta questões ligadas à segurança das pessoas envolvidas na relação, tendo em vista que são necessários cuidados e acordos para essas práticas acontecerem. Por esses apontamentos, evidenciamos que o *Sem Capa*, por vezes, abrange a saúde de homens *gays* e reforça a imprescindibilidade dos preservativos.

A anatomia é outro destaque com o passo a passo para se usar camisinhas, exposições presentes no 1.º e no 13.º episódio. Apresentado como se fosse um tutorial com instruções para utilização dos modelos externo e interno, Sa João evidencia como as anatomias do pênis, ânus e reto influenciam no momento de introduzir e usar, como também ratifica que a esquematização em objetos com formatos semelhantes às partes do corpo não condiz com a realidade. Por essa razão, ele opta por demonstrar em seu pênis (SA JOÃO, 2018a, 2018b) e em outra pessoa quando traz o modelo interno, justificando que, assim, a introdução do preservativo seria mais fácil de ser captada pela câmera (SA JOÃO, 2018n).

Figura 7 – Frames dos vídeos “Vamos falar de sexo?” e “Bota a camisinha parte 2”



Fonte: Sa João (2018a, 3min36s; 2018n, 2min01s)

O corpo de Sa João torna-se pauta de “Peludos e pelados” com a exemplificação de como ele faz a própria depilação e em “Lava o pinto direito” a partir de sua explicação sobre a importância dos cuidados com a higiene e a demonstração em seu corpo dos locais que necessitam de maior atenção. A discussão sobre a anatomia e a fisiologia constituem o 8.º e 10.º vídeo, que, nessa ordem, exemplificam o funcionamento e as características do pênis e do ânus. No 9.º episódio, os debates voltam-se para questões relacionadas com a anatomia do pênis, como tamanho, e o culto falocêntrico entre homens *gays* em aplicativos de relacionamentos afetivo-sexuais.

Figura 8 – Frames em que Sa João exemplifica suas falas em seu corpo



Fonte: Sa João (2018h, 4min; 2018g, 2min36s)

A tutorização é uma ação aplicada no *Sem Capa* e demonstra a tentativa de desenvolver um projeto de fácil compreensão para os espectadores; em outras palavras, ensinar “como se faz” é parte constitutiva da narrativa do “descomplicar”. No entanto, questionamos os modos pelo quais esse agir “descomplicador” é construído e o que é mobilizado para que as demonstrações e os temas levantados sejam entendidos de forma clara e objetiva pela audiência. Para tanto, as *pedagogias da sexualidade* serão o mote do próximo capítulo, no qual

tensionaremos a ponderação apresentada com as construções históricas e culturais da sexualidade.

Seguindo por esse passeio, as experiências de Sa João enquanto homem *gay* são balizas para condução das reflexões em diferentes momentos dos vídeos. Como mencionamos, as demonstrações das falas no corpo é um modo de expor a sua própria experiência, como na exibição da depilação, da higienização e de como ele realiza a чуca, tornando-se um gesto prescritivo para seus espectadores. Experiências de si integram parte do episódio “Negão da piroca”, excepcionalmente apresentado por Charlinhus, que, até então, permanecia nos bastidores. Ao abordar a sexualização dos corpos de homens negros, imaginários de pênis grande e construções de masculinidade, Charlinhus rememora acontecimentos, encadeando-os e relacionando-os com os temas propostos, além de expor como a interseccionalidade aponta para fenômenos estruturais, relações desiguais e opressões. As experiências de outra pessoa são expostas no episódio sobre fetiches, quando há um convidado para o diálogo — sendo frisado que o intuito de chamá-lo surge da necessidade exigida pelo tema, visto que Sa João diz não ter práticas fetichistas em suas relações e se denomina como “baunilha” (tal termo sinaliza uma pessoa cujas preferências sexuais são vistas como convencionais, ou seja, tidas como não fetichizadas) — e pela convocação nos vídeos para que os espectadores comentem e apresentem situações de suas vidas ou coloquem em prática o que foi mencionado.

Figura 9 – Frames da apresentação de Charlinhus e Ton Dutra, convidado, com Sa João, respectivamente



Fonte: Sa João (2018u, 27s; 2018o, 4s)

É significativo mencionar as interpelações que forçam um exercício de autorreflexão para começar o debate nos episódios, o que conforma um despertar da curiosidade de quem assiste e um processo de rememoração. “Tudo que você aprendeu sobre sexo na sua vida, você aprendeu onde? E com quem?” (SA JOÃO, 2018b, 26s–30s); “vamos falar de camisinha?” (SA JOÃO, 2018c, 27s–29s); “PrEP, PEP, AMP. O que são esses tratamentos para o HIV?” (SA

JOÃO, 2018e, 7s–13s); “Último vídeo que a gente vai falar de coisa ruim relacionada ao sexo, ok? Eu juro. Mas é que a gente precisa tratar desses assuntos, senão o tio aqui não vai dormir tranquilo” (SA JOÃO, 2018f, 11s–18s); “Já lavou seu pinto hoje? Você sabe como lavar seu pinto? Alguém já te ensinou a lavar o pinto?” (SA JOÃO, 2018g, 16s–22s); “Você curte pelos? Você curte os seus pelos? Você curte pelos dos outros?” (SA JOÃO, 2018h, 42s–47s); “Fala aqui para o tio, quão bem você conhece seu pau? Vocês são íntimos? Vocês conversam com ele? Vocês têm uma relação saudável? Vamos entender melhor o nosso amiguinho, como ele funciona, pra gente lidar melhor com ele?” (SA JOÃO, 2018i, 16s–28s); “Tamanho é documento?” (SA JOÃO, 2018j, 4s–5s); “Ser um homem feminino não fere o seu lado masculino? O que é ser masculino? O que é ser feminino?” (SA JOÃO, 2018p, 0s–32s); “Hoje eu quero falar com você que se identifica como enrustido, discreto ou fora do meio” (SA JOÃO, 2018q, 26s–30s); “Você curte algum aditivo na hora do sexo? Lembra do que eu disse no vídeo 15 sobre se perguntar porque você gosta de algo ou não, então, essa premissa também vale para o sexo. Você gosta de usar determinada droga no sexo? Por quê?” (SA JOÃO, 2018s, 9s–24s); “Um é pouco, dois é bom, três é demais?” (SA JOÃO, 2018t, 29s–33s); “Manda nudes? Tem nudes? Manda um nude aí, vai? Você já mandou nudes pra alguém?” (SA JOÃO, 2018v, 6s–10s); “Você já participou ou tem vontade de participar de algo como o que está acontecendo ali atrás?” (SA JOÃO, 2018w, 19s–23s); “Hoje, o negócio vai ser complicado, mas vamos lá. Como discutir e problematizar a pornografia, sem estragar ela para sempre pra vocês?” (SA JOÃO, 2018x, 4s–11s). Essas frases são direcionadas aos espectadores convidando-os ao debate ou sugerindo-lhes que façam uma reflexão sobre si, como uma ação confessional, para poderem pensar sobre suas experiências. Diferentemente dessa maneira habitual de introdução, o *Sem Capa*, no episódio “HIV não é doença”, modifica seu roteiro e já explica de imediato o motivo da alteração: “Esse vídeo não vai ter introdução porque a gente vai falar de HIV e tem muita coisa pra falar, então vamos começar logo” (SA JOÃO, 2018d, 0s–7s).

Outras perguntas, convites e possíveis indagações da audiência são propostas como formas de aproximar as pessoas. Este último recurso, frequentemente, aparece nas falas de Sa João, como “Mas, João, quem é você para se considerar qualquer autoridade no assunto, no quesito sexo?” (SA JOÃO, 2018b, 1min37s–1min43s); “Ah, João, e os PrEP, PEP, etc?” (SA JOÃO, 2018c, 37s–41s) e tantos outros, que formam perguntas retóricas na composição dos roteiros dos episódios.

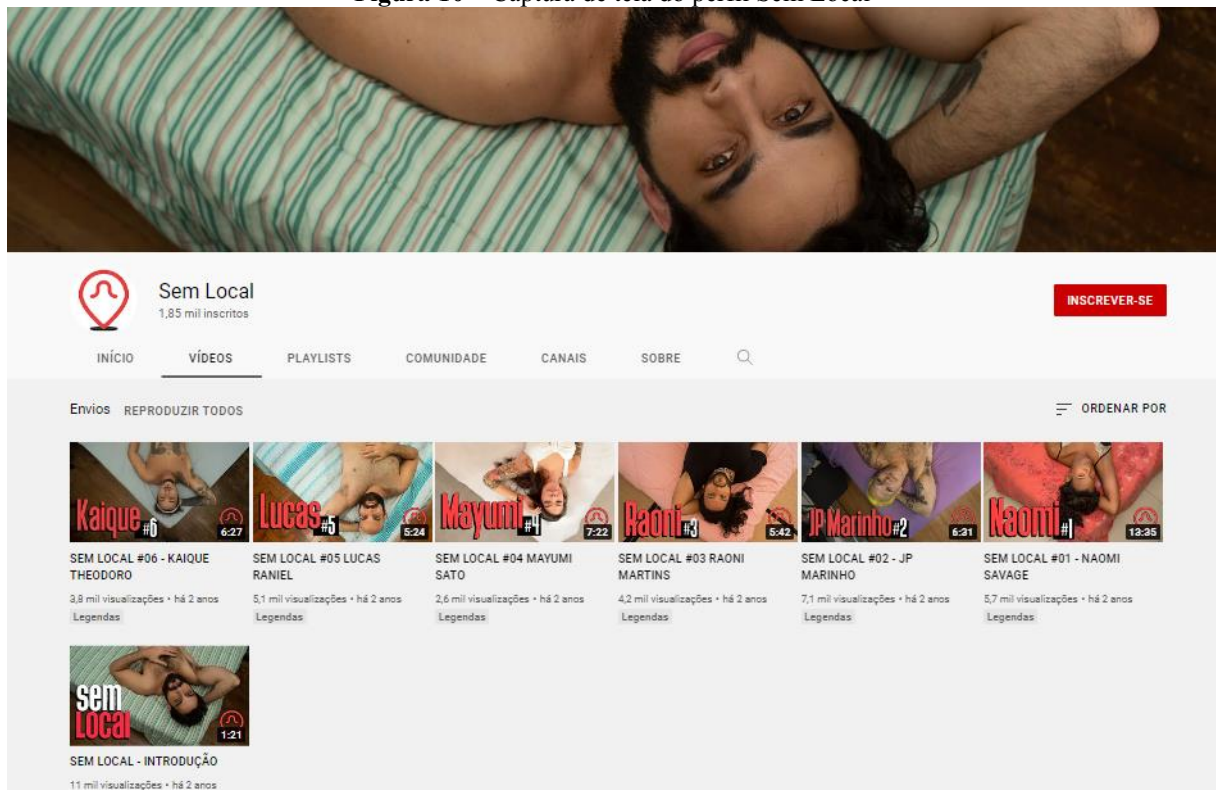
Se a participação de espectadores é uma dimensão necessária para o desenvolvimento do canal, visto a aceitabilidade do conteúdo (LEAL, 2018), a projeção da figura de Sa João

como quem vai comandar esse guia de descomplicação é evidenciada e adquire uma posição hierárquica para ensinar. Marcações como “aula”, “aulinha” e “tutorial”, nos episódios 5, 6, 7, 8 e 13 certificam o caráter de ensinamento. Nos momentos em que sua experiência não é considerada válida para determinada abordagem, como os fetiches e a sexualização dos corpos negros, Sa João opta pela estratégia de trazer outras pessoas para a cena. Com isso, a narrativa se desenvolveu até o momento em que não era mais possível protagonizar as discussões por ausência de propriedade e lugar de fala, expressões mobilizadas por Sa João ao justificar o fim do projeto.

O que eu espero, de verdade, que a gente só tenha dado um pontapé inicial para que centenas de outros canais como Sem Capa apareçam por aí. E aí todos esses assuntos que eu não tratei, eles vão poder tratar. A gente só vai se tornar uma sociedade que fala abertamente sobre o sexo quando o nosso conhecimento for construído coletivamente, não pode haver uma só voz. Agora, se você acha que a gente vai simplesmente parar e não vai fazer mais nada, você está muito enganado. *Até porque existem vários temas que eu não posso sentar aqui e falar para vocês com propriedade sobre o assunto porque eu não tenho lugar de fala para isso, mas, talvez, eu conheço quem tenha* (SA JOÃO, 2018y, 8min11s–8min50s, grifo nosso).

Embora marque, nessa fala, o encerramento do *Sem Capa*, Sa João anuncia o próximo projeto cujo intuito é falar sobre temas dos quais ele não se considera apropriado para enunciar. O *Sem Local* foi o sucessor e permanece publicado no *YouTube*. São seis episódios mais o vídeo introdutório, em que convidados falam de suas experiências e sexualidades em suas casas. Para as entrevistas, uma mulher trans, uma *drag queen*, um homem bissexual, uma mulher lésbica, um homem que vive com HIV e um homem trans são convidados. Assim, essa iniciativa desloca o espaço de produção para a casa do outro e não mais no mesmo quarto das gravações, como também desloca o foco de Sa João para o outro e o ambiente em que vive.

Figura 10 – Captura de tela do perfil Sem Local



Fonte: YouTube (2021)

1.2.2 Espectadores e visualizações

A audiência foi, e ainda é, decisiva para o desenrolar do *Sem Capa*. Quanto mais visualizações receber, melhor será o ranqueamento do canal na plataforma e, por conseguinte, atrairá mais pessoas para navegar por aquele conteúdo. O público mirado pelo projeto são homens *gays*, os quais são considerados pelos idealizadores do *Sem Capa* como carentes de conversas sobre sexo, cujas práticas e discursos são balizados por instituições sociais, como medicina, escola e família, que, hegemonicamente, normalizam a sexualidade. Sa João se inclui nesse conjunto de pessoas que não puderam falar abertamente sobre a sexualidade. Ao enunciar logo na abertura do primeiro episódio (SA JOÃO, 2018a, 2018b), ele destaca essa apreensão e justifica a motivação pela qual o projeto foi desenvolvido. Além disso, no vídeo “Sindibixa e pokémon” (2018r), as experiências pessoais de Sa João resgatam essa ausência de discussão sobre sexualidade em sua vida, outro motivo que o levou ao *Sem Capa* e, especificamente, à realização do episódio no qual conflitos e questões acerca da homossexualidade são pautados e julgados como comuns a mais indivíduos.

Ademais, a finalização do *Sem Capa* evidencia que as reações dos espectadores foram parâmetros fundamentais e ativos para o sucesso ou o fracasso da iniciativa. Houve aqueles que

apoiaram, do mesmo modo que houve outra parcela contrária ao empreendimento do canal ou com posicionamentos divergentes das intenções pretendidas pelo projeto.

Notadamente, um canal que desvia seu foco, de forma predominante, para um formato de “aula” ao invés de gravar explicitamente relações sexuais, como ocorre na plataforma de hospedagem, e, ainda assim, manter-se entre os mais consumidos daquele espaço é indício de que as pessoas, de fato, tiveram interesses com o *Sem Capa* seja para aderir à promessa de “descomplicar”, seja rejeitando-a. Entre os 24 episódios, constatamos que 13 têm mais de 100 mil acessos. Em ordem decrescente, “Bota a camisinha parte 2” é o de maior audiência, o que coaduna com o propósito de fazer o vídeo e o interesse do público. Sa João (2018n, 13s–55s, grifo nosso) diz que:

[d]esde o início do projeto, desde o segundo vídeo que eu falei das maravilhas da camisinha interna sendo usada para sexo anal, *uma enxurrada de inbox de pessoas me pedindo para fazer um tutorial de como colocar a camisinha interna, veio até mim, assim como eu fiz da camisinha tradicional* e aí eu estabeleci uma meta, eu falei: vocês querem o vídeo? Vocês querem que eu atenda o pedido? Vamos contribuir aqui com nosso projeto de alguma forma. Então, eu estabeleci que quando eu chegasse a 10.000 seguidores no Instagram a gente ia fazer um vídeo de como colocar a camisinha interna, finalmente esse dia chegou. E aí estamos aqui para fazer isso, hoje *eu vou ensinar para vocês* como colocar a camisinha interna.

A ordem dos outros 12 é: “Pós-coito”, “Peludos e Pelados”, “O melhor amigo do homem”, “How to Xuca”, “Vamos falar de sexo”, “Lava o pinto direito”, “O segundo melhor amigo do homem”, “O negão da piroca”, “Bora sarrar”, “HIV não é doença”, “Casalção da porra” e “Sigilo” (episódios 24, 7, 8, 11, 1, 6, 10, 20, 12, 3, 19, 16, respectivamente). Diante desse ordenamento, percebemos a variedade de temáticas, o que não possibilita confirmar se o público prefere um determinado tipo de vídeo, por exemplo, os tutoriais de como fazer, ou outro. Entretanto, observando o conjunto de menor audiência, aqueles com menos de 100 mil visualizações — “Pau pra toda obra”, “Bota a camisinha, bota meu amor”, “Fantasias no ar”, “Trepada aditivada”, “Suruba não é bagunça”, “Hey machão”, “PREP-ara”, “Parece uma pornô”, “Manda nudes”, “Desinformação é pior que DST” e “Sindibixa e pokémon” (episódios 9, 2, 14, 18, 22, 15, 4, 23, 21, 5, 17, respectivamente) —, há predominância de vídeos concentrados apenas em discussões, o que pode evidenciar um desagrado dos espectadores para essa recorrência. Também convém apontar que o número de visualizações não segue a ordem crescente de episódios, ou seja, do 1 ao 24, e sim modifica-se aleatoriamente; com esse indicativo, é interessante perceber que mesmo com as conexões entre as temáticas ao longo do fio narrativo do canal e com as estratégias de convidar o espectador para o próximo vídeo,

fazendo um breve *teaser* sobre o que virá, a audiência refletida nas visualizações não condiz com a sequencialidade dos episódios e das temáticas que aproximam a ordem almejada pelos idealizadores.

Diante dos apontamentos traçados, recuperamos complexidades constitutivas da proposta de “descomplicar o sexo” no *Sem Capa*. De modo geral, o esquema é similar em todos os vídeos, com o cenário intimista de um quarto, onde homens fazem sexo enquanto acontece a gravação, e a fotografia é captada por uma câmera com posicionamento fixo, foco em primeiro plano e desfoque no fundo, espaço onde esses homens estão. Sa João assenta-se diante da câmera e começa a falar sobre uma determinada temática; a união do olhar direcionado para a lente do equipamento, a proposta de tornar simples o que é dito e os demais elementos integrantes do *Sem Capa* geram intimidade com quem assiste. Contudo, com base nas características apontadas pelo fenômeno, observadas durante o mapeamento e o passeio idealizados aqui, reconhecemos elementos contrastantes com o objetivo de “descomplicar”. Tais aspectos precisam ser sublinhados, pois orientam o percurso a ser seguido desde os caminhos metodológicos adotados até as reflexões com o fenômeno.

Entre os componentes instigantes para a pesquisa, destaca-se o fato de o *Sem Capa* se valer das plataformas *Pornhub*, mesmo que ela tenha sido apenas um repositório inicialmente, e *Xvideos* para falar de sexo fazendo sexo, uma ação que desloca sua inserção na pornografia ao flertar com outros formatos de narrativas e estabelecer jogos com outros repertórios audiovisuais, como traz desde os títulos até os conteúdos. Em vista das características apresentadas, somos impulsionados a refletir sobre a pedagogização de corpos e sexualidade empreendida no *Sem Capa*, em especial pela centralidade que as ações de ensinar e aconselhar tomam nos episódios. Nesse conjunto esboçado até aqui, a figura de Sa João deve ser assinalada pela notabilidade que adquire, tornando o *Sem Capa* um sinônimo para si. Isso não se deve apenas ao projeto estar publicado em um canal com seu nome ou por ser um dos criadores, mas em razão dos temas serem pautados, por vezes, em suas experiências de vida e pelas “aulas” promovidas ali terem o seu próprio corpo como objeto para exemplificação de seu discurso, salvo o vídeo sobre como introduzir um preservativo interno. Após essa apresentação, cabe-nos problematizar esse agir de “descomplicar” no *Sem Capa*, que se desenvolve em um percurso com indicações, prescrições e tutoriais para as relações sexuais e modos para constituição de subjetividades. Para tanto, seguiremos pelas proposições teórico-metodológicas expandidas das textualidades, caminhando pelas pedagogias da sexualidade e suas atualizações nos episódios.

1.3 Desenhos metodológicos e parâmetros para análise

Esta dissertação é uma pesquisa qualitativa com finalidade analítica-descritiva e se configura como um exercício metodológico por apresentar um percurso de reflexões e tensões *com* um fenômeno comunicacional. Como explica José Luiz Braga (2008), ao relacionar os estudos de caso na Comunicação com o paradigma indiciário, esse tipo de pesquisa possibilita conhecer a pluralidade de fenômenos, articular elementos particulares da situação investigada com o conhecimento do campo, estudar realidades concretas e desenterrar questões da Comunicação de fenômenos sociais. Para tanto, o pesquisador deve fazer uma triangulação de modo a articular e tensionar discussões teóricas, objetos empíricos e sua problematização, isto é, “faz parte (...) o trabalho de (...) levantar indícios; (...) decidir de sua relevância para o objeto e a pergunta da pesquisa; e (...) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno” (BRAGA, 2008, p. 81). Flertando com essa proposição, nossas reflexões analíticas seguem pela perspectiva das pedagogias da sexualidade (FOUCAULT, 1999) que possibilita modos distintos de pensar, mas que se entrelaçam e oferecem parâmetros para abordagem e tensionamentos para problematização. Trata-se de uma construção histórica cujos desdobramentos e atualizações estão continuamente se estabelecendo nas culturas. Como se nota, as teorias que articulamos nesta pesquisa são oriundas e pensadas em diferentes campos de conhecimentos, como a Educação, Filosofia, Ciências Sociais, Linguística, entre outros, o que não nos inviabiliza de pensá-las na Comunicação. Ao contrário, enveredar nessas fontes e trazer seus fios de saberes para tecer a pesquisa é um gesto que pretende encontrar perspectivas de particularidades para construção da nossa área (BRAGA, 2008). Assim, ao trazer a Comunicação em questão, esforçamo-nos em refletir acerca das relações entre *Sem Capa*, textualidades e pedagogias, o que se resume nas palavras de Braga (2008, p. 82) como “tensionamento do objeto pela teoria”.

O *corpus* principal da pesquisa é composto pelos 24 vídeos do *Sem Capa* mais a versão legendada do primeiro episódio, “Vamos falar de sexo?”, publicada no perfil da plataforma *Xvideos*. Estabelecemos tal recorte como gesto analítico que possibilita avançar nas discussões, atingir os objetivos e perscrutar as dimensões audioverbovisuais para notar os diferentes aspectos da construção narrativa. Outras dimensões que integram o canal, como os comentários dos espectadores, a plataforma *Xvideos* e as múltiplas possibilidades de interação, formam a contextualização. Delimitar esse foco não significa abandonar outros aspectos que são

integrantes desse fenômeno para nossa análise, mas estabelece possibilidades para enveredarmos pelas multidimensionalidades.

Para auxiliar esses percursos, definimos operadores para tratamento do *corpus* que nos auxiliam na coleta, organização e sistematização dos dados, alicerçados pelas considerações teórico-metodológicas de Gonzalo Abril (2007, 2012, 2018) e Leal *et al.* (2018). O primeiro procedimento adotado segue as recomendações de Luís Mauro Sá Martino (2018) para sempre copiar os materiais da pesquisa em vários locais com vistas a resguardar as disponibilidades de acesso. Foram realizadas, assim, cópias dos vídeos, a partir da função *download* da *Xvideos*, e salvos em uma pasta no *Google Drive*, nuvem de armazenamento. Em seguida, assistimos os episódios e procedemos à transcrição detalhada em tabelas para explicitar tempos, imagens, textos e observações. No campo *tempo*, indicamos a minutagem correspondente ao trecho visualizado; na coluna referente à *imagem*, descrevemos os componentes imagéticos das cenas; em seguida, no espaço destinado ao *texto*, está a decupagem das falas com indicação de quem as fez; e as *observações* correspondem aos comentários referentes aos demais elementos da narrativa como sons, cenários, cores, movimentações e comentários críticos acerca do que foi exposto. Após cada decupagem, fazemos outro campo em que informamos as recorrências e apontamentos dos vídeos (ver apêndice A). Também há uma tabela com os comentários dos internautas em cada episódio e feitos diretamente ao projeto, todos reproduzidos integralmente como foram postados (ver apêndice B), procedimento realizado para produção de outro trabalho precedente à escrita da dissertação (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021). Nesse caso, dividimos cinco colunas para apresentar o *nome de usuário*, a *data* de postagem, *comentário* feito pelo internauta, *reações* positivas ou negativas ao que foi comentado e *respostas ao comentário* quando houve interação entre os usuários.

Figura 11 – Trecho da tabela principal

TÍTULO: SEM CAPA #1 | VAMOS FALAR DE SEXO? (LEGENDADO)

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video42795143/sem_capa_1_vamos_falar_de_sex0_legendado

DURAÇÃO: 4'53"

VISUALIZAÇÕES: 207.439 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0" - 10"	Imagem desfocada, na qual é possível perceber apenas penumbras de quatro homens fazendo sexo. Aparentemente, o local é um quarto e, ao fundo, há uma cama e uma janela. Nesta cama, há dois homens deitados se beijando; outro fazendo sexo em um homem em pé. Em 10", entra na tela, a	(começo ainda sem falas)	SONS: É possível ouvir alguns barulhos de beijos e respirações ofegantes.

Fonte: elaboração própria

Figura 12 – Trecho da tabela secundária de comentários

SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE SEXO? http://www.xvideos.com/video37475257/sem_capa_1_vamos_falar_de_sex0				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Boy18Carioca	8 jul 2018 23h58	E como eu falo ctg no direct pra participar dessa brincadeira la atras ?		
Checocho4525	9 jul 2018 4h17	melhor iniciativa impossivel		
Jops27701	10 jul 2018 17h49	Quero participa com vc!!! Rsss		
Lucasbeb	10 jul 2018 18h10	Gostoso		
Rodrigo8728	10 jul 2018 19h09	Gosto muito de mamar fazer mão amiga dar o cu quem quiser		
Morenomlkao	10 jul 2018 21h29	parabens man pela aldacia		

Fonte: elaboração própria

Mais do que assimilar os procedimentos dos pesquisadores anteriores, buscamos adequá-los à problematização, visto que permitem adaptações e ajustes, bem como nos ajudam a evidenciar as camadas constitutivas do *Sem Capa*. Por meio desse caminho metodológico, conseguimos, simultaneamente, ter uma visão de conjunto do fenômeno, caracterizar as especificidades de cada episódio e constituir uma cartografia de trabalho para as reflexões a serem desenvolvidas nas seções seguintes.

O desenho metodológico inspirado em Braga (2008) viabiliza triangular as discussões conceituais, o *Sem Capa* e as problematizações levantadas na pesquisa. Assim, formamos um percurso para pensar *com* o fenômeno comunicacional e tensioná-lo pelas textualidades, seus enredamentos e as pedagogias da sexualidade.

1.4 Te(n)sões no *Sem Capa*: sexo em redes

A tentativa de querer “descomplicar o sexo” empreendida no projeto *Sem Capa* mobiliza um conjunto de fatores sociais e culturais marcados discursiva e narrativamente. Em diferentes momentos dos episódios, são propostos questionamentos sobre os modos como as organizações apreendem as sexualidades, principalmente, invalidando todas as dissidências em relação à heterossexualidade, proposição que, afirmada pelo projeto, é empreendida pela medicina, escola, família e produtos midiáticos ao camuflar as questões sobre sexo. Quando propõe a construção de um canal em que possa debater e, de certo modo, dialogar com as pessoas sobre experiências ligadas à homossexualidade, tornando uma proposta inteligível e de amplo alcance para o público de homens *gays*, Sa João envereda por temáticas entrelaçando elementos audioverbovisuais, questionamentos, intencionalidades, contraposições e experiências, formando camadas interligadas.

Essa multiplicidade de fatores dá a ver que o *Sem Capa* não é fechado em si e nem mesmo estabelece significados sobre o sexo de modo unívoco ou totalitário, mas assentado em autoridades e assimetrias. Por isso, pensá-lo por meio da noção de *textualidade* é um gesto analítico para expandir os modos de apreensão e suas conformações de processos sociais. Assim, constitui uma prática comunicativa que se une, interage, relaciona e articula variados signos, histórias, situações, experiências, e que segue em tessitura continuamente. Entendemos os episódios, as interações e as dimensões constitutivas do projeto como textualidades.

Mas, antes, cabe-nos questionar: o que é “texto”? Como conceituar o que permite sua existência? Como um texto baliza e articula as questões do mundo? E por que essa derivação para o sufixo *-idade* contribui para nosso pensar? Roland Barthes (1970) sugere que um texto não é uma estrutura de significados, mas uma galáxia de significantes. Essa ideia já desestabiliza concepções limitantes que buscam definir o texto apenas como uma unidade, sobretudo, verbal e fechada em si (LEAL, 2018). Essa quebra na ideia de que o texto é inteiro, pronto, findado, absoluto e comum a todos é refutada com a expansão de meios, possibilidades, interações e tecnologias. Podemos entender que Leal (2018) deixa claro que o texto é uma atividade, uma ocorrência, um evento, que só se faz possível de ser apreendido em uma situação comunicacional. Essa expansão rompe com um esquema isolado de emissor-mensagem-receptor e propicia pensar o texto como uma unidade de comunicação em práticas sociodiscursivas inseridas em redes textuais (ABRIL, 2007). Portanto, um texto não está separado das relações, e sim inserido em regimes de produção e de poder, o que deixa de ser

um objeto determinado com ponto de partida e chegada, e passa a ser um processo. Essa consideração metodológica implica em apreender que visadas vazias como emissor e receptor, aquele que codifica e outro que decodifica, são cristalizadas e devem ser superadas, como propõe Abril (2007, p. 24, grifos do autor, tradução nossa), pensando os sujeitos da comunicação como “*coenunciadores*”, ou seja, “*sujeitos comunicativamente competentes*”⁵, que articulam diferentes elementos semióticos direcionados pelas circunstâncias e vínculos comunicativos participando de modo associado na produção de sentidos compartilhados. Por isso, “(...) o texto normalmente funciona como um sistema de significações multiestruturado, que se move de nível em nível, de forma que suas denotações se fazem conotações em progressão infinita”⁶, diz Abril (2007, p. 26, tradução nossa), o que implica em não ser possível existir uma leitura final de um texto e a fluidez é seu componente constitutivo. São semioses infinitas, em que há colisões de sentidos diversas e, cada vez que leio o texto, produzo outras camadas de significações. Isso é propor e relocalizar o texto em uma rede interpretativa do plural do mundo (BARTHES, 1970).

Abril (2018), assim como Leal (2018), aponta que o avanço de texto, uma palavra masculina cujas raízes semânticas circunscrevem uma concepção delimitada e imanentista, para textualidade, uma palavra feminina que explicita a complexidade e dilatação do processo, constitui ganhos que realçam mobilidades, fluidez, historicidades, temporalidades e emergências. É um avançar de ilha, que implica em isolamento, para pensar arquipélagos, ou seja, uniões, relações e redes (ABRIL, 2007). Dessa forma, as textualidades oferecem elementos que permitem a emergência de um texto em um determinado processo comunicativo (LEAL, 2018). Abril (2018, p. 12-13) escreve que “(...) a textualidade é um fazer-se qualificado e qualificante, um tecer-se e um devir em um labirinto de sentidos (...)”, ou seja, é uma superação de uma visada fixa para propor outra que parte de uma fluidez. Esses apontamentos se ligam às redes comunicacionais que envolvem sexualidade, pornografia e *Sem Capa*, criando um caldo textual que propicia a emergência de textualidades em um tecido constante, um entamar-se infundável por outras redes textuais e semioses infinitas.

Leal (2018) questiona quando começa e termina um texto. Esses contornos e fronteiras não são precisos, haja vista que os processos de produção de significados são infundáveis e seguirão sendo tramados permanentemente a partir das experiências e articulações de cada

⁵ No original: “coenunciadores”; “sujetos comunicativamente competentes”.

⁶ No original: “(...) el texto normalmente funciona como un sistema de significación multiestructurado, que se mueve de nivel en nivel, de forma que sus denotaciones se hacen connotaciones en progresión infinita”.

pessoa. Diante desses enredamentos, o *Sem Capa* segue em constituição, mesmo que oficialmente não seja mais produzido, por meio dos vínculos estabelecidos entre cada um que se relaciona com os episódios. O “fim” do canal não significa, de modo algum, o fim de seus vídeos, ao contrário, o tecer da narrativa não é fechado estritamente no que é apresentado audioverbalvisualmente pelo canal e supostamente delimitado pela publicação na plataforma. Cada pessoa que tiver contato com o *Sem Capa* terá leituras e interpretações variadas, trazendo mais fios para essa trama, produzindo novos textos, identificando a pluralidade que lhe faz parte. Por isso, não é possível ter uma visão global sobre quais sentidos são atribuídos ao “descomplicar o sexo”, haja vista as produções e interpretações de sentidos em negociações permanentes. São sentidos infinitos e não tão simples de serem “descomplicados”. Aprender que os textos ocorrem na vida e são apenas um fragmento dentro das textualidades é saber que não estamos diante de algo cristalizado, mas em um encontro, com afetações, mobilizando sentidos e disputas de poder. Essa compreensão é um desafio que atravessa questionamentos sobre o que significa “descomplicar o sexo” no projeto *Sem Capa*, pois temos um processo infundável pelo qual se forma uma complexa rede textual.

Leal (2018, p. 22) elucida que, “(...) sendo um processo, a textualidade faz com que textos não sejam artefatos estáveis, mas, sim, amálgamas provisórios de relações em curso”. A metáfora da “amálgama” explica a variada composição e mistura de elementos heterogêneos formadores dos textos, porém essa totalidade é instável e não permanente, por estar em relações que fluem em constantes mudanças e acontecimentos. O pesquisador, ainda, lança o questionamento para o campo de conhecimento da Comunicação que precisa sempre indagar as fronteiras dos textos mobilizados para tentar compreender o que se busca pesquisar. Ao sermos confrontados por essa provocação, é necessário recapitularmos a explanação inicial deste capítulo, em que procuramos situar e mapear os textos do *Sem Capa*. A caracterização proposta falha diante de inúmeras interposições que podem ser postas em xeque ao esquadriharmos contornos e limites desse fenômeno. Assim como Leal (2018) segue problematizando quando seria o “início” de uma manchete jornalística ou de uma novela, poderíamos equiparar o pensamento ao nosso fenômeno. Quando teria começado o *Sem Capa*? Somente em 2018 com a publicação do projeto ou muito antes com as próprias problemáticas das sexualidades? Os espectadores não seriam narradores do projeto assim como Sa João? As histórias individuais não se articulam coletivamente naquele espaço e para além dele? Os corpos em cena não seriam textos? São múltiplas perguntas que se lançam e geram um embate desafiador para compreender as textualidades. Contudo, a leitura crítica que fazemos é

respaldada em referenciais teóricos que permitem tensionamentos com o propósito de ser uma lógica investigativa, isto é, percebemos ilhas que possibilitam iniciar um desenho de arquipélagos.

Se o texto emerge em um certo processo de comunicação, os caminhos pelos quais andamos juntamente a esse processo formam parâmetros de abordagem e compreensão (LEAL, 2018). Dito de outra forma, é central ter consciência que os textos escolhidos são fragmentos dentro da textualidade, ou, usando as metáforas de tecido, são fios e nós que me colocam *em e com* percepção ao fenômeno. São textualidades observadas a partir de um ponto de escolha, e, aqui, por meio das pedagogias da sexualidade. Não é um pinçar textos para decompô-los, mas, sim, confirmar sua tessitura sem fim, conforme a fluidez da metáfora de Elton Antunes, Rennan Mafra e Carlos Jáuregui (2018):

Não há como separar os textos das formas de comunicação, de seus enredamentos e de sua cadência de outros textos. O tecido está no tear; do tear, vai para as mãos; das mãos, para o balcão; do balcão, para o freguês; do freguês, para o vestido; do vestido, para a festa; da festa, para o beijo; e assim por diante. O *tecido* se explica na relação de *tessitura*. Ou, dito por outras palavras: o texto se explica em relação com outros textos (ANTUNES, MAFRA, JÁUREGUI, 2018, p. 43, grifo dos autores).

Logo, a processualidade dos textos é evidenciada pelos seus encadeamentos e pluralidades de camadas que seguem de forma infundável, afastando o texto de noções cristalizadas e fechadas. A dimensão da tessitura demonstra que se trata de um constructo cultural que não está isolado do mundo e reforça a ideia de que o texto não está apartado em um anaerobismo. Tendo consciência dessa complexidade, Graziela Vianna, Paulo Bernardo Vaz e Humberto Santos (2018) tomam conceitos da Geografia, como paisagem e relevo, para pensar as textualidades, gesto similar aos empreendidos com arquipélago-ilha; galáxia-constelação. Com base em Abril (2012), os pesquisadores comparam os textos aos relevos topográficos, que, isolados, seriam palavras, frases, imagens, sons, vídeos, mas que, juntos, se relacionam e formam uma paisagem. Por essa figura de linguagem, conseguimos pensar que a paisagem visualizada por cada um é única e depende do ângulo pelo qual se vê. A paisagem textual, assim, fortalece a relação entre indivíduo e texto à medida que permite constituir muitas relações.

Na esteira dessas discussões, tensionando o *Sem Capa*, sua paisagem textual está inserida em uma maior, como a plataforma *Xvideos*, entre os mosaicos de opções de vídeos na tela e as categorizações. Da mesma forma que, se partimos de um episódio, suas paisagens

estarão relacionadas com tantas outras ou mesmo quando o projeto era disponibilizado entre as demais do *portfólio* de Sa João. Essa relação convoca a ideia de contexto como “exterioridade constitutiva” (RIBEIRO, MARTINS, ANTUNES, 2017), que procura desnaturalizar uma visada fechada de sentido dada no próprio texto e configura sem estabelecer dois polos binários de “dentro” e “fora” do texto. Em vista disso, conseguimos reconhecer as pluralidades de temporalidades e práticas que atravessam o *Sem Capa* e que os processos de significação não são fechados em si. Trata-se de um abrir e fechar constante, que possibilita sempre reinterpretções. *Sem Capa* e seus contextos se retroalimentam, entretanto, não se trata de uma estabilidade, pelo contrário, as relações estão em curso em uma polifonia e dialogia constante.

Se alguns parâmetros de análise textual consideravam apenas as raízes semânticas imanentistas que se fechavam em dimensões verbais, notadamente, a escrita, com os avanços tecnológicos, as formas como nos relacionamos com os textos mudaram, visto que se tornam cada vez mais eletrônicos, mediados por múltiplas telas e possibilidades interativas, como lembra Igor Alves (2013). Em geral, no mundo contemporâneo, a sociedade produz imagens incessantemente que atravessam o cotidiano. Abril (2012, p. 16) pensa essa cultura visual e desenvolve seu pensamento pela noção de “texto visual”, concepção assimilada pelo semiótico como mais extensa do que “imagens”. Nisso, há um ganho, visto que a imagem não existe isolada; é sair de uma materialidade circunscrita para dar conta da diversidade. Logo, o texto visual não se restringe ao imagético, mas abarca outras alternativas semióticas, como, no caso do *Sem Capa*, o áudio, o verbal e o visual. O pesquisador espanhol retoma a origem da palavra “texto”, que se vincula a um tecido ou uma textura e está relacionado com a ideia de trama, para apreender a inserção em uma rede textual com várias formas semióticas de entrada. Portanto, o texto é um espaço construído, ou seja, um entramado/tecido, o que indica o papel ativo de várias linhas de sentidos que fazem parte dessa composição. Além de que “(...) o texto é somente objetivável em seu processo interpretativo, na experiência de sua leitura e de suas condições socioculturais” (ABRIL, 2012, p. 16, tradução nossa)⁷. Quando propõe refletir o texto visual e seus enredamentos, Abril quer sinalizar as inúmeras situações culturais, históricas, sociais, temporais e espaciais que fazem parte do processo, ou seja, é perceber o texto por suas significações culturais, práticas sociais e relações de poder que são parte. Assim como a leitura de Alves (2013) sobre as referencialidades da rede sugere e traçando um paralelo ao nosso fenômeno, investigar um episódio sem apreender suas ligações e referências aos

⁷ No original: “(...) el texto es sólo objetivable en su proceso interpretativo, en la experiencia de su lectura y de sus condiciones socioculturales”.

demais vídeos do *Sem Capa* é incorrer na falha imanentista, bem como não notar seus jogos com o pornográfico e as problemáticas da sexualidade. Por isso, inclusive, justifica-se o *corpus* da pesquisa e as dimensões analisadas. Dessa forma, ao observarmos o *Sem Capa*, temos uma rede que o reside e que o transpassa continuamente.

Abril (2007, 2012), em sua análise textual e cultural, esquematiza três dimensões — visualidade, mirada e imagem — que são inter-relacionadas. Compreendida como uma visão socializada, a *visualidade* é uma relação visual entre o sujeito e o seu estar no mundo empreendida por meio de diferentes discursos, redes de significados, vontades e relações na sociedade. Desse modo, diz de ligações externas que alçamos por uma presumida experiência de similitudes a objetos classificados dentro de uma cultura e características simbólicas abstratas referenciadas ao objeto. Essa dimensão não perece no visual, carregando rastros do invisível, o que aponta uma inter-relação. Já a *mirada*, é um gesto que deseja ver, saber ou poder pela visão. Se ancora em conhecimentos, condições técnicas, proposições e formas simbólicas. Portanto, é mirar um texto em determinado tempo e espaço, em uma prática sociodiscursiva. Importante sublinhar que se trata de um ato de mão dupla, quer dizer, ao mirar o texto, ele nos mira. A mirada, ainda, carrega uma estrutura epistemológica do olhar, que escolhemos, de modo consciente e também não, posições de enunciação erguidas e atribuídas. A *imagem*, por sua vez, é uma concepção entendida por Abril como “texto visual”, produto das relações entre objetos visuais, contudo, podem não ser estritamente visuais. Não são isoladas e estão correlacionadas com algum imaginário social, sendo parte constituinte deste imaginário compartilhado.

Em vista dessas relações trazidas por Abril (2007, 2012), a visualidade é a primeira condição de interpretação diante de qualquer texto verbovisual. Assim, é uma integração e exclusão do espaço público. Pensando no *Sem Capa*, há regras que explicitam suas possibilidades de ser ou não ser visto. Se para ser visto precisa se estabelecer em uma plataforma pornográfica, indica um constrangimento por ordenamentos tecnológicos e plataformizados, que impossibilitaria sua presença em outros espaços, como *Instagram* ou *YouTube*. Fica travada uma batalha entre poder ser visto ou não. A mirada é formada por regras de subjetivação, apontando para a forma como nos relacionamos com o texto. Em *Sem Capa*, a mirada pode ser antecipada pela própria plataforma, em que os usuários criam expectativas de que o conteúdo acessado se remete ao sexo explícito. Desse modo, a interação dos usuários pode ser contaminada por estereótipos e formas cristalizadas. Entre os comentários analisados (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021), parte dos comentadores do projeto explicitaram que os vídeos

satisfizeram seus desejos *voyeuristas* e a masturbação; outros aderiram à proposta do projeto; teve quem refutou o que foi apresentado; dessa forma, notamos que as miradas são modalizadas conforme a posição e o espaço dos sujeitos. Como pesquisador, minha mirada para o *Sem Capa* é balizada pelas conceitualizações teórico-metodológicas propostas nesta dissertação, que localizam meu lugar para as discussões, e também pelas experiências como homem *gay*, brasileiro, de 23 anos e consumidor de pornografia. No *Sem Capa*, o texto de Sa João é ligado à inteligibilidade do sexo, saúde sexual de homens *gays* e modos de ensinar, e seus vídeos surgem, como o próprio canal demarca, em forma de suprir uma necessidade. Há textualidades inscritas nessas redes textuais do “descomplicar”, logo, seu texto não está definido, e, sim, em uma encruzilhada de relações intertextuais com inúmeras possibilidades de interpretação a depender da forma como cada um se relaciona. Assim, para a existência textual do *Sem Capa* é preciso que as três instâncias sejam articuladas, não separadas, inter-relacionadas. Uma textualidade emerge em nossa experiência com os vídeos e ela é base para as reflexões aqui explanadas. Significa uma experiência viva, presente e em desenvolvimento.

Por fim, se os textos constituem agir para assimilar fenômenos, podemos entender os corpos como textos (LEAL, 2006). Nossos corpos são lidos e leem por gestos de diferentes ordens para atribuir-lhes sentidos. O corpo é uma potência em constante transformação pelo tempo, pelo espaço, por intervenções e pela cultura. Entender o corpo como uma escrita, segundo Leal (2006), é perceber sua inscrição na cultura e sua performance para os receptores que vão lê-lo. O pesquisador segue seu argumento com a seguinte afirmação:

Pensar o corpo como texto, portanto, é observar os movimentos passados, nele materializados, nele remanescentes, e os movimentos presentes que ele performa. Pois o movimento, ou o que resta dele, que constitui o texto do corpo, que atualiza os códigos sociais nele investidos, cultivados, que fornece os elementos que instruem o espectador, que, enfim, o “lê” (LEAL, 2006, p. 148).

A partir desse entendimento dos textos em uma perspectiva mais ampla, que não se limita apenas ao universo verbal, que envolve uma processualidade de elementos culturais tramados temporal e espacialmente (LEAL, 2018), podemos entender os corpos como textos, que dependem da situação de compreensão, nos quais serão colocados em relação às nossas textualidades. Conseguimos perceber que não há uma universalidade nos textos, mas, sim, que serão operados de formas distintas entre cada um de nós. O corpo de Sa João, de Charlinhus, demais convidados e os nossos, como espectadores, estão em relação e produção de textos.

Os corpos estão em uma vasta rede textual irrigada constantemente. Esses emaranhados das textualidades possibilitam entender que os corpos e suas redes amalgamadas são tramadas/tecidas culturalmente. Compreender essa maleabilidade é entender como algo inacabado, instável e temporal, em que os fios normativos se entrelaçam em nossos corpos e fundam nossas subjetividades, mas podem ser desfeitos, refeitos, arrebatados, continuados e até mesmo cortados. Isso quer dizer que nenhum fenômeno é determinado ou surge aleatoriamente, mas que é sempre construído socialmente. As textualidades da “descomplicação”, por conseguinte, produzem condições e implicações sobre os corpos e experiências *gays*.

Ao refletir sobre as textualidades, faz-se necessário, portanto, localizar também meu olhar e minha leitura como pesquisador, visto que o exercício empreendido nesta dissertação tem como premissa as considerações de Abril (2007, 2012) sobre mirarmos os textos e eles nos mirarem de volta. Antes de propor esta pesquisa, acompanhei o *Sem Capa* como espectador, assistindo um ou outro episódio, partindo da curiosidade sobre a proposta do projeto e as temáticas apresentadas ali. Todavia, o contato mais sistematizado pelos referenciais convocados deslocou meu olhar para as instabilidades do pornográfico e os modos pelos quais o *Sem Capa* se insere na *Xvideos*. Principalmente, instigaram-me as pedagogias da sexualidade e as atualizações propostas no canal.

Faço essas leituras a partir de um lugar social como homem *gay*, espectador do *Sem Capa* na época de seu lançamento e, agora, pesquisador interessado em discutir sobre as formas como a sexualidade é tematizada nos fenômenos comunicacionais e produções midiáticas. Como sublinhamos anteriormente, cada pessoa pode ler o *Sem Capa* de uma forma muito singular. Alguns podem transitar aleatoriamente pelos vídeos, como percebemos pelas alterações no número de visualizações, outros podem se guiar por interesses específicos, tem aqueles que estavam na plataforma consumindo outras produções e durante a navegação se deparam com o projeto. Enfim, a multiplicidade de entradas permite tecer tramas diversas que se interconectam. Em meu caso, a leitura atual para a pesquisa é realizada três anos após a estreia, sistematizada a partir do ordenamento sequencial de episódios, ou seja, acompanhei, transcrevi e observei do primeiro ao último vídeo, em ordem, como uma tentativa de perceber conexões, fissuras e contradições dentro da própria iniciativa. Nesse movimento, a trama textual construída aqui parte das pedagogias, a partir das ações realizadas pelos idealizadores do canal que se desvelam em narrativas prescritivas, de aconselhamentos e que moldam certas formas

de fazer sexo. Esses caminhos se encontram nessa trama textual, aberta e que permite a chegada de mais fios para sua tessitura.

2 PEDAGOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE E SEUS ENREDAMENTOS NO *SEM CAPA*

A gente vai falar de doença, a gente vai falar de higiene íntima, que é uma coisa muito pouco tratada, especialmente no caso de higiene íntima de homens. Vai ter vídeo ensinando a fazer chucha, vai ter vídeos falando de brinquedos sexuais, de aplicativo, de relacionamento, de pornografia, enfim. Vai ter vídeo de tudo o que eu souber falar aqui. E sempre de forma aberta, informal, mas embasada (SA JOÃO, 2018b, 2min34s–2min56s).

O trecho acima destacado do primeiro episódio sublinha um conjunto de temáticas e propósitos que guiarão todo o projeto *Sem Capa*. A fala de Sa João explana os rumos a serem tomados pelo canal e, de certo modo, já dialoga com a intenção de tornar inteligível as temáticas do sexo que se desenvolvem pelos 24 vídeos. Em vista especificamente de nosso objetivo em compreender como os elementos audioverbovisuais se entrelaçam em ações de ensino, neste capítulo, apresentaremos os referenciais teóricos importantes para as discussões sobre pedagogias da sexualidade.

Quando pesquisamos esse tema, tensionando em um campo tão múltiplo como a Comunicação, cabe-nos reconhecer que estamos tratando de relações em (des)construção, ocorridas em diferentes instâncias sociais mergulhadas em uma pluralidade de processos históricos e culturais. Assim, esses empreendimentos inesgotáveis ocorrem sobre os indivíduos, a partir de práticas, estratégias, discursos e aprendizagens culturais cujas miradas pretendem, recorrentemente, enquadrá-los em categorias identitárias. Como nos lembra Guacira Louro (2008, 2019, 2020), esse processo é efetuado de maneiras variadas, explícita ou implicitamente, em situações da vida. Todas essas classificações são normativas e carregadas de significados compartilhados, mas instáveis.

Para dialogar com esses argumentos, o desenho desta seção é esboçado a partir da historicização foucaultiana da sexualidade e os entendimentos pela concepção de dispositivo. Progredimos para as pedagogias e as formas de controle dirigidas aos indivíduos e socialmente, além de suas atualizações e rearranjos, bem como dúvidas instigantes a partir da teoria *queer*. A abertura de portas com esse percurso teórico permite com que tensionemos o *Sem Capa*, construído narrativamente sob o propósito de “descomplicar”, verbo que sugere de antemão procedimentos pedagógicos, visando enredar às concepções teóricas foucaultianas e *queer* e estranhar as contradições e afirmações da trama textual do canal.

2.1 Foucault e o dispositivo da sexualidade

Durante a década de 1970, período conhecido como “Revolução Sexual” (MISKOLCI, 2019; SPARGO, 2019), em que os debates das Humanidades ganhavam efervescência acadêmica, Michel Foucault se empenhou em refletir sobre a história da sexualidade. O filósofo francês engajou-se em reflexões sobre discurso, poder, saber e sexo, que criaram um espaço propício para emergência de novos questionamentos e visadas desestabilizadoras de noções essencialistas para os indivíduos. Richard Miskolci (2019) lembra que, até os anos 1960, a sexualidade era reservada aos estudos das ciências biológicas ou ligadas à psicologia e, a partir de movimentos insurgentes de tal década em diante, impulsionaram o avanço de uma ideia circunscrita ao biológico para construções sociais e culturais. Movimentos feministas, *gays* e lésbicos acirraram o debate público, deslocando diferentes espaços culturais para outras questões dos corpos, das sexualidades e dos direitos (LOURO, 2020). “É nesse período que surgem discussões sobre as regulações do desejo e da sexualidade que colocam em xeque visões arraigadas que as associavam a um único direcionamento ou objetivo” (MISKOLCI, 2019, p. 86), o que aponta para a mudança de noções naturalizadas sobre a sexualidade em uma série de pesquisas nas ciências sociais e humanas.

Nesse movimento de problematizar visadas essencialistas, a obra de Michel Foucault (1999), fundamentalmente o primeiro volume de *História da Sexualidade I*, torna-se referência importante para o desenvolvimento de diversas pesquisas. Aqui, introduziremos o pensamento do filósofo juntamente às interpretações de pesquisadores, como Richard Miskolci (2019), Guacira Louro (2019), Jeffrey Weeks (2019), Johanna Oksala (2011), Tamsin Spargo (2019), entre outros, e também a partir das próprias percepções de Foucault (1998) sobre seu pensamento, caminhando pela desestabilização da sexualidade.

De modo a tornar mais eficiente nossa reflexão, dividimos as contribuições foucaultianas em três pontos interligados: poder, dispositivo e pedagogização. Inicialmente, é válido introduzir as apreensões sobre a ideia de poder, o afastamento de uma perspectiva de repressão, sobretudo dirigida à sexualidade, e se aproximar de uma proposta produtiva. Em seguida, entender o desenvolvimento do conceito de “dispositivo” e seus arranjos na sexualidade. Por último, vislumbrar como a pedagogia está em articulação com outros aspectos em uma lógica normativa de construção de corpos. Essas três divisões, propostas apenas com a finalidade de facilitar a organização do pensamento, se unem no interesse de Foucault (1999) em compreender a sexualidade como um fenômeno histórico e em contínua formatação.

2.1.1 Poder

Primeiro, faz-se necessário recuar para entender a ideia de poder e as formas como se configura. Foucault (1998, 1999) desvia-se de uma concepção repressiva de poder, como algo contraproducente e gerador de exclusões, cerceamentos, censuras e impedições, para entender como uma ação de produção. Nessa dualidade entre repressão e produção, o poder deve ser apreendido em relação, interação e instabilidade, envolto por objetivos, mas também interpelado pelas resistências, composto em redes encruzilhadas na sociedade, está na microfísica das relações, podendo ser mais intenso em alguns pontos do que em outros (OKSALA, 2011).

Roberto Machado (1998) interpreta a noção de poder traçada nas obras de Foucault como sinal para uma desestabilização da ideia de se ligar a algo ruim, que demarca sempre o não, que apenas comprime, condena ou proíbe. A análise foucaultiana quer marcar é o fato de o sistema capitalista não conseguir se sustentar somente com base nas repressões, por isso volta-se para a produção da gerência e controle sobre as vidas dos indivíduos com o objetivo de aproveitar extremamente suas potencialidades. Em *Microfísica do poder*, Foucault (1998, p. 248) disse:

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.

Essa concepção analítica de poder aponta-nos para uma correlação de forças, já que concerne a uma ação em movimento e circulação nas interações caracterizada por propósitos. Forma-se, portanto, uma gama de apreensões sobre o poder fundamentais para entender a forma como a sexualidade foi sendo histórica e culturalmente construída.

O trabalho genealógico desenvolvido por Foucault (1999), partindo da burguesia vitoriana e a suposta repressão da sexualidade, mostra-nos a emergência de tecnologias para produção de corpos nas relações sociais, ou seja, um conjunto de estratégias foram se constituindo para a docilização dos corpos. Naquele período, o capitalismo estava em expansão, assim como a industrialização e a caracterização de uma noção de população, fenômenos

impactantes para a vida na sociedade ocidental. A docilização, assim, tem um caráter objetivo de uso dos corpos e configura-se por variadas estratégias de controle nas relações.

Desde o fim do século XVI, houve uma “explosão discursiva” (FOUCAULT, 1999, p. 21), um efervescente movimento de estimulação que demanda com que a sexualidade seja destacada, classificada, analisada e, fundamentalmente, monitorada. Mais do que reprimir, o que se queria era incitar sempre e de forma crescente a falar sobre sexo (CASTRO, 2009). Isso não quer dizer que não existiram repressões sobre os locais onde se falava sobre a sexualidade, com quem e em quais relações, o que Foucault (1999, p. 21) chamou de “polícia dos enunciados”, mas houve uma “fermentação discursiva” (1999, p. 22), uma “(...) multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder (...)”. A vontade de saber se expandia e proliferava pelos discursos médicos, psiquiátricos, educacionais, religiosos e da justiça penal. Para exemplificar, o filósofo recorre a casos sobre as confissões cristãs, as análises psicanalíticas feitas no divã e os controles dos colégios com vistas a nos aproximar dos gestos discursivos que implicam sempre em ter que evidenciar a sexualidade. Tomemos a confissão como um exemplo para debate, visto que, com o Concílio de Trento da Igreja Católica, intensificou a análise de si, uma espécie de autocuradoria sobre os desejos, os prazeres e o sexo (FOUCAULT, 1999; DEL PRIORE, 2016). A confissão visava fazer com que as pessoas dissessem a uma autoridade religiosa suas vontades e práticas tidas como pecaminosas. Essa ação confessional faz o indivíduo pensar sobre si por meio da lógica do poder materializado pela autoridade religiosa. Porém, o ato de confessar, de narrar a si e expor aquilo que se é seguiu ganhando espaços médicos, psicanalíticos e jurídicos, que forçam o indivíduo a se pensar pelo fundamento do crime, do pecado e da repressão. Mais recentemente, as mídias e as redes sociais digitais, cada uma à sua maneira, interpelam os indivíduos a narrar a própria vida como um estatuto ontológico e confessional. Esses fenômenos não foram objetos de discussão de Foucault (1999), mas são importantes de serem apontados e evidenciar suas contribuições nesse processo. Tais considerações apontam que esse monitorar-se é colocar o sexo em evidência constantemente, haja vista que a sexualidade adquire *status* para se conhecer, se identificar e se apresentar no e ao mundo. Portanto, a sexualidade consiste em uma estratégia complexa de discursos para controlar as pessoas e as populações.

No século XVIII, o sexo passa a ser uma questão de “polícia”, no sentido de aumentar a regulação e a gestão a partir de discursos, mas não para proibi-lo, e sim para prescrevê-lo. Entre os exemplos, Foucault (1999, p. 28) situa que o “surgimento das populações” se torna um problema de ordem econômica e política, o que se dá notadamente pela ascensão do regime

capitalista, vigorando regulações estatais para o controle de natalidade. Outros casos são o “sexo das crianças” (1999, p. 29), os “colégios” (1999, p. 30), entre tantos exemplos. Merece destacar também a medicina, que liga o sexo à doença dos nervosos; a psiquiatria, que associa com perversões; a justiça penal, que o entrelaça a crimes, etc., ou seja, instituições irradiadoras de discursos, os quais aumentavam as relações de poder.

Antes de prosseguir, é válido, brevemente, passar pelos colégios, instituições pedagógicas nas quais *a priori* pode se pensar que não se fala de sexo. Foucault desarranja essa pressuposição e descreve um conjunto de elementos que colocam o sexo em evidência sempre. Entre elas, podemos citar os “(...) dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior (...)”. Essas técnicas visavam estruturar os espaços e o tempo, articulando em formas de produzir subjetividades marcadas pela vigilância.

Recuperando e seguindo pelas exemplificações de Foucault (1999), Oksala (2011, p. 87), em sua leitura do filósofo, afirma que houve uma transformação desse empreendimento confessional. “Segundo Foucault, a sexualidade moderna caracterizou-se pela secularização de técnicas religiosas de confissão”, isto é, além da avaliação moral, passa-se, então, a revelar os desejos sexuais para um terapeuta, médico, psiquiatra, etc., que avaliará a sanidade e a identidade do indivíduo. Logo, os discursos, de diferentes formas, seguem sendo tramados:

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou (FOUCAULT, 1999, p. 34).

O pensador demarca algumas consequências advindas dessa expansão discursiva sobre o sexo. Ele apresenta sanções jurídicas, pedagógicas e médicas que condenam aquilo que seria tido como desvio e abominam-no. A medicina ganhou espaço no controle, como afirma Foucault (1999, p. 41), e essa instância

(...) inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais ‘incompletas’; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles.

É necessário considerar as formas como o poder foi exercido e entrelaçar as perspectivas apresentadas. Foucault (1999, p. 42-46) elenca quatro operações que diferem da simples proibição: o controle e vigilância sobre o sexo das crianças, as demarcações de perversões — aqui, a “homossexualidade” torna-se central para o desenvolvimento de estratégias sobre os sujeitos —, a retroalimentação entre poder e prazer e o estabelecimento da família heterossexual, monogâmica e conjugal. Atentemo-nos para uma das tecnologias do sexo que marcaram pessoas consideradas “problema” por terem desejos e práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo (SPARGO, 2019). Foucault (1999) explica que os indivíduos praticantes da sodomia, prática considerada proibida por lei e pecaminosa, tornaram-se marcados como homossexuais, como uma espécie patológica e condenável, uma determinação total para a vida. “Era uma construção discursiva moldada por relações de poder específicas que passara a ser compreendida como uma categoria natural e cientificamente objetiva”, interpretada por Oksala (2011, p. 98), em outros termos, uma constituição cultural e histórica que ascendeu naquele século. Essa apreensão foucaultiana formou alicerces importantes para constituição dos debates da teoria *queer* que visaram estranhar esse regime de *a-normalização* e de construção identitária. Nessa criação de uma figura “homossexual” age o poder através de múltiplos dispositivos com vistas a engendrar comportamentos nos corpos e delinear os prazeres.

Outro enfoque da confissão evidenciado e retomado por Foucault (1999) é com as ciências do sexo no ocidente — *scientia sexualis*. Segundo o filósofo, a importância da confissão é a criação de verdade, tendo em vista seu caráter crucial no desenvolvimento dos poderes da religião e direcionados ao cidadão. Por outro lado, esse método sofreu transformações, como frisamos, sendo que antes alguém confessava sua vida à outrem para validar; agora, a autenticação se dá pelos discursos de verdade que se tem sobre si mesmo. Essa ação aponta um dos mecanismos de individualização do poder, isto é, “(...) nos tornamos uma sociedade singularmente *confessanda*” (FOUCAULT, 1999, p. 59, grifo nosso). Atentemo-nos para o emprego do sufixo *-anda*, o que assinala uma ação em curso, em permanente desenvolvimento e que será parte constitutiva de diferentes organizações e relações. Esse empreendimento confessional se torna arraigado às nossas vidas e deixamos de apreendê-lo como ação do poder, mas a proceder revelações como uma maneira de dizer a verdade e apresentar algo que estava oculto em nós.

Logo, o que Foucault (1999) narra é sobre como o poder potencializou formas de controle sobre os indivíduos. Tendo consciência dessa complexidade, a história da sexualidade se estrutura através de discursos. Dessa forma, o discurso do período vitoriano e seu

seguimento, é somente um dos que fortalece a vontade de saber sobre a sexualidade, posto que solidifica a proposição de que a verdade do sexo estava no proibido. A confissão, também, é um ritual discursivo que acontece em relações de poder. Convém recapitular que as transformações confessionais englobam não apenas enunciar sobre as práticas sexuais, mas, sim, de contar sobre os prazeres do sexo. Com isso, toda uma ciência se configurou a partir dessas práticas de linguagem através da escuta, da busca por causas, latência, princípios hermenêuticos e patologização. Assim, pela história dos discursos, o filósofo compreendeu que houve incitação, se falou muito sobre a sexualidade e ainda teve regulações para a constituição de sua verdade.

Portanto, o método foucaultiano não analisa o poder como um conceito fixo, com um foco único ou um grupo que atua dominando outros, mas um conjunto de estratégias intrincadas com várias linhas de força em permanentes tensões. O poder é móvel e múltiplo, bem como onipresente no sentido de que vem de todas as partes. Não se trata de estar concentrado em uma instituição ou estrutura tradicional, e sim “(...) é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1999, p. 89). Nesse ínterim, os discursos se entrelaçam no complexo jogo do poder, sendo eles mecanismos e propósitos ou resistência e deterioração do poder. Conforme interpretou Oksala (2011, p. 89), podemos concluir que o poder “(...) não opera reprimindo e proibindo as expressões verdadeiras e autênticas de uma sexualidade natural. O que ele faz é produzir, através de práticas normativas culturais e discursos científicos, as maneiras como experimentamos e concebemos nossa sexualidade”.

2.1.2 Dispositivo

A sexualidade é um elemento provido de instrumentalidade nas relações de poder e foi desenvolvido, como detalhou Foucault (1999), através dos rituais confessionais e da escuta clínica. O teórico analisou uma série de mecanismos de controle de saber e poder produzidos por múltiplos discursos sobre o sexo, entre os quais destacam-se quatro grandes conjuntos estratégicos — a histerização do corpo da mulher; a pedagogização do sexo das crianças; a socialização das condutas de procriação; e a psiquiatrização do prazer perverso — que destinaram a preocupação com o sexo de quatro figuras: mulher histérica, criança masturbadora, casal malthusiano e adulto perverso (FOUCAULT, 1999, p. 99-100).

Edgardo Castro (2009) sublinha que essas quatro políticas do sexo se desenvolveram em dois movimentos, como se fossem dobradiças, de disciplina e biopolítica. Ele quer dizer que a histerização do corpo da mulher e a sexualização da criança tinham propósitos regulatórios para a população e se deram em um eixo disciplinar. O corpo da mulher foi sexualizado e posto biologicamente como reprodutor. O papel de mãe se faria presente na família e na sociedade e o lado negativo mais aparente seria a histerização, que demandaria medicalização para esse nervosismo. Houve intensa vigilância sobre as crianças com objetivo de coibir qualquer ato masturbatório na infância. Essa fase da vida foi tida como perigosa para a criança e para a sociedade. Castro (2009) diz que o controle de nascimentos e a patologização psiquiátrica sobre as perversões eram objetivadas por meio das disciplinas para poderem atingir o eixo da população. Aconteceu um controle econômico, político e médico dos nascimentos. Desse modo, o Estado intercede na fecundidade dos casais evitando ou estimulando a procriação. A psiquiatrização do prazer perverso, por sua vez, considerou o instinto sexual como autônomo e, a partir dessa demarcação, normalizou e patologizou os comportamentos. “Perverso” serviu para atestar o que era doentio e necessário de ser corrigido. Nesse sentido, essas estratégias criam a sexualidade, que, conforme explica Foucault (1999, p. 146-147), “(...) tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...” (FOUCAULT, 1998, p. 146-147). Logo, a sexualidade adquire complexos significados construídos na composição das relações com os desejos, os prazeres e com o próprio indivíduo. Nessa esteira de pensamento, ele chamou por e caracterizou como *dispositivo da sexualidade* uma rede de relações para controlar as pessoas, “(...) em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 100).

Entende-se, assim, que as táticas se referem a tentativa de construir a sexualidade e possibilitar o seu controle, pois existem regimes culturais e formas de poder engendradas em nossas apreensões e experiências de sexualidade. Não há uma única forma de configuração desse dispositivo capaz de abranger todas as sociedades, dado que apresenta versatilidade em suas estratégias de intervenção, podendo se arranjar e desarranjar de modos distintos nas relações de poder e saber (OKSALA, 2011).

A noção de dispositivo denominada por Foucault é objeto de debates acadêmicos para sua apreensão pelo fato de o filósofo não ter fixado em obras uma conceitualização, bem como

para expandi-lo e pensar em outros fenômenos. Em 1977, ao ser indagado sobre o que é esse conceito em uma entrevista, Foucault (1980) explicou que o dispositivo não é somente um elemento, mas um heterogêneo que se tece em rede para regular ações e corpos. Não se trata de um objeto, e sim de um sistema de relações entre diferentes componentes, ou seja, um arranjo resultante da tessitura de elementos. Trazendo um trecho da resposta do filósofo, ele disse que dispositivo é:

(...) um conjunto completamente heterogêneo consistindo de discursos, instituições, formas arquitetônicas, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, declarações científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas - em suma, o dito tanto quanto o não dito (FOUCAULT, 1980, p. 194)⁸.

Essa potência do dispositivo forma uma ferramenta heurística para o pensamento foucaultiano suscitando em modos de analisar e observar fenômenos. Por meio dela, Foucault discorre por dispositivos disciplinares, de poder, de saber, aliança, verdade, a prisão, etc. (CASTRO, 2009), entre os quais nos interessa o da sexualidade (FOUCAULT, 1999). Dessa forma, é possível apreender o dispositivo como fruto de relações mais ou menos provisórias, isto é, ele existe na história, mas não na natureza das coisas, e permite que percebamos as formas de dispor redes de sentidos em determinados fenômenos.

Mobilizamos também as leituras de Gilles Deleuze (1996) para a apreensão desse conceito. O dispositivo é retomado pelo filósofo como um conjunto multilinear, isto significa, são várias linhas de visibilidade, enunciação, subjetividade, de força e muitas outras que vão se entramando e articulando processos dos quais são parte. Pela maleabilidade que as constitui, essas linhas podem sofrer cortes, se dividirem, embolarem ou mesmo serem re-tecidas. Em sua interpretação, Deleuze (1996) destaca dois pontos bases em Foucault para o dispositivo: curvas de visibilidade e curvas de enunciação; a primeira evidencia a existência de um regime de luzes que permite visibilizar ou invisibilizar um objeto de determinada forma. Aquilo que vai ser dito sobre aquilo que foi visibilizado nos remete a curva de enunciação. Dizer e ver formam um jogo. Contidas em um dispositivo, as linhas de força introduzem as suas formas de atuação para unir este emaranhado, ou seja, regulam e também são possibilidades de renovação de um panorama. As linhas de subjetivação, no que lhes concerne, promovem alterações em como um

⁸ No original: "(...) a thoroughly heterogenous ensemble consisting of discourses, institutions, architectural forms, regulatory decisions, laws, administrative measures, scientific statements, philosophical, moral and philanthropic propositions – in short, the said as much as the unsaid".

dispositivo está encarnado e ligam-se às maneiras como nós nos relacionamos com ele. Todas essas linhas se unem e formam uma rede para regulação de saber e poder.

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento (DELEUZE, 1996, não paginado).

Por essa compreensão de Deleuze, notamos a multiplicidade constitutiva que tem um ponto fundamental na subjectivação que marca as formas como nos relacionamos com o mundo. É interessante mencionar que as urgências promovidas pela agência humana podem proporcionar rearranjos de luz e sombra, enunciação e silenciamento sobre um dispositivo, por isso, a interpretação de Deleuze (1996) se entrelaça ao Foucault (1980). Como explicamos, o poder só se dá em relação e implica também em processos de resistência, assim as linhas de subjectivação são partes constitutivas dos regimes dos dispositivos e, somente assim, eles podem se arranjar ou rearranjar. Com nossas ações e atuações em dispositivos, como o da sexualidade, vivemos em uma flexão permanente em ininterruptas mudanças temporais, espaciais, políticas, culturais, históricas e sociais.

Desse modo, a definição de sexualidade como dispositivo demarca uma historicidade, com um conjunto de princípios regulatórios, incitados e atualizados, encarnados em campos práticos, que formam um aparato sociotécnico legal que afeta e regula nossas relações sociais. Destaca-se que o dispositivo da sexualidade é tramado nas sociedades modernas para se justapor, e não substituir por completo, ao dispositivo da aliança, o qual não conseguia controlar as transformações políticas e econômicas ocidentais por meio do matrimônio, do parentesco, dos nomes e bens familiares, e que demarcava o proibido e o aceito (FOUCAULT, 1999).

O filósofo aponta uma periodização das técnicas da sexualidade, em que a cronologia mostra o desenvolvimento de métodos e procedimentos, tendo a metade do século XVI, com os exames de consciência, e, no início do século XIX, com a medicalização do sexo, dois momentos constituintes dessa história. Contudo, o percurso tomado não se refere a uma sucessão, mas um cruzamento de temporalidades diversas, isto é, embora haja marcações de intervenções sobre os sujeitos em um ordenamento temporal, Foucault (1999, p. 111) quer situar o surgimento de uma nova “tecnologia do sexo” baseada na vigilância de si e também por meio dos domínios da economia, medicina e pedagogia. Os objetivos eram proteger e incitar grupos de pessoas produtivas para o trabalho e que podiam procriar para satisfazer as demandas

capitalistas em ascensão, como interpreta Spargo (2019). Ainda no que diz respeito ao dispositivo da sexualidade, conclui-se que sua expansão pela sociedade operou de maneiras distintas em cada local, assim como suas estruturas variam. Isso nos leva a entender que esse dispositivo pensado pela burguesia se alastrou pelo ocidente com diferentes funcionamentos e resultados, além de que segue se reconfigurando constantemente de modo a atuar nas relações de poder.

2.1.3 Pedagogização

A sexualidade foi instigada discursivamente para produzir verdades sobre o sexo. O ritual confessional extravasou da tradição religiosa cristã para outros dispositivos. Conforme lemos com Foucault (1999), a pedagogização participa desse complexo empreendimento em articulação a tantos outros mecanismos de vigilância dos sujeitos cujas formas de controle dos corpos visavam sua docilização. Nesse poder disciplinar, a infância era controlada para que os comportamentos das crianças fossem correspondentes aos interesses e para coibição dos desvios.

De acordo com Miskolci (2020), a biopolítica do Estado destinou esforços na educação para controlar e interferir na vida das pessoas. A pedagogia tem caráter educativo e assume um discurso normativo para regulação e prescrição do que é admitido como normal na lógica ocidental. Para tanto, esse movimento se dá pela linguagem, como veremos com Judith Butler (2019) na próxima seção, a partir da tentativa de estabelecer uma gramática para se pensar a sexualidade.

Nesse sentido foucaultiano, entendemos que a regulação da sexualidade se deu pelo desejo, por intermédio da pedagogia e de instituições como a religião e a ciência, penetrando-a rigorosamente, definindo quais seriam seus desvios e normalizando corpos e subjetividades. O dispositivo, assim, age pelo desejo, o qual precisa ser controlado e regulado pelo Estado a partir do modelo familiar reprodutivo (MISKOLCI, 2019).

Apesar da inegável contribuição do pensamento de Foucault para os estudos acerca da sexualidade como fenômeno histórico, faz-se necessário atentar para críticas e reações a sua obra, sobretudo pelo recorte temporal e espacial dado pelo filósofo e pela leitura atual que fazemos, visto que as formas como o dispositivo constitui também seguem em atualização. Miskolci (2019) lembra que o estudo de Foucault foi desenvolvido em um determinado contexto do século XX. Contudo, há lacunas nessa esteira de pensamentos, visto que o filósofo

não se debruçou sobre as desigualdades de gênero intensificadas nesse processo de constituição histórica e nem mesmo empenhou-se criticamente frente à heterossexualidade considerada a norma nesse regime estudado. Miskolci (2019, p. 92-93) afirma que

(...) a contribuição de Foucault em sua obra devotada à análise histórico-social da sexualidade exige ponderar seu poder analítico para compreender o terço final do século XX, marcado por transformações políticas e culturais que não fizeram parte de seu escopo analítico.

Cabe-nos considerar, em uma interpretação atual do dispositivo da sexualidade e seus modos de configurar um governo de corpos, as transformações ocorridas na sociedade para além do propósito reflexivo de Foucault, como as tecnologias químicas e farmacológicas, a pornografia na cultura de massas e a introdução de procedimentos plásticos para gestão do corpo, propriedades decorrentes pós-Segunda Guerra Mundial. Todas essas camadas trazem novas questões concernentes à sexualidade, ao desenvolvimento de subjetividades e ao esforço projetado aos corpos (PRECIADO, 2020a).

Esse cuidado com as transformações do regime disciplinar estudado por Foucault é ressaltado por Miskolci (2019) ao apontar, por exemplo, para o desempenho dos meios de comunicação na sociedade, trazendo outras balizas para a conformação da sexualidade. Junto a outras tantas instituições, como já mencionadas, que participam de nossos processos de constituição enquanto sujeitos, encarnando modos de ser, estar, relacionar e viver, as mídias tornam-se também espaços potentes de construção cultural, produzindo significados. Rosa Maria Bueno Fischer (2002, p. 153) conceitua esses processos por meio da noção de “dispositivo pedagógico da mídia”, o qual envolve a produção, circulação e veiculação de diferentes produtos midiáticos. Seguindo os passos foucaultianos, a pesquisadora brasileira assinala que as mídias são locais de formação que participam da constituição de nossas subjetividades. Envolvem aspectos discursivos e não discursivos por meio dos quais somos convocados a falar de nós mesmos, uma ação que atua como o gesto confessional, produções que trazem modos de ser e estar em certa cultura e propõem conhecimentos sobre nós. Contudo, não se trata de uma introjeção passiva ou unilateral das mídias, e sim de processos complexos que envolvem nossos agenciamentos enquanto indivíduos.

O trabalho desenvolvido por Fischer (2002) teve a televisão como principal *locus*, em virtude da centralidade cultural em nossas formações e a abrangência desse meio na sociedade. Com base nas teorizações de Foucault, o dispositivo pedagógico da mídia envolve “(...) uma incitação ao discurso sobre ‘si mesmo’, tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e

veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 155). Isso nos mostra como as produções midiáticas usam técnicas para colocar em evidência a própria vida de seus participantes a partir das lógicas de confissão e também criam conteúdos para penetrar em suas vidas e ditar parâmetros para conformar esses processos de subjetivação. A pesquisadora segue seu raciocínio descrevendo e exemplificando elementos pedagógicos, existentes naquela época na televisão, necessários para a produção de sujeitos. Dentre os quais, soa-nos potente um dos resultados alcançados pela pesquisa; corpo e sexualidade são temas assiduamente pautados nas mídias e projetam interpelações para pensarmos sobre nós mesmos. Dito por outras palavras, Fischer (2002) considera, assim como Foucault (1999), que, ao falarmos e ouvirmos sobre sexo e sexualidade, haveria uma produção de verdade sobre nós. Esse processo produz incessantemente significados e sentidos que circulam pela cultura. Contudo, cabe um adendo constatado nesse percurso analítico da pesquisadora sobre as nomeações às diferenças (e, aqui, inclui-se a sexualidade e tantos outros marcadores sociais) feitas pelos meios de comunicação; tal ação é incumbida por cristalizar ou incluir certos indivíduos, grupos sociais e temáticas ao debate público e midiático, o que contribui para processos de invisibilidade e visibilidade. Essas perspectivas merecem ser expandidas além da televisão e refletidas em diferentes âmbitos de produção e circulação de conteúdos, tendo em vista as transformações midiáticas e plataformizadas que trazem novas e outras configurações para os processos comunicacionais e atualizam pedagogias da sexualidade.

Por fim, concluímos que os processos pedagogizantes são convocados e renovados constantemente. Evidenciamos organizações da sociedade que participam da regulação, orientação e proposição das vidas, como escola, família, Estado, instituições religiosas, meios de comunicação, linguagens e tantas outras que integram o cotidiano e compõem textualidades. A genealogia de Foucault (1999), sobre a qual nos concentramos apenas em seu primeiro volume, possibilitou lentes para reflexão das complexidades da sexualidade de modo a vislumbrar suas dinâmicas em movimentação na contemporaneidade. Hoje, com os processos de midiatização cada vez mais abrangentes, as mídias tornam-se espaços privilegiados e potentes na composição dessas tramas culturais que incidem sobre os corpos e desenvolvem pedagogias da sexualidade (FOUCAULT, 1999). Esses processos pedagogizantes validam certas identidades e práticas, enquanto outras são colocadas à margem, violentadas, ocultadas e não reconhecidas. A seguir, continuamos estranhando as significações culturais dadas aos

corpos e às sexualidades, notabilizando os movimentos de esquivar, alterar e subverter aos regimes normativos (LOURO, 2019, 2020).

2.2 Estranhamentos *queer* para repensar a sexualidade

Os desdobramentos históricos da sexualidade evidenciam avanços no pensamento por uma visada cultural, social e política, permitindo compreendê-la como uma construção ininterrupta feita por todos durante a vida. Louro (2019) mostra-nos que essa transformação na apreensão das sexualidades de algo dado da natureza, o qual possuiríamos como uma essência pré-estabelecida, para seu entendimento como processos culturais e plurais representam um significativo avanço para discussões sociais, humanas e políticas. Circunscrever a sexualidade em uma perspectiva estritamente natural, biológica ou divina é limitar suas apreensões e desconsiderar todos os processos culturais de sua constituição.

Reconhecer que somos sujeitos fragmentados e em constantes transformações potencializa compreender os processos pelos quais enfrentamos nessa longa *viagem* da vida, metáfora usada por Louro (2020) para mostrar como inúmeros movimentos e percursos integram nossas existências, quem somos e as transformações das quais somos parte. Nesse emaranhado de inscrições, a sexualidade é um campo atravessado por modos, ordenamentos e recomendações para nos controlar e demarcar significados. A pesquisadora explica que se formam “pedagogias culturais” (LOURO, 2008, p. 18) para estabelecer controles e inscrever o que é tido como socialmente aceito, correto ou normal. Convém, contudo, destacar a pluralidade que nos compõe, haja vista que são muitas identidades em conflito e embate em nós. Logo, as ações pedagógicas têm objetivos específicos para formar o indivíduo com identidades aparentemente estabelecidas e correspondentes a determinados comportamentos, expectativas e anseios. Essas pedagogias são normas moldadas nas relações de poder, como sublinhou Foucault (1998, 1999), nas quais diretrizes, declarada ou tacitamente, interpelam e buscam totalizar sentidos para as vivências, marcar lugares para as existências e fixar características.

Antes de seguirmos, é importante fazer uma distinção sobre as dinâmicas de sexualidade e de gênero. Embora sejam, muitas vezes, associadas e caminhem *paripassu*, é importante diferenciar os conceitos. Gênero, para além de uma ferramenta analítica e política do campo social, com variações temporais e espaciais, em processos de construção permanente, conforma a experiência dos corpos e das pessoas. Sua característica básica é a marcação de distinções entre masculino e feminino, o que, portanto, situa seu aspecto relacional. No entanto, não se

trata de construções de papéis, os quais seriam aprendidos e repetidos pelos sujeitos, uma ação simplificadora, mas um complexo emaranhado de elementos em redes de poder (LOURO, 2014). Nesse conjunto de discursos generificados que participam da constituição de identidades do indivíduo, a sexualidade está relacionada e também sendo construída. Dessa forma, Louro (2014) sublinha a transitoriedade e fluidez de categorias como gênero e sexualidade, o que permite entender que suas modificações são diacrônicas e se dão também de forma pessoal e em interseccionalidade com tantas outras identidades.

Ao reduzir sexualidade à natureza, as instituições fazem uma proposição cujo anseio é corresponder diretamente a ordem “sexo-gênero-sexualidade” (LOURO, 2020, p. 15). Nessa linha contínua, na qual sexo é visto como a identificação anatômica de pênis ou vagina, as pessoas são classificadas ao nascer (e também antes mesmo desse momento com ultrassonografias, “chás de revelação”, escolhas de nomes e enxoval, etc.) como homem ou mulher, sendo necessariamente heterossexuais em seus relacionamentos. Paul Preciado (2014) enfatiza a fabricação de corpos e atribuições de sexualidade sobre nós. Um órgão considerado “sexual” classificará e, mais ainda, ordenará como este indivíduo é. Essa atribuição totalizante aponta como um corpo é sexuado e, logo, existente. Assim, uma série de funções e prescrições serão impostas para seguir durante toda a vida e reiterada continuamente. Quem rompe a expectativa dessa linha é considerado como problema, desvio, estranho, etc., sofrendo constantemente violências.

Mas, “[a] pesar de tudo isso, a sequência é desobedecida e subvertida” (LOURO, 2020, p. 16), em outras palavras, não se consegue prever quem quebrará essas regras normativas impostas, quais serão as formas pelas quais acontecerão essas desobediências e os meios pelos quais ocorrerão resistências. As pessoas que não correspondem aos ordenamentos dessa matriz cisheteronormativa que baliza nossa sociedade são miras de repreensões e investimentos pedagógicos para suas correções. “Um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’”, conforme explicita Louro (2020, p. 16). Por isso, torna-se possível perceber que a sexualidade, assim como o gênero, é um processo linguístico, simbólico e discursivo de construção de significados compartilhados na sociedade ao longo da história. É cultural, portanto, inconstante e transformável, que tenta, através de diferentes maneiras, investir e inscrever sobre o corpo formas aceitáveis de desejos, prazeres, maneiras de ser, estar e viver. Não é natural, e sim inventada, almejando propósitos de investimento individual e coletivo. Logo, as pessoas aprendem cotidianamente como elas devem ser para se integrar à sociedade ocidental.

Em determinado contexto cultural, essas marcas são nomeadas e significadas nas relações de poder, mas também sofrem modificações, mutações e alterações no decorrer do tempo. Diante disso, Louro (2020, p. 76-77) afirma que “(...) os corpos são marcados social, simbólica e materialmente — pelo próprio sujeito ou pelos outros”. As inscrições culturais estão nas ruas, nas mídias e em todos os espaços pelos quais estamos e estaremos adentrando durante a vida, assinalando modos de escrita e significação para nossos corpos.

Butler (2019) destaca que os corpos criam e se produzem por signos, inscrevendo-os na cultura e nas imagens dela, entretanto, enfatiza que os corpos são construídos a partir de normas reguladoras que os inscreverão nas relações de poder e na cultura, ou seja, há um processo pedagógico de educação que se dá, por vezes, implicitamente e, por outras, de forma expressa. Esses processos normativos, segundo Butler (2019), visam regular e controlar os corpos, mas não se trata de uma aderência passiva, ao contrário, há resistências nessas relações de poder, por isso, elas têm que ser repetidas constantemente nas práticas discursivas e construídas através do tempo para materializar o “sexo”. Por essa razão, é possível estremecer e voltar-se contra, visto as fissuras e as rachaduras desses empreendimentos normativos.

Com esses engenhosos processos, entendemos que “(...) os corpos são o que são na cultura”, como destaca Louro (2020, p. 69), e também que todos esses significados atribuídos culturalmente constituem marcas que diferenciam os sujeitos, alocando-os em escalas daquilo que é bom ou ruim, aceitável ou inaceitável, digno de viver ou não, permitido para ocupar o espaço público ou se deverá permanecer fora, e assim segue. Logo, pensar em corpos é colocar em evidência marcadores de sexualidade, gênero, classe, idade, origem, peso, deficiências, etnia e tantos outros que são incorporados à cultura e passam a reger um conjunto indescritível e inumerável de ações para a vida, subjetividades e para nossas existências.

Nessa esteira de pensamentos em tessitura e articulação nesta pesquisa, queremos duvidar dos regimes da sexualidade que tentam atribuí-la ao natural, dado, estável e binário, e pensá-la como uma instância socialmente produzida e fluída com inúmeras possibilidades abertas. Ao invés de uma visada restrita ao biológico e fechada, fazemos um movimento questionador e estranhador, transitamos por pensamentos que tentam transgredir ao sistema sexo-gênero-sexualidade. Por isso, enveredamos por discussões da teoria *queer* como um gesto de destituição e deslocamentos pelas instabilidades formadoras das normas. Ou como intitula Miskolci (2020), *um aprendizado pelas diferenças*.

É válido, antes de tudo, retomar bases históricas para entender o termo “*queer*” cujos alicerces são atrelados às ofensas que tentam classificar o que é anormal. O primeiro esforço é

reconhecer os significados conferidos ao *queer* na linguagem, já que é por meio dela que reforços são feitos para fixar os regimes de normalidade. A palavra está dicionarizada na língua inglesa e suas classes gramaticais variam como verbo, adjetivo e substantivo. Contudo, seu núcleo semântico tem ligações com definições negativas. *Queer*, segundo o dicionário inglês-português Silveira Bueno (2007, p. 475), é traduzido como verbo para “1 arruinar. 2 impedir. 3 pôr alguém em situação embaraçosa” e como adjetivo para “1 estranho; excêntrico; anormal. 2 indisposto; adoentado. 3 falso. 4 suspeito”, além de substantivo para gíria ofensiva “homossexual” (BUENO, 2007, p. 475). Esse xingamento, historicamente, qualificou indivíduos para subalternizá-los e, embora a definição encontrada no dicionário ligue diretamente à homossexualidade, é válido recapitular que a problemática *queer* vai além da sexualidade e se liga às experiências da abjeção, como lembra Miskolci (2020). O abjeto é aquele indivíduo considerado por alguém como contaminante por incorporar à diferença e alvo de injúrias, violências e apagamentos sociais (BUTLER, 2019; MISKOLCI, 2020).

Com esse entendimento etimológico da palavra alusiva diretamente à ofensa, podemos compreender a apropriação feita por movimentos que recusam os regimes de normalização heterocentros. Politicamente, com o intuito de romper as noções tradicionais de sexualidade opressoras, grupos se organizaram nos Estados Unidos, como *ACT UP* e *Queer Nation*, e, academicamente, teóricas e teóricos desenvolveram estudos alicerçados em perspectivas pós-estruturalistas para romper paradigmas cristalizadores das relações humanas. Importante evidenciar que a epidemia de HIV/aids na segunda metade da década de 1980 impulsionou e agitou o fortalecimento *queer* (MISKOLCI, 2020; SPARGO, 2019; LOURO, 2020). A aids se tornou um problema global, provocando alterações eminentemente nas sociedades com opressões e discriminações e, no âmbito das pesquisas, foi um acelerador para modificações e tensionamentos nas apreensões da sexualidade atreladas em enquadrar comportamentos como risco para a infecção (PARKER, 2000). Essa relação causal estabelecida entre experiências sexuais, o vírus HIV e a doença aids é falha e violenta. Esse caminho de classificar a aids como uma “doença sexualmente transmissível” (DST) foi o fator estigmatizador para quem não faz jus à heteronormatividade (MISKOLCI, 2020). A formação de categorias epidemiológicas nas pesquisas, sobretudo nos campos biológicos e da saúde, para homens que fazem sexo com homens, trabalhadoras e trabalhadores do sexo, pessoas em condições privadas de liberdade ou em situações de rua e usuários de drogas, por exemplo, como “grupos de risco” interagem na manutenção dos estigmas ligados à doença e circulantes pelo imaginário social (PARKER, 2000; DANIEL, PARKER, 2018). Com a efervescência da epidemia, escancaram-se como as

relações de poder atingem as noções de identidade sexual e criam categorias redutoras e tidas como hierarquicamente inferiores.

Nesse questionamento normativo, Louro (2019) diz como essas normas, calcadas na sexualidade, são disseminadas colocando a heterossexualidade em um patamar de natural e, por oposição, outras formas de sexualidade são postas como absurdas e anormais. Do mesmo jeito que Foucault (1999) trouxe na explicação do poder disciplinar e do dispositivo como a sexualidade é alvo de intensa e contínua vigilância, a estudiosa segue sua argumentação mostrando a constante investida para educar os corpos enquadrando em parâmetros de normalidade. Ela identifica inclusive que os processos de instauração das normas na sociedade se dão historicamente por homens brancos, heterossexuais, seguidores do cristianismo e de classes sociais de alto poder aquisitivo, os quais são as centralidades das referências históricas e, consoante a isso, não carecem de nomeação. Tudo que é “outro” desse sujeito referente é demarcado, classificado e violentado socialmente. Aqueles indivíduos “aceitos” são os instituidores das representações de si e dos outros (LOURO, 2003a, 2019). Por esses motivos, as cristalizações de estereótipos e marcas sobre pessoas e grupos sociais ocorrem no cotidiano, mas também se atualizam. É preciso, pois, que as normas sejam sempre evidenciadas discursivamente e, da mesma forma, as forças contrárias a elas. Essa dinâmica linguística aponta uma característica importante, segundo Butler (2019), sobre a instabilidade. Por necessitar da reiteração, as normas têm caráter instável e incompleto, propriedades que garantem possibilidades de estremecer, voltar-se contra e encontrar fissuras para resistir.

Um aspecto fundamental de ser ressaltado é que as definições das normas só adquirem força e circulação dentro de uma cultura. “Uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes produz referências que *fazem sentido* no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito” (LOURO, 2020, p. 77, grifo da autora), isto significa que todos esses esforços demarcam e atribuem significados aos corpos, contudo, precisam da repetição para fazer valer seu propósito regulatório. Conforme Louro (2019) destaca, a educação dos corpos para produção da sexualidade “normal” exige um conjunto de ensinamentos cujo objetivo é investir sobre as pessoas o que é desejável na cultura em que se inscreve. Uma série de marcas são designadas aos corpos das pessoas, colocando-as em categorias, nomeações e definições as mais diversas. São marcações que se dão ao longo da vida e suas imposições sobre os corpos deixam cicatrizes (LOURO, 2003a). Para tanto, as instituições canônicas para o processo de ensino e aprendizagem, por exemplo, as escolas, as famílias e as religiões, tornam-se importantes na disciplinaridade e no esforço de cada um

voltar-se para si de modo a perceber se corresponde aos atributos do que é “normal”, “aceito”, “bom”... Outras tantas instâncias entram nesse conjunto pedagógico, como as mídias em suas mais diferentes facetas (FISCHER, 2002), por exemplo, mas, para tanto, elas aplicam sutil ou diretamente continuadas maneiras de balizar a vida das pessoas.

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias (LOURO, 2019, p. 30).

As marcas são valoradas, isto é, podem valer mais ou menos dentro de uma cultura. Marcas que valem mais são aquelas que atribuem significados considerados “bons” socialmente aos corpos. Já as “ruins” serão limitadoras em diferentes momentos da vida. Logo, dentro de uma cultura, marcas mais ou menos valiosas serão atribuídas aos corpos (LOURO, 2003 a) e, em culturas que privilegiam matrizes cisheterossexuais, por exemplo, ser homem cisgênero e heterossexual é sinônimo de “normalidade”, ser bem quisto e poder circular por múltiplos espaços sem qualquer objeção. Agora, qualquer indivíduo que desvie da normatividade imposta por essas marcas significativas sofrerá repressões.

Apesar de haver um grande afincamento para fixar padrões específicos, a assimilação e a negação das normas implicam a agência e participação de cada um. A multiplicidade de significados dos corpos na cultura aponta para suas mudanças. Não quer dizer que um determinado significado atribuído a um corpo é pronto e dado, ao contrário, escapa, desliza e muda, varia entre espacialidades e temporalidades. É nesse sentido que movimentos que não cobiçam a norma se organizam para lutar pela afirmação da diferença, subverter e ressignificar o “queer” e ir contra a docilização dos corpos. Essas ações exprimem a ficção das construções normativas no sentido de estranhá-las, criticá-las e fissurá-las (SPARGO, 2019).

Na esteira dos estudos *queer*, portanto, o estranhamento ao dispositivo da sexualidade e seus arranjos se dá por haver corpos cujas pedagogias e outras estratégias de controle não funcionam ou só funcionam em parte. O *corpo estranho* (LOURO, 2020) contesta a cultura na qual se localiza, o tempo e o espaço em que se situa, a sociedade da qual integra. A inquietude diante ao que é considerado normal é constitutiva da indocilidade provocadora e questionadora ao destoante das normas. É uma ação de romper com a formatação de modelos tidos como ideais

e ampliar as possibilidades políticas de afirmação para que todas as vidas possam viver as diferenças.

2.3 Preciado e a contrassexualidade

Continuando pelo rumo dos questionamentos sobre a sexualidade, o filósofo espanhol Paul B. Preciado apresenta discussões críticas e traçadas pelo incômodo em relação ao regime sexopolítico. Pelas travessias de gênero e de fronteiras geográficas, Virginie Despentes (2020b, p. 13) descreve o trabalho do filósofo no prefácio de *Um apartamento em Urano* como uma ação que “(...) revela mundos a partir das margens, e o que tem de mais surpreendente é essa capacidade de continuar a imaginar outra coisa”. O pensamento dissidente de Preciado (2020b) articula sua experiência com o uso de testosterona, suas vivências e a construção de subjetividade ao discutir as alterações na fabricação do corpo e da sexualidade com as transformações do sistema capitalista, sobretudo observando o período após a Segunda Guerra Mundial. Nesse tensionamento, questiona a normatização realizando a transição de gênero por conta própria, o que é uma resistência às normas, às patologizações médicas e psiquiátricas e aos cerceamentos jurídicos sobre os corpos, assim como nos mostra a ficção quanto a essas categorias construídas historicamente.

Antes, é necessário recuar nas obras para situarmos as problemáticas e alguns conceitos caros ao estudioso que formam lentes para os processos reflexivos desta pesquisa. Preciado (2014), em *Manifesto Contrassexual*, uma obra inaugural de sua filosofia em 2002, destaca um conceito que ascende críticas aos binarismos referentes ao gênero e à sexualidade desde o título da publicação. A “contrassexualidade” quer desnaturalizar todo um conjunto centrado nesse sistema sexo-gênero cunhado em uma ideia de natureza das pessoas e fechada em determinismos, o qual garante vantagens sociais e econômicas para certos indivíduos que correspondem aos elementos dessas categorias.

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p. 22-23)

Esse conjunto heterogêneo de elementos em articulação aproxima-se às dimensões do dispositivo da sexualidade foucaultiano, em certa medida. Preciado, porém, extrapola Foucault (1999) englobando outras práticas, atualizando a definição e fazendo objeção aos binarismos que sustentam esse sistema. Com tais apreensões, identificamos uma gama de tecnologias imbricadas que permitem deslocar quaisquer naturalizações binárias sobre os corpos. As bases foucaultianas do conceito vêm da ideia de contraproductividade entendida pelo filósofo francês como possível alternativa nas formas de prazer e saber diferentes às demarcações da sexualidade moderna.

O manifesto é disruptivo e quer convocar o reconhecimento de todas as possibilidades de corpos, fazendo resistência ao conjunto de discursos e práticas que marcam regimes de normalidade e anormalidade, bem como tornar uma mudança que rompe o curso das noções inventadas de sexualidade dominantes. Preciado (2014, p. 25) entende que

[o] sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas.

Essas afirmações querem desarranjar todo o sistema construído tendo a heterossexualidade como pressuposto da ontologia dos seres humanos, algo que seria da ordem do natural e dado, contudo, a crítica aos supostos regimes de normalidade mostram seu caráter fictício e em atualização para sustentar essa normalidade. Por meio das leituras de Michel Foucault e Monique Wittig, Preciado (2011, p. 12, grifo do autor) apreendeu a “(...) heterossexualidade como tecnologia biopolítica, destinada a produzir corpos *straight*”. O termo qualificante *straight* tem tradução para o português como “heterossexual” e também “direito, direto, em linha reta” (SILVEIRA BUENO, 2007, p. 552). Logo, a intenção é mencionar que todo o regime de tecnologias empreendido na sociedade capitalista tinha uma intenção pedagógica direta de produzir sujeitos “direitos”, heterossexuais, por conseguinte, “normais”. Ligando-se a isso, o estudioso destaca como o pênis torna-se o centro de impulsos sexuais, ou seja, nesse sistema heterossexual, o corpo é reduzido as genitálias consideradas órgãos sexuais com finalidades reprodutivas, fundamentalmente a uma convicção falocêntrica.

No entanto, Preciado (2014) quer desnaturalizar todo o conjunto fundamentado no sistema sexo-gênero e ascender críticas aos binarismos referentes ao gênero e à sexualidade. Para tanto, propõe o rompimento com esse “contrato de Natureza” e propõe o “contrato

contrassexual”, no qual os corpos serão admitidos como corpos falantes e não na lógica binária. Assim, os desejos e as relações sexuais seriam desnaturalizadas e os corpos estariam em equidade.

Em diálogo com proposições já apresentadas (LEAL, 2006), Preciado (2014, p. 26) entende o sistema sexo-gênero como “sistema de escritura”, em que “[o] corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados”. Tal apreensão frisa como diferentes elementos precisam ser sempre postos e investidos para que a sexualidade seja produzida. Porém, ao concordarmos com Louro (2008, 2019, 2020), notamos que esse investimento constante tem falhas e tem corpos desviantes. O tópico trazido visa perceber como essa escritura precisa ser modificada atentando para as tecnologias usadas nas instituições nas relações de poder. Contrapondo Butler (2019), Preciado (2014, p. 29) entende que esse sistema não é apenas performativo, entendendo-o como uma prática que se dá na linguagem, mas “prostético”, quer dizer, para fabricação de corpos sexuais estão envolvidos mecanismos para materialização no corpo.

Necessário frisar os entendimentos de Preciado (2014) sobre a sexualização do corpo. Como já citamos, o filósofo entende que os “órgãos sexuais” são criados como uma tecnologia biopolítica para controlar os corpos. O culto aos órgãos sexuais circunscreve ideais heterocentros para os prazeres, limitando o corpo a certas zonas. Todavia, a contrassexualidade investe os prazeres na totalidade do corpo, descentralizando esses órgãos. Mas uma parte do corpo abala essa estruturação: o ânus, ou chamemos de cu, o lugar contrassexual dos corpos. Desde o cu que estampa a capa e penetra por todo o livro, o filósofo explicita três características que o evidencia: (i) “é o centro erógeno universal (...) (quem não tem um ânus?)”; (ii) “zona primordial de passividade”; (iii) “espaço de trabalho tecnológica”. “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (PRECIADO, 2014, p. 32).

Um dos grandes pontos abordados que estreitam diálogos com o ânus é o dildo. Esse elemento prostético, que pode ser tudo e qualquer coisa, e não necessariamente algo em formato que imita um “pênis”, vibrador ou que tenha plasticidade, rompe com a tecnologia sexual e escancara como os desejos, os prazeres, as práticas sexuais, os orgasmos são territorializados pelos esforços capitalistas. Assim, Preciado (2014) mostra que as genitálias são sexualizadas e tornam-se um elemento definidor para a pessoa e os desejos. Dessa forma contrassexual, é

possível reinventar o corpo pelos exercícios de dildotectônica propostos pelo filósofo como um agir desnaturalizador e de colocar em xeque as relações de sexo e gênero incutidas para nós. Nessa tentativa biopolítica para tornar os corpos generificados e sexuados, Preciado (2014, p. 25) explica como as práticas e os órgãos sexuais são invenções e não têm nada de natural ou biológico. Referem-se a um conjunto tecnológico do sistema heterossexual para produzir diferenças sexuais e que colocou o pênis como superior em poder.

À guisa de conclusão, o pensamento preciadiano é desenvolvido pelas críticas aos regimes de naturalização de categorias como gênero e sexualidade. Pelas leituras de suas obras, fica latente sua percepção de que as naturalizações estão sempre relacionadas com lógicas de poder. Seus argumentos desestabilizam quaisquer entendimentos de ordem biológica sobre tais demarcações aos corpos. A demarcação da heterossexualidade como norma é vista pelo filósofo na centralidade das genitálias, fundamentalmente, o culto falocêntrico, e nas práticas sexuais.

Convém apontar que um dos pontos criticados em Foucault (1999) diz da estreita ligação da sexualidade ao regime disciplinar. Contudo, Preciado (2011) mostra que novas camadas devem ser acrescentadas ao pensamento foucaultiano de modo a vislumbrar a multiplicação de tecnologias no século XX, como tratamentos médicos, prostéticos, pornográficos, fármacos, etc. Ele afirma que o corpo não recebe passivamente a ação biopolítica, mas agimos nessa lógica de poder, e esse investimento nos corpos se dá de diferentes maneiras e em modificação permanente com procedimentos médicos, estéticos e tecnológicos.

A proposta contrassexual evidencia um caráter imaginativo para subverter as normalizações aplicadas sobre os corpos de modo a impeli-los a seguir os regimes normativos. Não é uma proposta pronta e fixa, e muito menos uma troca de normas por outras, mas é justamente apontar a ficção das normas, a possibilidade de insurgir e desenvolver subjetividades novas para nossas vidas. O caminho político da vida de Preciado (2020) assinala as recusas e os desafios frente a essas amarras normativas das instituições modernas.

2.4 Construções de masculinidades

Alguns fios pedagógicos embolados, e também com várias ramificações e fiapos, que podemos puxar para a reflexão dizem respeito às masculinidades. Essa discussão entra na composição dessa trama, visto que analisamos vídeos de homens para homens, isto é, protagonizado por homens *gays* e encaminhado para homens *gays*. De tal forma, os estudos

sobre esse tema oportunizam questionar a construção do que é tido como experiências masculinas, as relações de gênero configuradas culturalmente e engendradas nas sociedades ocidentais, bem como se torna uma ação social de mudanças que implica em dúvidas e deslocamentos (CONNELL, 1995). Desse modo, a intenção aqui é dialogar com perspectivas que fujam de uma essencialização do que é “masculino” ou atribuído como típico ou intrínseco de ser homem, mas entender como determinadas dinâmicas se apresentam como importantes na reafirmação das práticas de gênero. No caso, importa-nos, sobretudo, as masculinidades na e para a vida de homens *gays*.

Assim como já discutimos neste capítulo, um conjunto de alterações no cenário social em diferentes partes do mundo insurgiram os debates públicos e colocaram em foco reivindicações que vinham sendo elipsadas (CONNELL, 1995; LOURO, 2020; MISKOLCI, 2020). Destarte, “[o] reconhecimento da historicidade do gênero, de seu caráter histórico, constitui agora um pressuposto estabelecido e não mais uma heresia” (CONNELL, 1995, p. 187). Em uma conferência sobre masculinidades e feminilidades, Louro (2003b) reconheceu, entre tantos eventos, insurgências a partir dos anos 1960 que seguiram avançando, passando pelos movimentos feministas, de *gays* e lésbicas, epidemia de HIV, evoluções tecnológicas e embaralhamento das fronteiras públicas e privadas na vida, por exemplo, que provocaram mudanças nas sociedades, desestabilizaram supostas cristalizações de setores da vida e perturbaram formulações científicas aclamadas como imutáveis. A historicização apresentada pela estudiosa aponta para o rompimento de uma forma única de ser homem ou ser mulher, algo que seria inato e natural do indivíduo atribuído à correspondência de um dos dois sexos. “Distintas políticas de masculinidade são também engendradas. A divisão feminino/masculino não dá conta dos vários conflitos e alianças em que se envolvem homens e mulheres. Os polos revelam-se muito menos homogêneos e unificados do que era suposto” (LOURO, 2003b, p. 74). Essa contextualização realça que devemos desequilibrar estruturas de identidades tidas como únicas, e entendê-las como plurais, heterogêneas, conflitantes, não estáveis e que não dão conta da totalidade. Ao entender as “feminilidades e masculinidades em transição” (LOURO, 2003b, p. 75), extravasamos possibilidades de apreensão não só das pluralidades nessas construções de feminino e masculino, mas, sim, do borramento de fronteiras e dos trânsitos individuais e coletivos, bem como abdicamos de perspectivas históricas naturalistas ou biologizantes sobre os corpos que visariam uma pressuposta performance para o sujeito seguir.

Mais uma contribuição da historicização de gênero é o rompimento com ideias de papéis masculinos ou femininos, que corresponderiam a uma lógica de aprender e reproduzir o que

estava preestabelecido. Isso seria mascarar as relações de poder generificadas intrincadas nesse processo social (CONNELL, 1995; LOURO, 2014). Faz-se importante, portanto, mapear brevemente os modos como Raewyn Connell, pesquisadora australiana de grande repercussão acadêmica na consolidação de tais estudos (juntamente a outras teorizações), apreende esse constructo histórico e cultural de significados forjados sobre como ser, proceder, se relacionar masculinos, que adquirem configurações de realidade ao serem incorporados durante os processos de aprendizagem ao longo de toda a vida dos indivíduos. Ao avançar, entende-se com Connell (1995, p. 188) que “[a] masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

A pesquisadora destrincha a definição, ponto a ponto, para explicar o conceito. Dessa maneira, cabe acentuar que os modos como cada um age estão relacionados com e impactados por questões políticas, econômicas, laborais, geográficas e temporais, ou seja, é um processo histórico atravessado pelas ações dos indivíduos. Connell (1995) cita como exemplo homens das classes operárias e os contornos que as masculinidades adquiriam em seus espaços de trabalho. Uma situação, entre muitas, que podemos ilustrar hoje advém da abundância de vídeos pornográficos na *Xvideos*, *Onlyfans* e outras plataformas em circulação. Cria-se uma economia de corpos associada e em disputa com modos de constituição de subjetividades que produz ações, por exemplo, nas relações sexuais e na busca por certas características corporais desejanças. Continuando em Connell (1995), além de refletir os vínculos sociais desses processos, ela nos implica a pensar a masculinidade como materializada nos corpos. Nas ações corporais rotineiras, nota-se como esse corpo “masculino” se porta ou espera que deve se portar. Basta recuperarmos uma música que circulou nacionalmente em rádios e programas de televisão a partir de 2014 que entoava em seu refrão “porque homem não chora e não pede perdão”. Esse é um dos paradigmas circulados culturalmente sobre “força” que faz parte de nossa formação e instiga um processo de constituição baseado em esconder sentimentos. O terceiro combo do conceito quer avançar para além das conexões entre pessoas no seio social. É complexificar o entendimento de gênero em interseção com organizações e marcadores (CONNELL, 1995). Nessa esteira, o trabalho do sociólogo Michael Kimmel (2008, p. 17) ajuda-nos a entender ao passo que inclui *raça*, *idade*, *etnia* e *sexualidade* no pensamento das masculinidades como engendradas no gênero. De modo geral, a definição apresentada suscita questionamentos sobre quais valores estão em jogo nessa invenção de masculino projetada nos corpos e nas relações de poder.

Não possamos pensar em apenas uma masculinidade, como se houvesse apenas o modo único e universal. Para exemplificar essa assertiva, podemos tomar a frase de Kimmel (2008) sobre a processualidade no decorrer das vivências, aspecto importante para romper com a visada singular de masculinidade. “Ser homem na idade do meu filho de quatro anos e meio é muito diferente do que significará para ele quando ter catorze, vinte e quatro, trinta, quarenta ou setenta anos” (KIMMEL, 2008, p. 17, tradução nossa⁹). Segundo ele, esse apontamento é uma contribuição dos estudos da psicologia que juntamente a outras disciplinas evidenciam compreensões das masculinidades nas culturas como fenômeno histórico e transitório.

Torna-se preponderante refletir sobre a masculinidade classificada como hegemônica, o que é diferente de ser um modo singular ou homogêneo. Connell e Messerschmidt (2013) revisam a literatura que abarca o conceito de “masculinidade hegemônica” em razão das apropriações e contornos que passaram a incorporar significados em distintas áreas do conhecimento, formulações de pesquisas e, inclusive, digressões para outras dinâmicas sociais. A masculinidade hegemônica é composta por práticas e formas de exercer poder, logo não é trans-histórica, quer dizer, que atravessa a história sem se alterar e se encaixa em qualquer sociedade, tempo e espaço. Ao contrário, a masculinidade é uma constante variação (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013). Para esse mecanismo, disputas estão presentes na tentativa de se consolidar, mas exigem o estabelecimento de ligações com outras masculinidades, com as quais determina uma escala hierárquica de privilégios entre os sujeitos. Consequentemente, estipulam normas para acesso e coerção dos indivíduos e marginalizações entre eles.

Entender as masculinidades hegemônicas como constructo ideal a ser performado, exige, como lemos com Connell e Messerschmidt (2013), vislumbrar as pluralidades, pois existem especificidades e jogos normativos múltiplos nessa disputa. A masculinidade hegemônica em privilégio social no sistema patriarcal engloba a ideia de superioridade do homem branco, cisgênero, heterossexual, rico, musculoso, etc. A hegemonia é a elevação de uma construção cultural a partir da qual adquire demarcações de padrão e, por conseguinte, passa a ser um modelo de reprodução dentro de uma parte da população. Conforme Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica estabelece uma relação de subordinação com formas não hegemônicas. Assim, temos que ter cuidado na apropriação do conceito e apreender, por exemplo, que há invisibilidades provocadas nessa subordinação para alguns

⁹ No original: “Ser hombre a la edad de mi hijo de cuatro años y medio es muy distinto de lo que significará para él cuando tenga catorce, veinticuatro, treinta, cuarenta o setenta años”.

homens *gays*, visto também que há variadas formas de participar desse jogo, em que, algumas vezes, utilizam-se de meios de dominação para exercer poder nas relações e, por outras, são alvo de constrangimentos e violências.

Podemos exemplificar como existem diferentes masculinidades e como elas se arranjam nas relações a partir de um curto ensaio sobre três filmes *westerns*, conhecidos como filmes de faroeste ou de caubói, em que Louro (2017) reflete sobre a construção de masculinidades nas representações dos personagens. Fortemente atravessados pelas supremacias de homens, os enredos têm características próprias que acentuam referências hierárquicas de gênero. Os personagens masculinos são separados entre vilões e mocinhos, porém ambos apresentam traços marcantes para um certo tipo de homem com poucas palavras, marcado pela força na conduta e na resolução de conflitos, que se revela corajoso nos confrontos e é indubitavelmente heterossexual — mesmo quando há relações sexuais entre homens, os personagens fazem questão de reafirmar práticas discursivas homofóbicas para ocultar qualquer desconfiança quanto a suas sexualidades e inibir qualquer desvio de um comportamento heterossexual. “Seus corpos, seus prazeres, seus códigos, sua linguagem instituem pedagogias de masculinidade” (LOURO, 2017, p. 33), o que aponta para uma forma de construção masculina típica desse gênero de filmes. Talvez para esse tipo de homem seja inconcebível fugir ou subverter qualquer prática que distancie do que se espera de um homem caubói, do faroeste, que enfrenta de forma destemida qualquer adversário, garante uma certa cumplicidade com seus parceiros e sem transparecer nenhum afeto.

Essa noção pedagógica de masculinidade supõe uma processualidade, algo que seguimos aprendendo ao longo da vida por ser um processo cultural em que agimos sempre. Quando Louro (2017) analisa os filmes de faroeste, ela percebe uma forma de masculinidade, na qual se empreende aproximar-se de padrões hegemônicos do que é cultuado ser homem em aspectos de virilidade, coragem, músculos, brutalidade e outras características veneradas como de “macho”. Embora a pesquisadora implicitamente sugere nesse ensaio, mas não se delonga sobre tal perspectiva — apenas em outros textos (LOURO, 2019) —, o cinema, assim como tantas outras práticas midiáticas e comunicacionais, constitui espaços pedagogizantes na medida em que fazem parte do exercício de construção de subjetividades por meio das representações exibidas, dos códigos mobilizados, das cenas projetadas, das experiências em evidências e aquelas ocultadas, etc.

Nessa perspectiva, Felipe Viero Kolinski Machado (2018, p. 118), em diálogo com bases foucaultianas e pesquisadoras como Fischer (2002), trabalha o conceito de “dispositivos

discursivos de masculinidade” nas análises das revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal*. O caminho teórico do pesquisador é semelhante e em articulação ao que apresentamos em Louro e de grande valia para expandir nossa argumentação, visto que Kolinski Machado (2018, p. 118) apreende tais dispositivos como “(...) aparatos que, inseridos em determinada ordem discursiva, dão a ver quais são as possibilidades (e as impossibilidades) de se ser e de se estar no mundo como *gay* e como homem heterossexual”. Há elementos pedagógicos integrados nas tramas discursivas que incitam os processos de subjetivação, de constituição do corpo e reiteram certas normas de gênero e também de sexualidade, visto que, como Kolinski Machado e Mendonça (2021) suscitam, deve-se afirmar aquilo que se é em contraposição ao que não é, e, portanto, a norma heterossexual está presente nesses processos identitários.

O desenvolvimento da pesquisa de Kolinski Machado (2018) revelou como a *Men’s Health Portugal* é um dispositivo acentuado estrategicamente pela pedagogia ao exibir e explorar em suas capas, páginas e processos de edição como um “homem” deve ser e condizer com certa masculinidade hegemônica. Ao pavonear músculos em seu conteúdo, a revista insiste em exibir um corpo que poderia ser dominante em relações de poder e reconhecido como desejável (KOLINSKI MACHADO, 2018). Outro exemplo discutido pelo pesquisador, em parceria com Carlos Mendonça, refere-se aos cânticos homofóbicos entoados por torcedores em partidas de futebol (MENDONÇA, KOLINSKI MACHADO, 2021). Existe uma forma de poder cuja ação visa legitimar o espaço dos campos de futebol, do esporte e das torcidas como masculinos, assim como consiste na redução do adversário atrelando-o a uma sexualidade considerada desviante da heterossexualidade e que, por sua vez, atrapalharia o pacto masculino formado. Ao chamar a torcida do time rival por um xingamento homofóbico, a tentativa discursiva engendrada é de ofender o adversário como “menos homem”. Mendonça e Kolinski Machado (2021, p. 14) consideram que “[o]s cânticos repetidos, as performances executadas e as emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios”. Desse modo, segundo os pesquisadores, a masculinidade age nessa situação de comunicação de forma machista e homofóbica, de modo a produzir ameaça e ódio contra todos os indivíduos violentados socialmente por não serem homens heterossexuais. Conforme concluem, os discursos homofóbicos do futebol circulam para outros locais e geram danos sociais (MENDONÇA; KOLINSKI MACHADO, 2021), ademais interagem e unem-se a outras práticas homofóbicas presentes nas violências do cotidiano. Portanto, ambas as situacionalidades, para recuperarmos uma das categorias de textualização (LEAL, 2018), dizem

de formas específicas por meio das quais o exercício da masculinidade se arranhou por performances de gênero. Uma pela revista e outra pelos cantos e gritos homofóbicos entoados em partidas de futebol (KOLINSKI MACHADO, 2018; MENDONÇA, KOLINSKI MACHADO, 2021).

3 ENTRE A DESCOMPLICAÇÃO E A PEDAGOGIZAÇÃO DO SEXO

Na esteira do que Foucault (1999) mencionou sobre dispositivo, assimilamos a pornografia como um dos mecanismos de incitação discursiva em que o sexo é engendrado e configurado a existir. O movimento proposto inicia com a apreensão sobre a pornografia e alguns de seus fios interligados a sua história, estética e modos de configurar a sexualidade. Assim, passamos pela plataformização com a finalidade de perceber como esse fenômeno é constituído e se constitui na amálgama pornográfica. A plataforma *Xvideos* é o terceiro tópico vislumbrado para entendermos onde o *Sem Capa* se situa textualmente e como esse espaço molda as possibilidades de existência e interação com o projeto. Tais movimentos iniciais são etapas que confluem para a discussão principal da dissertação, em torno da pedagogização no *Sem Capa*.

Assim, seguimos para as modulações analíticas sobre as pedagogias da sexualidade e seus movimentos na narrativa de “descomplicação”. Desse modo, apreendemos que as camadas enredadas nas ações pedagógicas passam pela centralização das formas de ser um homem *gay* em Sa João, por impelir ações confessionais e confidenciais, assim como na proposição de tutoriais para ensinar como os corpos devem agir em situações específicas da vida sexual.

3.1 Operacionalização da textualidade no *Sem Capa*

Em diálogo com Maria das Graças Costa Val (2006), Leal (2018, p. 19) menciona os sete “princípios constitutivos da textualidade” que permitem operacionalizar as discussões sobre textos (“coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade”). A caracterização proposta pela pesquisadora parte de perspectivas ligadas, essencialmente, ao texto como dimensão limitada ao verbal, sinalado pelos polos de emissão e recepção, por meio da perspectiva linguística e com as categorias de textualidade conectadas para que o texto seja considerado um texto (COSTA VAL, 2006). Leal (2018), contudo, problematiza esses aspectos do pensamento da linguista para avançá-los pela comunicação de modo que se vislumbre as interações entre os signos, as situações comunicativas e as relações estudadas. De tal forma, romper com a perspectiva de esquemas informacionais isolados entre emissão e recepção é ideal para apreender a fluidez dos fenômenos comunicacionais. Assim, sinalizamos que perceber as dinamicidades dos processos comunicacionais por meio da relação entre coenunciadores, termo sublinhado por Abril (2007),

seja o ganho para esse agir partilhado pelos interlocutores nos textos. Ainda, vale entender que a interlocução permite a emergência de certos sentidos partilhados, algo que não é dado ou próprio do texto em si, e sim dessa prática sociodiscursiva (LEAL, 2018).

Tendo em vista os princípios apresentados por Costa Val na leitura de Leal (2018), é possível realizar um esforço para avançar metodologicamente a textualidade e operacionalizar as categorias esforçadas pela linguista no processo de textualização e aprimoradas para a comunicação. Fazer essa interface entre linguística e comunicação possibilita tensionar o fenômeno de tal modo que reconheçamos as interações e articulações entre diferentes signos constitutivos e sujeitos participantes. Desse modo, cabe-nos justificar a operacionalização realizada nesta seção.

A *coerência* e a *coesão* são elementos fundantes e estão inter-relacionados nas dimensões textuais. Costa Val (2006) diz que a coerência relaciona-se a construção de sentido com a interpretação do receptor; já a coesão, trata-se do conjunto interno organizado lexical e gramaticalmente no texto. Para nós na Comunicação, a coparticipação dos interlocutores no processo comunicativo tem extrema importância para a apreensão das sensibilidades dos textos. A visada de Costa Val (2006) sugere a transmissão de mensagem, mas seguir pelo entendimento de ação partilhada, na qual coerência e coesão são partícipes nas produções e interpretações de significados, seja um dos avanços para a área. Ainda que a linguista expresse que os sentidos não estão incutidos nos textos, marca-se uma estabilidade, a qual percebemos com Leal (2018) que não há solidez, e sim provisoriedade. Logo, as duas categorias semântica-conceituais e formais supramencionadas são reconhecidas em nossas análises como basilares para o avançar pelos outros fatores pragmáticos de textualidade e se apresentam diluídas ao longo da investigação. Aqui, especificamente, recuperaremos a situacionalidade e a intertextualidade. No entanto, outras dimensões, já estão assinaladas em nossas discussões anteriores.

A *situacionalidade* é um fator de textualidade vinculado à situação de comunicação, isto é, há um conjunto de aspectos que abrigam, definem e indicam uma dada relação comunicativa. Nesse contexto, entendendo a situação como vinculada ao contexto, ou seja, à “exterioridade constitutiva” (RIBEIRO, MARTINS, ANTUNES, 2017), o processo comunicativo atua em determinado conjunto de relações ao mesmo passo que é alimentado por ele. Assim, texto e situação comunicacional agem em uma interferência comum, em retroalimentação e “adequação texto/situação” (MENDONÇA; KOLINSKI MACHADO, 2021, p. 9). Logo, a situacionalidade tem a ver com contexto e com as situações caracterizadas e organizadas no interior do texto. Ao cotejar a situacionalidade no *Sem Capa* é crucial pontuar,

sobretudo, a plataforma e o campo do pornográfico na composição da economia erótica tecida nos textos do projeto. Os mecanismos formadores da pornografia estão em trânsitos pelo *Sem Capa*. Sem a pretensão de classificá-lo como pornográfico pelo único fato de estar em uma plataforma considerada pornô, podemos aventar a diluição de fronteiras que se articulam no fenômeno. Ao passo que vislumbramos a situacionalidade, podemos perceber a *intertextualidade* como uma camada abigarrada ao texto, dado que ele está em relação e diálogo com tantos outros situados no campo do pornográfico e do audiovisual, bem como se estabelece entre dinâmicas de textos e contextos.

3.1.1 Pornografias

Faz-se crucial recuarmos em algumas pontuações sobre a pornografia que auxiliarão as reflexões posteriores com o fenômeno. Um dos elementos de destaque refere-se à etimologia. Dominique Maingueneau (2010) enfatiza o fato de o termo ser historicamente novo, cujas origens datam o século XVIII com os escritos de Nicolas Edme Restif de La Bretonne e a palavra “pornógrafo” que lhe descrevia. A gênese de “pornografia”, derivada de “pornógrafo”, remonta ao século XIX, e as bases semânticas vinculavam-se à prostituição. Nuno Cesar Abreu (2012) retoma a origem grega da palavra cujos significados dicionarizados trazem as raízes ligadas à prostituição, mas também como algo depravado ou devasso. Preciado (2018a, 2020) já capta a dimensão arquitetônica e espacial na recuperação da origem histórica. Segundo o filósofo, no século XVIII, período do Iluminismo na Europa, obras de arte que retratavam corpos e relações sexuais foram achadas nas ruínas calcificadas da cidade de Pompeia, encoberta pelas lavas do vulcão Vesúvio. Por não condizerem com os princípios de moralidade da época, após questionamentos sobre poder ou não exibi-los, todos os materiais encontrados foram armazenados no Museu Secreto de Nápoles, um local restrito para apenas homens. Preciado (2020, p. 198) diz que:

O museu operava uma segregação política do olhar em termos de gênero, de classe e de idade posto que apenas os homens adultos aristocratas tinham acesso a ele. O muro do museu materializava as hierarquias sociais construindo diferenças político-visuais através da arquitetura e de sua regulação do olhar.

Nesse contexto histórico, emerge a palavra “pornografia” como um termo para adjetivar as obras do museu, bem como uma forma de classificar o que era considerado obsceno, ou seja, que deveria ser colocado fora de cena, logo relegado à proibição e ao ocultamento. Ainda nesse

ângulo da historiografia, a exibição e o acesso apenas para homens condicionou a aproximação e produção da pornografia fundamentalmente para e por homens.

Cabe, sucintamente, perceber o enovelamento entre conceitos como pornografia, erotismo e obscenidade. Aos dois primeiros, como Abreu (2012) descreve, a sexualidade é elementar, o que não é necessariamente um critério para o obsceno. Para Maingueneau (2012), o obsceno tem certa ligação com a sexualidade, contudo é um jogo que evoca uma ação partilhada culturalmente como transgressora na sociedade. Pelos exemplos trazidos pelo linguista, temos o caso em que uma obra literária narra a violação dos princípios matrimoniais para satisfação sexual das personagens, e não necessariamente a história é focalizada no ato de pormenorizar a relação sexual, mas sim nos desvios da conduta e no envolvimento proibido moralmente. Desse modo, o leitor da obra torna-se cúmplice da ação, se envolve naquele enredo e se excita sexualmente. Por isso, a obscenidade remete ao fora da cena, aquilo que deveria estar oculto. Abreu (2012, p. 25) confirma essa ideia com a significação dicionarizada da palavra e considera que “[c]ometer uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar fora dela. É transgredir”. Já a confusão entre erótico e pornográfico mistura-se à convergência segredo e secreto (ABREU, 2012), mas, ao mesmo tempo, estão em um par contraditório (MAINGUENEAU, 2012). Imprecisos e embaraçados, aventurar-se em distingui-los é cair na armadilha das fronteiras que os unem e os separam. Mais ainda, são fronteiras imprecisas e dependentes da situação de comunicação com qual nos deparamos. Abreu (2012) propõe à pornografia significações atreladas ao des pudoramento, ao obsceno, à excitação sexual, enquanto ao erótico cabe um trânsito mais fluído por representações amorosas e por pactos compartilhados na sociedade como possíveis numa lógica moralista. Cabe enfatizar que o erótico segue além e aquém do sexual, pois o erotismo se dá nos impulsos à vida, ao prazer, seja ele sexual e de outras formas. O diálogo com Maingueneau (2012), aqui, vai ao encontro da argumentação desenvolvida e traz nuances qualitativas para a distinção entre pornográfico e erótico. Tidos como contrastantes, essas categorias são postas em uma escala hierárquica de inferioridade e superioridade. Enfim, ensaiar diferenciá-las nos revela mais as imprecisões e os trânsitos do que separações e enquadramentos estanques.

“Progressivamente, a referência à prostituição desapareceu, e ‘pornografia’ veio a designar qualquer representação de ‘coisas obscenas’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Apesar das origens cambaleantes que circundam a etimologia da pornografia e os atravessamentos da obscenidade e do erótico, entendemos com Maingueneau (2010) a permanência, até hoje, nas instituições em classificar e julgar diferentes conteúdos como

pornográficos tendo objetivos específicos para alcançar e reduzi-los. Por exemplo, as classificações judiciais intervieram em conteúdos cinematográficos, televisivo, etc. No cinema hollywoodiano, Linda Williams (2012) lembra as rotulações como filmes PG, aqueles em que os pais deveriam acompanhar seus filhos, e X, tidos como pornográficos. Nas palavras de Williams (2012, p. 19), “[a]o passo que os filmes PG escondem o sexo e tratam o beijo apenas como uma entrada ao que não será revelado, os filmes X revelam o funcionamento e a hidráulica do sexo”. A pesquisadora visa avançar pelo questionamento da exibição e entende que o sexo, seja explícito no pornográfico, seja ocultado como em produções comerciais para o cinema e a televisão, está presente nos conteúdos consumidos por nós, bem como constitui uma forma de aprendizado, aspectos importantes que retomaremos adiante e já lembrados por Fischer (2002). Para ilustração desse sistema de categorização judicial no Brasil, hoje, vigora a Classificação Indicativa (Classind) que tem regras e parâmetros para enquadrar uma produção como livre ou não recomendada para faixas etárias de até 10, 12, 14, 16 e 18 anos.

A Classificação Indicativa - ClassInd - é uma informação prestada às famílias sobre a faixa etária para a qual obras audiovisuais não se recomendam. São classificados produtos para televisão, mercado de cinema e vídeo, jogos eletrônicos, aplicativos e jogos de interpretação (RPG).¹⁰

Observemos que os parâmetros de regulamentação midiática publicados pelo Ministério da Justiça referem-se ao público infante-juvenil, o qual, segundo a instituição demarca, deve ser resguardado pelos responsáveis quanto a ter contato com as produções categorizadas para sua respectiva idade. Desse modo, percebemos como as classificações têm finalidades específicas que delimitam uma produção dentro de critérios de moralidade, adequação para faixa etária e possibilidade de exibição pública (ou não), por conseguinte, criam-se zonas ocultas onde a pornografia se inscreve e transita.

Assim, a pornografia é associada a algo imoral, escuso e apagado, concepções que tornam o campo ainda mais problemático para discussões sobre os processos comunicacionais que lhe envolvem. Preciado (2018a) provoca acerca da pressuposta definição rasa sobre a pornografia, que reduz as possibilidades de reflexão. Embora seja um terreno com múltiplas oportunidades de entrada, há insuficientes debates acadêmicos sobre esse fenômeno, pois é tratado como “lixo cultural”, nas palavras de Preciado (2018a, p. 24), unindo-se ao fato de ser posto e usado apenas para fins masturbatórios e de satisfação sexual. Diante dessas

¹⁰ Informação on-line publicada no site do Ministério da Justiça. Disponível em: <https://dados.mj.gov.br/dataset/classind-sistema-gerencial-da-classificacao-indicativa>. Acesso em: 19 dez. 2021.

considerações, o filósofo traça a necessidade de questionar e subverter tais caminhos pressupostos como cristalizados. Na introdução desta dissertação, por meio do breve levantamento realizado em bancos de pesquisa, notamos como os resultados de investigações que versam temáticas do pornográfico são reduzidos e estão em consonância com tais percepções.

Maingueneau (2010, p. 23) constata que “existir” é um verbo que opera na ambivalência do campo do pornográfico. Em seu trabalho com a literatura pornográfica, Maingueneau (2010) exemplifica como livros desse tipo existem de fato, mas são vistos em livrarias em espaços distantes do olhar, são ocultos dentro de casa ou com acessos sigilosos. Se estendermos o exemplo, nas bancas de jornais e revistas em períodos de venda das extintas revistas *Playboy Brasil* e *G Magazine*, sobretudo esta, expunham-se as capas em prateleiras mais altas ou mais baixas, e não ficavam no campo fácil de visão das pessoas que frequentavam esses locais, tornando necessário esforçar-se para encontrá-las. Ainda, as sessões e salas de cinema para transmissão dos filmes, que também se tornaram pontos de encontros para relações, eram específicas para aquela veiculação e com funcionamento por meio de certas convenções entre seus frequentadores (DYER, 1985). Na época das videolocadoras, os filmes pornográficos eram expostos em espaços escondidos atrás de cortinas, em salas especiais, com certa discrição ou em estabelecimentos conhecidos por essas produções, como a livraria e sexshop *Circus of Books*, de Los Angeles na Califórnia — retratada no documentário “Atrás da Estante” da *Netflix* —, que se tornou um espaço de encontro para homens não heterossexuais nos anos 1970 e 1980, assim como comercializou e produziu filmes pornográficos *gays*. Vale o adendo de que Maingueneau (2010) restringe seu pensamento ao discurso literário e se distancia do circuito pornográfico audiovisual e impresso (para além do literário). Com isso, queremos ponderar os riscos da armadilha da hipótese repressiva foucaultiana incutida em suas argumentações. Não é que a pornografia nunca pode existir, como ele marca com a ideia de “atopia”, e ela sempre foi regulada e o que mudou foram as condições de regulação, principalmente, com a internet banda larga.

Preciado (2020, p. 126), derivando do conceito de heterotopia em Foucault, a partir dos estudos sobre a *Playboy* e seu arquipélago midiático pós-1950, trabalha o conceito de “pornotopia”. Trata-se da “(...) capacidade de estabelecer relações singulares entre espaço, sexualidade, prazer e tecnologia (audiovisual, química etc.), alterando as convenções sexuais ou de gênero e produzindo a subjetividade sexual como um derivado de suas operações espaciais”. Essa concepção aponta para a dilatação da pornografia para qualquer lugar, visto

que o indivíduo precisaria apenas abrir a sua *Playboy*, ou assistir aos *reality shows* da *Mansão Playboy*, frequentar seus clubes e, se pensarmos agora, abrir uma plataforma pornográfica em seu celular com a facilidade da internet. Porém, vale ressaltar que a circulação prolifera e altera o seio social. Isso não significa que elas não eram acessíveis, mas funcionavam sobre certas lógicas. As condições de funcionamento desse circuito que mudam, o que borram as fronteiras e torna o pornô transnacional.

Williams (2012) segue no questionamento sobre “exibir” ao recordar que, a partir da década de 1960, as relações sexuais começaram a fazer parte das cenas no cinema norte-americano. Até então, as gravações somente insinuavam que a continuidade da ação seria a relação sexual entre as personagens, mas não eram mostradas. A pesquisadora, portanto, questiona essa transformação no ato de *exibir* e situa suas reflexões a partir dos significados deste verbo (no inglês, *screen*). “Os filmes tanto revelam como escondem” (WILLIAMS, 2012, p. 16), ou seja, essa dupla regência do verbo *exibir* indica para o ato sexual como algo revelado, por um lado, mas dissimulado, por outro. Ora revelam, ora escondem. Esses apontamentos apresentam a dualidade das relações sexuais gravadas, em que podem revelar parte das ações, mas os modos como as imagens e os sons são capturados deixam de fora tantos outros aspectos constitutivos do sexo. Assim, quando olhamos para esses textos pornográficos, considerando a gama de signos audioverbovisuais que os formam, vislumbramos uma construção, com atuações, mediada por um conjunto de aparatos cênicos, mas que, em simultâneo, delega possibilidades imaginativas a cada um dos espectadores e estão em consonância com outros textos com os quais já nos relacionamos, em intertextualidade (WILLIAMS, 2012).

“Imagens em movimento são certamente a educação sexual mais poderosa que a maior parte de nós vai receber” (WILLIAMS, 2012, p. 20). Essa afirmação da pesquisadora nos indica que a aprendizagem sobre sexo envolve provocar em nós o desejo e a excitação com práticas, cultivar quais são as melhores e mais desejáveis relações sexuais e conformar quais são os corpos mais cobiçados e os que não são atrativos. Williams (2012, p. 31) chama a exibição do sexo como “experiência vicária”, uma maneira de conhecer as relações sexuais, mesmo se não transarmos, e moldar nossas apreciações e gostos. Outro ponto da argumentação da pesquisadora é por meio da expressão “em/cena” (WILLIAMS, 2012, p. 22) que designa a expansão da representação do sexo em diferentes espaços. Essas alterações nas exibições estão relacionadas com as mudanças culturais e políticas advindas da conjuntura histórica que atravessa as sociedades ocidentais a partir dos anos 1960 e catalisadora para os estopins de mudanças sociais já descritas aqui. Preciado (2018b, 2020), no que diz respeito sobre suas

argumentações filosóficas e experienciais, entende esses movimentos como uma passagem das noções disciplinares vistas por Foucault (1998, 1999) como constituintes do poder para a *farmacopornografia*, em que os corpos e os prazeres são centrais para o capitalismo emergente do período pós-Segunda Guerra Mundial cujas transformações envolvem materiais sintéticos para (re)elaboração corporal, fármacos para controle reprodutivo e sexual e a pornografia como um produto para consumo das pessoas.

Desse modo, as noções de *excesso* e *máxima visibilidade* (BALTAR, 2011, 2014) interagem com o fenômeno da pornografia e com aspectos da pedagogização. Baltar (2014) entende que a promessa do real na pornografia se desenvolve pelo *excesso*. Mobilizam-se desejos e saberes pela superexposição das performances do corpo. Para a pesquisadora, as promessas de real formam um conceito em disputa na contemporaneidade, especialmente, no século XXI, assinalando a hipertrofia do espaço privado e também a espetacularização de aspectos ordinários da vida. Com isso, ela compreende o real “(...) como efeito de sentido que abraça os discursos, investindo-os de uma poderosa couraça (e lugar de fala), que conforma a experiência diante do texto (seja em sua forma escrita ou imagético-sonora) e, correlatamente, do mundo” (BALTAR, 2014, p. 6). Por esse prisma, a aproximação entre documentário e pornografia realizada por Baltar (2011) ocorre pela *máxima visibilidade*. Esse princípio se articula ao excesso ao passo que mostrar/expor é essencial para conferir realidade. Desse modo, explícito e real caminham *pari passu* com excesso e máxima visibilidade. Conforme afirma, “[é] real o que é visível, pois o que pode ser visto (sobretudo pelo olhar maquínico) pode ser experimentado, racionalizável, verificável. No contexto da contemporaneidade, de um modo mais adensado ainda, ser visível é existir” (BALTAR, 2011, p. 479). Assim, a produção pornográfica vale-se, por exemplo, dos *close ups* para captura dos órgãos considerados “sexuais” (PRECIADO, 2011) de modo a mostrar como os prazeres e os desejos são engendrados e sexualizados nos corpos. O ápice/clímax das narrativas pornográficas é o gozo de homens em cena, a ejaculação, a qual simboliza o orgasmo desses homens e culmina, por vezes, o encerramento da relação sexual. Logo, a ejaculação é o objetivo da narrativa pornográfica, em que o gozo do ator em cena junta-se ao gozo do espectador (DYER, 1985).

Conferir visibilidade é fazer com que algo exista. E na história do cinema, os filmes *hard core* — característicos pela exibição explícita das ações genitais e do *money shot*, ejaculação dos homens para a câmera — uniram elementos estéticos para sua construção e consolidação no mercado, como captura sonora, movimentos corporais, performances das pessoas, números sexuais específicos, etc. (ABREU, 2012). Essas produções heterossexuais

criaram narrativas em que a pornotopia se funda pelo excesso e escassez, ou seja, segundo Abreu (2012, p. 138), “[n]o universo pornotópico, o sucesso (sexual) é quase sempre sinônimo de excesso, opondo-se a escassez ou privação”. Para tornar real o que é narrado e exibido, deve-se colocar em evidência para garantir o sucesso do princípio de máxima visibilidade. Como o pesquisador lembra, o pornô opera e precisa tanto da fantasia quanto do realismo, visto que firma um pacto de narrativa atravessada pela fantasia com os espectadores, mas precisa garantir a realidade às cenas. Por isso, vale-se dos enquadramentos de imagens nos números sexuais, por exemplo. De certa forma, Abreu (2012) desenvolve seu argumento mostrando que o filme *hard core* tinha a intenção de oferecer para quem o assistia formas de fugir da realidade, de problemas da vida cotidiana e social, de resolver transtornos, mas, ao mesmo tempo, mobilizava elementos do real que são parte da vida das pessoas; todavia, o pesquisador levanta questionamentos sobre onde seriam os pontos de intersecção entre o que é construído narrativamente e a vida do público. Entre diálogos e críticas ao *hard core*, o pornô se estabelece com a narrativa cunhada com redundâncias, excessos nas práticas e a decupagem do corpo, por outras palavras, a fragmentação corporal em genitálias em ação.

Para *fazer ver* um corpo, apodera-se dele fragmentando-o com a ditadura dos *closes*. Talvez porque a exibição dos corpos se esgote com sua entrada em cena, eles já são reduzidos a uma de suas partes: as nádegas, o pênis, a vagina, o esperma encontram uma ‘individualidade’ na linguagem (ABREU, 2012, p. 161-162, grifos do autor).

A conclusão de Abreu (2012) confirma a máxima visibilidade em operação para dar a ver corpos decupados sexualmente e a criação de uma economia de corpos e prazeres com finalidades de comércio e consumo. Contudo, cabe questionar o argumento do pesquisador sobre a exploração dos corpos tidos como masculinos ou femininos serem igualmente objetificados. Há assimetrias nessa exposição e objetificação, as quais devem ser problematizadas quanto às questões de gênero, sexualidade e raça, uma vez que são constituídas e constitutivas dos fenômenos do campo do pornográfico. Além disso, Abreu (2012) constrói sua pesquisa sobre objetos e discussões atrelados à heterossexualidade, o que camufla e invisibiliza a exibição e reflexão sobre a representação de relações não heterossexuais.

Em um texto sobre aproximações e semelhanças nas formas de construir a pornografia *gay* e a homossexualidade, Richard Dyer (1985, não paginado, tradução nossa) identifica o caráter pedagogizante da pornografia pelo fato de oferecer “conhecimento do corpo”¹¹, o qual

¹¹ No original: “knowledge of the body”.

pode ser julgado por valorações de bom ou ruim. No caso, o estudioso entende como ruim por reforçar um conjunto de construções de masculinidades problemáticas nas relações. O conhecimento da experiência do corpo é da ordem da afetação, daquilo que mexe conosco de alguma forma. Dyer (1985) demarca a diferença entre conhecimento experiencial de conhecimento espiritual ou intelectual. Embora ambos se interseccionem na construção social, a experiência tem a dinâmica do corpo, das afetações, do sentir e experienciar. Por essas razões, o conhecimento no e do corpo é relegado, muitas vezes, como menor, esvaziado e pacificado na natureza.

Na esteira da discussão sobre pedagogias da pornografia, Dyer (1985, não paginado, tradução nossa) afirma que “[a] pornografia pode ser um local para ‘reeducar o desejo’ (...), e de uma forma que constrói o desejo no corpo, não apenas teoricamente em relação a, e muitas vezes contra ele”¹². Desse modo, a pornografia *gay* alça significados socialmente a partir do que representa, ou seja, põe em circulação entendimentos sobre masculinidades, sexualidade, classe, raça, etc. Com base em exemplificações para o desenvolvimento de seu argumento, o pesquisador questiona os limites entre representação e prática, ou seja, em que medida o que é descrito ou representado na pornografia passa a fazer parte prática em nossas vidas (DYER, 1985).

Em continuidade as reflexões, Dyer (1985) explora a complexidade da pornografia *gay* que não se limita apenas ao ato de assistir às produções, por exemplo. Ele relembra que os encontros em cinemas onde são exibidos esses filmes funcionavam como espaço em que homens faziam sexo com outros, configurando “(...) uma ocasião para a produção de conhecimento corporal do corpo” (DYER, 1985, não paginado, tradução nossa)¹³. Esse conhecimento da experiência do corpo, já pensado pelo pesquisador, é algo que afeta, balança e enreda ainda mais o campo do pornográfico, sobretudo, voltado para homens *gays*. Por outro lado, convém avançar, especialmente pelo contexto no qual a obra de Dyer foi escrita. Hoje, com as extensivas oportunidades de acesso à pornografia, outros modos de relacionar com esses materiais permitem aos consumidores outras experiências do/no/com o corpo. Não que sessões de cinema não sejam pontos de encontro para relações sexuais, assim como festas, banheiros, parques e outros espaços públicos nos quais a configuração arquitetônica e os códigos que circulam entre seus usuários manifestam as oportunidades de se relacionarem, mas é perceber

¹² No original: “porn can be a site for ‘re-educating desire’ (...), and in a way that constructs desire in the body, not merely theoretically in relation to, and often against, it”.

¹³ No original: “(...) an occasion for the production of bodily knowledge of the body”.

que outras camadas se unem. Com a amplificação de acesso à internet e o desenvolvimento plataformizado, é possível assistir um vídeo pornográfico a qualquer momento. Há uma “audiência solitária”, como descreveu Abreu (2012, p. 224) chamando esse fenômeno de “domesticação do obsceno”, em que, ao mesmo tempo se consome produções em um espaço coletivo da *web*, mas de modo individual privado. Sob outra perspectiva, se os cinemas permitiam os encontros afetivos e sexuais entre homens, hoje, com tantas plataformas, como *Tinder*, *Grindr* e *Happn*, aplicativos para conhecer pessoas e conseguir possíveis “*matches*”, expandem as oportunidades de relacionar, interagir e experimentar. Podemos apreender essas disseminações de oportunidades de sociabilidade mediadas pelas tecnologias com Miskolci (2017), visto que o pesquisador reconhece a procura por parceiros nas plataformas on-line como crescimento da sociabilidade entre homens *gays*, algo que há décadas opera-se de modo escondido ou em territórios próprios para ocorrer, oportunizando, assim, alternativas para conectar-se e espreitar seus desejos sexuais e amorosos.

Evoluindo pelas modificações nas interações e consumos, as mudanças na produção pornográfica são retroalimentadas por outras formas de fazer uso e interagir com esses conteúdos. Desde a possibilidade das fitas VHS, o aparelho de televisão e, avançando mais que Abreu (2012), os *smartphones*, computadores e dispositivos móveis conectados à internet, adaptam-se técnicas e estratégias para participação dos espectadores, que conseguem produzir e publicar, inclusive, seus próprios vídeos amadores, relacionar-se com os vídeos já postados, avançar pela gama interminável de materiais à disposição. Nessa toada, Maingueneau (2010) assimila o regime audiovisual da pornografia como um processo em difusão pela internet facilitado pelos cliques que favorecem com que naveguemos até encontrar o conteúdo desejado ou satisfazer nosso desejo. Logo, o olhar, tão importante na construção epistêmica na contemporaneidade (ABRIL, 2012) perante a produção incessante de imagens — entendidas, aqui, em uma dimensão ampla, para além do imagético —, se delonga. “O olhar é uma ‘extensão’ do tato e o corpo do espectador funciona como uma superfície onde se projetam as imagens emanadas da tela do monitor”, conclui Abreu (2012), o que emaranha ainda mais o jogo pornográfico, incrementa as facetas tecnológicas e envolve a construção corporal e da subjetividade.

Como vimos, a diferenciação qualitativa entre pornografia, erotismo e obscenidade assinala formas de descrever e caracterizar as relações sexuais. Porém, o trânsito entre cada categoria não é pacífico e está longe de ser estanque, mas permeado pelas contradições e interseções (ABREU, 2012). Somadas essas razões às alterações apresentadas, conjecturamos

trabalhar com a noção de pornografias, acentuada pela flexão no plural, visto que há múltiplas configurações textuais nesse fenômeno à medida que segue se transformando diacronicamente pelas culturas e incorporando camadas de complexificação nas dinâmicas de produção, circulação, exibição e consumo. Tal heterogeneidade e movimento será vislumbrado a seguir, ao caminharmos pela plataformização de modo a suscitar como as dimensões on-line chacoalham o pornográfico.

3.1.2 Plataformização

Embora se multipliquem no frenesi da internet e se alastrem com distintos propósitos e atividades, as plataformas on-line convergem em pontos semelhantes como prestação de serviços, compartilhamento de dados, elementos regulatórios e processos comerciais, conforme traz Carlos D'Andréa (2020), que exemplifica com o *Facebook*, *Grindr*, *Duolingo* e tantas outras que são partes de nossos cotidianos, conectando-nos e influenciando nas relações estabelecidas a partir de estratégias comerciais cunhadas para se estabelecerem. Essas plataformas on-line são infraestruturas cujas relações entre usuários e serviços são co-desenvolvidas e em permanente fluxo. Trata-se, nas palavras de Thomas Poell, David Nieborg e José Van Dijck (2020, p. 4), de “(...) infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”. As plataformas, portanto, formam ambientes on-line em que há processos comunicativos que transbordam para o social (D'ANDRÉA, 2020; MINTZ, 2019; POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020).

Duas ponderações de André Mintz (2019) vislumbram a complexidade das plataformas. O pesquisador apreende que elas se situam na internet com seus produtos e serviços com a visada de integrar os usuários. Porém, não é uma intermediação entre serviços e consumidores, o que simplificaria as conjunções tecnológicas, atividades comerciais e interatividade intrínsecas nesse fenômeno. Enredam-se do on-line ao social, o que dilui as balizas entre público e privado. Ao historicizar o cenário de emergência das plataformas a partir dos anos 2010, Mintz (2019) assina, entre as características já apresentadas, a individualização como propriedade dos acessos. Mesmo que seja um fenômeno que retroalimenta mudanças sociais, o indivíduo assume centralidade nos negócios, visto que o acesso de cada um incorpora o usuário aos serviços, enquanto os individualiza possibilitando, por exemplo, a sugestão de certos

conteúdos publicitários que interagem com os interesses de navegação. Tudo isso só é possível em razão de cinco dimensões que compõem as plataformas: *datificação* e *algoritmos*; *infraestrutura*; *modelos de negócio*; *governança*; *práticas* e *affordances* (D'ANDRÉA, 2020).

O gesto de “desmontar” empreendido por D'Andréa (2020) possibilita com que associemos a plataforma aos nossos fenômenos de estudos de modo a “remontá-la”. Assim, *datificação* e *algoritmos* estão concatenadas, pois as conversões das informações de navegação dos usuários, ou seja, suas ações na plataforma, são coletadas e interpretadas para antecipar os gostos daquele indivíduo. Isso se dá por meio do processamento de algoritmos, os quais são, por vezes, escusos e protegidos pelas corporações a fim de resguardar a arquitetura e os meios de coletamento dos dados (LIGHT, BURGESS, DUGUAY, 2018). A *infraestrutura* corresponde aos arranjos/materialidades da rede, da retenção dos dados, das ambiências. Já os *modelos de negócio* relacionam-se às ações comerciais e econômicas das plataformas por meio da articulação com os dados e processamentos. *Governança* é a configuração de funcionamento da plataforma gerida por regras específicas, como as políticas de privacidade e termos de serviço. Por último, *práticas* e *affordances* vinculam-se às ações dos usuários através da materialidade disponível na plataforma (D'ANDRÉA, 2020).

Caminhar das plataformas à *plataformização* é apreender como interagem/participam/compartilham na vida social. Van Dijck (2019, online) denomina esse atravessamento de setores pelas estruturas das plataformas, que influem em âmbitos da vida, como “plataformização da sociedade”. Soma-se aqui alterações culturais nas práticas e nos imaginários circulantes culturalmente (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020). Um cuidado válido de ser ponderado corresponde ao pressuposto entendimento de tudo estar plataformizado, o que pode trazer equívocos nas apreensões e exige com que complexifiquemos os desafios de investigação dos serviços de diferentes setores (D'ANDRÉA, 2020).

Nessa esteira de discussões sobre a plataformização, Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 5) operacionalizam o conceito ao vislumbrar três dimensões em ação: “infraestruturas de dados, mercados e governança”. A infraestrutura de dados remete também aos metadados comportamentais, logo os dados gerados pelos usuários são processados para sugestões de conteúdos, oferecimentos de serviços e integrados aos dispositivos que usamos no cotidiano. Os mercados são arranjos econômicos multilaterais, e a governança representa as interações estabelecidas entre os usuários dos serviços, o que envolve os esquemas algorítmicos, a interface da plataforma e as normas para regulação (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020).

Em vista dos mecanismos que agem nesse fenômeno de plataformização e em diálogo com D’Andréa (2020, p. 21) que afirmou que “[m]úsica, filmes, games, turismo, etc. são alguns dos setores cujos mercados foram profundamente transformados pela lógica do Spotify, do Amazon Prime, do Twitch, do Airbnb e de tantas outras plataformas”, analogamente situamos que o setor da pornografia segue em transformação com as dinâmicas e lógicas cunhadas pelas plataformas *Xvideos*, *Pornhub*, etc. O capitalismo emergente após a Segunda Guerra alterou os regimes de controle do poder e trouxe os corpos e prazeres para a centralidade das produções. Entre essas mudanças, Preciado (2020) identificou que a *Playboy* teve papel potencial nas novas configurações para os espaços domésticos, nas relações sociais, no exercício da sexualidade e da constituição da subjetividade e masculinidade dos indivíduos — processo farmacopornotópico classificado pelo filósofo como “playboyzação” (PRECIADO, 2020, p. 205). Hoje, o afloramento das plataformas interage com outras formas de relações cunhadas pela sexualidade na pornografia e seu alastramento pela internet. Tal fato é exemplificado pelos 42 bilhões de visitas ao *Pornhub* em 2019, uma média 115 milhões de visitas diárias, assim como o destaque para procuras por relações sexuais amadoras ou, ainda, os termos mais buscados serem “*japanese*”, “*hentai*” e “*lesbian*” (PORNHUB INSIGHTS, 2019).

Pensemos, a seguir, por meio dos apontamentos dos processos de plataformização, a *Xvideos*, fundamentalmente pelo fato de ser uma das plataformas onde o *Sem Capa* se situa, na qual está completo e em continuidade para interação dos usuários, bem como uma das que adquire maior sucesso no segmento pornográfico. Conforme a plataforma *SimilarWeb*¹⁴, que realiza um trabalho de medição e análise do tráfego na internet, a *Xvideos* foi o sétimo site com maior tráfego do mundo em novembro de 2021 e o primeiro na categoria “adulto”¹⁵. No Brasil, a *Xvideos* está em oitavo lugar, atrás do *WhatsApp*, *UOL*, *Instagram*, *Globo*, *Facebook*, *YouTube* e *Google*, respectivamente em ordem decrescente de tráfego¹⁶.

3.1.3 *Xvideos*

A demarcação da *Xvideos* como plataforma on-line não estabelece relação de sinonímia para site ou unicamente um local para subir vídeos e se tornar repositório de conteúdos sexuais. Entendemos as plataformas on-line como “(...) ambientes que condicionam a emergência de

¹⁴ Disponível em: <https://www.similarweb.com/website/xvideos.com/>. Acesso em: 30 dez. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/category/adult/>. Acesso em: 30 dez. 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/brazil/>. Acesso em: 30 dez. 2021.

um social” (D’ANDRÉA, 2020, p. 18). Por tal razão, compreendemos a *Xvideos* nessa trama da pornografia platformizada. Nosso estudo vislumbra entender mais que a estruturação da plataforma, mas os agenciamentos e práticas dos usuários, como Sa João e seus espectadores, em que há uma retroalimentação entre plataforma e práticas culturais que se moldam, (re)organizam e (re)configuram constantemente. Contudo, enveredar pelas dimensões constitutivas será uma forma de enfatizar sua estruturação e as relações estabelecidas ali.

Vale o adendo de que, durante as buscas realizadas, conseguimos poucos resultados sobre a corporação por trás da plataforma. Produto da empresa *WebGroup Czech Republic, a.s.*, a *Xvideos* disponibiliza breves informações sobre si em seu site, concentrando-se principalmente nos Termos de Serviço¹⁷ e Políticas de Privacidade¹⁸. Algo diferente de sua concorrente direta no segmento pornográfico, a *Pornhub*, da empresa canadense *MindGeek*. Em sua plataforma, estão dispostas seções com transparência para alguns (não todos) dados de acesso e consumo.

O endereço da corporação proprietária da *Xvideos* aparece entre as informações disponíveis nos termos de uso. A sede está localizada em Praga, capital da República Tcheca. Atentar-se para a localização não é simplesmente um apontamento sobre a internacionalização do negócio e sua abrangência mundial, mas, sim, uma questão geopolítica e estratégica já exemplificada por Preciado (2020). O filósofo lembra do bordel *Big Sister*, fundado em 2004 nessa cidade, cujo nome alude ao *reality show Big Brother*, com transmissões das relações sexuais que aconteciam ali como um *streaming*. Lá, os clientes não pagavam pelos serviços em troca das filmagens serem veiculadas na internet. Isso foi possível posto que “Praga é uma cidade com uma grande população de trabalhadoras sexuais, com salários baixos, com leis liberais de prostituição e com um aeroporto que garante o desembarque regular por linhas *lowcost* de visitantes de todo o planeta” (PRECIADO, 2020, p. 219).

Com a ação de “(des)montar” as plataformas (D’ANDRÉA, 2020), associamos as camadas constitutivas da *Xvideos*. Esse esforço tem finalidade didática para situarmos onde está o projeto *Sem Capa*, pois os cinco princípios são emaranhados e, em certos pontos, encobertos publicamente e de difícil análise. Todas as informações descritas podem mudar temporalmente, visto que os termos encontrados são atualizados pela plataforma conforme as necessidades da corporação.

¹⁷ Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/tos/>. Acesso em: 25 dez. 2021.

¹⁸ Esta versão foi publicada em 2 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/privacy>. Acesso em: 25 dez. 2021.

Assim, primeiro, cabe pensar a *governança* por ser proveitoso para vislumbrarmos as regulações da plataforma, as quais são aceitas e consentidas desde que entramos em seu domínio. Segundo D'Andréa (2020, p. 42), as principais presentes nas plataformas são “termos de serviço” e “diretrizes para a comunidade”, podendo variar os nomes e formatações. Os documentos de governança da *Xvideos* estão reunidos na página “informações e links”, na seção “conteúdo legal”¹⁹. Ei-los: termos de serviço, repetição da política de infração²⁰, política de privacidade, declaração anti-pirataria²¹, aviso de privacidade²² e política de cookies²³.

Conforme consta nos termos de serviços, usuários da plataforma que não possuem cadastro/conta concordam com as regras descritas ali. Já para quem busca criar uma conta ou acessar seções específicas da plataforma, como a versão *Red*, haverá necessidade de anuência às políticas de privacidade. No primeiro caso, os avisos de privacidade explicam como a *datificação* funciona. Nenhum dado pessoal é armazenado, processado ou coletado durante o acesso sem conta, exceto em quatro situações: quando, por meio do preenchimento de formulários, o usuário relata abusos; pedido de retirada de conteúdos alegando direitos autorais; envio de contra-notificação sobre direitos autorais; e contato diretamente com a organização por e-mail, telefone, etc. A plataforma pede aos usuários que interagem com os serviços para manterem os dados pessoais sempre atualizados. Outro adendo exposto é sobre a coleta de informações por sites terceiros, *links* que redirecionam para outras páginas e *plugins* presentes na *Xvideos*. Nesses casos, a organização isenta sua responsabilidade e indica ao usuário que leia os termos de cada página externa.

Coleta, uso, armazenagem e transferência de dados envolvem identidade do usuário, meios de contato e outros detalhes exigidos nos formulários, como o endereço de IP. Conforme é descrito, os dados só são utilizados para os mesmos fins em que são coletados, ou seja, para as quatro situações supramencionadas. Ainda, os informes dos avisos de privacidade expõem o funcionamento de cada caso, assim como explicam os critérios de segurança da plataforma para evitar que os dados pessoais vazem e sejam apropriados ilegalmente, bem como situações que exigem transferências internacionais de informação e os direitos legais resguardados pelas leis de proteção de dados.

¹⁹ Disponível em: <https://info.xvideos.com/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/repeat>. Acesso em: 27 dez. 2021.

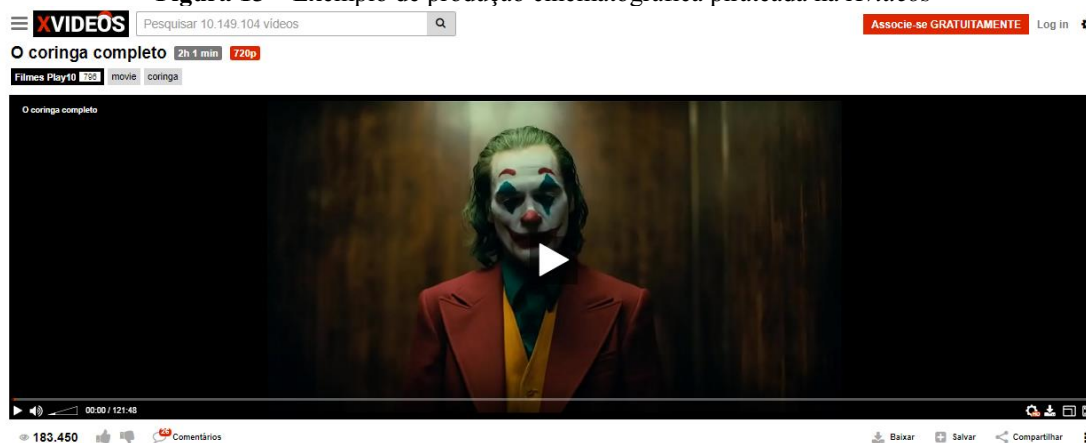
²¹ Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/piracy>. Acesso em: 27 dez. 2021.

²² Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/privacynotice>. Acesso em: 27 dez. 2021.

²³ Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/cookiepolicy>. Acesso em: 27 dez. 2021.

De toda forma, o algoritmo por trás da coleta de dados não é exposto e nem mesmo mencionado. A proteção de sua arquitetura, como as plataformas sempre trabalham (D'ANDRÉA, 2020), se dá pelo ocultamento de informações. Somente em casos polêmicos ou relacionados a pressões institucionais que, de fato, o mecanismo algorítmico é revelado, como ocorreu com o *Tinder* e o *Algoritmo 101* que regia a plataforma por meio de pontuações aos usuários baseadas nas interações com o perfil²⁴. Nos termos cunhados pela *Xvideos*, não há menção ao algoritmo e nem mesmo seu funcionamento, limitando-se apenas à coleta de dados pessoais dos usuários em certas situações. Reconhecemos uma preocupação patente da *Xvideos*, frisada em diferentes documentos e que passa pelo processamento algorítmico, referente à pirataria ou ao rompimento de direitos autorais. Regida por leis americanas, embora esteja sediada em Praga, a corporação tematiza os instrumentos através dos quais visa amparar a proteção de conteúdo e evitar que sejam apropriados por terceiros. Sabemos, por outro lado, que as apropriações da plataforma são diversas, como abordaremos mais adiante, como a publicação de filmes cinematográficos para burlar os sistemas de reprodução e venda do produto, os quais, muitas vezes, passam despercebidos entre a gama de publicações.

Figura 13 – Exemplo de produção cinematográfica pirateada na *Xvideos*



Fonte: *Xvideos*

(https://www.xvideos.com/video54935737/o_coringa_completo)

Os termos de serviços também descrevem as condições reconhecidas para ser um usuário da plataforma. Entre elas, destacam-se ter maioridade consoante a geolocalização da pessoa, saber que os conteúdos presentes na *Xvideos* envolvem relações sexuais explícitas e que sua utilização será apenas para fins pessoais, e não comerciais. O terceiro termo da seção “abuso

²⁴ Detalhes em: <https://br.tinderpressroom.com/powering-tinder-r-the-method-behind-our-matching>. Acesso em: 30 dez. 2021.

sexual infantil ou atos sexuais não consensuais” descreve o posicionamento da organização com postagens descritas como “adolescentes”, o que, para a *Xvideos*, é considerado apenas como jovens entre 18 e 20 anos e, nesses casos, permitido. Reiteram, ainda, que, se a plataforma encontrar conteúdos de abuso sexual de crianças, o material é removido e as autoridades judiciais comunicadas sobre o caso, ação que também se aplica para postagens de estupro. Para tanto, indicam aos usuários que relatem e denunciem via formulário. Diferentemente de regras de classificação como a ClassInd no Brasil para conteúdos cinematográfico, televisivos, aplicativos e videogames, a *Xvideos* alega que se enquadra nos termos da *Restricted To Adults (RTA label)*, uma associação cujo trabalho é direcionado para proteção infantil e controle parental de modo a rotular sites considerados impróprios e restringi-los. Contudo, para fazer um perfil, exige-se a aceitação dos termos ligados à idade, mas, se o usuário apenas navegar e consumir os conteúdos, restrições de idade não serão atribuições consideradas pela plataforma, a não ser que o conteúdo seja bloqueado pelos pais ou responsáveis.

Para criar uma conta na plataforma, portanto, deve-se oferecer informações pessoais juntamente ao consentimento aos termos de regulação, nos quais são cobrados detalhes corretos sobre si e atualização constante em casos de alteração nos dados. A *Xvideos* reitera a suspensão e banimento do usuário em fraudes, falsificações e incompletude na conta. Faz-se necessário escolher um nome de perfil e senha para acesso ao serviço.

Figura 14 – Banner para criar uma conta na plataforma e benefícios da adesão

The banner is titled "MEMBROS XVIDEOS" and is split into two main sections. The left section, titled "Criar uma nova conta:", contains a registration form with fields for "O seu e-mail (login)", "Nome do perfil", "Palavra-passe", and "Introduza novamente a palavra-passe". Below the form is a checkbox for terms and conditions and a "Próximo" button. The right section, titled "Aqui segue o exemplo de algumas atividades que pode realizar com uma conta GRÁTIS:", lists four benefits: adding/transferring videos or writing comments, building a collection of favorite videos, creating a profile page to make friends, and private messaging. A background image of a tattooed man is visible on the right side.

Fonte: página inicial da *Xvideos* (xvideos.com)

O envio de vídeos, após cadastro, é regulado pelos termos de serviço. Sobretudo, exibem-se critérios sobre violação de direitos autorais, já mencionados, possíveis taxas que possam ser cobradas, autorização das pessoas envolvidas no vídeo, conformidade com as leis

regentes e critérios de exclusão. No total, são 22 tópicos que comandam a publicação de conteúdos na plataforma. Ainda na mesma página, os sétimo e oitavo termos, “isenção de garantia” e “limitação de responsabilidade”, esquivam as imputações e incumbências sobre conteúdos da plataforma, ou seja, a *Xvideos*, em nome de sua equipe, não se responsabiliza por determinados acontecimentos, como vírus que possam corromper o dispositivo do usuário, lesões pessoais e danos materiais. Desse modo, reiteram a regência de leis da República Tcheca para regulamentação dos serviços da plataforma.

Ao ter uma conta, o indivíduo adere aos termos e políticas. Assim, entre os dados coletados, a empresa detentora da *Xvideos* poderá recolher informações desde orientação às preferências sexuais.

*Ao acessar este site e criar uma conta, você concorda que o WebGroup processe seus dados pessoais, incluindo dados que possam refletir ou dizer respeito à minha vida sexual, preferências sexuais e orientação sexual. Você concede meu consentimento na base de que o WebGroup se compromete a confiar nessa base apenas quando for necessário e proporcional para poder cumprir suas obrigações contratuais e proteger seus objetivos comerciais legítimos (tradução nossa, grifo nosso)*²⁵.

Além de informações pessoais como nome, endereço e formas de contato, a plataforma inclui dados pessoais sobre sexualidade. Perceber, portanto, a interface entre processos de datificação e governança na *Xvideos*, aponta-nos para um fenômeno de usos e apropriações da plataforma que não são claramente descritos em diferentes aspectos de circulação. Ainda, vale observar que mais informações acerca do dispositivo de acesso, geolocalização do usuário, interações na plataforma e uso de *cookies* estão imbuídas nesse processamento. Especificamente sobre este último, há uma seção em que, além de explicações sobre o envio de arquivos para o usuário durante seu acesso, afirma que a política de *cookies* envolve o *Google Analytics*, uma plataforma da *Google (Alphabet Inc.)* de mensuração de tráfego na internet. Nesse caso, chama-nos atenção o envolvimento de uma das empresas (*Google*) que compõem as *Big Five* — corporações que convergem e estruturam as ações do dia a dia (D’ANDRÉA, 2020; VAN DIJCK, 2019) — no serviço de processamento das informações, o que simboliza o atrelamento entre as plataformas e a necessidade infraestrutural para o desenvolvimento dos *modelos de negócio* da *Xvideos*. Enredado aos dados coletados, as políticas de privacidade da

²⁵ No original: “By accessing this Website and creating an account, you consent to WebGroup processing your personal data, including data that may reflect or concern my sex life, sexual preferences, and sexual orientation. You grant my consent on the basis that WebGroup undertakes to rely on this basis only where so is necessary and proportionate in order to be able to carry out its contractual obligations and protect its legitimate business aims”. Disponível em: <https://info.xvideos.com/legal/privacy>. Acesso em: 30 dez. 2021.

plataforma (item 2.3) apontam que, embasadas nas informações do usuário, é possível oferecer e individualizar as publicidades da página e as estratégias de marketing, conforme gostos e navegações da pessoa. Nesse campo dos modelos de negócio, as fontes de receita são aspectos importantes comercialmente para as plataformas. Como parte dos fluxos de navegação na *Xvideos* se dão sem a necessidade de assinaturas, logo a empresa angaria lucros de outras formas, com anúncios ao redor dos vídeos e em partes específicas da página de navegação, como ilustrado abaixo.

Figura 15 – Captura de tela de um dos anúncios publicados na *Xvideos*

Não exibir subscrições na página inicial



Anúncios por TrafficFactory.biz

XVIDEOS.com is a free hosting service for porn videos. We convert your files to various formats. You can grab our 'embed code' to display any video on another website. Every video uploaded, is shown on our indexes more or less three days after uploading. About 1200 to 2000 adult videos are uploaded each day (note that gay and shemale videos are filtered from this page, but shown in their respective categories). Our pages (everything that you see hosted on www.xvideos.com) contain absolutely no spyware/adware/trojan/etc. There is no charge (no hidden charges either) for viewing our videos.

XVIDEOS is rated with RTA label. Parents, you can easily block access to this site. Please [read this page](#) for more informations.

[Ganha dinheiro com XVIDEOS](#) - [Termos de serviço](#) - [Política de privacidade](#) - [Publicar Seus Vídeos](#) - [Remoção de conteúdo](#) - [Publicidade](#) - [RSS Feeds](#) - [XVideos Aplicação para Android](#) - [Aviso de privacidade](#) - [XVIDEOS RED](#)

18+

XVideos.com - os melhores vídeos pornô gratuitos na internet. 100% gratuito.

Fonte: página inicial da *Xvideos* (xvideos.com)²⁶

Caminhando pela interface da plataforma, é possível notar semelhanças entre *Xvideos* e *YouTube*, pertencente à *Google (Alphabet Inc.)*, em que se organiza um sistema para reprodução de vídeos distribuídos em mosaicos na tela do usuário, bem como possibilidades de publicação. A afinidade na aparência envolve também a presença de botões interativos, como “curtir”, “não curtir”, “comentar”, “baixar”, “salvar”, “compartilhar” e “denunciar”, que possibilitam ações dos usuários cadastrados. Além disso, a *Xvideos* se separa em três páginas iniciais conforme as categorias “heterossexual” (<https://www.xvideos.com>), “gay” (<https://www.xvideos.com/gay>), “trans” (<https://www.xvideos.com/shemale>), cada uma com *url* própria. Tal gesto denota não só a separação de públicos, mas aciona o caráter sexista de separar relações sexuais, fetichizar corpos e inseri-los conforme o enquadramento pornográfico. A mesma ação segue com as categorias de agrupamento dos vídeos em consonância com os corpos, as relações sexuais e os prazeres evidenciados. No entanto, são categorias caóticas atravessadas pelas imprecisões em qualificar as produções.

²⁶ Acesso em 26 de dezembro de 2021

Figura 16 – Ícones de alternância entre as páginas



Fonte: página inicial da *Xvideos* (<https://www.xvideos.com/>)

Figura 17 – Barra de categorias na seção “pornografia gay”



Fonte: página inicial da *Xvideos* (<https://www.xvideos.com/>)

D’Andréa (2020) destaca a transformação dos serviços gratuitos para versões completas mediante pagamento e assinatura. “Essa tendência é ainda mais efetiva na indústria audiovisual e resultou, no caso do YouTube, na adesão ao modelo de assinaturas – em 2015, foi lançado o YouTube Red, posteriormente rebatizado como YouTube Premium (...)” (D’ANDRÉA, 2020, p. 36). Por esse prisma comercial, aproximamos novamente a *Xvideos* e sua versão “red”.

Figura 18 – Trecho da tela inicial do serviço “Red”



Fonte: *Xvideos Red* (<https://info.xvideos.red/xvideos-red>)

Trata-se de um serviço cujos perfis — modelos, estúdios e marcas — geram conteúdos exclusivos para seus assinantes conforme pagamento para acessá-los. A possibilidade de monetização de conteúdo é garantida pela *Xvideos* como programa de parceiros²⁷, em que os autores dos vídeos podem monetizar seus canais e, assim, obter rentabilidade, outra característica próxima ao *YouTube* e sua forma de estabelecer-se como modelo de negócio (D'ANDRÉA, 2020). Nesse sistema “red”, a plataforma explicita que seu algoritmo trabalha para mensuração do engajamento da conta, sendo quanto maior, melhor a remuneração a ser recebida. Entre as vantagens elencadas para os usuários e produtores de vídeos, envolve-se o aumento da qualidade de imagem, possível de ser publicado em resolução 4K. Juntamente à plataforma *XNXX* e sua versão “premium”, chamada *XNXX Gold*, pertencente à *WebGroup Czech Republic, a.s.*, cria-se uma rede para amplificação de ganhos e compartilhamento mútuo. Segundo descreve, são mais de cinco bilhões de visitas mensais às plataformas da empresa²⁸, o que certifica visibilidade e potencialidade de rendimentos. A recomendação da organização é que os vídeos sejam mesclados entre versão gratuita (aberta para todos) e paga, visto que impulsiona o tráfego e eleva as chances de captar novos assinantes. Esse esquema funciona como aperitivo na angariação de pessoas interessadas no canal. Complementam-se as sugestões com explicações de como crescer e alimentar o público, quais são os passos que devem ser conduzidos, avaliar as estatísticas e manter a paciência com destino a evoluir e se solidificar na *Xvideos*. Nessa busca por engajamento e monetização, a *Xvideos Red* se aproxima do esquema cunhado pela *Onlyfans*, cujo número de usuários deslanchou com a emergência da pandemia de covid-19. Ao passo que esta permite aos seus usuários, sejam anônimos ou famosos, venderem seus conteúdos sob demanda para “apenas fãs”, ganhar em dólar, a plataforma retém parte dos lucros obtidos (FRAGEL, 2021).

Por fim, nessa matriz de possibilidades de usos e apropriações das plataformas, as *práticas e affordances* acontecem a partir dos meios disponíveis e da aplicação das pessoas (D'ANDRÉA, 2020). Contudo, mesmo que as plataformas busquem gramatizar as ações dos usuários, as assimilações poderão ser distintas do planejado. D'Andréa (2020, p. 49) destaca que “[n]em todos os usuários vão se apropriar da mesma forma das funcionalidades disponíveis. Muitos são os usos táticos, lúdicos ou políticos possíveis nas diferentes plataformas”. Quando

²⁷ Disponível em: <https://info.xvideos.com/cpp>. Acesso em: 30 dez. 2021.

²⁸ Informação encontradas nas *Frequently Asked Questions* (FAQS) da *Xvideos Red*. Disponível em: <https://info.xvideos.red/xvideos-red>. Acesso em: 30 dez. 2021.

associamos à *Xvideos*, parece-nos que, para além da postagem de vídeos cujo teor seja sexual, por ser permitido nos termos de governança, há outros apoderamentos das funcionalidades de publicação. Como exemplificamos, há filmes e séries pirateados na plataforma, assim como videoclipes, que circulam com outros nomes para não serem bloqueados. A cantora Luísa Sonza, por exemplo, publicou o vídeo da música “Mulher do Ano” na *Xvideos*, após ser censurado no *YouTube*²⁹. O caso trouxe debates sobre a problemática da pornografia e do que é circulado pela *Xvideos*, o que fez a cantora se desculpar e apagar o conteúdo. Práticas como essas ocorrem pelo fato de a plataforma aprovar a difusão de imagens consideradas sexuais, o que não é possível em outros espaços, como o *Instagram* ou *YouTube*, causando punições e banimentos, como o chamado *shadowban*, uma prática de bloqueio dos conteúdos de um perfil que esteja infringindo as regras da plataformas, mas sem que o usuário tenha explicações sobre o porquê dessa situação.

Lemos a plataformização como a maneira de tornar possível o estabelecimento de relações sociais à medida que altera as condições de interação e relacionamento. Assim, por esse movimento plataformizado que espraia fortemente do on-line ao social, é factível perceber ressignificações quanto às noções que envolvem a pornografia. Se antes sua emergência era restrita aos espaços escondidos e às lógicas intersticiais de aparecimento, agora, mais do que nunca, catapulta-se pelo on-line com o fortalecimento da plataformização e permite com que as usemos para distintas finalidades e interesses, embrenhemos em seus serviços e, ainda, atualizar o conjunto de sentidos atribuídos às sexualidades e aos corpos. É apreender também que as plataformas são transpassadas por relações que visam regular saberes e poderes. Logo, constituem-se dispositivos que conformam linhas de visibilidade e enunciabilidade (DELEUZE, 1996), se atualizam, mas também tentam cristalizar, e se entrelaçam em textualidades. As bases da plataforma estão sustentadas nos conteúdos e nas interações entre os usuários, além de que se firma na circulação de publicidades e no recolhimento de informações de seus utilizadores (MINTZ, 2019). Essa lógica característica das plataformas evidencia os jogos de poder e saber em constantes tensionamentos, isto é, há atuações e regulações nesta complexa trama entre usuários, plataformas e demais dimensões, mas sua formatação está sempre em risco. Desse modo, cabe-nos questionar: e o *Sem Capa* nesse imbróglgio entre pornografias e plataformas? A seguir, vislumbramos apreender a confluência desses fenômenos nas práticas e desenvolvimentos do canal.

²⁹ Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2021/08/luisa-sonza-se-desculpa-apos-publicar-clipe-em-plataforma-de-conteudo-adulto.html>. Acesso em: 31 dez. 2021.

3.1.4 Aproximações entre *Sem Capa* e pornografia “plataformizada”

Recapitulando a dimensão das *práticas e affordances* (D’ANDRÉA, 2020), o projeto *Sem Capa* tem ligação com dinâmicas plataformizadas, joga com as (im)possibilidades de dizer e filmar corpos nus ou relações sexuais e aposta nas lógicas mercadológicas eróticas. Por ser uma forma de acomodação e conexão com as aplicabilidades da plataforma, utiliza-se da viabilidade de seus recursos, como postagem e interatividade dos usuários, para se solidificar. Seu uso, embora incorpore elementos típicos e esperados para aquele espaço, foge da padronização dos vídeos pornôis que estão em movimento na plataforma, cujo foco projetado é a narrativa do sexo explícito. O *Sem Capa*, sobretudo, vale-se da exibição da nudez, genitálias e relações sexuais como ideal da construção da “descomplicação”. Porém, adiciona componentes típicos de outros espaços, como canais do *YouTube*. Por exemplo, falar sobre um tema diante da câmera para um público almejado, mobilizar informações que dizem respeito às relações, práticas e corpos, assim como forjar uma narrativa que fuja da ficcionalidade cinematográfica.

A máxima visibilidade e o excesso (BALTAR, 2011, 2014) são operados para o desenvolvimento dos significados propostos e fundamentais para o objetivo almejado de “descomplicar o sexo”. Mostrar é conferir a realidade e, desse modo, ter autenticidade, conforme sugere Baltar (2014), valor atrelado àquilo que é verdadeiro. Para conquistar a ação de inteligibilidade do sexo, faz-se primordial que a narrativa do *Sem Capa* seja impregnada pelo explícito, visto que de tal maneira qualquer espectador poderá implementar o que visualizou em sua vida sexual. Cria-se uma equiparação entre o que Sa João faz e o que o espectador faz, ou seja, tal qual Sa João realiza, eu também posso experimentar em minha vida e realizar aquelas práticas; ao vê-lo e ouvi-lo, posso me ver e projetar o que vi em mim e em minhas relações. Contudo, não é uma relação apaziguada e tão simples quanto aparenta, pois há assimetrias entre ele e seu espectador, fato posto pela sua centralidade e hierarquização nas falas, o que concentra praticamente todas as ações e possibilidades em si como protagonista. Assim, mesmo que mostrar em excesso seja o ideal para veracidade e comprovação de outrem, limitar-se a si mesmo é um ato problemático que negligencia as possibilidades, os corpos e os prazeres outros, questionamento que retomaremos mais adiante nas análises.

Quando Baltar (2014) aproxima a produção documental da pornográfica, a pesquisadora verifica que ao ver a concretude corpórea, o sujeito também se vê; para que esse reconhecimento

ocorra, as narrativas valem-se da mobilização dos prazeres e da intimidade. Esse elemento parece-nos importante não apenas pelas confissões emergentes no discurso de Sa João, mas pelo ambiente de filmagem (quarto), o olhar direto para a câmera, as perguntas para instigar quem assiste a refletir sobre si, etc. O “pacto de intimidade” (BALTAR, 2014, p. 11) se funda ao longo da sequência de episódios com o processo de “exibir”. Mesmo que sejam verbos sem relação de sinonímia, descomplicar e exibir se entrelaçam de tal forma que a dimensão imagética é basilar para o que é dito, sem a qual não seria possível supor ou tornar simples o que se demarca como típico das relações sexuais entre homens.

Williams (2012) afirmou que a imagem é uma poderosa educação sexual na contemporaneidade e talvez a mais forte que recebemos em nossas vidas. Desse modo, a ação de inteligibilidade passa pelos tutoriais, nudezes, transas, tudo isso é entrelaçado na textualidade do *Sem Capa*. Se fosse em outro suporte, como um livro, mesmo que ilustrado, sumiria a dimensão da demonstração por ter figuras estáticas e poderia se tornar um manual injuntivo. Assim, o lugar da audiovisualidade cara ao projeto convoca a dinamicidade do movimento para conferir efeito de realidade e promover afetações. Sem a imagem em movimento, o *Sem Capa* esgotaria parte da sensorialidade importante para a “descomplicação”. Notamos essas características nos momentos de filmagem em que se focaliza o pênis ereto para usar preservativo (SA JOÃO, 2018a, 2018b), comparativos do diâmetro da maior camisinha disponível no mercado e o punho (SA JOÃO, 2018c), a ereção “em um estalar de dedos” (SA JOÃO, 2018i), a bunda (SA JOÃO, 2018h), mostrar um enema (SA JOÃO, 2018l) ou, ainda, os corpos embaçados em cena. Logo, encara-se um problema de ordem algorítmica e plataformizada, assim como moral, sobre onde se sustentará e circulará. De forma consecutiva, o espaço do pornográfico é onde consegue existir sem ocorrer punições ou exclusões dos episódios, isto é, opera na ambivalência entre aparecer e esconder. Se o *Sem Capa* recorre à *Xvideos* para se exibir, isso se deve às possibilidades que os requisitos presentes nos termos de uso e políticas de privacidade da plataforma conferem aos usuários.

Na *Xvideos*, contudo, o canal estabelece estreita articulação com a lógica do obsceno da pornografia. Para se disseminar, só pode emergir na plataforma que permite o sexo em evidência. Ao mesmo tempo, poderia existir apenas no site Sa João, mas necessita, além da função de postagem e incorporação do vídeo, da lógica erótica mercadológica da plataforma para ter engajamento, por conseguinte, sucesso. Desse modo, pressupõe-se que a audiência naquele espaço seja potencial para o êxito da iniciativa, razão a qual continua ranqueado entre os melhores canais da *Xvideos*. A economia erótica que se forma está em negociação com os

repertórios do pornográfico, com os mosaicos infindáveis dos vídeos na tela, com a repartição da audiência com outros conteúdos e canais, entre produções de grandes corporações e amadoras, com o modo como as pessoas que assistem se dirigem ao Sa João através de nudes, cantadas e seduções como se ele fosse do meio pornô. Dentro dessa economia, o *Sem Capa*, ou melhor, o canal de Sa João não se inscreve nos recursos “red” de assinatura de conteúdo. Logo, todo o material disponível é acessado gratuitamente por qualquer pessoa, que, se desejar interagir, apesar de não existir retorno dos desenvolvedores, pode curtir ou não, comentar e compartilhar.

Em contrapartida, só o fato de estar nessa plataforma não é motivo suficiente para enquadrá-lo no campo do pornográfico. Estancá-lo como “pornô” seria reduzi-lo na lógica da classificação. Nesse sentido, Sa João questiona seus espectadores sobre o que ele faz ali como uma tentativa de desestabilizar as lógicas da pornografia.

"Mas, João, não tem como, entendeu? Séculos de pornografia, sempre foi assim, não tem como mudar agora". Só porque sempre foi feito de um jeito, não quer dizer que não tenha como fazer de outro, ok? *O que eu estou fazendo aqui nesse canal, por exemplo, é o quê? Quantos punheteiros desavisados aí, entendeu, que eu enganei, e aí a pessoa foi ver o vídeo, e aí acabou vendo o vídeo pensando em várias questões, mas ainda assim, sem abrir mão da punheta dela? Tem funcionado no meu caso. Então é possível sim. E essa é só uma maneira que eu encontrei de fazer isso* (SA JOÃO, 2018x, 11min02s–11min31s, grifo nosso).

O trecho extraído do 23º episódio, penúltimo ao encerramento do projeto, corresponde à fala de Sa João sobre como vislumbra o *Sem Capa* e seus modos de inserção no âmbito do pornográfico. Esse balanço feito pelo idealizador do projeto sugere trânsitos entre as formas de ocupar a pornografia e de desordená-la. Embora recorra a preceitos típicos do campo da pornografia, como a máxima visibilidade, o *close-up* genital e a evidência do prazer na penetração, há, de certa forma, camadas colocadas “em/cena” (WILLIAMS, 2012) para refletir sobre a sexualidade e usar a pornografia como linguagem didática. Nessa lógica, é factível entender que a pornografia refere-se aos corpos — por vezes, saturados e decupados —, engendra prazeres, saberes e poderes, bem como constitui um conjunto pedagógico sobre desejos construídos socialmente. Por outro lado, a publicação na *Xvideos* não é simplesmente pano de fundo para o estabelecimento dos episódios, mas parte do contexto que lhe constitui. Outros elementos importantes na articulação com o pornográfico são a recusa do segredo (é só sexo, o qual pode ser mostrado, falado, etc.) e o “excesso de visibilidade”, que, ao jogar com o borramento de fronteiras, é coerente com as lógicas do dispositivo da sexualidade. Os vídeos do *Sem Capa*, assim, estão inseridos em redes conformadas por diversas linhas de força, como

a noção de dispositivo propõe, de tal forma que os termos reguladores da plataforma aliados a algoritmos, aos mecanismos de buscas, ao engajamento dos usuários e às relações de sentidos propostas nas lógicas comunicativas, midiáticas e culturais se entrelaçam.

Pensar tais fatores no *Sem Capa* pela chave da pós-pornografia não nos parece suficiente, visto as próprias dificuldades de conceitualização desse movimento emergente em contextos de debates militantes, feministas e *queer* no começo dos anos 2000, assim como as características já elencadas pertencentes ao canal. O sociólogo Sam Bourcier (2014, p. 25-26) apreende que “[o] apelo do pós-pornô é, portanto, indissociável de uma desnaturalização do pornô moderno, de uma crítica à divisão sexo/gênero rígida e heterocentrada que ele impõe, e de uma recusa da cartografia corporal e genital que ele fixa”. Logo, é uma forma de propor performances que se afastem das gramáticas pornográficas comerciais como alternativas críticas para evidenciar corpos e prazeres invisibilizados ou rotulados pela pornografia comercial e criar outras narrativas que sacolejem as construções balizadas pelo olhar masculino e por perspectivas heteronormativas. Para Érica Sarmet (2014, p. 10), a pluralidade do pós-pornô não permite que esse movimento seja determinado de forma unívoca e estabelecida, “(...) não há definição de uma estética pós-pornográfica nem de suas textualidades, de forma que artistas e ativistas pós-pornôs estão cada vez mais presentes no audiovisual, na performance, na literatura, nas artes visuais e nas ruas”. Com esse hibridismo, a pesquisadora disserta sobre os perigos de demarcar e classificar algo pela lógica do “isto é” (SARMET, 2014, p. 10), pois estaríamos redundando as propriedades do pós-pornô ao estatuto de pedagogia, ou seja, de construção e circunscrição de como é e deve ser realizado, algo que seria uma via oposta e incompatível com o movimento e sua subversão.

Portanto, ao longo do caminho desenvolvido sobre a situacionalidade do *Sem Capa*, aventamos que seus episódios e trânsitos no pornográfico embaralham ainda mais as dimensões desse campo. Cair na incoerência de tipificá-lo em alguma dessas esferas seria arriscado e empobrecedor diante do trabalho analítico proposto. O movimento percebido no canal envolve contestar as dimensões simbólicas e políticas do pornográfico simultaneamente com apropriação e jogo com suas peças. Essa mescla no *Sem Capa* tem, imbuído ao seu propósito, a intencionalidade do prazer junto ao da pedagogia da sexualidade.

3.2 “Aulinha”, “aula”, “intensivão”: processos pedagogizantes e injunção da sexualidade no *Sem Capa*

“Descomplicar”, verbo transitivo direto cujos significados, segundo o *Dicionário Michaelis* (2015, on-line), são “fazer cessar a complicação; desembaraçar, facilitar, simplificar”. Essas definições denotam possíveis ações de tornar algo inteligível, de fácil compreensão ou mais simples. Contudo no objetivo do *Sem Capa*, “descomplicar” pode estar envolvido nessa trama de significados, limitando-se, nesse caso, às relações sexuais, à homossexualidade e aos corpos de homens *gays*.

A ação de descomplicar exige um esforço de alguém sobre algum fenômeno para eliminar quaisquer dificuldades de apreensão, evitar confusões e tornar menos complexo, prático e mais acessível. Para tanto, faz-se necessário um investimento pedagógico no sentido de oferecer explicações didáticas que possam ensinar e abrir caminhos para alcançar o objetivo. Em vista de nosso *corpus*, que abrange a totalidade dos episódios, alicerçando na fundamentação teórica apresentada, refletimos sobre as modulações pedagógicas abrangentes no canal. Queremos, aqui, refletir sobre cada ponto, vislumbrando apreender as relações que buscam atingir a inteligibilidade objetivada pelo *Sem Capa*. Os operadores metodológicos e analíticos têm a ver, simultaneamente, com a situacionalidade e as relações intertextuais ligando-se aos elementos da análise.

Neste caminho, depreendemos três aspectos pedagogizantes, os quais investem na relação com os espectadores propostas de ensinar, constituintes da trama textual do canal. Centralidade nas experiências de Sa João, confissão e confiança como ações entrelaçadas e tutorização do sexo. Cada um desses nós se interliga aos outros pelo objetivo de “descomplicar”. Contudo, é necessário ponderar que as reflexões empreendidas nesta etapa foram executadas com base em nossos posicionamentos nessa rede textual e alicerçados pelo arcabouço teórico-metodológico. No entanto, reconhecemos que outras inflexões são possíveis e poderão ser pensadas a depender da leitura feita por cada um e das lentes conceituais usadas.

3.2.1 Centralidade nas experiências de Sa João

O primeiro ponto que constitui um dos pilares centrais no projeto é a apresentação ser capitaneada por Sa João, que não deve ser vista como simplória ou sem intencionalidades. Ao contrário, merece destaque, como já explanamos brevemente nos debates sobre as textualidades do canal, a grande proporção adquirida pela figura de Sa João no *Sem Capa*. Isso não se deve apenas em razão da prevalência na apresentação ou por publicar os episódios em seu perfil na plataforma. A intenção de converter as temáticas do sexo em conteúdos cujos teores são

inteligíveis passam, sobretudo, pelas suas experiências de vida, sejam elas profissionais ou no âmbito pessoal, isto é, o peso biográfico, os relatos vivenciais e os modos como narra suas experiências são parâmetros para a narrativa, visando conferir autenticidade, pois enuncia o que viveu, trazendo valor testemunhal e autoridade sobre o que se fala e sobre o espectador. O primeiro episódio é representativo para a construção de legitimidade diante do lugar que pretende ocupar naquele espaço com seu projeto. Sa João (2018b, 2min22s–2min34s) afirma:

Eu não quero ditar comportamento nenhum. Eu só quero relatar as minhas experiências e essas experiências que eu conheço, pra que, talvez, alguma pessoa, uma ou outra, que tá assistindo aí possa se identificar e usar essa experiência e essa experiência talvez funcione pra essa pessoa (*sic*).

Esse trecho traça as formas como irá proceder e é dito após listar justificativas que atestem sua posição de autoridade e reiteram a importância do canal. Entre os motivos elencados como critérios de razoabilidade para se colocar à frente do *Sem Capa*, Sa João questiona a própria credibilidade das informações encontradas nas buscas pela internet, atesta seu conhecimento sobre os temas que tangenciam à sexualidade e à pornografia, visto que trabalha com festas de sexo e estudou aqueles conteúdos durante a graduação, destaca sua aptidão explicando suas participações em debates e experiências práticas com a pornografia, assim como notabiliza suas práticas e de pessoas próximas a ele como balizas delimitadoras das abordagens.

O episódio “Sindibixa e Pokémon” é simbólico para refletirmos a importância adquirida pelas vivências de Sa João e os modos como são expandidas para englobar outros homens *gays* (SA JOÃO, 2018r). A introdução é construída por relatos vivenciais, concentrando-se nos dilemas enfrentados durante momentos de sua juventude ao entender sua orientação sexual. Por reconhecer que suas experiências eram singulares, mas não únicas, Sa João percebe que os desafios passados são semelhantes aos de outras pessoas LGBTQIA+. Ele diz:

Eu resolvi fazer esse vídeo para gente entender melhor que *level* são esses pelos quais *toda a bicha passa* porque talvez você esteja passando por algum deles. E aí vendo que várias pessoas passam pelas mesmas questões, talvez fique mais fácil de você evoluir e se tornar uma bicha como a sexualidade mais amadurecida. Então, vamos lá, vou tentar listar algumas coisas aqui que eu consigo pensar que poderia ser um drama que você tá passando e que todo mundo passa, e fica tranquilo e é assim mesmo (SA JOÃO, 2018r, 2min29s–2min56s, grifo nosso).

A comparação com “*level*”, fases de videogame, sugere caminhos pré-estabelecidos para homens *gays* encararem em suas relações, assim como soluções para problemas vindouros. Contudo, conforme sublinha Louro (2020), apesar de empreendimentos normativos impelirem, a todo momento, modos de seguir a vida vistos como “corretos” socialmente e reprimirem ações, comportamentos, desejos e afetos, cada um pode tomar caminhos e rumos muito distintos. Logo, essa homogeneização colocada nos estágios elencados a partir da vida de Sa João são postos como totalizantes no canal e não devem ser assimilados como únicos, visto que as maneiras de lidar, enfrentar ou decidir são variadas por sermos indivíduos em condições específicas temporais, sociais e culturais. Além disso, Sa João é um homem branco *gay* morador do Rio de Janeiro, uma das maiores cidades do Brasil, idealizador e frequentador de “festas de sexo”, o que lhe garante condições para expressar sua sexualidade divergentes de pessoas de outras localizações geográficas do Brasil, cujos contextos e valores culturais são específicos, ou de homens *gays* que não podem “sair dos armários” por razões variadas. Do mesmo modo, as barreiras que podem emergir na vida de cada um são díspares e não progressivas.

Pelas reflexões com o *corpus*, compreendemos que Sa João *fala para* homens *gays*, e não *fala com*. A questão aqui não é de regência verbal, e sim identificar que, ao falar de episódios de sua vida *para* homens *gays*, Sa João se oferece como referência para corpos e experiências *gays*, isto é, se coloca como um “parâmetro normativo”, em última instância. Mesmo que tenha sublinhado não ter o desejo de “ditar comportamentos” (SA JOÃO, 2018b), o estabelecimento de lógicas centradas em si está interligado ao fato de ser um homem branco, jovem, sem deficiência, magro e adequado a um padrão social de beleza. Não constrói um espaço de partilhas entre homens *gays*, em que se possam trocar e discutir as experiências, ainda que elas tenham similaridades. Percebemos essa restrição, por exemplo, quando nenhum comentário de espectadores é respondido pelo projeto. Estando nesse patamar centrado nas experiências de si como base, há um estabelecimento hierárquico que o coloca em uma posição privilegiada como detentora do conhecimento sobre a sexualidade.

Por essas razões, ele mobiliza o termo “lugar de fala” (SA JOÃO, 2018x) como experiência individual ou vivência, o que lhe garantiria a legitimidade para o processo de enunciação sobre homossexualidade e relações sexuais entre homens somente sobre o que pratica ou vive. Ou seja, pelo fato de ser um homem *gay* a cujas experiências sexuais se ligam ao que propõe falar, proporciona-lhe possibilidades para condução do *Sem Capa*. Contudo, ele não usa o conceito ou a ideia de modo geral como um lugar social, do qual pertence, e que necessita de uma localização na relação de poder. A concepção trazida por ele difere ao que é

trabalhado por estudiosas como Djamila Ribeiro (2019), que entendem lugar de fala como localização social que permite a todas as pessoas debaterem sobre quaisquer temáticas, contudo entendendo os privilégios ocupados por cada um na sociedade e os modos como atingimos indivíduos e grupos subalternizados nesses processos discursivos. A definição de Ribeiro alicerça-se em contribuições teóricas de Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba e outras estudiosas que problematizaram os lugares de subalternidade e a concentração epistemológica em sujeitos considerados historicamente dominantes, o que gerou silenciamento de diversas vozes, saberes e lutas. Em virtude de seu entendimento por lugar de fala, Sa João (2018x, 8min40s–8min50s) conduz o projeto até o limite que suas experiências seriam possíveis para argumentação. O encerramento do projeto frisa esse aspecto, conforme lemos: “[a]té porque existem vários temas que eu não posso sentar aqui e falar para vocês com propriedade sobre o assunto porque eu não tenho lugar de fala para isso, mas, talvez, eu conheço quem tenha”.

Torna-se essencial trazer em cena o próprio Sa João. Como ele mesmo sublinha imediatamente no primeiro episódio, sua formação acadêmica e sua carreira profissional unem-se ao modo como conduzirá as falas no projeto. Contudo, há outros elementos, que extrapolam as vivências práticas, importantes para essa trama. Não por acaso, a condução de todos os episódios é realizada com ele nu. As características corporais expostas pela nudez são reiteradas pelos espectadores por meio dos comentários, por exemplo, “Pauzão gostoso, queria conhecer pessoalmente essa delícia” (*sic*), “Que bunda linda hein □□□” (*sic*), “que delícia de bunda e cu” (*sic*), “Que bunda perfeita tem esse homem! Obra de arte!” (*sic*), “Maravilhosidades!! Adorei a senhora, sua desenvoltura, sua simpatia, seu corpo, seus olhos e seu cenário. Muitas emoções.” (*sic*), etc., mas que emergem como certos atributos físicos socialmente aprovados entre quem assiste, em especial o foco em partes sexualizadas do corpo, como pênis e bunda, tendo em vista parâmetros de formato e tamanho. Por ser um corpo magro, cisgênero, musculoso, branco e jovem atende a um modelo de virilidade e adquire, assim, sinônimo de corpo desejável e desejante, apreciável e digno de ser exibido publicamente e circulado naquele espaço, e ideal para ser almejado.

Quando atentamos para a audiência, há momentos em que Sa João é visto como referência por dois modos. O primeiro está atrelado ao estatuto de legitimidade construída pela condução dada aos temas, ou seja, alguns espectadores reverenciam o lugar assumido por ele. Vide comentários: “melhor iniciativa impossível” (*sic*), “Idéia da hora! Parabéns” (*sic*), “Meu deus! Suas ideias são maravilhosas, é tipo um canal do youtube de sexo UAUHAUHAUH

parabéns! Aliás, quero dar pra você! haha” (*sic*), “Gostei bastante da ideia. Criativa e inovadora, mas também não consegui deixar de tarar teu dote scr kkk” (*sic*), “Já amei o canal. Sem frescuras, fala na tora” (*sic*), “Haaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa amei. Que sacada maravilhosa a de vcs !!!” (*sic*). Já o segundo ponto, refere-se à audiência comentadora e que venera Sa João como objeto de excitação, sobretudo seu corpo, saturado em seu pênis: “- educativo - gato - dotado vamo casa” (*sic*), “Mas que foda esse canal. Já virei fã no primeiro vídeo. Super apoio o projeto. Além do conteúdo ser necessário, vc é uma delícia hahaha. E escolheram o local perfeito pra divulgação. Parabéns” (*sic*), “tá de parabéns, cada dia eu gosto mais do canal.” (*sic*). Em contrapartida, a centralidade de si é contrastada por um dos comentaristas, que diz: “O canal em si não é ruim , só acho desnecessário “se usar” pra dar exemplos , fica um ar de querer aparecer ...” (*sic*). Essa evidência frisada por um dos usuários parece não ser aspecto relevante para outros, visto que gerou nove reações negativas da audiência (simbolizado pelo “não gostei”). De todo modo, é válido entender que Sa João se projeta como modelo de experiências, pois é suficientemente pedagogizado por aprendizados e investimentos que atravessam sua vida e tornaram-lhe capaz de reproduzir e pedagogizar.

Os “dispositivos discursivos de masculinidade” (KOLINSKI MACHADO, 2018) atravessam o *Sem Capa*, em especial seus idealizadores quando se apresentam e discutem as próprias experiências sexuais, e dizem como ser homem *gay* em nossa cultura. O *Sem Capa* lança uma economia desejante peculiar ao participar do estabelecimento de formas possíveis de subjetividades e identidades, tal como as significações de corpos e masculinidades propostas nas revistas *Junior e Men's Health Portugal* estudadas por Koliski Machado (2018), que assinala justamente as disputas e colisões de sentidos permitirem a emergência de formas distintas de ser homem na sociedade.

O protagonismo de Sa João traz performances de masculinidade desviantes do constructo hegemônico, visto que rompe com atributos dos discursos heteronormativos circulantes e aproxima-se de aspectos da feminilidade nos episódios. Nesse ponto, é interessante ressaltar a abertura dos vídeos, mesmo com as imagens ofuscadas, evidenciam-se momentos em que Sa João está sendo penetrado (passivo), o que desconstrói, em partes, noções enraizadas ao papel de “atividade sexual” como sinônimo de masculinidade. Parker (2000) situa a binaridade atividade e passividade como arraigada culturalmente pelo machismo e perpetuante nas relações, na qual o primeiro polo detém aspectos de dominação e controle por penetrar outro corpo, enquanto o segundo seria o agente paciente da ação e submisso por ser penetrado pelo pênis. “Corolário importante desse sistema de relações de gênero é o fato de que as interações

do mesmo sexo também se estruturam, pelo menos em princípio, baseadas na hierarquia do gênero, por linhas de atividade e passividade” (PARKER, 2000, p. 81). Em razão dessa organização, ser passivo nas relações sexuais é aproximar-se de um comportamento sexual atribuído para as mulheres e culturalmente visto como inferior nas sociedades latino-americanas, lembra Parker (2000), onde semeiam estigmas contra homens com características de feminilidade violentados cotidianamente dentro da cultura misógina e homofóbica. Apesar de as perspectivas de Parker (2000) serem datadas e representarem apreensões de um certo período histórico, algumas dessas lógicas de comportamento sexual representam rompimentos com padrões hegemônicos na exibição das relações sexuais de Sa João. Por corresponder à “versatilidade”, possibilidade entre o binarismo que simboliza fluidez e alternância de posições sexuais durante a relação sexual, Sa João enfatiza a necessidade de ter relações com penetração em sua vida, o que novamente centraliza o protagonismo da experiência (SA JOÃO, 2018m).

3.2.2 Confissão e confiança, ações entrelaçadas

A secularização da confissão de um ritual canônico religioso para práticas médicas e psiquiátricas instaurou formas pedagógicas de produzir corporalidades e saberes sobre os indivíduos. A atualização dessa prática de controle tem funcionamento importante para valoração moral, demarcação dos desejos aceitáveis e instituir mecanismos para convocar o detalhamento da subjetividade com o fim de produzir verdades do sexo (FOUCAULT, 1999; OKSALA, 2011). Esse investimento aparece no *Sem Capa* de forma atualizada e específica. Mas, para essa reflexão, vale distinguir essa ação da confiança.

Embora sejam atos que se interseccionam em pontos comuns, dificultando separá-los, como estudou Pedro de Souza (1993) em sua tese de doutorado, entender as sutilezas que diferenciam confissão e confiança será proveitoso para apreender a narrativa do *Sem Capa*. Ao recuperar a confissão como gesto cristão de retomada para si com base em concepções de pecado atestadas pelo sentenciamento de outrem, o pesquisador apreende a separação hierárquica entre os envolvidos na prática discursiva. Souza (1993) segue a argumentação mostrando como a confissão foi se modificando no decorrer dos séculos. Em vista de seus fenômenos de estudos (cartas enviadas por pessoas homossexuais para o grupo *Somos*) e também as transformações ocorridas através do deslocamento do tempo, o pesquisador relaciona a prática da confissão pública como um ato de reconhecimento e de identificação dentro de um grupo. Não necessariamente a confissão é apenas conduzida pela lógica do poder

em reprovar atitudes, mas de afirmação de si. Outra colaboração da historicização feita por Souza (1993) para o entendimento dessa prática é apreender como no século XIX o sentido afirmativo da confissão desaparece, mas essa característica era presente no cristianismo primitivo e volta a ser retomada entre as minorias nos anos 1970 e 1980 como algo propositivo. “No processo discursivo da subjetividade homossexual, esta dimensão afirmativa da confissão expressa-se na tensão entre o ‘assumir-se’ e o ‘enrustir-se’, fundando uma ordem diferente de relação entre o público e o privado” (SOUZA, 1993, p. 64). Entre essa lógica ambivalente de assumir e enrustir a sexualidade, a confidência apresenta características importantes para entender essa atualização. Ao longo da tese, Souza (1993) entende que a confissão passa a ser um ato de desvelar e velar de si, quer dizer, a pessoa confessa para outrem, supostamente em uma hierarquia superior, mas conta com a permanência do segredo ao que foi enunciado.

Porém, “[n]o discurso confidencial, os interlocutores encontram-se num mesmo nível de reciprocidade. Ao contrário da confissão, cuja estrutura enunciativa impõe uma posição estatutária que separa aquele que escuta daquele que confessa” (SOUZA, 1993, p. 65). O acordo de confidencialidade percebido nas correspondências recebidas pelo grupo *Somos* indica semelhanças para nossas reflexões com o *Sem Capa*. Souza (1993, p. 67) identifica que se ocultavam informações sobre o remetente nas cartas para garantir e preservar esse silêncio de quem as enviava. Guardadas as diferenças entre os modos enunciativos e a localização espaço-temporal, sobretudo em razão das emergências da epidemia de HIV/aids e o contexto histórico-político daquele momento, notamos que os espectadores do *Sem Capa* confidencializam seus desejos, suas práticas sexuais e questões sobre si mesmos e sobre o que o canal lhes interpela através dos comentários, em muitos casos, com identidades impossíveis de serem “descobertas”, visto as fotos de perfil expostas ali não terem seus rostos ou a nomeação escolhida não se referir diretamente ao nome próprio do usuário, propriedades possíveis em razão da *Xvideos* e a configuração na internet. Embora a plataforma na qual estão e as dimensões do on-line permitam resguardar o anonimato, escolhido pelo espectador por diferentes razões pessoais e coletivas, bem como por estar atrás de uma tela assistindo sem ser visto por outros usuários, isso forma uma espécie de pacto de cumplicidade entre os sujeitos envolvidos. Por pressupor que todos ali são homens *gays* unidos por intenções semelhantes com o conteúdo, constitui-se a confidencialidade entre Sa João e Charlinhus (idealizadores) e o público.

Com cuidado para aproximar e tensionar as representações masculinas visualizadas com Louro (2017) em nosso fenômeno, principalmente pelas características peculiares das produções e dos indivíduos representados nas obras cinematográficas, nota-se uma

característica comum no *Sem Capa* que é a *cumplicidade*. Tal como argumentamos sobre a criação de um pacto de confidencialidade regido pela reciprocidade entre idealizadores e espectadores, com propósitos afins, trocas de experiências sexuais e por um companheirismo estabelecido entre os intercâmbios e similitudes de vivências *gays*, é possível traçar paralelamente essa ação típica dos dispositivos da sexualidade aos dispositivos discursivos da masculinidade. Importante frisar em Louro (2017) que a cumplicidade entre os caubóis, por exemplo, se dá nas parcerias para enfrentar lutas e desafios, e não pelas trocas de confidências. O contrário é percebido no canal e os modos de interação estabelecidos, como as conexões entre as pessoas e o projeto também por outras plataformas, por exemplo, *Instagram*, anunciado frequentemente durante o encerramento dos episódios, fazendo o convite para seguir os idealizadores, e também nos momentos em que é relatado o recebimento de mensagens privadas de pessoas contando as experiências e agradecendo pelas publicações (SA JOÃO, 2018y). Ainda, a confidencialidade se arranja por interpelações, perguntas e provocações que sugerem aos espectadores uma retomada de si, como o exame de consciência da confissão, para se autoquestionar. Apresentamos essa ação durante o passeio pelo *Sem Capa*, mas vale resgatar como um agir confidencial, visto que, por estarem entre “iguais”, há um certo companheirismo e pressupostas similaridades entre as experiências.

Sa João, predominantemente, Charlinhus e Ton (convidado do 14.º vídeo) expõem continuamente sobre o que são e de que jeito vivenciam a sexualidade, seus corpos e prazeres. Como o pensamento de Foucault (1999) possibilita avançar na lógica de construção da sexualidade no ocidente, confessamos ao longo de nossa vida como ação de revelar quem somos continuamente. Desse modo, o canal torna-se um espaço confessional, em que os indivíduos frente à câmera confessam quem são, como experienciam a homossexualidade, o que preferem, seus desejos, expõem a intimidade e se constroem narrativamente. Apesar de a confissão ser empreendida no pensamento foucaultiano na escala hierárquica do poder pastoral, psiquiátrico e jurídico, aqui, há uma diluição da lógica de poder no sentido de visar aproximar-se da audiência desejada e integrar-se, dado que os interlocutores também estabelecem confissões de um local não abrangido pela heterossexualidade. A via de mão dupla das confissões aparecem em comentários que representam revelações, como: “Eu não uso camisinha □□ porque confio no meu parceiro □” (*sic*), “Ja usei a camisinha feminina e ela e bem pratica mesmo” (*sic*), “Só uso camisinha feminina! É muito melhor e mais prático!” (*sic*), “Eu era assim também, aí um amigo falou pra eu me masturbar mais, hoje em dia é normal até... (Quando estiver excitado, passa um pouco a mão na glande)” (*sic*) ou “Aprendendo muito.. nunca fiz xuca” (*sic*). Porém,

o lugar ocupado por Sa João é baseado numa ideia de confissão, ou seja, ele se autoriza porque confessa e, ao mesmo tempo, impõe-se aos espectadores; estes, por sua vez, respondem ao lugar autorizado do canal, inclusive pela assimetria das condições de enunciação, borrando os limites entre confissão e confiança. Os modos como Sa João se porta sugerem esse borramento, que não se dá, porém, pela posse da verdade por parte dele, ou seja, o lugar de preceptor que assume sugere o estabelecimento como centro da experiência.

O elo unificador construído entre espectadores e idealizadores no decurso da narrativa desmancha-se no encerramento do projeto. O último episódio não apenas simboliza o fim dessa troca, mas frisa, através da declaração de Sa João, a separação entre ele e quem assiste.

E isso nos leva a um ponto muito delicado que eu queria tocar aqui, se você só me conhece pelos meus vídeos ou pelas minhas redes sociais, você não me conhece. Eu não te conheço e você não me conhece. Mesmo você me vendo toda semana pelado de pau duro aí no seu quarto, enquanto você bate uma punheta, a gente não tem intimidade. Você não conhece a minha intimidade e eu não conheço a sua intimidade. E isso que eu tô dizendo não serve só para mim, serve para qualquer pessoa. A gente tem que parar, como sociedade, de achar que seguir alguém em alguma rede social significa ser amigo ou ter intimidade com alguém (SA JOÃO, 2018y, 5min27s–6min09s, grifo nosso).

E continua sua enunciação:

Vou te contar um segredo, isso daqui é uma persona, todo youtuber qualquer pessoa que, famosa ou não, aquilo ali que você tá vendo é só parte daquela pessoa, não é a realidade nua e crua de quem ela é. Então, não, nós não somos íntimos, você não me conhece. Então, por causa disso, certas atitudes não são, ou pelo menos não deveriam ser, aceitáveis. Existe todo um discurso do "ai, você tem que ser grato pelas pessoas que te seguem porque elas te dão fama e visibilidade". Eu concordo e eu sou, só que isso não dá liberdade para essas pessoas me tratarem como elas bem entenderem. E se, na cabeça dessas pessoas, nós somos amigos ou íntimos, então, eu, como amigo íntimo dessa pessoa, tenho toda liberdade pra chegar pra ela e dizer: "gata, você tá sendo babaca, para já com isso". É isso que eu tô fazendo aqui, tô dando um toque de amigo (SA JOÃO, 2018y, 6min10s–7min05s, grifo nosso).

Os trechos acima são ditos entre as justificativas motivadoras para o encerramento da iniciativa, sobretudo pelo fato de os espectadores enviarem fotos nus pela conversa privada no *Instagram* sem sua autorização ou desejo. Com esse posicionamento, o pacto confidencial estabelecido é rompido e separa-se, outra vez, uma hierarquia entre quem faz o canal e as pessoas que consomem o conteúdo. Enquanto marca o distanciamento, aproxima-se novamente no fim do episódio com os agradecimentos e convites para o próximo projeto.

Por fim, pelas lógicas plataformizadas, parece-nos necessário notar que o ritual confessional adentra zonas mais profundas do que o narrar a si publicamente por comentários, postagens e outros meios de dizer. Buscas por conteúdos realizadas pelos usuários estão incluídas nessa fusão de meios, de tal forma que desejos e consumos se tornam dados “confessados” na rede e mecanismos para os processos de plataformização. Destarte, dispositivos algorítmicos não só assumem características da autoridade que “escuta” a confissão, bem como sugerem aquilo que se ligaria aos nossos gostos, vontades e sexualidade. As informações sobre a *Xvideos* ilustraram essa ação. A confissão e a confiança estabelecidas transbordam os interlocutores e passam a ser constitutivas e constituintes das camadas das plataformas, em que os estímulos para que nós nos narremos constantemente congregam com os interesses e lógicas mercadológicas.

3.2.3 Tutorização do sexo

Permanecer nu durante a gravação tem o desígnio de possibilitar com que os temas — colocar a camisinha, ensinar passos para higienização, mostrar como se depilar, explicar a anatomia do pênis, etc. (SA JOÃO, 2018a, 2018b, 2018g, 2018h, 2018j) — sejam demonstrados no próprio corpo. Essa ação tem a intenção, sublinhada por Sa João, de querer instruir de forma prática certas situações no próprio corpo, um gesto que visa adquirir veracidade ao modo como acontece, e não propor esquematizações que fogem da realidade ou dificultam a exposição.

O primeiro vídeo já acentua esse percurso de ensinar. “E a primeira coisa que eu quero mostrar aqui, pra gente iniciar essa jornada mundo do sexo adentro, é algo bem simples: como colocar a camisinha. *Pra isso, eu vou utilizar uma... não, mentira, eu vou fazer no meu pau mesmo*” (SA JOÃO, 2018b, 2min56s–3min08s, grifo nosso). No episódio, Sa João segue sua explicação como um tutorial, apresentando passo a passo para usar corretamente um preservativo, tendo o enquadramento da imagem em seu pênis ereto. Ao ensinar no próprio corpo, ele mostra dificuldades que podem ser enfrentadas por outras pessoas, situações que não aconteceriam em uma exposição apoiada em esquemas ou ilustrações.

Aí, todos esses esqueminhas lindos que mostram colocando na banana, a camisinha desliza que é uma beleza. Só que a banana não tem uma coisa que é o quê? A cabeça. Entendeu? Então, você tem que prestar atenção na hora de puxar pela cabeça porque não é tão fácil assim, você tá vendo? Eu tô usando uma camisinha mais larga e, ainda assim, ela tá difícil aqui, ó (SA JOÃO, 2018b, 3min19s–3min36s).

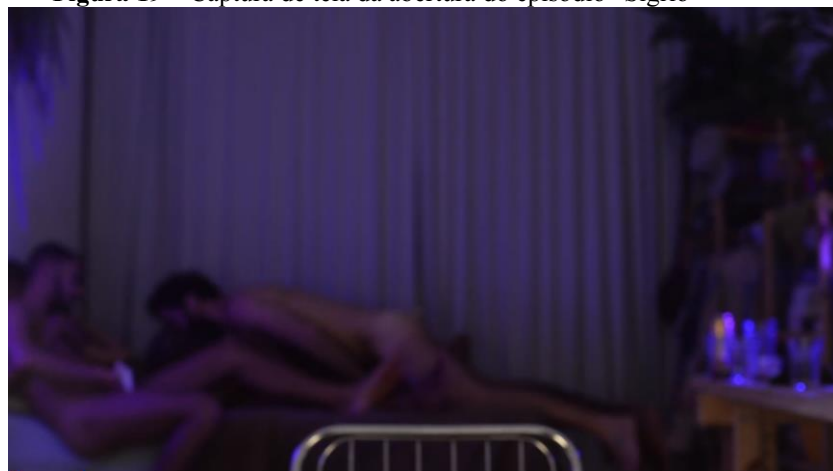
Embora haja a finalidade de conferir realismo ao que propõe fazer, os vídeos são injuntivos ao trazer instruções para os espectadores gerirem suas experiências sexuais conforme os parâmetros mostrados. Mobilizando uma linguagem objetiva para sua tutoria, Sa João explica gradativamente como se deve fazer algo. A interação pedagógica é de ordem explícita e definida por imperativos, como: “Então, *a primeira coisa que você vai fazer*, você vai tirar ela da embalagem e aí você tem que achar, primeiro, o lado que ela enrola, porque senão você vai botar ela do avesso e aí não vai adiantar porra nenhuma” (SA JOÃO, 2018b, 3min08s–3min19s, grifo nosso); “Então, gente, quando você for lavar o pinto, *você tem que prestar atenção* no formato do seu pênis, na anatomia dele (...)” (SA JOÃO, 2018g, 2min22s–2min27s, grifo nosso), etc.

Além de ocorrer a orientação demonstrada no corpo, há outros modos de injunção que se dão pelos conselhos, funcionando como pareceres para uma experiência consigo e socialmente melhor, ou pelas definições alicerçadas em saberes científicos, trazendo conhecimentos comprovados cientificamente por instituições, ou dados com o objetivo de sistematizar informações. Tendo aconselhamentos como exemplo, constatamos em: “Então o importante é isso, a gente se informar. Inclusive, se informar e saber que nenhum desses tratamentos substitui o uso da camisinha” (SA JOÃO, 2018e, 3min54s–4min01s); “(...) Estão equivocadíssimos porque não é assim que é feito o tratamento, inclusive, se você faz o acompanhamento médico pelo estudo do PrEP, os médicos recomendam o uso da camisinha” (SA JOÃO, 2018e, 4min11s–4min20s); “Mas tem uma técnica para você ter certeza que está limpo até onde tem que estar limpo quando você fizer, que é você usar um consolo” (SA JOÃO, 2018l, 4min04s–4min15s); “Primeiro de tudo: nudes. Não me mande nudes, se eu não pedir para ver você pelado, não me mande nudes. É desnecessário, é desrespeitoso e eu não pedi para ver o seu pau ou a sua bunda” (SA JOÃO, 2018y, 2min18s–2min31s); “Guarda isso no seu coração, pensa um pouquinho sobre isso. E quando você conseguir enxergar a maravilhosidade que é o vale, nós vamos estar aqui de braços abertos prontos para receber você” (SA JOÃO, 2018q, 6min04s–6min16s), entre outros. Vale destacar a existência de muitos exemplos em todos os episódios, que dialogam com o ato de aconselhamento proposto no canal, ou seja, do 1º ao 24º vídeo, a narrativa se funda em orientações para ensinar os espectadores. Tendo explicações científicas ou dados, confirmamos em: “No próprio site da Fiocruz, inclusive tem uma coisa muito interessante, porque a gente sabe que dentro dessas questões relacionadas à saúde sexual tem o tal do grupo de risco (...)” (SA JOÃO, 2018e, 2min11s–2min19s), “Vamos falar de camisinha? Segundo a OMS, a Organização Mundial de Saúde, a camisinha é o único

método realmente confiável para prevenção de HIV e outras ISTs” (SA JOÃO, 2018c, 0s–37s); “Só para dar uma ideia pra vocês, o tamanho padrão de um preservativo é 55 milímetros de diâmetro, que dá, mais ou menos, 17 centímetros de circunferência, o que já é acima da média mundial”, prosseguindo até finalizar o trecho com a demonstração, “Então tudo bem, não tem problema, eu trouxe uma régua, entendeu? E um barbante. E a gente vai medir aqui pra mostrar pra você o que são 22 centímetros de circunferência” (SA JOÃO, 2018c, 2min56s–3min36s), e outros.

Os vídeos do *Sem Capa*, em sua maioria, começam e terminam seguindo os mesmos moldes, com Sa João e outros homens fazendo sexo no fundo do quarto, ações continuadas durante o episódio e funcionam integrando-se como “cenário”. Nesses momentos, as filmagens usam o recurso de desfocagem para não revelar quem está ali. Essa estratégia, embora possa ser um chamariz para quem assiste na plataforma *Xvideos* repleta por outras produções voltadas às relações sexuais, possibilita, mesmo com as limitações imagéticas, perceber as performances sexuais das pessoas envolvidas na gravação, ver os movimentos dos corpos, ouvir os barulhos. Essa ação é reiterada pela própria fala de Sa João no 18º vídeo: “Eu sei que é difícil prestar atenção no que eu tô falando com tudo que está acontecendo aqui atrás, mas vai lá, entendeu? Bate a sua punheta, goza, relaxa e volta o vídeo do início e assiste de novo que fica mais fácil, te garanto” (SA JOÃO, 2018s, 4min56s–5min06s).

Figura 19 – Captura de tela da abertura do episódio “Sigilo”



Fonte: Sa João (2018q, 5s)

Figura 20 – Captura de tela do encerramento do episódio “Sigilo”



Fonte: Sa João (2018q, 7min18s)

Esse aspecto reforça a atenção em razão de os corpos em exibição com nitidez serem de Sa João, sobretudo, Charlinhus e Ton, convidado. Os dois primeiros apresentam-se nus e evidenciam corpos musculosos e condizentes com ideais vigentes de atributos da masculinidade e de beleza corpórea para homens. Já o convidado aparece usando acessórios típicos de performances BDSM (práticas sexuais que envolvem Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), visto que o episódio coaduna com a temática fetichista. Já os demais corpos em cena são identificados durante a exibição do episódio, mas de forma fantasmática, com sombras e mistério. São pessoas opacas pelo recurso da imagem, que aparecem, em simultâneo, como corpos que vemos e não vemos, compondo o cenário, mas indefinidas. Essa materialidade entrevista do corpo constitui uma estratégia para que o primeiro plano e o foco do episódio se concentrem no que está sendo refletido e exposto para a tela do espectador, contudo a ação é uma marca simbólica que reduz aqueles indivíduos apenas para suas performances sexuais. Logo, são corpos postos na cena para garantir a finalidade masturbatória, o entretenimento do espectador que está na plataforma *Xvideos*, estreitando um diálogo com outras produções sexuais e recorrendo a uma maneira de se ligar ao propósito de “falar de sexo, fazendo sexo”.

Em contraposição à redução do corpo ao sexo, a audiência apresenta vontade de ser inserida nas gravações. Os pedidos para participação eram promovidos por Sa João durante o começo do projeto — “Se você quiser participar da nossa surubinha aqui, manda um direct pra gente. Entra em contato com a gente que a gente resolve” (SA JOÃO, 2018c, 6min22s–6min44s) —, mas encerrado no quinto episódio com uma advertência — “Quanto a participar aqui da suruba aqui atrás, muita gente tá interessada, não adianta mais me mandar direct

pedindo isso (...)” (SA JOÃO, 2018f, 9min31s–10min10s). Enquanto isso, os espectadores pediam para colaborar com as gravações via comentários, como: “Quero participa com vc!!! Rsss” (*sic*), “Quero participar”, “Ótima iniciativa João, parabéns. Queria estar na surubinha mas moro longe haha” (*sic*). Houve quem dedicasse o comentário para esses corpos e movimentos entrevistados, como: “a foda ali atrás ta violenta hein.. soh os gemidos” (*sic*), “nossa amei o povo transando ali atras” (*sic*), “Porra como não prestar atenção na tranza atrás” (*sic*), “Só fui eu que fiquei vendo os caras lá trás?” (*sic*), “Quero participar de um dos seus vídeos! rrsrs” (*sic*) e “Foi quase impossível tirar o foco da suruba, dessa vez! Isso não foi uma reclamação, viu? ‘Cada um trabalha com o que tem e tá ótimo’” (*sic*). A dimensão corporal assume valores e funções apenas sexuais, assim, limita-se o destaque somente em que está se projetando para a tela e os outros corpos unicamente assombram a filmagem para captura das relações sexuais.

O corpo do público também é alvo do projeto. Nessa via, empreende-se uma pedagogia de eficácia e democracia dos prazeres. As proposições dirigidas aos espectadores para usufruírem mais e melhor nas relações sexuais traçam direcionamentos para alcançar esse objetivo orgástico. Com recomendações para ter uma saúde melhor, formas de obter mais prazer, indicações de meios para explorar o próprio corpo, o *Sem Capa* coloca em evidência uma economia sobre os corpos.

Nessa esteira de sugestões, os espectadores são aconselhados a investir em experiências consideradas fetichizadas, como enuncia Sa João (2018o, 14min09s–14min26s): “Então, vai atrás, não se impeça de explorar esse lado da sua sexualidade porque não tem nada de errado com isso, e pode te fazer muito bem, pode te fazer uma pessoa muito mais saudável porque você está explorando a sua sexualidade ao máximo”. A proposição para desfrutar a sexualidade intensamente é puramente a ação do dispositivo da sexualidade. Outra indicação é lidar estética e higienicamente com os pelos corporais: “A questão é você se conhecer, se entender, entender o que você gosta, o que você não gosta, porquê, e decidir como lidar com seus pelos baseado na sua experiência e no que te faz bem” (SA JOÃO, 2018h, 4min56s–5min08s); ou conhecer os limites aceitáveis do próprio corpo:

Vai tentando, faz explorando o seu corpo e vai vendo quais são os seus limites. Se você sentir que a forma ou a frequência com que você está fazendo tá te afetando negativamente de alguma forma, mude ou pare. Ai, você vai pela sua experiência e vai vendo, vai explorando seu corpo e se conhecendo, assim como você faz quando está se masturbando, quando você está fazendo sexo com alguém, quando você está vendo pornô ou qualquer coisa, é só um outro hábito ligado ao sexo que você precisa explorar e conhecer para entender como funciona para você (SA JOÃO, 2018i, 6min15s–6min42s).

As recomendações para estimular a exploração da sexualidade seguem em outros momentos. Outro exemplo é:

Então, gente, vamos abrir a cabecinha, vamos. Vamos explorar a nossa sexualidade para todas as possibilidades que ela pode oferecer. Quem sabe você não descobre algo novo sobre você mesmo, que vai te proporcionar toda uma nova gama de experiências incríveis que você nem sabia que eram possíveis (SA JOÃO, 2018m, 5min44s–5min59s).

As passagens anteriores exprimem como o projeto assimila que os prazeres “melhores” estão nos próprios indivíduos, ou seja, basta apenas que invistam e inovem em outras práticas, na busca por descobrir essas possibilidades ocultas, deixem de lado amarras de moralismos e impedimentos que constroem certas ações, para que, assim, usufruam da diversidade de práticas sexuais e formas de potencializar o ato de gozar. Essas propostas também se fundam em uma lógica de democracia dos prazeres, isto é, todo mundo pode desfrutar do próprio corpo ou encontrar parceiros que apreciem o mesmo que a pessoa. A título de exemplo, “[s]e a pessoa que você tá não curtir, paciência, arranje alguém que curta, tem 7 bilhões de pessoas no mundo, você não precisa decorar seu corpo para agradar ninguém, a não ser você mesmo” (SA JOÃO, 2018h, 5min20s–5min31s). Tal conselho confirma o estímulo para cada pessoa buscar o que lhe trazer maior e melhor satisfação, seja nas relações afetivas ou consigo mesma.

Se por um lado ocorrem incitações para que todos encontrem satisfação sexual e vivenciem a sexualidade da forma como julgarem pertinente, por outro a ação de Sa João é de estimular a autorreflexão e exibir, sem barreiras ou interposições, como deve ser uma vivência plena da sexualidade. Para tanto, ele interliga o surgimento do canal com base em uma suposta ausência de espaços para conversas sobre a sexualidade. A seguir, temos um trecho do episódio “Parece uma pornô”, no qual, ao discutir mecanismos constituintes da pornografia audiovisual, repete-se sobre esse presumido apagamento social da sexualidade. A partir do fragmento, refletimos com o pensamento foucaultiano.

Pra mim, um dos fatores que contribuem para esse tipo de pornô não fazer tanto sucesso, é que *a sociedade trata o sexo como algo que tem que ser escondido*, e aí, a gente acaba associando ele a outras coisas que a gente acha que tem que ser escondidos, que a gente tem vergonha de admitir que gosta. E tudo bem o sexo ser uma válvula de escape para certas fantasias, mas o sexo não é só isso. Só que, muitas vezes, pornografia faz parecer que é, e aí então agravante complicadíssimo, que a gente fala que dele desde o primeiro vídeo desse canal, *a medicina, a família, a religião, a sociedade em geral não nos ensina sobre sexo. Não fala para gente como*

lidar com o sexo de uma maneira saudável, e aí a pornografia acaba, por causa disso, sendo a maior e, muitas vezes, a única fonte de informação sobre sexo para muitas pessoas, principalmente, as pessoas LGBT, porque, se já não se fala sobre sexo hétero, imagina sexo gay (SA JOÃO, 2018x, 7min03s–8min26s, grifo nosso).

Essa suposta escassez aproxima-se da concepção repressiva sobre a qual Foucault (1999) trabalhou analisando a sociedade ocidental a partir da Era Vitoriana inglesa. Naquele momento do século XVII, tinha-se uma hipótese de que sexo passou a ser algo oculto da sociedade, escondido e censurado. Contudo, conforme o filósofo nos explicou, sempre se falou sobre sexo (e muito). Houve uma proliferação dos discursos sobre os quais conseguimos entender seu aspecto historicamente construído nas culturas através de uma lógica de poder produtivo e disciplinar que investiu a sexualidade constantemente sobre os indivíduos e as sociedades. Para tanto, cientificamente, explorou-se a sexualidade por estratégias de saber-poder com vistas a buscar a “verdade” sobre o sexo contidas nos indivíduos.

A lógica repressiva “repaginada” enunciada no *Sem Capa*, tida como uma das intenções para seu desenvolvimento, torna-se contraditória, sobretudo quando atentamos para a plataforma onde se hospeda, as produções midiáticas e tantas estratégias que nos convocam a pensar sempre a sexualidade e o corpo. O *Sem Capa* pode ser lido como a encarnação do dispositivo da sexualidade à medida que constrói a narrativa convocando os espectadores para refletirem sobre si, suas relações e seus corpos, questionando suas vivências, estimulando os corpos a buscarem mais prazeres e trazendo conhecimentos de ordem empírica ou científica na narrativa. Entre as estratégias arregimentadas, há um aspecto do dispositivo presente no projeto, como já lemos anteriormente, que é a “inovação” com a ausência do segredo sobre a sexualidade. Mostra-se, exhibe-se e diz como ações de desmistificar, evidenciar e explorar temáticas dos corpos e da sexualidade. Desde o título ao encerramento, esse propósito é frisado. Em entrevista ao canal *Prudence* (2019), concedida um ano após o fim da produção do projeto, Sa João reafirma essa ideia de desenvolver um projeto audiovisual, em que não seja necessário suavizar o que está sendo expresso ou recorrer a outras táticas para amenizar o tema. Assim, o *Sem Capa* se estabelece como uma “tecnologia do sexo” se armando audioverbovisualmente a partir de convocações a quem assiste, provocando a autorreflexão e incentivando a procura por uma liberdade sexual para homens *gays*.

Ainda no que concerne ao dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1999), nota-se a centralidade adquirida por instituições nas marcações sobre a sexualidade. Uma delas foi a medicina, que, por práticas de saber-poder, investiu sobre indivíduos cujas ações não seriam produtivas e reprodutivas para a ordem capitalista, patologias e regulações. Um dos corpos

conduzidos à marcação de doença e desvio são indivíduos homossexuais, categoria criada na década de 1870 pelas ciências médicas para subjugar e criar uma figura patológica alvo de investidas disciplinares e corretivas (SPARGO, 2019). Até 1975, a homossexualidade foi considerada doença em manuais psiquiátricos (PRECIADO, 2020) e, somente em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). No *Sem Capa*, Sa João faz críticas para firmar o caráter problemático disseminado pela medicina para a homossexualidade. Confirmamos essa ação em alguns momentos: “Sim, mas um dos motivos pelos quais eu disse que queria fazer esses vídeos é justamente porque a medicina tradicional, assim como todo o resto da sociedade, é homofóbica, ou seja, não existem estudos suficientes para concluir muitas coisas sobre as práticas sexuais *gays*” (SA JOÃO, 2018c, 5min41s–5min54s); “Segundo, como eu já disse, a medicina tradicional é homofóbica e, muitas vezes, eles não consideram a prática do sexo anal como uma prática sexual, mas a verdade é que o HPV pode se manifestar no reto e no ânus quase com a mesma facilidade que ele se manifesta na vagina” (SA JOÃO, 2018f, 6min11s–6min26s); “Agora, pergunta pra uma amiga sua se já ensinaram ela a lavar a perereca? Eu tenho certeza que ela vai falar sim, porque, além da medicina tradicional ser homofóbica como a gente sempre diz aqui, ela também é machista (SA JOÃO, 2018g, 22s–31s); “É porque, quando, enfim, a medicina tradicional vai tratar dessa parte do corpo em contexto sexual, eles só consideram o ânus e o reto, mas, na verdade, tem todo o aparelho digestivo, na verdade” (SA JOÃO, 2018k, 56s–1min09s); “Se é baseado em suposição, a tua vivência, a tua experiência de vida fazendo chuca com a frequência que você faz é tão válida quanto a opinião de um médico que nunca estudou de fato o assunto para afirmar o que afirma” (SA JOÃO, 2018l, 5min20s–5min33s), entre outras passagens. Entendemos, assim, que a medicina é uma instituição considerada legítima cientificamente para validar significados sobre a saúde dos corpos na sociedade, tendo seu legado atingido indivíduos e projetado sobre eles a aceitação institucional como “normal” ou “patológico”. Por outro lado, cabe-nos refletir também as alterações nas formas de atendimento propostas por profissionais da saúde que dedicam esforços para acolhimento de pessoas LGBTQIA+. Dentre os quais podemos citar o médico Marcos Vinicius Borges Tadeu, famoso nas redes sociais como Doutor Maravilha, cujo trabalho segue a linha de divulgar informações e prestar atendimentos conforme as especificidades e necessidades de cada paciente.

Outro tópico do *Sem Capa* trata da intencionalidade em exprimir uma procura por romper com a heteronormatividade imposta socialmente para nos guiar. Vivemos em uma

sociedade que legitima a heteronormatividade, na qual todas as práticas sexuais e formas de relacionamento que fogem deste padrão sofrem represálias e violências. Quer dizer, existem regulamentos culturais e formas de poder engendradas em nossas apreensões e experiências de sexualidade (OKSALA, 2011). Para tanto, a heterossexualidade precisa das “outras” sexualidades para se firmar como a norma legítima a ser seguida na cultura. Desse modo, as classificações e as marcações dos indivíduos são atribuídas pelos discursos das instituições como meio para arranjar e validar o que é proposto. Família, religião, escola, leis e muitas outras organizações empreendem o que se pode ou não falar, como se pode ou não ser, se comportar, atuar nas relações sociais... São mecanismos estratégicos, explícitos ou subentendidos, das configurações do dispositivo da sexualidade (LOURO, 2019). Contudo, trata-se de um embate constante, em que “[o]s discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política são inventados” (LOURO, 2019, p. 40). Emergem outros discursos com suas buscas por consolidações nas interações sociais e com suas oposições na tentativa de operar outros arranjos para a sexualidade.

Os jogos de afirmar e refutar as normas sociais estão em permanente conflito. Tentamos, por vezes, perceber as brechas e adentrá-las com questionamentos, interposições e insurgências frente aos binarismos. Nesse complexo caminho, o *Sem Capa* se projeta lançando alternativas para que homens *gays* possam refletir sobre a homossexualidade, o corpo e as relações de outros modos. Os incentivos e encorajamentos à “saída do armário” (SA JOÃO, 2018q), por exemplo, são marcas que sublinham os conflitos diante dos controles normativos impostos na vida das pessoas e impulsionam o rechaçamento aos preconceitos. Outra ação possível de ser lida como uma tentativa de trazer novas formas de prazer para as relações sexuais é o incentivo ao uso do preservativo interno, vendido como “feminino”. Em tal caso, Sa João (2018n) explica as vantagens e demonstra como se usa o produto, ações que deslocam noções cristalizadas sobre a aplicação do preservativo em relações de sexo anal entre homens. Também podemos refletir sobre o incitamento para que as pessoas frequentem festas de sexo ou procurem por relações coletivas de modo a, talvez, conseguirem explorar uma faceta de suas sexualidades ainda não experimentada (SA JOÃO, 2018w). Da mesma forma que estimula a busca por outras formas de prazer, consideradas fetichizadas, como meio de exploração do corpo e dos desejos (SA JOÃO, 2018o).

O projeto busca ser resistência nas relações de poder estabelecidas na sociedade heterocentrada, porém a narrativa investe didaticamente outras normas sobre os espectadores,

isto é, quer romper com a heteronormatividade, mas atualiza normas, além de agregar outras, para ser um homem *gay* que se ajuste ao que é melhor para vivenciar a sua sexualidade e buscar melhor qualidade. A lógica imperativa dos tutoriais e dos aconselhamentos em tom de autoajuda dados à audiência configuram discursos normativos para ensinar uma gramática para a homossexualidade. Discursivamente, algumas palavras sublinham esse conjunto prescritivo de ensinamento: “aula” (SA JOÃO, 2018f) e a derivação no diminutivo “aulinha” (SA JOÃO, 2018g, 2018h, 2018i); “curso intensivo” (SA JOÃO, 2018g) e o grau aumentativo “intensivão” (SA JOÃO, 2018q); assim como construções verbais “eu vou ensinar” (SA JOÃO, 2018l, 2018n) ou “você vai entender” (SA JOÃO, 2018q). Tudo isso interage com a orientação pedagógica e instaura uma hierarquia entre alguém que supostamente sabe mais (Sa João) para alguém que sabe menos ou que pediu para aprender (seus espectadores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE

Os sexos. Os gêneros. As marcas. As categorias.
 A integração. A hegemonia. A dominação. A força.
 O não ser. O não existir. O precisar resistir. Os outros. O *Queer*.
O corpo representa aquilo que sou. Aquilo que quero ser. Aquilo que consigo, que desejo, que penso. O corpo como sensação. O corpo como acontecimento inteligível, já absorvido pela mídia. O corpo como lugar de constituição de poder. Dos poderes.
 (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 233, grifo do autor).

Abro as considerações finais desta pesquisa, ou ensaio um possível arremate provisório para essa tessitura, a partir das palavras elencadas por Kolinski Machado (2018), que também representaram extensa parte desta investigação e estão conectadas nessa trama. Motivado por uma inquietação inicial com o projeto audiovisual *Sem Capa*, que conheci em 2018 e retomei para o mestrado, e seu propósito, comecei a questionar o que seria “descomplicar o sexo”. Essa frase inundada de disputas de significações possíveis a partir do modo como a miramos, do local de onde partimos e das intencionalidades da pesquisa permitiu olhar para os fenômenos do meu local de pesquisador neste momento, como homem *gay* afetado pelo canal e com curiosidade em apreender as “pedagogias da sexualidade” com Foucault (1999), Louro (2003a, 2003b, 2008,) e tantas outras estudiosas e estudiosos que se apresentavam potentes para o diálogo. Sexualidade, corpos, marcas, *queer* e pornografias são palavras que rondavam a proposta de pesquisa e que se uniam ao *Sem Capa*.

À medida que evoluímos pelas possibilidades de incursão nesse objeto, os interesses extravasam por outras rotas, eram cruzados por questionamentos e sempre planavam nas incertezas, as quais acredito serem fundamentais no processo de pesquisar e que sem elas não conseguiríamos alcançar os objetivos. Desse modo, o movimento analítico construído aqui e inspirado em Braga (2008), Abril (2007, 2012, 2018) e Leal (2018) tomou forma conforme a incursão pelo *Sem Capa* acontecia juntamente aos estudos sobre pedagogias da sexualidade.

Entrelaçada, a audioverbovisualidade revelou recorrências nos episódios desde os começos e términos semelhantes das gravações, os corpos “fantasmagóricos” que compunham a cena e eram entrevistados na tela apenas pelo desempenho sexual, a condução da narrativa inclinada a obtenção de intimidade com os interlocutores até a frequência com que temáticas voltadas à saúde de homens *gays*, às relações sexuais entre homens, à anatomia dos órgãos tidos como sexuais e à tutorização dos cuidados com o corpo se apresentavam. Em contraponto, observamos as negações de outros corpos, desejos e formas de vivenciar a sexualidade a partir da orientação centralizada em Sa João. Nessa amálgama, o jogo no campo do pornográfico feito

pelo canal mobilizou peças centrais que organizam a pornografia plataformizada. O princípio de máxima visibilidade e os excessos para compor um projeto situado entre a gama de produções de sexo explícito da plataforma, as dimensões da *Xvideos* que proporcionaram atrelar o canal às suas funcionalidades e, ao mesmo tempo, desestabilizar as configurações do pornográfico, e as lógicas do obsceno mobilizadas são alguns dos meios convocados pelo canal para se solidificar, circular e conseguir engajamento da audiência.

Reconhecemos três ações no *Sem Capa* articuladas à narrativa, funcionando como maneiras de ensinar, que, em conjunto, rearticulam-se à totalidade do projeto. Não se trata de um ponto em detrimento ao outro, mas, sim, em união nessa trama textual em tessitura. No entanto, é importante sublinhar as afirmações, as contradições e as negações do *Sem Capa*, visto que se conectam no objetivo da “descomplicação” e sinalizam os movimentos na própria proposta e nos caminhos tomados pelo projeto.

O dispositivo da sexualidade, como mecanismo discursivo de produção de sujeitos balizado por normas e em relações de poder (FOUCAULT, 1999), está encarnado no *Sem Capa*. Uma das características desse dispositivo é a *pedagogização*, central na narrativa da iniciativa, e notada em marcas explícitas cujo propósito é transitar entre aconselhamentos e instruções para as relações sexuais. Para tal, Sa João vem a ser central como alvo e produto do dispositivo. Sua figura se projeta como objeto da própria pedagogia, tal qual se inscreve como homem *gay* compartilhando sua biografia para outros homens *gays*. Assumindo-se como exemplo nesse prisma da experiência de vida, é eminente a afirmação de um lugar que possibilita a ação de ensinar aos espectadores. Contudo, isso só se solidifica na narrativa por Sa João ser suficientemente pedagogizado por “n” normas que fazem parte da constituição de sua subjetividade.

Concomitantemente, Sa João aciona a hipótese repressiva foucaultiana de forma “repaginada”, demarcando o sexo, sobretudo, as experiências *gays*, como zonas do não falado e ocultado socialmente. As razões pelas quais ocorrem tais repressões na contemporaneidade são frisadas no canal por meio da recusa ao e da desqualificação do discurso médico, acima de tudo, adjetivado como homofóbico e negligenciador de práticas homoafetivas. A instituição médica aliada a outras tantas, que investem sobre os indivíduos e socialmente, agem na ambivalência entre a aprovação e a exclusão de pessoas e práticas sexuais. A tática utilizada no *Sem Capa*, porém, como contraponto às repressões, é um gesto de despudor, que opera na lógica de mostrar-se. Dito por outras palavras, ao assumir a posição central da narrativa, Sa João usa do despudor para evidenciar práticas sexuais, corpos nus — fundamentalmente, o seu —,

genitálias — também as suas — e enunciações sobre o que estava, até então, “encapado”, sem constrangimentos. Para corroborar com seu argumento de “descomplicar”, vale-se da diluição de fronteiras e trânsitos com a pornografia, o obsceno e a audiovisualidade da plataforma onde se insere. Nesse jogo, captura a máxima visibilidade como camada essencial para aproximar-se do objetivo da descomplicação, aliando também o movimento das imagens para garantir a sensorialidade exigida pela inteligibilidade.

Ainda assim, o despudor não é uma forma de confrontar o dispositivo da sexualidade, mas fazer frente ao dispositivo da pornografia e do obsceno. De certo modo, o *Sem Capa* é “mais do mesmo” em termos de reflexões sobre a sexualidade, porém tem características específicas que trazem outras camadas para sua composição. Não é assumida uma posição de confronto ao normativo do dispositivo da sexualidade, como Preciado (2014) radicaliza com a *contrassexualidade*. A ousadia do despudor do projeto não avança por esbarrar, sobretudo, na centralidade de Sa João. Novamente, cabe reiterar um conjunto de marcadores — homem *gay*, jovem, branco, magro, musculoso, etc. — que constitui um determinado padrão de beleza tomado como ideal, ressaltado entre homens *gays* e reforçado crucialmente na pornografia. Desse modo, acaba sendo uma figura exemplificadora de “como fazer o melhor sexo” e “como ter as melhores experiências *gays*”, o que conforma uma ação normativa. Ainda, as injunções marcadas no *Sem Capa* são conjuntos de conselhos para regular a vida e buscar atingir eficácia sexual junto ao ensino dos espectadores, como se estivessem em uma aula, sublinhando formas para se ter relações sexuais melhores.

As maneiras de “descomplicar” podem, eventualmente, serem complicadoras para os espectadores impelidos a seguirem modos de vivenciar a sexualidade, pois as temáticas trazidas no projeto são selecionadas pelos idealizadores — e pela nossa leitura, esse ato é majoritariamente de Sa João, visto às enunciações nos vídeos — com base em experiências pessoais e profissionais. Apesar de a audiência ser fundamental para o projeto se solidificar na plataforma e chegar até o último episódio, trazendo percepções sobre o que é abraçado e recusado pelos espectadores, a centralidade em Sa João e as declarações prescritivas tornam-se o primeiro plano do projeto. Pode ser que, para alguns espectadores, o que está sendo visibilizado e colocado para reflexão não é necessariamente complicado ou pertinente para sua vida. Do mesmo modo, em diferentes momentos da vida, fazer sexo pode ser bom ou ruim e pode ou não oferecer prazer. São práticas marcadas pela variabilidade e modos específicos como cada pessoa experiencia, e não é sempre uma ação otimizada visando atingir o melhor gozo como se fosse técnica ou reprodução mecânica de passos específicos para tal fim. Logo,

essa ideia de atingir “o melhor sexo” opera numa lógica da *scientia sexualis* e não de uma arte erótica, para usar os termos de Foucault (1999), e pressupõe haver uma escala de “melhor” e “pior”, bem como torna o sexo uma finalidade, um fim em si mesmo, além de algo que todas as pessoas querem ou devem querer.

Já as recusas no *Sem Capa*, notabilizadas no decorrer dos 24 episódios, são de ordem subentendida voltada à negação de experiências e corpos outros, diferentes de Sa João e suas práticas sexuais. Mesmo que exista uma construção de confidencialidade (SOUZA, 1993) na narrativa como uma ação de aproximação e confiabilidade para troca com os espectadores, assim como são pontuadas possibilidades de se vivenciar a sexualidade de uma forma livre das amarras heteronormativas, novamente, o protagonismo em Sa João e as exposições de si criam um espaço marcado pela *fala para homens gays*, o que dita parâmetros, em uma ordem hierárquica entre o idealizador e seus espectadores, de cima para baixo, entre quem se julga sabendo mais para quem sabe menos. Também, a sonogação da diversidade de experiências homossexuais se dá implicitamente pela singularidade em Sa João. Embora haja dois episódios cujas apresentações em frente à câmera são com Charlinhus e Ton Dutra, nos quais as experiências deles são relatadas e biografadas por eles, a forma como se inserem na totalidade de episódios denota uma excepcionalidade. Torna-se destoante no conjunto de vídeos. Em geral, o reconhecimento da diversidade é empobrecido pelo desenvolvimento das narrativas.

Em continuidade às negações, há uma recusa da coletividade em detrimento da singularidade. A proposta conceitual de lugar de fala, como lemos com Ribeiro (2019), evidencia a coletividade, ou seja, nesse caso, como homem *gay* atento às questões sobre homossexualidade digo de um lugar coletivo e social, e não narcisisticamente de mim. Situar-se assim é entender, de fato, de onde se enuncia, com quais limitações, meios e privilégios pode-se dizer sobre um tema. Não é a experiência individual que lhe confere legitimidade para dizer, como frisado por Sa João e justificada como o porquê duas pessoas excepcionalmente refletem em dois episódios específicos, sendo um pelo fato de Sa João não ser um homem negro e outro por se entender como “baunilha” para fetiches. Reconhecer o lugar de fala é ir além do individual, é apreender o lugar em que se situa nas relações de poder da sociedade, é um agir político de reconhecimento de questões estruturais.

Por fim, é válido acentuar que nos momentos em que destacamos fios pedagógicos dessa trama, não estamos querendo avaliá-los por juízos de valores ou taxar o que é dito como correto ou não, mas, sim, observar as articulações nas enunciações para apreendermos os significados conectados pela noção de “descomplicar”. Nesse sentido, a textualidade enredada nesta

dissertação, situada metodologicamente pelos referenciais teóricos mobilizados, o lugar de pesquisador e o modo de inserção na rede textual do fenômeno, permite concluir que as modulações apresentadas conferem afirmações sobre a pedagogia do *Sem Capa*, mas também são contraditórias nas formas de se arranjar e, ainda, têm negações que invalidam e desconsideram aspectos constituintes das questões levantadas sobre sexualidade no projeto.

REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS CITADOS

PRUDENCE OFICIAL. **Sexo sem amarras com o pornógrafo Sajoão | Casa Delicious.** 2019. 12min08, son., color. Disponível em: <https://youtu.be/JE6nPbNbe6w>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #1 | Vamos falar de sexo?** 2018a, 4min53s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37475257/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #1 | Vamos falar de sexo? (Legendado).** 2018b, 4min53s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video42795143/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo_legendado. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #2 | Bota a camisinha, bota meu amor.** 2018c, 6min44s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37474471/sem_capa_2_bota_a_camisinha_bota_meu_amor. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #3 | HIV não é doença.** 2018d, 5min43s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37474049/sem_capa_3_hiv_ao_e_doenca. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #4 | PREP-ara.** 2018e, 4min49s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37473601/sem_capa_4_prep-ara. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #5 | Desinformação é pior que DST.** 2018f, 10min10s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37473383/sem_capa_5_desinformacao_e_pior_que_dst. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #6 | Lava o pinto direito.** 2018g, 6min37s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37459031/sem_capa_6_lava_o_pinto_direito. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #7 | Peludos e pelados.** 2018h, 8min04s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37452041/sem_capa_7_peludos_e_pelados. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #8 | O melhor amigo do homem.** 2018i, 5min52s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37451573/sem_capa_8_o_melhor_amigo_do_homem. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #9 | Pau pra toda obra.** 2018j, 7min27s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37448971/sem_capa_9_pau_pra_toda_obra. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #10 | O segundo melhor amigo do homem.** 2018k, 9min17s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37065061/sem_capa_10_o_segundo_melhor_amigo_do_homem. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #11 | How to xuca.** 2018l, 7min40s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video36873133/sem_capa_11_how_to_xuca. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #12 | Bora sarrar.** 2018m, 7min01s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37215685/sem_capa_12_bora_sarrar. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #13 | Bota a camisinha parte 2.** 2018n, 7min59s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37431981/sem_capa_13_bota_a_camisinha_parte_2. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #14 | Fantasias no ar.** 2018o, 15min15s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37586961/sem_capa_14_fantasias_no_ar. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #15 | Hey machão.** 2018p, 14min31s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37770879/sem_capa_15_hey_machao. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #16 | Sigilo.** 2018q, 7min29s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38010109/sem_capa_16_sigilo. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #17 | Sindibixa e pokémon.** 2018r, 11min18s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38706975/sem_capa_17_sindibixa_e_pokemon. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #18 | Trepada aditivada.** 2018s, 7min42s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38582233/sem_capa_18_trepada_aditivada. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #19 | Casalção da porra.** 2018t, 9min46s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38773931/sem_capa_19_casalcao_da_porra. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #20 | O negão da piroca.** 2018u, 7min06s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39011705/sem_capa_20_o_negao_da_piroca. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #21 | Manda nudes.** 2018v, 5min47s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39446526/sem_capa_21_manda_nudes. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #22 | Suruba não é bagunça.** 2018w, 8min57s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39605349/sem_capa_22_suruba_nao_e_bagunca. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #23 | Parece uma pornô.** 2018x, 12min29s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39787585/sem_capa_23_parece_uma_porno. Acesso em: 28 maio 2021.

SA JOÃO. **Sem Capa #24 | Pós-coito.** 2018y, 16min34s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39950891/sem_capa_24_pos-coito. Acesso em: 28 maio 2021.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2012.
- ABRIL, Gonzalo. **Análises crítico de textos visuales**. Madrid: Síntesis, 2007.
- ABRIL, Gonzalo. Prólogo. *In*: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (orgs.). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. p. 9-16.
- ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. **IC: Revista científica de Información y Comunicación**, Sevilla, n. 9, p. 15-35, 2012. Disponível em: http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/9/art_1.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.
- ALVES, Igor Lage Araújo. Textualidades em consonância: considerações sobre tramas visuais, verbais e sonoras em telas eletrônicas. *In*: XPOSCOM - Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 10., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://dcsfafichufmg.com.br/tramas/wp-content/uploads/2018/04/Textualidades-em-conson%C3%A2ncia-Entremeios-2013.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021.
- ANTUNES, Elton; MAFRA, Rennan; JÁUREGUI, Carlos. Mídia em trânsito, mídia em transe: textualização, epifania e distanciamento. *In*: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018, p. 35-57.
- BALTAR, Mariana. Evidência invisível — BlowJob, vanguarda, documentário e pornografia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 469-489, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.2.9470>. Acesso em: 4 maio 2021.
- BALTAR, Mariana. Real sex, real lives – excesso, desejo e as promessas do real. **E-Compós**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 1-17, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1042>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- BOURCIER, Sam. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro dom feminismo da desobediência sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, p. 15-38, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6541>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário**: inglês-português, português-inglês. São Paulo: FTD, 2007.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 191-220.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?seq. Acesso em: 28 nov. 2021.

CONNELL, Raewyn. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 2 dez. 2021.

COSTA VAL, Maria das Graças. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DEL PRIORE, Mary. **Sexualidade**: história de repressão e mudanças. 2016. 45min28s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnw7yB7tYkU>. Acesso em: 6 jul. 2021.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996, p. 83-96.

DESCOMPLICAR. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/descomplicar/>. Acesso em: 19 set. 2021.

DESPENTES, Virginie. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabiola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 715-737, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p715>. Acesso em: 8 nov. 2021.

DYER, Richard. Male Gay Porn: Coming to Terms. **Jump Cut: A Review of Contemporary Media**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 27-29, 1985. Disponível em: <https://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC30folder/GayPornDyer.html>. Acesso em: 28 out. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>. Acesso em: 20 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. The confession of the flesh. *In*: FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977**. Pantheon, New York, 1980, p. 194-228.

FRAGEL, Henry. Onlyfans e a plataformização do trabalho sexual. **MediaLab UFRJ**, 2021. Disponível em: <http://medialabufrj.net/blog/2021/07/dobras-48-onlyfans-e-a-plataformizacao-do-trabalho-sexual/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KIMMEL, Michael. Los estudios de la masculinidad: una introducción. *In*: CARABÍ, Àngels; ARMENGOL, Josep M. **La masculinidad a debate**. 1. ed. Barcelona: Icaria editorial, 2008, p. 15-31.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal**. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

LAPERA, Pedro Vinicius Asterito. Entre “alegres” e “livres”: prazer e repressão à pornografia nos cinemas do Rio de Janeiro (1907-1916). **E-Compós**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1623>. Acesso em: 21 set. 2021.

LEAL, Bruno Souza. Do corpo como texto: na mídia, na rua. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 144-151, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LEAL, Bruno Souza. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. *In*: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018, p. 17-33.

LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018.

LIGHT, Ben; BURGESS, Jean; DUGUAY, Stefanie. The walkthrough method: as approach to the study of apps. **New media & society**, v. 20, n. 3, p. 881-900, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1461444816675438>. Acesso em: 21 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Chapéu, coldre, colete. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafraão: takes, cuts, close-ups**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. Labrys. **Estudos Feministas (Online)**, Brasília/Montreal/Paris, v. 4, n. 4, p. 1-7, 2003a. Disponível em: <https://bit.ly/3qYgR8E>. Acesso em: 7 mar. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Feminilidades e Masculinidades em transição. **ex aequo - revista da associação portuguesa de estudos sobre as mulheres (APEM)**, Oeiras, Portugal, v. 07, p. 71-80, 2003b. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/feminilidades-e-masculinidades-em-transicao>. Acesso em: 14 fev. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 7-42.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado! Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE)**, v. 46, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202146768>. Acesso em: 1 dez. 2021.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; LEAL, Bruno Souza. Ver a elas: mulheres trans e as dimensões políticas da cultura visual. *In*: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018, p. 103-112.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/profilaxia-pre-exposicao-prep>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MINTZ, André. Miatização e plataformização: aproximações. **Revista Novos Olhares**, v. 8, n. 2, p. 98-109, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347>. Acesso em: 13 set. 2020.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. Estranhando Foucault: uma releitura queer de História da sexualidade I. In: SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Tradução de Rafael Grohmann. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PORNHUB INSIGHTS. **The 2019 Year in Review**, 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 30 nov. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. Acesso em: 26 jul. 2021.

PRECIADO, Paul B. Museu, lixo urbano, pornografia. Tradução de Bryan Willian Axt. **Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 20–31, 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23686>. Acesso em: 8 nov. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2020a.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; MARTINS, Bruno Guimarães; ANTUNES, Elton. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1-17, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.3.27047>. Acesso em: 15 out. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. *Revista Periódicos*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/10175/7263>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SOUSA, Emerson da Cunha. O corpo masculino para a câmera pornô. *In*: NUNES, Pedro. **Audiovisualidades, desejo e sexualidades**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 239-254.

SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne**: o público e o privado na enunciação da sexualidade. 1993. 166f. Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). *Intercom*. São Paulo, v. 43, n. 3, p. 57-81, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202033>. Acesso em: 29 maio 2021.

VAN DIJCK, José. **A Sociedade da Plataforma**: entrevista com José van Dijck. [Entrevista concedida a] Rafael Grohmann. DigiLabour, São Leopoldo, on-line, 6 mar. 2019. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2019/03/06/a-sociedade-da-plataforma-entrevista-com-jose-van-dijck/>. Acesso em: 12 out. 2020.

VIANNA, Graziela Mello; VAZ, Paulo Bernardo; SANTOS, Humberto. Sobre texto visual, som e imagem: novas paragens para as paisagens textuais. *In*: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018, p. 113-130.

VIEIRA FILHO, Maurício João; LEAL, Bruno Souza. Te(n)sões no projeto Sem Capa: debates sobre pornografia e pós-pornografia a partir das interações dos espectadores. *In*: IRINEU, Bruna Andrade *et al.* (Orgs.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: saberes plurais e resistências. 1. ed. Campina Grande: Realize Editora, 2021, v. 1, p. 2556-2566.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 43-104.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex Revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 13-51, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100002>. Acesso em: 2 nov. 2020.

XVIDEOS. **Sa João**. 2018. Disponível em: https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa_joao. Acesso em: 5 jun 2021.

YOUTUBE. **Sem Local**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/SemLocal>. Acesso em 25 ago. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição dos vídeos

TÍTULO: SEM CAPA #1 | VAMOS FALAR DE SEXO? (LEGENDADO)

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video42795143/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo_legendado

DURAÇÃO: 4'53''

VISUALIZAÇÕES: 207.439 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 10''	<p>Imagem desfocada, na qual é possível perceber apenas penumbras de quatro homens fazendo sexo. Aparentemente, o local é um quarto e, ao fundo, há uma cama e uma janela.</p> <p>Nesta cama, há dois homens deitados se beijando; outro fazendo sexo com um homem em pé.</p> <p>Em 10'', entra na tela, a identificação SEM CAPA, seguida da hashtag #1, que</p>	(Começo ainda sem falas)	É possível ouvir alguns barulhos de beijos e respirações ofegantes.

	representa o primeiro vídeo do projeto		
10'' 18''	- Sa João, que estava em pé ao fundo do quarto recebendo sexo oral, caminha em direção à câmera. Ele está nu e com o pênis ereto. Assenta-se diante da câmera e olha diretamente para a lente.		
18'' 25''	- Sa João se apresenta e diz o objetivo do projeto. Ao falar “vamos falar de sexo fazendo sexo”, ele inclina o corpo para o lado e aponta para o fundo da imagem/quarto, em que há homens transando.	Oi! Eu sou o Sa João e esse é o Sem Capa, onde a gente vai falar de sexo fazendo sexo.	
25'' 45''	- Permanece o foco em Sa João. Ao fundo, nota-se, de modo embaçado, os homens transando.	Deixa eu te fazer uma pergunta: tudo o que você aprendeu sobre sexo na sua vida, você aprendeu onde? E com quem? Eu posso dizer, pela minha experiência, que, com certeza, eu não aprendi nem pela minha família, nem na escola, nem pelos médicos, que são as referências usuais que a gente tem quando a gente vai aprender qualquer coisa na vida, né? Relacionado à saúde, comportamento, etc.	As imagens têm marcas de edição, como cortes. Há uma convocação do espectador do projeto a refletir sobre si. Sa João também marca suas experiências como homem para generalizar os caminhos pelos quais aprendemos sobre coisas da

			<p>vida, sendo uma delas, o sexo.</p> <p>Outro ponto fundamental é destacar que suas perguntas, já nesse começo de vídeo, marcam uma questão de pedagogização. Aprender sobre algo em determinadas organizações e contextos. Ele frisa família, escola e médicos como fundamentais, e recorrentes, nos processos de ensino.</p>
45'' 53''	- Segue a mesma característica de imagem.	Mas, no caso do sexo, não é assim pra maioria das pessoas. Então, a gente acaba recorrendo à única alternativa restante: a internet.	
53'' 1'02''	- Permanece o mesmo enquadramento. Neste momento do vídeo, é perceptível a mudança de semblante pelo sorriso irônico e a mudança na forma de olhar para a câmera.	E como todos nós sabemos, não é mesmo, a internet é uma fonte inesgotável e totalmente confiável de todo tipo de informação, não é?	Ele se vale da ironia para questionar a confiabilidade das informações encontradas na internet.
1'02'' 1'15''	- Ao fundo, os homens estão se movimentando mais. Foco sempre em Sa João, que termina este trecho fazendo um gesto com a mão para simbolizar se seu	Então foi por isso que a gente criou esse canal maravilhoso! Aqui a gente vai falar de sexo de forma prática, sem esse negócio de esqueminha, sem desenhinho, sem códigos, sem rodeios, sem... capa, entendeu?	Sa João explica os modos pelos quais conduzirá as discussões e termina usando a referência ao nome do próprio projeto, que, aqui, faz alusão a um “não encobrir” o ato de falar.

	interlocutor entendeu o que ele disse.		
1'15'' - 1'37''	Mesmas características, porém Sa João altera suas gesticulações em um tom mais eufórico.	A gente não tá aqui pra fazer apologia a sexo sem camisinha, tá? Não é isso que o nome do projeto diz. Não vem querer problematizar o nome do projeto sem saber do que se trata antes, tá? Aqui, a gente defende sexo com camisinha, ok? A gente só faz sexo com camisinha, eles só vão fazer sexo com camisinha. Usa a porra da camisinha! Você não é um super-herói imune a nada, ok?	Euforia ao falar sobre o uso da camisinha. Principalmente pela mobilização de léxicos, como “porra”, e trechos, como “você não é um super-herói imune a nada”.
1'37'' - 1'43''	Foco em Sa João que, neste momento, não olha para a câmera para representar uma possível indagação de outra pessoa.	“Mas João, quem é você, pra se considerar qualquer autoridade no assunto, no quesito sexo?”	Ao levantar um questionamento possível de ser feito pela sua audiência, a forma como ele coloca parece que visa uma legitimidade. Afirma o porquê de seu projeto ser necessário e, mais ainda, ser ele a frente da apresentação.
1'43 - 1'52''	Foco em Sa Joao, que volta a olhar para a lente da câmera.	Olha, primeiramente, eu sou uma pessoa que vai se dar o trabalho de pesquisar e se informar sobre um assunto antes de falar dele, o que já é muita coisa, considerando que estamos na internet.	A primeira afirmação se vale, novamente, de um tom irônico para questionar a credibilidade da internet. Parece-me que essa reiteração tem o sentido de se reafirmar, sobretudo quando consideramos o espaço no qual está, uma plataforma destinada à produção e à circulação de conteúdo pornográfico.
1'52'' -	Segue a mesma	Segundo, eu estudei sobre sexualidade e pornografia na faculdade.	Outra ponderação feita para atestar

2'02	característica de imagem.	Eu trabalho com sexo há alguns anos, eu trabalho na festa Hole, que rola toda quinta-feira, no TV Bar, aqui no Rio de Janeiro.	seu conhecimento sobre os assuntos: sexualidade e pornografia. Um de ordem teórica - estudar - e outro prático - trabalhar com. Há uma propaganda de seu trabalho aqui.
2'02'' - 2'12''	Segue a mesma característica de imagem.	Eu já fiz filme pornô, já atuei com pornografia. Eu participo de muitos grupos de discussão sobre o assunto, então, eu fui meio que obrigado a conhecer cada vez mais sobre diversos assuntos relacionados a sexo.	Outro fator que o coloca como uma pessoa apta a falar é sua experiência prática na pornografia e em debates.
2'12'' - 2'22''	Segue a mesma característica de imagem.	Realmente, eu não sou, nem quero ser nenhuma voz da verdade aqui. A maioria das coisas que eu vou relatar aqui são baseadas em experiências próprias ou de pessoas próximas a mim.	Suas experiências e de outras pessoas próximas serão balizas para delimitar as abordagens.
2'22 - 2'34''	Segue a mesma característica de imagem.	Eu não quero ditar comportamento nenhum. Eu só quero relatar as minhas experiências e essas experiências que eu conheço, pra que, talvez, alguma pessoa, uma ou outra, que tá assistindo aí possa se identificar e usar essa experiência e essa experiência talvez funcione pra essa pessoa.	Mesmo que não busque fixar suas experiências como norteadoras para outros, seu gesto é prescritivo e toma esse rumo principalmente ao afirmar que talvez o que aconteceu consigo funcione para outrem.
2'34'' - 2'56	Segue a mesma característica de imagem.	A gente vai falar de doença, a gente vai falar de higiene íntima, que é uma coisa muito pouco tratada, especialmente no caso de higiene íntima de homens. Vai ter vídeo ensinando a fazer chuca, vai ter vídeos falando de brinquedos sexuais, de aplicativo, de relacionamento, de pornografia, enfim. Vai ter vídeo de tudo o que eu souber falar aqui. E sempre de forma aberta, informal, mas embasada.	Elenca alguns temas que pretende trazer para a discussão.

2'56'' - 3'04''	Permanece o foco em Sa Joao, no entanto, ele mostra a embalagem de um preservativo.	E a primeira coisa que eu quero mostrar aqui, pra gente iniciar essa jornada mundo do sexo adentro, é algo bem simples: como colocar a camisinha.	
3'04'' - 3'08''	Faz um movimento como se fosse pegar algum objeto.	Pra isso, eu vou utilizar uma... não, mentira, eu vou fazer no meu pau mesmo.	Ele começa a frase ironizando, como se fosse fingir fazer a demonstração em algum objeto.
3'08 - 3'19''	MUDANÇA DE IMAGEM Há um corte na imagem anterior e muda para o pênis ereto de Sa João. Também ele mostra uma camisinha indicando qual seria o lado correto para usá-la.	Então, a primeira coisa que você vai fazer, você vai tirar ela da embalagem e aí você tem que achar, primeiro, o lado que ela enrola, porque senão você vai botar ela do avesso e aí não vai adiantar porra nenhuma.	O fato de ensinar no próprio corpo liga-se ao que ele disse logo no início - não usar representações esquemáticas. Contudo, focalizar em seu pênis ereto é um gesto que se une à estética pornográfica que se baseia na visibilidade em excesso de ereções, ejaculações, pênis eretos e penetrações.
3'19'' - 3'36''	Permanece o foco no pênis enquanto começa a colocar a camisinha.	Aí, todos esses esqueminhas lindos que mostram colocando na banana, a camisinha desliza que é uma beleza. Só que a banana não tem uma coisa que é o quê? A cabeça. Entendeu? Então, você tem que prestar atenção na hora de puxar pela cabeça porque não é tão fácil assim, você tá vendo? Eu tô usando uma camisinha mais larga e, ainda assim, ela tá difícil aqui, ó.	A fala de Sa João retoma o porquê de esquematizações com objetos que tenham formato de pênis não funcionam de forma eficaz na prática. Ele relata a própria dificuldade em colocar o preservativo.
3'36'' - 3'56''	Ele sinaliza com a mão a pele do pênis como um dos	E aí, depois que passou da cabeça, tem outro problema que a banana não tem, que é isso aqui, ó. Se você tem prepúcio, se você	Novamente, aponta outra dificuldade para que o

	fatores que dificultam a colocação do preservativo. Mostra como ele faz para esticar a camisinha pelo pênis.	tem fimose, já é uma outra dificuldade porque a camisinha vai começar a apertar depois que ela passa da sua cabeça. Aí, o que que a gente tem que fazer? Às vezes, não tem jeito... você tem que ir lá... pegar, botar a mão embaixo, puxar a camisinha e esticar, é o jeito.	preservativo seja colocado. A forma como Sa João demonstra se assemelha a um tutorial.
3'56'' - 4'10''	A imagem continua focada no pênis.	“Se encostar na parte interna da camisinha vai contaminar.” Mas aí, meu filho, é isso ou não coloca a camisinha. Colocou a camisinha aqui, ó. Apertou aqui... E aí, meu filho, enche esta merda de lubrificante, pra você não machucar quem você for comer aí na sua vida. É isso!	O começo da fala é novamente uma pergunta que pode ser feita a ele, que atesta que o modo como fez é a forma encontrada para colocar o preservativo. Ele novamente se vale de um tom mais assertivo “meu filho”, como vocativo, e “enche esta merda de lubrificante” marcam essa sinalização.
4'10'' - 4'17''	A imagem muda novamente para Sa Joao, que já está sentado e olhando para a cama.	Ah! Vai ter vídeo toda quinta-feira à noite, então, antes de bater sua punheta, vem aqui falar de sexo com a gente, ok?	Como é o primeiro vídeo, ele expõe quando será a publicação do próximo e convida os homens para assisti-lo. A marcação do público é dada quando ele diz “bater sua punheta”, que representaria o ato de masturbação de homens.
4'17'' - 4'39''	Neste ponto, aparece os contatos das redes sociais na imagem. Quando fala dos participantes do vídeo, ele aponta para o fundo da imagem, em que os homens	Se você quiser, me segue, eu sou @_sajoao. Esse gostoso que tá aqui atrás da câmera é o @charlinhus. Pode seguir a gente. Se você quiser participar daqui atrás, da galera aqui de trás, manda direct pra gente que a gente resolve isso aí, ok? Dá like aqui embaixo, comenta, adiciona aos favoritos, baixa esse vídeo, compartilha ele no grupo de WhatsApp da família, faz o que você quiser.	Sa João indica forma de entrar em contato, apontando uma possível interação que pode haver com os espectadores por meio de outras plataformas, para além da que está hospedando seu projeto. Aqui,

	permanecem transando.		vale destacar que, até o momento do vídeo e de suas falas, não havia a indicação de outra pessoa além dele na condução do projeto. Poderia ser que o posicionamento da câmera e seus enquadramentos foram feitos por ele antes de gravar, porém descobrimos que Charlinhus estava atrás do equipamento no momento de apresentar os contatos. Há indicações sobre o que fazer com material, como compartilhar em outros canais on-line.
4'39'' - 4'53''	Sa João levanta-se de onde estava sentado e segue para o fundo do quarto, onde a imagem da gravação mostra em desfoque. Termina com um som de fundo como se fosse a trilha do projeto.	Agora vocês me dão licença, que eu vou ali atrás rapidinho, porque camisinha é cara e eu não vou desperdiçar essa daqui, não. Até o vídeo da semana que vem! Beijo, tchau! Usa camisinha!	A reafirmação para o uso da camisinha é um gesto para simbolizar que, mesmo que o nome do projeto remeta a práticas sem preservativo, a iniciativa é a favor da proteção durante as relações sexuais.

CONSIDERAÇÕES

Na plataforma Xvideos, o vídeo é marcado com as categorias: *gay*; *bareback*; *semcapa*; *sem-capa*; *sa-joao*. A categoria *bareback*, que engloba vídeo de pessoas fazendo sexo sem uso de preservativos, usada neste episódio pode simbolizar um gesto contrário e incentivado para aqueles que buscarem assistir a conteúdos de relações sexuais sem proteção e trazer informações sobre a importância e como usar camisinha.

O episódio de abertura do projeto é voltado para sua contextualização, justificativa sobre a sua importância, apresentação dos temas vindouros e

ensino sobre como se usa uma camisinha.

TÍTULO: SEM CAPA #2 | BOTA A CAMISINHA, BOTA MEU AMOR

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37474471/sem_capa_2_bota_a_camisinha_bota_meu_amor

DURAÇÃO: 6'44''

VISUALIZAÇÕES: 91.997 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0' - 37''	Homens fazendo sexo ao fundo quarto, o que compõe o cenário de gravação. O começo do episódio é marcado por Sa João fazendo sexo com esses homens, não identificados, e segue andando em direção à câmera.	Vamos falar de camisinha? Segundo a OMS, a Organização Mundial de Saúde, a camisinha é o único método realmente confiável para prevenção de HIV e outras ISTs.	Os segundos iniciais do vídeo são marcados por sons de gemidos e as imagens, desfocadas, mostram homens transando - embora não sejam nítidas.
37'' - 41''	Foco em Sa João.	“Ah, João, e os PREP, PEP, etc?”	Em diferentes momentos, além desse, Sa João usa esse recurso

			para supor possíveis questionamentos que seus interlocutores poderiam fazer.
41'' - 1'00''	Segue a mesma característica de imagem.	Pois é, isso aí é um assunto para todo um outro vídeo que vai vim mais a frente, mas, para te adiantar, eu sinto muito te informar, mas até as pessoas que fazem esses tratamentos precisam usar preservativo, ok? Por recomendação dos próprios médicos que dão esses tratamentos.	
1'00''- 1'21''	Segue a mesma característica de imagem.	Então, essa historinha de que “ah, eu não uso camisinha porque tomo PREP”, deixa eu te contar uma coisa, ou essa pessoa só não quer usar camisinha e está mentindo pra você dizendo que toma PREP ou essa pessoa toma PREP, mas não está seguindo as recomendações dos próprios médicos que dão esse tratamento. Então, acho que essa pessoa não é muito confiável, não.	Como o foco predomina em seu rosto, as expressões faciais articulam-se muito as suas falas. Ele termina esse trecho com um semblante irônico e com o dedo em riste.
1'21'' - 1'29''	Segue a mesma característica de imagem.	Na verdade, qualquer motivo que uma pessoa possa ter para dizer que não quer usar a camisinha, muito provavelmente é apenas uma coisa: desculpinha.	
1'29'' - 1'37''	Segue a mesma característica de imagem.	“Ah, mas eu sou alérgico à látex”. Meu bem, até a Jontex, que é a marca mais popular de camisinha no Brasil, já tem camisinha sem látex. Então, isso daí não é motivo.	
1'37'' - 1'51''	Segue a mesma característica de imagem.	“Ah, sim, mas essas camisinhas que não são de látex são muito mais caras”. Meu bem, eu tenho rinite alérgica, praticamente, todos os dias da minha vida, tenho que tomar um antialérgico que também custa dinheiro. E é isso daí, entendeu? Eu tenho uma condição de saúde que eu preciso lidar com ela e paciência.	Novamente, vale-se do artifício de suposição de falas de outrem para traçar sua argumentação. Faz comparação entre usar preservativo e outras situações que exigem cuidados de si, para isso,

			vale-se de sua experiência.
1'51'' - 2'10''	Segue a mesma característica de imagem.	“Ah, porque camisinha incomoda, diminui a sensibilidade”. Meu amor, olha só, você tem camisinha mais fina, você tem camisinha mais larga, você tem camisinha mais larga e mais fina, você tem camisinha com textura, você tem camisinha com sabor, você tem camisinha que brilha no escuro, entendeu? Então assim, com certeza tem alguma coisa aí, algum produto, alguma camisinha, algum modelo que vai te ajudar nesse quesito.	Elenca diferentes possibilidades
2'10'' - 2'23''	Sa João usa da gesticulação para apontar em direção ao pênis.	Além disso, você tem todo um corpo humano inteiro de zonas erógenas pra te dar prazer, não precisa se concentrar 100% no seu pau. Não é tudo em volta, aqui... desse daqui... não precisa.	Com esse gesto, que se liga ao argumento, Sa João, de certo modo, quer deslocar a concentração dada ao pênis nas relações sexuais e apontar outras tantas partes do corpo.
2'23'' - 2'53''	Foco em Sa João permanece.	“Ah, João, mas sabe o que que é? É que meu pau é muito grande e aí eu coloco a camisinha e incomoda”. Mais uma vez, o nome disso é desculpinha. Pode realmente existir uma pessoa que tenha um pau grande demais que vai incomodar a camisinha? Pode. Agora, eu te garanto que a porcentagem dessas pessoas que se encaixam nesse perfil é muito menor que a quantidade de pessoas que realmente usam esse argumento dizendo que camisinha incomoda porque o pau é muito grande.	
2'53'' - 3'36''	Além das gesticulações, ao fim deste trecho, Sa João levanta um pedaço de fio e uma régua, objetos que serão usados para medição.	Só para dar uma ideia pra vocês, o tamanho padrão de um preservativo é 55 milímetros de diâmetro, que dá, mais ou menos, 17 centímetros de circunferência, o que já é acima da média mundial. Mas existem camisinhas de tamanhos menores, bem menores, para pessoas que possam reclamar que a camisinha fique	Essa demonstração visa exemplificar seu argumento. Trata-se de uma estratégia para atestar veracidade aos números que expõe.

		<p>folgada, e existem camisinhas de até 69 milímetros de diâmetro. Sessenta e nove milímetros de diâmetro dá, mais ou menos, 22 centímetros de circunferência. Assim, 22 centímetros de comprimento eu até consigo visualizar, mas 22 centímetros de circunferência não sei muito bem como é que é. Então tudo bem, não tem problema, eu trouxe uma régua, entendeu? E um barbante. E a gente vai medir aqui pra mostrar pra você o que são 22 centímetros de circunferência.</p>	
3'36'' - 3'57''	<p>Mostra para a câmera a medição do fio na régua até a marca de 22 cm. Em seguida, com a circunferência feita, introduz seu braço para exemplificar.</p>	<p>Oh, a gente tá aqui do zero até 22, tá marcando aqui no verdinho. Essa aqui é a largura, a grossura da camisinha mais larga que tem. Isso aqui são 22 centímetros de circunferência.</p>	<p>Continuação da exemplificação.</p>
3'57'' - 4'12''	<p>Foco voltado para o rosto.</p>	<p>Ou seja, a não ser que você tenha um pau que seja da grossura do braço de um lutador de UFC, tem uma camisinha que serve pra você. E aí, mesmo que você tenha um pau enorme ou que a camisinha te incomode de alguma outra forma, não tem problema, você pode encontrar alternativas, por exemplo, a camisinha feminina.</p>	
4'12'' - 4'49''	<p>Segue a mesma característica de imagem.</p>	<p>A camisinha feminina tem uma circunferência muito maior que a camisinha tradicional, então ela não aperta o pênis. Ela é muito mais lubrificada que a camisinha tradicional. Ela é feita de poliuretano, material que, além de ser hipoalergênico, é mais fino do que o látex, então dá mais sensibilidade, causa menos atrito do que o látex, então incomoda menos e tem menos risco de romper, e ela não precisa ser introduzida somente na hora do ato da</p>	<p>Importante destacar que a possibilidade apresentada por ele liga-se a outras elencadas anteriormente.</p> <p>Cabe uma ponderação, quando ele traz o exemplo “se rolar uma</p>

		penetração. Ou seja, você, passivo, já pode sair pra balada já usando a camisinha que aí, entendeu? Se rolar uma pegação, um negócio assim, tananan, você já tá ali protegida, plena.	pegação”, Sa João não diz que o preservativo precisa ser trocado se a pessoa for se relacionar com mais de uma pessoa.
4’49 5’06”	- Não é visível no enquadramento, mas Sa João, por vezes, olha para baixo, o que nos indica que ele se vale de alguma anotação, um suporte para guiá-lo.	“Ah, mas a camisinha feminina é muito cara. Eu já olhei e é tipo oito reais uma camisinha”. Sim, ela é cara, só que assim como a camisinha tradicional, ela também está disponível gratuitamente em todos os postos de saúde do Brasil, inclusive para homens. Você pode ir lá e pedir a camisinha feminina que eles vão te dar.	
5’06” 5’33”	- Segue a mesma característica de imagem.	"Ah, mas camisinha feminina pode ser usada pra sexo anal?" Olha só, o nome técnico da camisinha feminina é, na verdade, preservativo interno. Camisinha feminina é um nome comercial que os fabricantes deram pra esse produto porque o público-alvo deles é mulher. Mas não existe nenhum estudo que comprove que o preservativo interno só possa ser usado na vagina. Inclusive existem vários relatos na internet, você pode procurar, de homens que usam preservativo interno.	Novamente, supõe perguntas que podem ser feitas. Aqui, há dois argumentos rasos. Um é atestar que não há estudos, visto que não é possível confirmar essa informação tendo em vista o desenvolvimento da ciência mundial; segundo, é partir dos relatos de experiências próprias, os quais não são exemplificados por ele.
5’33 5’59”	- Segue a mesma característica de imagem.	"Ah, João, mas você falou no outro vídeo que internet não é fonte de informação confiável, que você ia embasar seus vídeos cientificamente". Sim, mas um dos motivos pelos quais eu disse que queria fazer esses vídeos é justamente porque a medicina tradicional, assim como todo o resto da sociedade, é homofóbica, ou seja, não existem estudos suficientes para concluir muitas	Para ratificar seu argumento e também a criação de seu projeto, Sa João põe em evidência problemas relacionados aos modos como a sexualidade é apreendida na sociedade e na medicina,

		coisas sobre as práticas sexuais gays. Então, infelizmente, a gente não pode só se basear na comunidade médica no que diz respeito a nossa vida sexual.	instituição cuja legitimidade e credibilidade são validadas ao tratar sobre a saúde. Podemos pensar em mudanças ocorridas, como a Política Nacional de Atenção Integral do SUS voltada para atender demandas de diferentes grupos. Contudo, também é necessário entender que há problemáticas diversas sobre questões ligadas a saúde e sexualidade que precisam ser preconizadas.
5'59'' - 6'14''	Segue a mesma característica de imagem.	Não existem estudo que o preservativo interno possa ser usado pra sexo anal, mas também não existem estudos que provém que ele não pode ser usado. E existem diversos relatos de pessoas que usam e dizem tudo bem. Então, a gente tem que trabalhar com o que a gente tem.	Esse argumento parece raso.
6'14'' - 6'22''	Segue a mesma característica de imagem.	Então, se você tem um parceiro que tem dificuldade de usar camisinha, experimenta a camisinha feminina e vê se funciona e vem aqui nos comentários e conta pra gente.	O convite feito ao interlocutor demonstra que Sa João dirige-se a outrem. No entanto, notamos em outro trabalho (VIEIRA FILHO, LEAL, 2021), que o diálogo não se estabelece, dado que o projeto não responde nenhum comentário feito, em nenhum dos vídeos.

6'22'' - 6'44''	Termina o vídeo sentado em frente à câmera.	Dá like aí, adiciona nos favoritos, compartilha o vídeo, mostra pra um estranho na rua. Eu sou @sajoao. Esse que tá atrás da câmera é o @charlinhus. Se você quiser participar da nossa surubinha aqui, manda um direct pra gente. Entra em contato com a gente que a gente resolve. E no próximo vídeo, que sai toda quinta, a gente vai continuar falando desses assuntos, ok? Beijo, tchau e usa camisinha.	Expõe a continuidade do projeto, convida as pessoas para participarem das gravações, como ainda indica que há alguém atrás das câmeras que participa diretamente do Sem Capa.
--------------------	---	--	---

CONSIDERAÇÕES

Neste vídeo, notamos uma continuidade do tema abordado no primeiro episódio. O tom de aconselhamento é evidenciado nas falas, nos usos de construções frasais no imperativo e nas sugestões de possibilidades. A esquematização também constitui outro recurso trabalhado para atestar a veracidade dos argumentos de Sa João. Ao usar um fio de barbante e uma régua, ele mobiliza um esquema para confirmar sua fala. Outro tópico mobilizado por ele é a indicação de possíveis indagações que poderiam ser feitas por outrem, quer dizer, ele mesmo pressupõe o que seus espectadores poderiam levantar de dúvidas, contra-argumentos, críticas e falas. Ao convidar as pessoas para comentar sobre sua experiência a partir das indicações trazidas no vídeo, ele sugere uma interlocução, algo que poderia estreitar os vínculos entre o projeto e a audiência, porém não há respostas ou continuidade por parte do projeto, em nenhum momento, com respostas.

TÍTULO: SEM CAPA #3 | HIV NÃO É DOENÇA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37474049/sem_capa_3_hiv_nao_e_doenca

DURAÇÃO: 5'43''

VISUALIZAÇÕES: 122.532 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 7''	Começa o vídeo caminhando e se senta diante à câmera.	Esse vídeo não vai ter introdução porque a gente vai falar de HIV e tem muita coisa pra falar, então vamos começar logo.	
7'' - 44''	Segue a mesma característica de imagem.	HIV não é uma doença. "Como assim HIV não é uma doença?" HIV não é uma doença, HIV é um vírus, o vírus entra no seu corpo e se ele chegar a completar o processo dele todo dentro do seu corpo, aí você pode desenvolver a doença que é a aids. Aí, o que esse vírus faz? Esse vírus vai entrar na sua corrente sanguínea, ele vai passar um tempo ali na sua corrente sanguínea, só que ele não vai atacar sua corrente sanguínea. Ele vai atacar seus glóbulos brancos, que são suas células de defesa, mas ele não vai atacar elas na corrente sanguínea. Ele vai lá onde essas células são feitas, quando elas são bebês, estão sendo feitas ainda e aí ele infecta elas. E aí, meu filho, não tem jeito, não tem o que fazer.	Tenta explicar de forma breve o que é HIV de modo a diferenciá-lo da doença aids. Além disso, explica o ciclo do vírus no organismo humano.
44'' - 58''	Foco permanece em seu rosto e gesticulação que aparece no plano de imagem capturado.	Outra coisa, ele é um vírus mutante, ou seja, ele consegue alterar o próprio RNA, porque ele não tem DNA, pra se adaptar onde estiver, por isso é tão difícil arranjar uma cura para o HIV, porque ele é um vírus difícil de matar.	Características do vírus apontadas por Sa João.
58'' - 1'26''	Segue a mesma característica de imagem.	Outra coisa, ninguém morre de aids. "Como assim ninguém morre de aids, João?" Ninguém morre de aids, o que aids faz, ela diminui sua imunidade e isso vai fazer com que você tenha uma facilidade muito maior pra desenvolver outras doenças e aí não conseguir curá-las, tipo pneumonia, por exemplo. Você vai ter uma facilidade muito maior pra desenvolver pneumonia e aí vai ser muito difícil tratar essa pneumonia e você pode morrer dessa pneumonia que foi causada porque você tem essa deficiência na	Diferenciação entre o vírus e a doença, dizendo o que esta faz com a pessoa infectada.

		sua imunidade.	
1'26'' - 1'46''	Segue a mesma característica de imagem.	Outro ponto, agora positivo. O tratamento para pessoas portadoras de HIV no Brasil é gratuito e universal, qualquer pessoa. Não precisa ter ano de saúde, não precisa ser no SUS, não precisa ser nada. É só você chegar em qualquer hospital, se informar com seu médico e ele vai te passar onde você vai conseguir esse tratamento de graça.	Explica sobre a gratuidade do tratamento no Brasil.
1'46'' - 2'14''	Segue a mesma característica de imagem.	Agora vamos lá, como que se transmite o vírus HIV? Normalmente, são por fluídos corporais, porém nós temos muitos fluídos corporais e não são todos que transmitem. Então vamos ver. Que não transmitem o vírus do HIV: saliva, urina, lágrimas, fezes e suor. Ou seja, saliva não transmite vírus HIV, então se você tiver beijando na boca, chupando, qualquer coisa do tipo, não vai transmitir HIV.	
2'14'' - 3'28''	Segue a mesma característica de imagem.	Os que transmitem o vírus HIV são: o sangue, o sêmen, as secreções vaginais e o leite materno. Ou seja, o sexo oral não vai transmitir HIV. Pode transmitir HIV se houver sangue e sêmen, obviamente. Se você está chupando o cara e o cara goza na sua boca e você está com uma ferida na sua gengiva, isso realmente pode transmitir, mas o sexo oral em si, não vai transmitir HIV. Inclusive já é documentado, estudado e provado que a saliva, ela tem enzimas que destroem o vírus do HIV, tá ok? Então, não se preocupem com essa questão de... tem muito médico que fala que sexo oral, tem que fazer sexo oral com camisinha porque transmite HIV, isso já foi desbancado há bastante tempo. Até a própria transmissão do HIV pela via da boca é mais difícil porque a mucosa da boca é muito mais grossa do que a das regiões genitais, então a dificuldade do vírus é muito maior de penetrar a sua	Cabe apontar que Sa João não cita de qual meio extraiu as informações que está reproduzindo.

		corrente sanguínea porque é isso, o vírus só vai te infectar se ele entrar na sua corrente sanguínea. Se ele entrar em contato com a sua pele, com o seu cabelo, com qualquer outra parte do seu corpo, ele não vai te infectar e ele provavelmente vai morrer porque ele não sobrevive em áreas com muito oxigênio, por exemplo.	
3'28''- 3'48''	Segue a mesma característica de imagem.	Se você for olhar nos números, nas estatísticas, na verdade, a transmissão, o risco de contaminação pelo vírus por atos sexuais, seja pelo sexo anal ou sexo vaginal, é bem baixo. Aqui tá dizendo que é menos de um por cento. A maior probabilidade de contaminação é com transfusão de sangue, naturalmente, porque aí é 90 por cento de probabilidade.	Novamente, não fala a origem dos dados.
3'48'' - 4'46''	Segue a mesma característica de imagem.	Mesmo assim, com toda essa dificuldade, essa probabilidade de menos de um por cento, nós temos mais 36 milhões de pessoas contaminadas pelo vírus no mundo. Ou seja, as pessoas devem gostar muito de fazer sexo sem camisinha pra isso estar acontecendo. Mas esses dados isolados não querem dizer nada, tem outras coisas que a gente deve levar em consideração, por exemplo, o período de infecção aguda que é de seis a 12 semanas imediatamente após a contração do vírus porque a sua carga viral vai lá em cima porque seu corpo ainda não começou a desenvolver anticorpos pra tentar combater o HIV. Então sua probabilidade de contaminação é muito maior, por isso é muito importante sempre fazer o teste se manter testado periodicamente pra você evitar que esse tipo de situação aconteça.	Mesmo expondo as formas de transmissão do vírus, sua fala generaliza uma delas, por meio do sexo sem preservativo.
4'46''- 5'09''	Segue a mesma característica de imagem.	O Brasil é referência no tratamento de HIV, a gente já conseguiu estabilizar os números de contaminação de HIV já há bastante tempo, mas assim, o problema, a questão toda é o HIV não é a única IST, então as coisas não são tão simples assim. Os	

		tratamentos contra HIV são muito eficazes contra HIV, mas não contra outras infecções e ter outras infecções sexualmente transmissíveis aumentam o risco de você contrair o HIV porque abaixam sua imunidade. Então, nos dois próximos vídeos nós vamos falar de quais são esses tratamentos e como eles funcionam e quais são essas outras ISTs e como elas funcionam.	
5'09''- 5'43''	Segue a mesma característica de imagem.	Nesse meio tempo, vamos fazer uma coisa? Vamo. Usar camisinha. Além disso, vamos curtir o vídeo. Eu como já disse não sou nenhuma autoridade no assunto, então se eu falei alguma merda, fala que eu falei alguma merda aqui nos comentários, entendeu? Adiciona o vídeo nos favoritos, baixa o vídeo, mostra o vídeo pras pessoas do seu trabalho. Eu sou @sajoao no Instagram. Esse que tá atrás da câmera é o @charlinhus. Se você quiser participar aqui da nossa suruba, manda direct pra gente lá no Instagram que a gente combina. Segue a gente lá e vamo trepar com responsabilidade que ninguém é criança aqui. Beijo.	Ao convocar os espectadores para comentar, pressupõe uma interlocução. Pondera-se ainda que este vídeo é criticado por usuários que contrapõem as falas de Sa João.

CONSIDERAÇÕES

Esse vídeo tem uma introdução diferente dos demais, pois já inicia com Sa João caminhando e logo assentando para começar a falar. Ao longo deste vídeo, Sa João vai traçar as diferenças entre HIV e aids, confundidas por muitas pessoas que associam o vírus com a doença. A explicação segue para a estrutura do vírus e os motivos pelos quais, até o momento, não há uma vacina com eficácia para proteção. Ele também explica a gratuidade do tratamento oferecido pelo SUS para que a carga viral seja reduzida até ser indetectável. Por fim, são ditas as formas de contágio e, novamente, o aconselhamento pelo uso de preservativo.

TÍTULO: SEM CAPA #4 | PREP-ARA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37473601/sem_capa_4_prep-ara

DURAÇÃO: 4'49''

VISUALIZAÇÕES: 48.494 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 7''	Começa com a imagem em preto e branco enquanto fazem ajustes para gravação.	Charlinhus: "Gravando" Sa João: "A mão tá aqui tá boa?" Charlinhus: "Tá"	Sa João elenca uma pergunta que será norteadora para o vídeo. O modo de começar também é diferente, visto que ele já inicia sentado diante à câmera.
8'' - 13''	Imagem fica colorida.	PREP, PEP, AMP. O que são esses tratamentos para o HIV?	
14'' - 34''	Segue a mesma característica de imagem.	O PREP é o tratamento para evitar a contaminação pelo vírus. É o truvada, que a gente conhece a marca lá dos Estados Unidos. É um medicamento antiviral que você vai tomar e ele vai diminuir em quase 100% a probabilidade de você contrair o HIV. A questão é: esse remédio ainda não está disponível no Brasil.	Há uma construção didática aqui. O objetivo é explicar cada um dos três tratamentos.
35'' - 54''	Segue a mesma característica de imagem.	A única forma de você encontrar esse remédio é participando de estudos que estão sendo feitos para que ele seja aprovado para venda aqui no Brasil. E é isso, é um remédio que você tem que tomar todos os dias, um por dia, ele vai diminuir praticamente 100% a probabilidade de você contrair o vírus do HIV, mas é isso, você tem que tomar todo dia, para sempre.	
55'' -	Segue a mesma	O PEP já é o medicamento pós-exposição, ou seja, no caso que você	

1'33''	característica de imagem.	rompeu a camisinha, que você fez alguma relação sem camisinha, ou algo do tipo, ou foi exposto a sangue ou a qualquer outra forma de contaminação do HIV, você toma esse medicamento, que é a mesma coisa. É um medicamento antiviral que você vai ter que começar a tomar em até 72 horas após a exposição e você vai ter que tomar esse remédio durante 28 dias para garantir que não haja contaminação pelo HIV. Obviamente, durante esses 28 dias, você não pode ter relações sexuais porque senão você vai quebrar esse ciclo e você pode correr o risco de se contaminar durante o tratamento.	
1'34'' - 2'10''	Segue a mesma característica de imagem.	E o AMP, que é o mais recente. O AMP é um estudo que a Fiocruz, aqui no Brasil, está fazendo de tratamento com vacina. Essa vacina contém os anticorpos que foram sintetizados em laboratório e eles já possuem uma eficácia comprovada de 90% de proteção contra o HIV. Para você receber essa vacina novamente, está em fase de estudos, então você tem que participar do estudo como voluntário, mas a vantagem é que você participando desses tudo, você vai ter um acompanhamento médico, não só do objeto do estudo, que é o HIV, mas de todas outras ISTs. E caso você tenha outra IST, você vai ter um acompanhamento médico para o tratamento de todas elas também.	
2'11'' - 2'43''	Segue a mesma característica de imagem.	No próprio site da Fiocruz, inclusive tem uma coisa muito interessante, porque a gente sabe que dentro dessas questões relacionadas à saúde sexual tem o tal do grupo de risco. Você sabe que para doar sangue no Brasil, por exemplo, o ministério da Saúde considera como grupo de risco homens que fazem sexo com homens, quaisquer. Então se você declarar que teve relações sexuais com homens no último ano, você não pode doar sangue. Porém, no site da Fiocruz, na seção de perguntas frequentes, uma das perguntas	

		é esse grupo de risco não é um conceito ultrapassado E aí, no site deles tem o seguinte texto que eu achei muito legal:	
2'44'' - 3'34''	Sa João usa seu celular para ler o que está no site da Fiocruz.	"Sim, é ultrapassado, pois o que deve ser considerado é o comportamento das pessoas e esse comportamento pode variar muito. Uma mesma pessoa pode ter período nos quais seu comportamento a coloque em maior risco e outros períodos nos quais ela corre pouco ou nenhum risco. É muito importante que a pessoa saiba muito bem o que coloca em maior risco o que a pode proteger quando essas situações acontecerem. Cada um de nós precisa ter um plano sobre o que fazer se a situação, se uma situação como essa acontecer. Conhecimento sobre prevenção do HIV é fundamental para quem tem vida sexual ativa e esse conhecimento não pode ficar restrito ao meio acadêmico. Se as pessoas não se apropriarem do conhecimento gerado pela pesquisa qual o valor da pesquisa? Os resultados das pesquisas precisam ser apresentados a população de forma simples e de fácil compreensão." Gente... maravilhoso.	Sa João faz a leitura do que a Fiocruz explica sobre grupo de risco. No fim, ele concorda com a apresentação dizendo "maravilhoso".
3'35'' - 3'53''	Segue a mesma característica de imagem.	Porque a gente já tem que lidar com todo a homofobia, com preconceito da sociedade em geral e aí vem justamente a comunidade médica reforçando esses preconceitos, colocando a todos homossexuais do mundo como grupo de risco. Meu amigo, conheço um bando de viado que trepou com um viado na vida, casou e nunca mais trepou com ninguém, como é que essa pessoa é grupo de risco?	
3'54'' - 4'01''	Segue a mesma característica de imagem.	Então o importante é isso, a gente se informar. Inclusive, se informar e saber que nenhum desses tratamentos substitui o uso da camisinha.	
4'02'' -	Segue a mesma	"Ah, porque eu e meu parceiro a gente já tá junto há muito tempo,	Sa João levanta uma possível fala

4'28''	característica de imagem.	então a gente quis parar de usar camisinha, então a gente começou a tomar PREP". Estão errados, ok? Estão equivocadíssimos porque não é assim que é feito o tratamento, inclusive, se você faz o acompanhamento médico pelo estudo do PREP, os médicos recomendam o uso da camisinha. O PREP é apenas um tratamento complementar do uso da camisinha. Então é isso, informação tá aí e vamos se informar para a gente não fazer burrice, ok?	das pessoas.
4'29'' - 4'49''	Após se despedir, ele levanta e segue para a cama.	Eu sou o @sajoao. Esse aqui atrás é o @charlinhus. Dá like no vídeo, comenta, fala se elogia, fala se eu falei alguma merda, adiciona esse vídeo nos favoritos, compartilha ele com todo mundo, baixa, faz o que você quiser. Beijo, tchau.	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Esse vídeo é notadamente explicativo. O objetivo é apresentar o que são os três tratamentos conhecidos para o HIV, sendo um profilático, um para pós-exposição ao vírus e outro em estudo no Brasil. Além disso, volta-se para falar sobre o conceito de “grupo de risco” com base em informações da Fiocruz. O uso do celular para citação direta do que a Fundação diz é um recurso trazido por Sa João para tornar mais confiável o que está dizendo.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #5 | DESINFORMAÇÃO E PIOR QUE DST

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37473383/sem_capa_5_desinformacao_e_pior_que_dst

DURAÇÃO: 10'10''

VISUALIZAÇÕES: 40.502 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 18''	Começa com imagem desfocada e homens fazendo sexo. Sa João em primeiro plano.	Último vídeo que a gente vai falar de coisa ruim relacionada ao sexo, ok? Eu juro. Mas é que a gente precisa tratar desses assuntos, senão o tio aqui não vai dormir tranquilo.	
19'' - 24''	Segue a mesma característica de imagem.	A gente já falou do HIV, agora vamos falar das outras ISTs. "IST, João? Não é DST?"	
25'' - 34''	Segue a mesma característica de imagem.	Então, é a mesma coisa, mas o termo de infecção sexualmente transmissível é mais correto porque doença implica em manifestação, em sintoma e nem sempre isso vai acontecer.	
35'' - 53''	Segue a mesma característica de imagem.	Seu corpo pode estar infectado e você nunca chegaram a desenvolver a doença, mas ainda assim precisar de tratamento. Vou estar aqui só as mais comuns, tá? Porque se eu for falar de todas as infecções que existem no planeta não vai sobrar espaço no servidor do Pornhub para quantidade de vídeo que eu vou ter que fazer. Então, se você quer saber sobre doença rara e estranha, vai ver doctor house.	
54'' - 1'06''	Segue a mesma característica de imagem.	Agora, é aquela aula de biologia que você dormiu no ensino médio vai valer de alguma coisa. Então, vamos lá, se é infecção tem algo te infectando, ou seja, tem um agente externo entrando no seu corpo, normalmente, vão ser bactérias ou vírus.	
1'07'' - 1'19''	Segue a mesma característica de imagem.	"Pera aí, João, que você tá esquecendo de um negócio aqui, porque eu sei que candidíase, por exemplo, é fungo e você não falou fungo, só bactéria e vírus". Tá corretíssimo. Candidíase é causada por fungo, porém candidíase não é uma IST.	

1'20'' - 1'59''	Segue a mesma característica de imagem.	"Como assim, João, dá no peru?" Dá no peru, dá na boca, pode dar em qualquer mucosa do seu corpo. Mas os fungos que causam a candidíase são fungos que já existem no seu corpo, eles já estão lá. A candidíase é só uma proliferação maior desse fungo em alguma região do seu corpo que vai ser causada por uma baixa na sua imunidade ou falta de higiene, que é uma causa muito mais comum do que se pensa. Ah, e os sintomas são aquela coisa, uma feridinha e tal, a pele vai ficar irritada, pode coçar e tal, como uma micose qualquer. Para tratar isso ou você vai passar uma pomada no local ou você vai tomar um comprimido que vai regularizar essa proliferação desse fungo no seu corpo. E aí passamos às bactérias.	
2'00'' - 2'39''	Segue a mesma característica de imagem.	Gonorreia e clamídia são duas infecções causadas por bactérias diferentes, mas que tem sintomas muito parecidos. O principal é que você vai sentir dor ou ardência na hora de fazer xixi porque o seu canal peniano vai ser afetado, ele vai ficar sensível quando o xixi passar ele vai causar essa ardência ou essa dor, O que é um sintoma ótimo quando se trata de infecção para você identificar ela. Se você está sentindo dor na hora de mijar, fica bem claro que você precisa ir ao médico. Então, isso torna mais fácil o tratamento porque facilita a identificação da infecção logo no começo. Também pode rolar um corrimento porque afinal de contas é uma infecção e vai ter pus. Para tratar, é uma bactéria, né? Então, usa antibiótico, muito simples.	
2'40'' - 3'04''	Segue a mesma característica de imagem.	Outras bactérias podem causar um tipo de ferida na região genital, o cancro, que pode ser mole ou duro. O cancro mole é uma feridinha dolorosa que vai ficar aberta, ela não sara, por isso ela sangra muito fácil e isso contribui para ela se espalhar. Mais uma vez, você trata ela com antibiótico. Já o cancro duro, a diferença principal é que ele não é dolorido e a borda da ferida fica dura como se ele fosse	

		um carocinho. Esse cancro duro pode ser o que a gente chama de sífilis.	
3'05'' - 3'25''	Segue a mesma característica de imagem.	A sífilis é uma infecção que tem vários estágios e pode gerar várias complicações, mas, se tratada no início, não vai passar daquela feridinha. É para tratar a sífilis que a gente usa o tal do Benzetacil, aquela injeção que você toma na bunda que fica dolorida. Mas é isso, é só um outro tipo de antibiótico que funciona melhor para sífilis do que os outros antibióticos que você toma em comprimido.	
3'26'' - 3'28	Segue a mesma característica de imagem.	Agora vamos as infecções virulentas.	
3'29''- 3'35''	Segue a mesma característica de imagem.	Já falamos da principal que é o HIV em outro vídeo, então se você não viu ele volta lá no canal, procura que você vai achar. Então passamos para hepatite.	
3'36'' - 4'10''	Segue a mesma característica de imagem.	Ite a gente sabe que é inflamação, rinite, amigdalite, sinusite, etc e hepato é relacionado ao fígado, então hepatite é inflamação do fígado. Tem vários tipos de hepatite, a, b, c, d, e... então, como ela tá com o fígado que é um órgão vital, ela pode causar sérias complicações ao seu corpo, porém a única hepatite que pode ser sexualmente transmissível é a b. Para ela não só existe vacina, como ela é administrada nas campanhas de vacinação do governo, ou seja, é grátis e provavelmente você já tomou essa vacina quando era pequeno, se você não tomou é só você ir ao posto de saúde que eles devem ter lá para você tomar.	
4'11'' - 4'15''	Segue a mesma característica de imagem.	Para finalizar, vamos falar das infecções que todo mundo tem. HPV e herpes.	

4'16'' - 5'02''	Segue a mesma característica de imagem.	"Eu, hein, João, não tenho essas coisas, não". Tem sim, ok? Todo mundo tem. Se você não tem, pode ficar tranquila que você vai ter, alguma hora essa cartinha de Hogwarts vai chegar pra você, pode ficar tranquilo. A questão é que esses vírus podem entrar no seu corpo e ficar ali a vida inteira sem manifestar nenhum sintoma, por isso muita gente nem sabe que tem um vírus. E mesmo que manifeste, depois de você tratar, o vírus vai continuar lá quietinho sem fazer nada no seu corpo. Ele só talvez volte a se manifestar se você tiver uma baixa imunológica significativa, por isso que às vezes depois de você ter uma virose ou passar por muito estresse, por exemplo, pode botar uma herpes na sua boca. É isso, herpes são aquelas feridinhas que podem aparecer na boca, mas que também podem aparecer nas genitálias, normalmente o corpo se cura sozinho disso, mas também existem pomadas que você pode passar também para acelerar a cicatrização dessas feridas.	
5'03''- 5'32''	Segue a mesma característica de imagem.	O HPV são aquelas verrugas. "São aquelas verrugas que dão no ânus, né?" Não, o HPV é qualquer verruga. O que é verruga que dá em qualquer parte do corpo, é HPV. Existem mais de 200 variações desse vírus, algumas podem se manifestar na sua região genital e outras não. E para tratar, normalmente, se usa um ácido que o médico vai pingar em cima da verruga, para queimar ela, ou se tiver mais alastrado, com várias verrugas e, ele vai fazer o procedimento cirúrgico, muito simples. Vai cortar tudo com bisturi fora e acabou.	
5'33'' - 6'46''	Segue a mesma característica de imagem.	Se você procurar sobre HPV na internet, você vai perceber que tem várias informações sobre o como HPV é perigoso e como ele pode evoluir para um câncer, mas a verdade é que o maior perigo do HPV é a desinformação. O HPV é muito mais comum e perigoso em mulheres, sim. Porque a região vaginal é muito mais exposta e sensível agentes externos, isso é claro. Porém, isso não quer dizer	Sa João faz críticas à medicina e algumas falas que desconsideram práticas sexuais. Ele marca como homofóbica a medicina tradicional.

		<p>que homens sejam imunes ao HPV tem muito médico, por exemplo, que diz que HPV não se manifesta em homem e isso está duplamente equivocado. Por quê? HPV pode sim se manifestar no pênis, não tem nada que impeça, mas como o pênis está em uma superfície externa que está em contato com o ar na maioria do tempo, é muito mais difícil do vírus se manifestar ali, mas não quer dizer que não dá. Segundo, como eu já disse, a medicina tradicional é homofóbica e muitas vezes eles não consideram a prática do sexo anal como uma prática sexual, mas a verdade é que o HPV pode se manifestar no reto e no ânus quase com a mesma facilidade que ele se manifesta na vagina. Na vagina, ele pode evoluir para um câncer de colo de útero e, no anos, ele pode evoluir para um câncer no reto. E homens só são incentivados a ir ao proctologista depois dos 40 anos para se prevenir contra câncer de próstata. Então, tem muita gente que pode ter HPV no reto e não saber, como não é uma área externa, você não vê e não vai ter ninguém examinando ele ali se você não for ao proctologista.</p>	
6'47''-7'03''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Então, meu amor, se você faz sexo com bumbum, vá ao proctologista regularmente. Se você tem vergonha, por conta da sua família ou por você não ser assumido, fala que você vai porque você tem problema de hemorróida. É constrangedor com certeza, mas é mais aceitável aos olhos da sociedade.</p>	Aconselhamentos.
7'04'' - 7'16''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>O importante é você não ter medo ponto todo mundo que faz sexo está sujeito a ter ISTs. Da mesma forma que todo mundo que frequenta lugares fechado cheio de gente, como ônibus, está sujeito a contrair uma virose, por exemplo. Não tem nada demais.</p>	
7'17'' - 8'29''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Sabe aquelas fotos que mostram para gente na adolescência de uns paus e umas buceta que parecem que saíram de Chernobyl, tudo</p>	

		<p>deformado, parecendo uma couve-flor? Então, vou te falar um negócio aqui isso aí é mentira, tá? Quando você tiver uma IST e, atende-se para o fato que eu estou dizendo quando e se, você tem uma vida sexual ativa você vai ter uma s tem algum momento, todo mundo tem, as pessoas só não falam sobre isso, então, quando você tiver uma IST, ela vai ser uma bolinha, uma feridinha, uma verruginha, no cantinho ali bem discreto. Aquelas fotos que mostram para gente são de pessoas em situação de rua, em dependência química avançada, sem nenhuma higiene, que ficaram anos sem tratar a doença, por isso chegou naquele estágio, então, elas não servem de exemplo para gente ponto aquilo ali é usado para o único intuito, terrorismo. Eles acham que se deixar com medo suficiente, você não vai se colocar em situação de risco. Porém, nós temos dois problemas aí. Um, obviamente as pessoas não param de fazer sexo por isso, então essa tática não é muito eficiente. E dois, elas geram desinformação, porque te mostra uma coisa que não condiz com a realidade e, com isso, afetam muitas pessoas negativamente que não vão conseguir ter uma vida saudável, porque vão desenvolver uma paranoia em relação ao risco de contração de IST. Então, se informe como você puder.</p>	
8'30'' - 9'18''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Informação é sempre essencial para nossa saúde física e mental. Eu fico falando aqui que tem que usar camisinha toda hora, mas é verdade o mais importante não é usar a camisinha, é informação. Eu não vou ficar aqui acreditando no mundo ideal que um dia todas as pessoas do mundo vão usar camisinha e todas as ISTs vão ser erradicadas da humanidade então se você quiser por qualquer motivo trepar sem camisinha, trepe sem camisinha, de forma consciente e responsável, sabendo dos riscos que você e seu parceiro podem estar correndo e aceitando as responsabilidades que vem dessa decisão. Se você de comum acordo decidir trepar sem</p>	

		camisinha com seu parceiro e acabar contraindo algo, não vai culpar e demonizar seu parceiro porque tomaram essa decisão juntos, ok? Nunca, em hipótese alguma, aceite fazer sexo sem camisinha para agradar alguém.	
9'19'' - 9'21''	Segue a mesma característica de imagem.	Trepar sem camisinha não é prova de amor e confiança, tá?	
9'22'' - 9'30''	Segue a mesma característica de imagem.	No próximo vídeo, a gente vai falar de um problema que não deveria ser problema, mas que acaba sendo a causa de muitas dessas ISTs que a gente falou aqui, higiene íntima.	
9'31'' - 10'10''	Segue a mesma característica de imagem.	Se você gostou do vídeo, curte, manda para os seus contatinhos. Se você não gostou, manda para o seu ex que você odeia. Eu sou o @sajoao. Esse aqui atrás da câmera é o charlinhus. Segue a gente no Instagram que a gente atualiza vocês sobre tudo que tá acontecendo nos vídeos, ok? Os vídeos saem toda quinta, às 22 horas, aqui no Pornhub e eu sempre vou colocar o link do vídeo mais recente na minha Bio lá do Instagram. Quanto a participar aqui da suruba aqui atrás muita gente tá interessada, não adianta mais me mandar direct pedindo isso, quando a gente for fazer uma nova gravação, eu vou anunciar lá nos stories e aí vou falar como que vai ser, quando que vai ser, como é que faz pra participar, então fica de olho lá quem tiver interessado. Até semana que vem. Beijo.	
CONSIDERAÇÕES			
O vídeo é voltado para explicar as ISTs, sintomas e cuidados. Contudo, há falas de aconselhamento em vários momentos, o que nos sugere que, para além de explicar, Sa João busca guiar seus seguidores/espectadores por caminhos voltados ao autocuidado.			

TÍTULO: SEM CAPA #6 | LAVA O PINTO DIREITODISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37459031/sem_capa_6_lava_o_pinto_direito

DURAÇÃO: 6'37''

VISUALIZAÇÕES: 184.170 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 31''	Começo semelhante - No fundo do quarto com outros homens fazendo sexo. Sa João segue em direção à câmera. Ele se assenta e começa a falar.	Já lavou seu pinto hoje? Você sabe como lavar seu pinto? Alguém já te ensinou a lavar o pinto? Agora, pergunta pra uma amiga sua se já ensinaram ela a lavar a perereca? Eu tenho certeza que ela vai falar sim, porque, além da medicina tradicional ser homofóbica como a gente sempre diz aqui, ela também é machista.	
32'' - 1'05''	Segue a mesma característica de imagem.	Mulher tem que ser muito cuidadosa com a higiene porque mulher é suja, entendeu? Então ela tem que se limpar muito bem para ficar adequada para o homem. O homem é o homem, não precisa fazer nada, tá perfeito. Inclusive, um homem que cheira mal é um homem de verdade, um macho suado. Tem sabonete específico para limpar vagina, gente, pelo amor de Deus. Quanto sabão de lavar pinto você já viu por aí. Isso obviamente afeta a autoestima da mulher que vai crescer se sentindo inferior porque ela é a suja e o homem é o limpo, mas isso acaba afetando a gente também. Porque a falta de higiene pode ser um agravante na proliferação de ISTs e de outros problemas.	

1'06'' - 2'02''	Segue a mesma característica de imagem.	Parece coisa da Idade Média, mas é a realidade de hoje. Muito homem desenvolve IST porque não lava o pinto direito, isso é ridículo, é vergonhoso. Mas por que isso acontece? Porque a gente pode não estar na Idade Média, mas o pensamento em relação à saúde sexual ainda é medieval. Principalmente entre a parcela de homens <i>gays</i> que tendem a ser os mais machistas, os 100% ativos. Porque eu tenho certeza que você já enfiou a cara no pau de alguém e já sentiu aquele cheiro de virilha mofada, você vai ter uma tendência muito maior a ser cuidadoso com a limpeza do seu próprio pau. A não ser que isso seja um fetiche seu, claro. Mas aí é uma questão de você encontrar uma outra pessoa que tenha o mesmo fetiche que você e isso ser conversado e acordado entre vocês. Não é porque você acha legal um pau fedorento que você pode deixar seu pau fedendo e aí encontrar uma pessoa que você nunca viu na vida pra trepar com ela e presumir que ela tenha que gostar de pau fedorento também. Fetiche não funciona assim, tá? Mas nós vamos falar melhor disso em outro vídeo mais pra frente.	
2'03'' - 2'21''	Segue a mesma característica de imagem.	A questão aqui não é gostar ou não de pau fedorento, a questão aqui é higiene, que se torna um problema de saúde pública quando não é bem difundida. E pra que esse canal existe, se não para difundir essas informações, não é mesmo? Então, vamos a nossa aulinha, nosso curso intensivo de como lavar o pinto. Pra isso, a primeira coisa que a gente precisa é de um pinto.	Há uma marcação explícita de uma pedagogia. "Aula".
2'22'' - 4'09''	Mudança de imagem - Corte na imagem e passa para o foco no pênis de Sa João. Demonstração no próprio corpo sobre como se higienizar.	Então, gente, quando você for lavar o pinto, você tem que prestar atenção no formato do seu pênis, na anatomia dele, porque você tem o pau aqui, mas você tem dobra, você tem dobra aqui do pau com o saco, você tem dobra na virilha, tudo isso aqui é igual um suvaco, tá vendo? É peludo, é fechado, fica aqui, você ainda bota a cueca por cima, fica quente, então vai suar mais do que o normal	Além de ensinar, há um aconselhamento sobre como fazer e de que forma é melhor se higienizar.

	<p>Após a demonstração, há outro corte na imagem para Sa João sentado dainte da câmara.</p>	<p>e vai tender a acumular, enfim, sujeira, bactéria e coisa do tipo mais do que o normal. Então, você tem que ter um cuidado maior do que o normal. Não é igual você passa sabão na tua perna. Porque tem gente que toma banho, que vai se ensaboando aqui e vai ensaboando e chega aqui e faz assim oh e acabou. E você não limpou seu pau aqui, porque essa parte aqui é a que você tem que ter menos preocupação, porque, olha só, você tem que puxar aqui. Parece ridículo, eu sei, mas tem gente que não sabe que você tem que abrir o pau, limpar aqui, porque aqui é a dobrinha, é onde a pele vai ficar toda dobrada e é onde sai secreção. Tá vendo aqui, é onde sai a baba, essa baba vai toda escorrer aqui para o lado e vai ficar aqui. Se você não esfregar isso aqui, tem que esfregar, abrir, passar sabão, esfregar, aqui no frenulo, no freiozinho da cabeça do pênis, é a parte mais complicada de todas, porque aqui você tem que esfregar mesmo, tem que limpar, senão fica sujeira que você não vai ver que tá ali. Eu, inclusive, uso uma escova, aquelas escovas de escovar as costas. Ainda mais quando eu me depilo e tenho pele oleosa, eu tenho que esfregar toda essa área aqui, senão isso aqui fica tudo muito oleoso. Aí ficou oleoso, já viu? Vai dar problema.</p> <p>Sabe aquela punheta que você vai bater na cama a noite, antes de dormir, pra facilitar pegar no sono. Se você goza e não se limpar, vai passar a noite inteira com esse prepúcio babado e gozado aí, aí se a sua imunidade estiver muito baixa, você tiver muito cansado, estressado, aí já viu? Já sabe o que vai acontecer, depois não vem reclamar.</p>	
<p>4'09'' - 5'43''</p>	<p>Segue a mesma característica de imagem.</p>	<p>Se você tem fimose, o que é fimose? É quando você não consegue puxar a pele da cabeça do pênis totalmente, seja porque tem muita pele seja porque essa pele não desenvolveu elasticidade suficiente pra não se abrir e passar pela cabeça. Antes de tudo, essa</p>	<p>Explicações e novos aconselhamentos. Novamente, Sa João frisa problemas da medicina.</p>

		<p>elasticidade não vem de nascença, ela precisa ser exercitada, você precisa ir puxando ali pra pele ir esticando pra você liberar a cabeça. Não é porque o seu prepúcio cobre totalmente sua cabeça que você tem fimose necessariamente. A fimose é um caso extremo disso quando você não consegue liberar de jeito nenhum a cabeça. Isso pode acarretar em problemas de saúde nessa região? Sim, mas só se você não fizer a higiene adequada dessa região. Óbvio que se você tem fimose, você tem que ter um cuidado ali mais atencioso com a limpeza do seu pênis, mas isso não quer dizer que necessariamente precise de circuncisão, porque na comunidade médica existe uma política muito displicente em relação a esse procedimento, já faz a cirurgia quando o bebê nasce em alguns lugares, dias de vida, só que é um procedimento significativamente invasivo, é uma cirurgia plástica que você faz. Não tem reversão. Então, não deve ser feita assim, ao Deus dará. Isso tem que ser uma decisão da própria pessoa, se ela quer fazer a cirurgia ou não. Se você tem fimose e isso te incomoda esteticamente, aí você tem um bloqueio, por exemplo, tem dificuldade de ereção por causa disso e fazer essa cirurgia vai te fazer sentir melhor em relação a isso, beleza, faz lá. Agora o argumento da questão higiênica não é uma necessidade, dá pra manter o pau limpo e saudável mesmo com fimose. A parada é que na sociedade hoje não se fala sobre higiene adequada do pinto. Aí os pintos em geral ficam mal lavados, sejam eles com fimose ou sem. Então, o problema não é a fimose.</p>	
<p>5'44'' - 6'37''</p>	<p>Sa João aponta para o peito para mostrar seus pelos. Termina com ele seguindo em direção ao fundo do quarto.</p>	<p>Além dessa questão, tem outro agravante aí na hora da higiene íntima. Pelos. Mas esse assunto é assunto para o próximo vídeo. Se você gostou do vídeo, curte, compartilha, manda pra aquele cara que você foi chupar um dia e você percebeu que a situação ali não tava agradável, quem sabe ajuda. Eu sou o sajoao, o gostoso aqui atrás da câmera é o Charlinhus. Segue a gente lá no Instagram que</p>	

		<p>aí você fica por dentro de todas as atualizações, de tudo que tá fazendo, quando sai vídeo, quando não sai vídeo. Os vídeos saem toda quinta-feira, às 22h, aqui no Pornhub. Se você quer saber quando os vídeos saírem, é só se inscrever no canal. Pra quem mora no Rio e tava vendo o canal assim que saiu, hoje tem Hole no TV Bar, então vamo pra lá colocar essas dicas que eu dei em prática. Até semana que vem, beijo.</p>	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Esse vídeo tem características didáticas ao querer ensinar como uma pessoa deve realizar sua higiene íntima. Assim, Sa João demonstra em seu próprio corpo quais são os locais que devem ser higienizados com maior cuidado. Há aconselhamentos sobre como o que cada pessoa precisa ter atenção, explicações sobre alguns pontos que exigem cuidado e reitera problemas ligados à medicina.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #7 | PELUDOS E PELADOS

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37452041/sem_capa_7_peludos_e_pelados

DURAÇÃO: 8'04"

VISUALIZAÇÕES: 353.247 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 38''	Começo semelhante - Começa fazendo sexo e depois segue em direção à	Pelo sim pelo não, pelo menos, não mais pelo, pele de mel, pelo zero, esses são todos os nomes reais de clínicas de depilação, não estou tirando isso da minha cabeça.	

	câmera.		
39'' 42''	- Primeiro plano Sa João.	Finalmente é um assunto que eu tento tal propriedade para falar, não é? Tem lugar de fala.	Lugar de fala é associado por Sa João como ter vivência sobre o que está debatendo. No caso, porque ele tem pelos.
43'' 50''	- Segue a mesma característica de imagem.	Você curte pelos? Você curte os seus pelos? Você curte pelos dos outros? Sempre que a gente vai falar de pelo, a discussão vai indo para parte estética, né?	Dirige-se aos espectadores com questionamentos.
51''- 1'01''	Segue a mesma característica de imagem.	"Eu gosto de cara peludo", "eu gosto de cara liso", "eu curto pelos, mas não nas costas, é nojento", "eu curto pau pentelhudo", "eu curto bunda peluda", "eu não, eu prefiro bunda lisinha".	Sa João elenca possíveis falas de pessoas sobre pelos.
1'02'' 1'16''	- Segue a mesma característica de imagem.	A gente às vezes acaba esquecendo que tem outro fator para levar em consideração aí nessa conversa, estética e higiene. Quem não tem muito pelo, às vezes não pare para pensar nisso, mas quanto mais peludo se é, a decisão ter pelos, ou não, não depende só de uma questão de estética.	
1'17'' 1'52''	- Segue a mesma característica de imagem.	Imagina a virilha, aqui lugar quente, apertado, que fica fechado, coberto a maior parte do tempo agora você imagina aquilo ali com pelos. Eu falo isso, por exemplo, eu gosto muito dos meus pelos, por mim eu não tiraria nada, mas só que tem determinadas áreas do meu corpo que eu depilo e aparo por questões de higiene. E olha que eu tenho dificuldade de me depilar, porque meu grosso e minha pele é oleosa também. Então, temos outro problema aí, para minha pele ficar toda empolada e cheia de espinha, não custa. Então, depilar é um porre pra mim. A razão principal de eu não tirar a barba não é porque eu acho sexy ter barba, é porque se eu tirar vou ficar uma semana parecendo a princesa caroco.	Diz sobre sua experiência, sobre seu corpo.

1'53''- 2'24''	Corta a imagem novamente. Muda para o pênis e Sa João segue apontando sua explicação em seu corpo. Ao longo desse caminho, foca-se em sua bunda.	Então, como vocês já viram, do meu corpo normalmente eu não depilo nada, às vezes eu só paro o peito e a barriga quando eu acho que está muito peludo e tal ponto a minha depilação mas é na parte da virilha por causa da questão que eu falei, além de ser muito peluda, que não dá para ver, porque eu depilei a poucos dias, dá para ver que não está totalmente depilada porque também acho importante mostrar assim porque as pessoas acham que quem depila tem que ficar 100% lisinho 24 horas por dia e isso, gente, é fisicamente impossível.	
2'25'' - 3'33''	Segue a mesma característica de imagem.	Então, que eu vou mostrar aqui para vocês, é a minha rotina de depilação, não estou dizendo que é o jeito certo de depilar ou jeito errado de depilar, porque não tem jeito certo porque ninguém tem a mesma disposição de pelos que outra pessoa, cada um tem a sua, cada um e você tem o seu gosto também, então cada um tem que fazer do jeito que achar melhor para si, eu só estou mostrando como eu faço. Aí o que acontece é que essa parte dos pelos aqui em cima eu só passo uma máquina porque eu acho que fica muito peludão. E aí eu tiro aqui e só passa uma máquina com pente e aparo ele um pouco. Daqui para baixo já passo de gilete, eu uso espuma de barbear mesmo normal mesmo e passo gilete de barbear normal aqui e vou tirando porque eu não acho saco peludo muito agradável pra quem tá chupando. Esse pedaço aqui de fora, tá vendo, e a bunda que eu vou mostrar depois, eu passo máquina zero, eu não passo gilete, porque esse pedaço aqui para mim é a pele que fica em contato com a cueca e você senta em cima e tal então o suor acumula mais aqui e minha pele muito oleosa e isso daqui é igual a parte da barba fica tudo empolado se eu passar gilete. Então, aqui não funciona, eu tenho que passar a máquina. Agora aqui no meio e na virilha, eu passo gilete que é tranquilo, eu tiro e ele cresce normal e não me dá nenhum problema.	Embora ele frise ser apenas sua forma de depilar, Sa João segue ensinando como faz.

3'34'' - 4'43''	Imagem focalizando em sua bunda.	Agora, aqui na bunda tem duas partes, O que é a parte da bunda em si mesmo, que ela já é um pouco peluda, mas ela tem um pelinho mais baixo assim, então assim eu só tiro de vez em quando, tem vez que eu deixo mais peludo tem vez que eu não deixo, mas eu tiro com a máquina. Eu só passo máquina zero nela porque daquele problema de ficar todo empolado, se você pode ver que tem até umas marquinhas aqui que é de espinha que dá na bunda porque você sua, a pele oleosa, você fica sentado o dia inteiro, acaba acontecendo isso. Mas o problema é maior, para mim, é aqui no meio, porque aqui no meio, em volta do cu, é muito peludo esse pedaço, é muito muito pelo mesmo, tipo pelo fica muito longo, chega a dar cachinho, pelos às vezes de um lado enroscam com o outro ponto então você imagina o pelo enroscado ali e você senta de manhã para cagar, desce o cocô, e arranca os pelos todos juntos com cocô descendo. Aí você imagina a dor que você sente. Então não é só uma questão estética para mim, sabe? É uma questão de higiene mesmo porque fica peludo demais aqui, então eu tiro tudo do meio sempre e aqui como é no meio eu já consigo tirar com a gilete e fica mais fácil e consigo tirar o pelo todo e não fica só raspado.	
4'44''- 7'27''	Corte para Sa João sentado novamente.	Tudo isso que eu estou falando aqui, gente, é a minha experiência com pelo, ok? Esse assunto é extremamente subjetivo, eu não tenho como ensinar aqui para vocês uma fórmula generalizada de lidar com seus pelos, vai de cada um. A questão é você se conhecer, se entender, entender o que você gosta, o que você não gosta, porque, e decidir como lidar com seus pelos baseado na sua experiência e no que te faz bem. Não necessariamente é para agradar aos outros porque, na verdade, é que tem muita gente que gosta de pelo e muita gente que não gosta de pelo, então você pode ter à disposição de pelo que for que você pode ter certeza que vai ter alguém que vai	A experiência de si é uma baliza para condução do vídeo, bem como os aconselhamentos.

		<p>curtir. Se a pessoa que você tá não curtir, paciência, arranje alguém que curta, tem 7 bilhões de pessoas no mundo, você não precisa decorar seu corpo para agradar ninguém, a não ser você mesmo. Tem gente que fala que não gosta de pelo, que acha nojento, porque a pessoa sua e fica fedendo ponto amor, se você acha isso de pelo, as pessoas com quem você se relaciona não são assim porque elas têm pelo, isso é porque elas são porcas. Pelo não não tem nada a ver com a história. E houve, por exemplo, sou peludo e sou paranoico com cheiro. Não só com cheiro, mas com suor, com sujeira, mas com qualquer coisa, não curto essa vibe, porque meu organismo é muito sensível ao cheiro então se tiver qualquer cheiro mais ou menos forte, seja em mim seja em outra pessoa, eu perco o tesão na hora. Então, não tem nada a ver. Por outro lado, tem gente que defende, tipo "ah, que eu não tiro nada dos meus pelos", "porque eu gosto do negócio natural, sou assim naturalmente, não vou me mutilar por causa de padrão de beleza, meu corpo minhas regras", mas calma lá. Existe realmente uma pressão social por padrão de beleza que é absurdamente opressora e se você quer se dedicar lidar contra isso, ótimo, porém, esse argumento de que é natural não me convence porque unha natural, cabelo na cabeça é natural, a morta se acumulando na superfície da sua pele é natural, mas você remove tudo isso, não remove? Então, assim, a gente vive numa sociedade civilizada, então tem diversas coisas que vão contra a nossa natureza o tempo todo. Se você gosta de deixar os pelos como são naturalmente, seja por que você acha mais bonito seja porque tem preguiça de tirar ou porque você não sente vontade ou não sente necessidade, beleza? Agora, esse argumento de que "ah é natural," isso é só você querendo pagar de evoluído de desconstruidão, para se sentir superior aos outros, então, menos, bem 'menas'. A parada é quer ter pelos, tenha pelos, quer tirar todos os seus pelos, tira todos os seus pelos. Não tem ninguém errado nessa história, único errado</p>	
--	--	--	--

		nessa história é você querer dar pitaco na vida dos outros. Se você gosta de pelo, fica com quem tem pelo, se você não gosta de pelo, fica com quem não tem pelo, fica cada um no seu canto eu sendo feliz como bem entender, ok?	
7'28'' - 8'04''	Segue a mesma característica de imagem.	No próximo vídeo, vamos ter uma aulinha de anatomia para gente se familiarizar com o nosso companheiro de aventuras que está sempre aqui com a gente a todo lugar e a todo momento. Então não perca o vídeo da semana que vem, lembrando que sai toda quinta-feira às 22 horas, aqui no canal, se não quer perder o vídeo, se inscreve aqui embaixo, dá like, compartilha, passa esse vídeo na apresentação de seminário da faculdade. Eu sou o sajoao, o gostoso que está atrás da câmera é o charlinhus, segue a gente lá no Instagram, nas nossas arrobas. Pra quem mora no Rio, tá vendo o vídeo assim que saiu, hoje tem Hole lá no TV Bar, passa lá pra me dar um beijo. Até semana que vem.	Embora use da ironia, a marcação por “aulinha” indica o caráter prescritivo e pedagógico.
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Neste vídeo, Sa João novamente parte de sua experiência para conduzir os vídeos. Há um gesto de tutorial presente na construção da narrativa nos momentos em que ele mostra em seu corpo como faz sua depilação em cada parte. Segue também por um aconselhamento para as pessoas que assistem.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #8 | O MELHOR AMIGO DO HOMEM

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37451573/sem_capa_8_o_melhor_amigo_do_homem

DURAÇÃO: 5'52''

VISUALIZAÇÕES: 284.536 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 3''	Homens fazendo sexo ao fundo. Sa João está em pé.	Tá ok?	Sa João pergunta e começa a seguir em direção à câmera.
4'' - 19''	Ele se assenta, mas, logo em seguida, leva-se para mostrar o pênis.	Hoje nós vamos falar do melhor amigo do homem ou da maioria dos homens, aquele animalzinho adorável que está sempre junto de você aonde você for, o peru.	
20'' - 28''	Corte na imagem - Novamente, aparece sentado.	Fala aqui para o tio, quão bem você conhece seu pau? Vocês são íntimos, vocês conversam com ele, vocês têm uma relação saudável? Vamos entender melhor o nosso amiguinho, como ele funciona, para a gente lidar melhor com ele?	Essas indagações são formas de se conectar com o espectador e fazer com ele reflita sobre si.
29'' - 1'02''	Novamente, em pé, mostrando o pênis e descrevendo cada parte.	Então, vamos lá. A parte externa primeiro, corpo do pênis, saco escrotal. Aqui, tem a cabeça do pênis ou grande, que é a parte mais sensível por motivos óbvios. Logo depois, vem o prepúcio, aqui é a parte da pele que cobre a glândula do pênis quando está em repouso para protegê-la e ela fica presa a cabeça pelo frenulo, que é esse freiozinho que tem que é tipo que a gente tem embaixo da língua. Daí, você tem o corpo do pênis, que é basicamente pele e músculo. E aqui o biquinho é a entrada da uretra que é o canal que passa por dentro do pênis e vai até a bexiga e a próstata.	Nessa parte do vídeo, parece uma aula de anatomia em que Sa João mostra seu pênis e vai explicando cada parte formadora do órgão.
1'03'' - 1'10''	Corte na imagem para mostrar o pênis ereto.	Daí, como que ocorre a ereção? É muito simples, eu vou mostrar para vocês em um estalar de dedos, olha. Viu como é simples? Apertar um botão aqui e foi, olha aqui mágico.	“Ereção em um estalar de dedos” é um destaque estranho. Sa João, apesar da ironia em seu discurso, simplifica a ereção como se o corpo fosse uma máquina para se

			“apertar um botão” e, em seguida, ereção.
1’11’’ - 1’44’’	Continua o foco no pênis ereto.	Na verdade, o que acontece, esses músculos que acompanham o pênis são esponjosos, o que significa, que eles são meio ocos, cheio de espaços, que deixa ele murcho e aí quando rola estímulo sexual, o corpo aumenta o fluxo de sangue para essa área que vai sendo preenchida. E com isso inchando todo o corpo do pênis. Inclusive, vai até aqui atrás. Se você notar quando estiver de pau duro, essa parte aqui logo atrás do saco, que se chama períneo, também vai ficar dura por que o corpo do pênis vai até aqui atrás onde fica a próstata. Então, ele passa do saco e vai até que atrás, toda essa região fica enrijecida.	A explicação segue com as exemplificações no próprio pênis ereto.
1’45’’ - 2’04’’	Segue a mesma característica de imagem.	Como eu disse, o corpo do pênis é basicamente músculo, não tem osso no pênis, ok? "Ah, João, eu já ouvi que dá pra fraturar o pênis?" Dá sim, mas aí é o rompimento de uma membrana interna do pênis que aí acaba causando um problema na ereção, porque o sangue não vai chegar a todo o corpo do pênis, mas é algo extremamente raro de acontecer.	Sa João coloca uma pergunta que sua audiência poderia estar fazendo.
2’05’’ - 2’41’’	A imagem continua com o mesmo enquadramento. Agora, a exemplificação é no saco escrotal.	Embaixo tem o saco escrotal que essa bolsa que armazena nos testículos e também tem uma função que é de regular a temperatura. Tá vendo como ela é enrugada? Porquê? Você já percebeu que tem hora que o saco está mais contraído e tem hora que ele está mais solto, balançando, isso acontece porque os testículos são glândulas, o que é isso? São órgãos que produzem algum tipo de hormônio, nós temos vários o nosso corpo, os testículos são uma delas para produzir esse hormônio que é a testosterona, no caso, os testículos precisam estar em uma temperatura ideal, então, essa elasticidade do saco serve para isso.	Seguem as exemplificações e explicações no próprio corpo.

		Quando está mais quente, ele relaxa e desde os testículos mais soltos, quando está mais frio, ele se contrai para que os testículos se fiquem mais próximos ao corpo e se aquecerem.	
2'42'' - 2'56''	Volta a sentar. Imagem em primeiro plano.	Como eu disse que não vamos ficar aqui usando desenhinho e esqueminha, a gente não vai ter como mostrar como é a parte interna da genital masculina. Mas tudo bem ponto porque ninguém que está assistindo aqui vai precisar ver a parte interna de um aparelho genital na vida real. Espero eu.	Reitera a proposta do projeto de mostrar no corpo sem uso de qualquer esquema imagético.
2'57'' - 5'12''	Segue a mesma característica de imagem.	Eu já falei da uretra que vai até à bexiga de onde sai a urina e dos testículos que produzem a testosterona, além dos espermatozoides. Eles não produzem o esperma, só os espermatozóides. Dos testículos vai sair um outro canal, que vai passar por outras glândulas, que vão produzir outras substâncias, que vão se misturando ao espermatozoides, até chegar lá na próstata, que também vai produzir outras substâncias, e aí, vai juntar tudo e isso que vai ser o esperma que vai ser jogado na mesma uretra, que tá vindo lá da bexiga, tem uma bifurcação, entendeu? Uma parte vem da bexiga e outra vem da próstata e no meio juntam tudo até chegar no pênis. Antes da ejaculação acontecer, tem outras glândulas que produzem outro líquido que jogam eles na uretra, esse líquido serve para lubrificar o canal permitindo que os espermatozoides passem com mais facilidade, essa é a babinha que sai do pênis quando você está excitado. As pessoas produzem mais, outras produzem menos, por isso que temos paus que babam mais e outros não. O nosso corpo não tem a capacidade de produzir mais células musculares do que a sua configuração genética permite. Quando você malha e aumenta de tamanho o que acontece não é que se produzem mais células musculares, as células musculares já existentes incham, é só isso. Então, a sua ereção vai funcionar	Explicação sobre a parte interna do que é considerada uma genitália masculina.

		<p>basicamente da mesma forma. Ela vai variar de tamanho de acordo com a vascularização do seu pênis que pode ter uma variação ali, dependendo de um dia para o outro, e isso pode afetar um pouco tamanho da sua ereção. Alguns fatores externos que podem afetar isso, como o estresse, até o cigarro, por exemplo, por que o cigarro vai afetar sua circulação, então vai chegar menos sangue ao seu pênis e ele vai ficar um pouco menor quando estiver ereto. Até hoje, não foi desenvolvida nenhuma técnica de aumento artificial do tamanho do pênis, ou seja, qualquer anúncio que você viu aí na internet de tratamento, de remédio, de qualquer coisa para aumentar o pênis, isso é golpe, é lorota. Se você tem problemas com o tamanho do seu pênis, vai ter vídeo sobre isso mais para frente, mas para te adiantar você não é só o seu pênis, você tem todo o seu corpo para usar durante o sexo, inclusive, e principalmente, o seu cérebro. O importante é, se você usa seu pênis, converse com ele, seja amigo dele, fica íntimo, que vocês vão se dar muito melhor?</p>	
<p>5'13'' - 5'52''</p>	<p>O vídeo segue com o mesmo enquadramento até o fim.</p>	<p>Espero que a nossa aulinha de anatomia possa ter ajudado, se você gostou do vídeo, curte, mostre aí para seu pau. Se você não costuma usar o seu pau, mas usa o dos outros, mostra para o pau dos outros. Eu sou o Sa João, esse que está atrás da câmera é o charlinhus, segue a gente lá no Instagram que a gente atualiza vocês sobre tudo que está acontecendo no projeto. Os vídeos saem toda quinta, às 22h, aqui no Pornhub, é só se inscrever aqui no canal, que você fica sabendo quando sai vídeo novo. Se você não tiver conta no Pornhub, o link do vídeo mais recente vai sempre estar na minha Bio do Instagram, é só você clicar que chega aqui. Agora, me dá licença que eu vou ali bater um papo com meu melhor amigo e semana que vem a gente volta. Beijo.</p>	<p>O uso do léxico “aulinha” não é em vão. O vídeo todo é uma ação pedagógica explicativa sobre o que é considerada uma genitália masculina. Isso se nota pelo fato de haver uma explicação sobre cada parte e suas respectivas funcionalidades. As partes externas da genitália são mostradas no próprio corpo.</p>

CONSIDERAÇÕES

Esse episódio apresenta alguns pontos curiosos.

- 1) O fato de reiterar a proposta de não usar esquemas para suas exemplificações e explicações faz com que todo o foco permaneça em Sa João, sobretudo em seu corpo e, mais especificamente, em suas genitálias. No entanto, parece-me que há uma desconsideração de outros corpos e outras configurações possíveis de genitálias. Logo, centra-se em si e, no caso, Sa João é um homem gay com características corporais aceitáveis dentro de um padrão de beleza vigente historicamente e, até mesmo, desejáveis socialmente, algo frisado em uma série de comentários dos espectadores. Mesmo que traga discursivamente a consideração sobre a existência de múltiplos corpos ao longo do projeto, isso se torna contraditório quando o foco é apenas em seu próprio corpo.
- 2) O léxico “aulinha” sublinha o que foi o vídeo. Um conjunto de explicação, algumas delas com exemplificação no próprio corpo, sobre as funcionalidades e as características de cada parte.
- 3) Reitero que cada uma das partes das genitálias variam em aspectos anatômicos e isso é desconsiderado no momento em que Sa João mostra só seu corpo. Além disso, desconsidera as inúmeras possibilidades de configurações das genitálias e dos corpos (por exemplo, intersexualidade).

TÍTULO: SEM CAPA #9 | PAU PRA TODA OBRA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37448971/sem_capa_9_pau_pra_toda_obra

DURAÇÃO: 7'27''

VISUALIZAÇÕES: 97.880 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
-------	--------	-------------------------------	-------------

0'' - 36''	Já inicia o vídeo sentado; diferentes de outros episódios que começa fazendo sexo.	Tamanho é documento? Essa história de que tamanho importa, tamanho não importa, para mim, sinceramente, essa conversa não importa muito porque a verdade é: o tamanho importa para você? Ótimo, então se preocupe com tamanho. O tamanho não importa para você? Ótimo, não se preocupe com o tamanho. E aí, é isso, é muito subjetivo e é um debate que eu acho inútil sobre essa questão do tipo "ah, que não sei o quê, o pequenininho e saber usar", mas se pra outra pessoa, o cara tem um pau pequeno e não souber usar, não vai funcionar, então não adianta, vai de cada um E é isso e não vou ficar debatendo sobre isso aqui, tá?	A pergunta de abertura do vídeo já é uma forma de chamar atenção do espectador.
37'' - 2'51''	Segue a mesma característica de imagem.	Agora, uma coisa que eu acho importante mencionar aqui que me incomoda demais, é a necessidade que as pessoas sentem de mentir sobre o tamanho do pau. Obviamente pode vir essa questão de que na sociedade se diz que "ah, quem tem pau grande é melhor e pau tem que ser grande de qualquer jeito", as pessoas mentem para dizer que tem pau grande para chamar mais atenção. Mas a questão para mim é: porque você vai mentir? Porque, assim, se você é um cara que não tem um pau grande para os padrões atuais, mas você sabe que você sabe usar o pau e se garante com isso, você não tem porque mentir. E outra, mesmo que esse não seja o caso, se você está em um aplicativo e coloca que seu pau mede tanto, mas ele não é de tanto, não faz muito sentido porque a sua intenção é no final das contas encontrar com essa pessoa ponto quando essa pessoa encontrar com você, ela vai ver o tamanho real do seu pau, então não tem porque você mentir. Só que fica uma coisa que tipo não só quem mente sobre o tamanho do pau participa da mentira, quem está conversando com a pessoa também participa da mentira porque tem uma galera que diz que gosta de falar que deu para um pau muito grande. Cria-se uma mentira sobre o tamanho do pau generalizada nos aplicativos que todo mundo mente sobre o pau,	Sa João debate aspectos ligados à tamanho do pênis; culto falocêntrico ligado à tamanho - "quanto maior, melhor". - Grindr: aplicativo de relacionamento utilizado, sobretudo, por homens que fazem sexo com homens.

		<p>acredita que o tamanho do pau é aquele e aí fica nessa. E às vezes, por exemplo, o cara tem o pau do tamanho x, e aí ele fala que tem um pau do tamanho y, e aí é maior do que x, e aí ele chega e fala que tem o pau do tamanho y, e aí a pessoa chega e vê que o pau não é do tamanho y, mas fala "ah que pauzão do tamanho y", e aí fala para todo mundo "fiquei com um cara do pau do tamanho y", e aí vira uma paranoia que a cada dia que eu vou usando aplicativo, o pau das pessoas parece que vai aumentando, só vai aumentando, só vai aumentando. Há uns dois anos atrás, a média do tamanho do pau das pessoas que usavam Grindr era uma e hoje é outra, parece que o pau de todo mundo cresceu. O que nos leva a um questionamento: dá pra aumentar o pau? Olha, a resposta curta é não, basicamente. Se você é um homem e já entrou em sites pornográficos, você já recebeu algum anúncio de alguma coisa que diz "aumente seu pau em tantos cm", até onde eu achei, no que eu procurei, de informação, não existe uma técnica, um procedimento cirúrgico, nada disso, remédio, que vá fazer seu pau ficar maior. Isso aí é lorota para ganhar dinheiro dos outros, não existe esse negócio.</p>	
2'52'' - 4'09''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Existem tratamentos para se você tem problema de ereção, se seu pau não fica totalmente duro, vai ter um tratamento que vai te ajudar a fazer isso. Mas aumentar tamanho do pau não existe e também não tem porque aumentar tamanho do pau, né, gente, cada um trabalho com o quê tem e tá ótimo. Tem inclusive gente que não gosta de pau grande porque tem dificuldade para dar ou porque, enfim, qualquer outra coisa, prefere um pau menor, um pau do tamanho x ou outro. Então, sim, tem gosto para tudo, não precisa ficar se preocupando "porque, ah, o tamanho do meu pau", vai ter alguém que vai gostar. Agora, o que tem procedimento cirúrgico, que dá para fazer realmente, é ajeitar o formato do seu</p>	<p>Sa João fala sobre procedimentos/intervenções que podem ser feitas no pênis.</p>

		<p>pau, porque, todo mundo sabe, formatos de pau são bem singulares. Tem gente que tem um pau super reto, tem gente que tem o pau virado para cima, tem gente que tem um pau virado para baixo, tem gente que tem o pau virado para um lado, tem gente que tem o pau virado para o outro, e tem gente que gosta de um pau super reto, tem gente gosta de um pau virado para cima, tem gente eu gosta de um pau virado para baixo, etc, etc, etc. Pode ser que a curvatura do seu pau te incomode de alguma forma porque é muito intensa ou é para um lado ou é uma coisa que você acha feio e você... para isso, existe o procedimento, mas o procedimento só é recomendado para casos extremos, quando é uma curvatura muito intensa que parece que o pau tá quebrado mesmo, tipo assim, vem assim e faz plaf, e vira 90 graus para um lado.</p>	
4'10'' - 6'49''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Como eu expliquei no outro vídeo, da anatomia, o pau não tem osso dentro, é só músculo. A curvatura do seu pau não é definida por uma coisa que você nasceu com, que é torta, e que vai dar aquela curvatura. Aquilo tudo ele é a forma como a circulação do sangue se distribui dentro do seu pau. Então, se você tem o pau normalmente assim reto, você, ele tiveram uma circulação maior em cima e menor em baixo, ele vai inchar mais em cima e menos embaixo, então ele vai curvar para baixo. A mesma coisa curvar para cima, para um lado e para o outro. Então isso se dá através de um procedimento para você alterar isso, foram uma coisa que está te causando um dano ou incômodo muito grande. Se, por exemplo, você, o seu pau for curvado para um lado, para o outro, para cima, para baixo e você não gosta que ele seja curvado para cima, para baixo, a verdade é que a maioria dos casos de pau que tem alguma curvatura é devido à forma com você guarda seu pau na cueca. Em teoria, se a gente fosse animais selvagem que não usam roupa, o</p>	<p>Falou sobre curvatura do pênis e ensina uma “técnica” para modificar com base em uma empiria, em um teste feito por ele.</p>

		<p>pau de quase todo mundo e esse reto, é só você ver a natureza, nos bichos, cavalo, cachorro, não sei o quê, o pau deles é tudo reto, não tem pau para cima, para baixo, para o lado, para o outro. Então, isso não é necessariamente uma coisa genética, isso é uma forma como a gente guarda o pau dentro da cueca, que você na adolescência, que seu pau tá se desenvolvendo na puberdade e você guarda o pau normalmente para esquerda, você vai ter ereção 24 horas por dia porque você é adolescente de hormônio, se o seu pau ficar sem preto guardado na cueca sempre virado para esquerda, a tendência é que seu pau acabe se tornando um pau curvado para esquerda. Então, assim, se você pegar o seu pau começar a guardar para direita e você tiver ereções com a cueca guardada com ele virado para direita, esse formato vai mudar, ele vai começar a voltar para direita. Eu falo porque aconteceu comigo. Quando eu era adolescente meu pai era muito torto para esquerda, ele fazia tipo assim, virava a cabeça era quase 90 graus para o lado, e eu achava estranho e queria, me incomodava isso, e aí eu comecei a ver que eu sempre guardava o pau para esquerda, quando aguardava para direita e ele endurecia, eu até sentir um pouco de incômodo porque ele já era meio curvo para esquerda, mas, aí, eu passei a forçar isso e sempre botar ele para direita, então ele meio que desentortou assim, voltou a ficar mais reto, ele só é curvado um pouco para cima, porque eu guardo o pau virado para cima dentro da cueca. Quem guarda o pau assim para baixo, e endurece assim, normalmente, tem o pau curvado para baixo. Para cima e não me incomoda o pau virado para cima. E aí, então é isso, se você quiser você pode testar isso aí, se te incomoda a curvatura do seu pau de alguma forma, você testa aí. Passa algumas semanas, porque não vai ser de um dia para o outro, guardando o pau para o outro lado para ver se você percebe alguma mudança.</p>	
--	--	--	--

6'50'' - 7'27''	Fim da fala, ele se levanta e vai para a cama onde tem homens fazendo sexo.	Eu acho que a gente já falou muito de pau nesse canal então a gente tem que dar uma variada daqui para frente, no próximo vídeo ao invés de falar de pau, nós vamos falar de cu. Eu sou o Sa João, esse que está atrás da câmera é o charlinhus, segue a gente lá no Instagram, manda pergunta para a gente, faz comentário que você quiser. Se você é do Rio de Janeiro, hoje é quinta-feira, então tem Hole lá no TV Bar, bora lá pra gente se divertir, colocar em prática as dicas que a gente sempre dá aqui, então é isso, até a semana que vem, beijo.	Já aponta a mudança de tema para o próximo episódio. Cria-se um elo entre as discussões.
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Sa João conduz o vídeo abordando dois pontos: tamanho e curvatura do pênis. As discussões sobre tamanho são conduzidas apontando um desejo falocêntrico por pênis cada vez maiores. Já sobre a curvatura, com base em uma experiência, Sa João afirma que a curvatura do pênis pode ser mudada e propõe um teste aos espectadores.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #10 | O SEGUNDO MELHOR AMIGO DO HOMEM

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37065061/sem_capa_10_o_segundo_melhor_amigo_do_homem

DURAÇÃO: 9'17''

VISUALIZAÇÕES: 173.406 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 44''	A imagem desfocada permite ver	A gente já falou aqui da anatomia do pênis e agora a gente	A fala começa em 30 segundos.

	quatro homens fazendo sexo ao fundo, sendo Sa João um deles. Em seguida, caminha nu em direção à câmera e se assenta. Em 30'', começa a falar sobre o que será o vídeo.	vai falar da anatomia do ânus. Não só do ânus, de todo o aparato que a gente usa ali na hora do sexo quando usa também o ânus.	Como é feita a descrição, o vídeo vai concentrar as discussões em outra parte do corpo.
45'' - 1'16''	Permanece sentado e falando.	Na verdade, assim, é muito mais simples que a anatomia do pênis, mas também nem tanto por quê, enfim, quando a gente fala de cu, a gente pensa, normalmente, só ânus e reto, mas não é só isso. É porque, quando, enfim, a medicina tradicional vai tratar dessa parte do corpo em contexto sexual, eles só consideram o ânus e o reto, mas, na verdade, tem todo o aparelho digestivo, na verdade. O problema é que quando se trata de aparelho digestivo, eles só apresentam isso como aparelho digestivo e não como órgão sexual.	Ele aponta uma crítica à medicina que reduz ânus e reto nas relações sexuais. A medicina é uma organização criticada por Sa João em diferentes episódios. Destaco também "O problema é que quando se trata de aparelho digestivo, eles só apresentam isso como aparelho digestivo e não como órgão sexual". A classificação de um órgão como sexual é uma criação da tecnologia do sexo. Paul Preciado ajuda nesse caminho do pensamento.
1'17'' - 3'20''	Segue a mesma característica de imagem.	"Ah, João, é porque ele foi projetado para ser aparelho digestivo não sexual". Deixa eu te contar uma coisa, bebê, essa história de que tal coisa foi projetada para isso ou para aquilo, isso não é ciência, isso é criacionismo. É você acreditar que teve alguém que sentou e ficou, assim, desenhando e projetando o corpo humano, e não foi isso que aconteceu. O processo defendido pela teoria da evolução é exatamente o contrário. Não tem absolutamente nada no	Primeiro, ele faz uma consideração que poderia ser feita pela sua audiência. O argumento de Sa João é fundamentado em esquemas evolutivos e propostas individuais de uso do corpo para contrapor a

		<p>corpo humano que foi desenhado ou projetado, é que ao longo de bilhões de anos inúmeras mutações aleatórias aconteceram e aí por acaso a que acabou sendo mais eficiente para o mundo que a gente vive foi essa aqui, só isso. Se alguém projetou alguma coisa nessa história, essa pessoa não tinha menor ideia do que estava fazendo, porque ela fez um quadrilhão de modelos, jogou todo o resto fora e ficou com a única que deu certo. Isso daí não é design, isso é tentativa e erro. Então, não tem isso de determinado órgão foi projetado para isso. As partes do nosso corpo vão ter as funções que a gente definir para elas porque se vocês seguem essa linha de raciocínio, por exemplo, então, o cabelo foi projetado para proteger a caixa craniana do calor, mas você tem milhões de pessoas que vivem aí no mundo sem um cabelo na cabeça e o cérebro delas não derrete porque nós já temos inúmeros artificios que cumprem essa função, chapéu, um teto sobre a nossa cabeça, etc. Ou seja, para a maioria esmagadora das pessoas a real função do cabelo é apenas estética, não tem nada a ver com proteger a cabeça. Então, cuidado quando você for usar esse argumento de que tal coisa foi projetada para tal coisa, porque se não você pode entrar numa de que, tipo, tal coisa foi criada só para aquela função e só aquela coisa foi criada para aquela função, e isso não é verdade. A questão é se foi projetada para isso ou não, não interessa. O que interessa é que o cu é usado para sexo, então ele cumpre essa função. O ânus, seja ele projetado para isso ou não, é um órgão sexual e precisa ser tratado como tal, tanto pela medicina como pela sociedade.</p>	<p>ideia de “função biológica”. De certa forma, ele desestabiliza noções biologizantes para o corpo. Contudo, por outro lado, ele cai na própria armadilha limitante a “órgão sexual”. Esse é um ponto importante para ser refletido.</p>
3’21” -	Imagem fica em preto e branco	Charles: “É porque tem pessoas que falam ‘ah, mas o cu é,	A intervenção de Charles e o

3'40''	quando Charles, que está atrás da câmera, interrompe para dialogar com o que foi apresentado.	como é que fala, não é feito pra isso'''. Sa João: Exatamente. Charles: "Como não, gente? Se tem terminações nervosas ali, ele foi feito pra isso" Sa João: Mas se foi feito ou não foi feito, não interessa, é usado pra isso e tem que levar em consideração Charles: "É verdade, pronto. Só que não leva. Os médicos não discutem sobre isso." [Risadas]	diálogo entre eles retomam o que foi falado anteriormente. O argumento, aqui, é de contrapor "função biológica" estabelecida pelos estudos biológicos e médicos para pensar outras "funções e usos" que atribuímos ao corpo. Eles retomam a crítica contra a medicina. Além dela, é importante apontar outras instituições e organizações que "pedagogizam" os corpos.
3'40'' - 3'45''	A imagem volta a ser colorida quando Sa João propõe começar a explicação.	Sa João: Então, vamos dar uma olhada mais a fundo nos nossos cus.	
3'46'' - 5'53''	Sa João gesticula bastante para tentar explicar a anatomia interna.	Então, a primeira coisa é o esfíncter, né, é o cu mesmo que a gente vê que tá ali, que muita gente fala "ah, tem dois esfíncteres", mas ninguém explica direito o que são esses dois esfíncteres, porque eu achava que era o quê, que tinha um esfíncter aqui e aí você tinha o reto e aí tinha um outro esfíncter lá dentro, mas, na verdade, não é isso. Os dois esfíncteres são concêntricos, como é que é isso? Um esfíncter aqui e um outro esfíncter aqui, é tipo um esfíncter mais para fora e outro esfíncter mais para dentro. Se você usar o seu dedo e explorar o seu cu, você vai ver que ele tem tipo uma preguinha mais no meio e outra mais para fora, que o do meio relaxa primeiro e depois a outra relaxa depois, e aí isso me confundia porque eu achava que era o quê era um	

		<p>esfíncter que tinha aqui, e aí tinha o reto todo e aí tinha outro esfíncter ali, que era o que separava o reto do, da entrada do intestino, que quando daquela, que é quando o pau entra e quando vai muito fundo que “ahn”, eu achava que era o quê, relaxou segundo esfíncter e não é isso. Verdade, o que acontece é, vamos colocar aqui na posição vertical que é como a gente fica em pé que é para entender melhor, você tem o esfíncter aqui e aí daqui vai subir o reto e depois do reto vai ter o intestino grosso, só que o intestino grosso ele não começa aqui, tem uma dobra, e aí o intestino grosso vai fazer uma volta na sua barriga, para depois vir o delgado que fica aqui no meio todo enroladinho, então essa dobra que é aquele “ahn” que você sente quando o pau vai muito fundo. O que a gente chama de pregas do cu não é, na verdade, essa dobra, esfíncter, não tem nada a ver com isso, é porque o reto ele, apesar de ter o formato reto, ele tem vínculos, como é que é isso? Ele é um canal, mas ele tem umas leves dobrinhas, assim ó, que é só vincos e não chega fazer um s, ele sobe reto, mas ele tem tipo uma dobrinha aqui, uma dobrinha para cá, que é meio que resquícius dele da dobra do intestino e que é isso são as pregas, porque elas estão ali rígidas, mas elas têm a capacidade de relaxar, então, a medida dos anos que você vai usando aquela área ali, ele vai desenvolvendo uma habilidade maior de relaxar e é isso que são as pregas que você perde quando, enfim, você faz muito sexo.</p>	
5'53'' - 6'40''	<p>Continua a gesticulação para explicar.</p>	<p>Mas, na verdade, você não perde essas pregas, elas desenvolvem elasticidade com o tempo, elas vão continuar ali o tempo inteiro, elas só vão ser mais fáceis de você atravessar do que antes de você encostar nela, na primeira</p>	<p>Mesmo que Sa João demarque críticas às explicações médicas, seus argumentos são baseados em falas sobre estrutura e organização</p>

		vez da vida. E aí, depois do reto, que tem essa dobrinha, é uma dobrinha mesmo, imagina um balão daqueles de fazer cachorrinho que ele só tá cheio até aqui e depois ele dá uma caída, então assim ele dá uma dobrada e ele vem para cá, quando você tem um pau muito grande porque, enfim, a média do ser humano do tamanho de um reto é 15 cm mais ou menos, então por isso que se considera que paus acima disso são maiores, óbvio que você pode ter um resto maior, um reto menor, daí isso vai variar de um para o outro, a média é essa, aí depois disso já é intestino.	do corpo estudadas pela biologia. Como ele frisa muitas vezes “anatomia”.
6’41’’ - 7’14’’	Segue a mesma característica de imagem.	“Ah, João, então quer dizer que se eu tô dando para um pau de mais de 16 cm, ele tá entrando no meu intestino?” Tá entrando no seu intestino, isso mesmo, pau grande entra no seu intestino. "Nossa, mas então o povo que faz fisting deve chegar até a boca porque se 16 cm já tá no intestino". O intestino grosso, você não precisa se preocupar, tem espaço suficiente para qualquer pau, porque assim, o intestino grosso em média mede 1,5 m de comprimento, então assim fica tranquilo que a galera do fisting dá pra enfiar um braço, não precisa se preocupar, entendeu, tem espaço de sobra ali para entrar.	Novamente recorre a uma fala que poderia surgir pelos espectadores.
7’15’’ - 7’27’’	De novo ocorre um diálogo entre João e Charles. Por isso, a imagem fica preta e branca como forma de marcar a interrupção.	"Tem alguns vídeos que eu já vi que fico assustado. Eu fico, gente, como é que essas pessoas conseguem" Ah, meu filho, aí, assim, cada um com seu cada um. Tá dando prazer pra pessoa, não tá machucando ninguém, deixa ela ser feliz" [Risadas]	
7’28’’ -	Retorna imagem colorida.	Mas, enfim, essa história da dobra é por isso que às vezes	Já sinaliza o tema do próximo

8'06''		<p> você tá lá, fez a chuca, e daí parece que limpou, você olhou e tá tudo ok, mas aí no meio do negócio, quando começa, tá intenso ele, e é um pau grande e você tá super relaxado, aí suja. Você achou que estava limpo, mas não estava. Porquê? Porque você limpou só até aquela dobrinha e aí depois da dobra já tava sujo, então quando chegou lá dentro aí sujou. Você não limpar até lá dentro na parte do intestino, se você for dar para um pau que chega até lá obviamente, vai sujar, então se você fizer uma limpeza muito superficial, pode parecer que está limpo, mas não está. Mas como é que a gente faz isso? Então, é por isso, que o próximo vídeo vai ser sobre chuca. </p>	vídeo.
8'07'' - 9'17''	<p> Ao fim, Sa João se levanta e volta a fazer sexo com os convidados. </p>	<p> Eu sou o Sa João e esse que está atrás da câmera aqui é o charlinhus. [risada] Segue a gente no Instagram. Eu vou fazer uma página de Facebook e um Twitter. Enfim, quando eu estiver com ela toda arrumada e puder divulgar pra vocês, me sigam no Instagram que eu vou avisar no Instagram quando estiver tudo pronto, ok? Por que eu não sei quando esse vídeo vai ao ar, não sei se já vai estar pronto ou não, então quando estiver, no Instagram eu vou avisar. Eu vou falar isso pela última vez, porque eu já falei em vários vídeos e as pessoas ainda estão me mandando direct. Eu já disse não adianta mandar mais direct pedindo pra participar aqui de trás, porque já tem muita gente participando, quando a gente precisar de gente, eu vou fazer stories explicando pras pessoas como é que faz para participar, ok? Se você me mandar direct no Instagram perguntando como é que faz, você será apenas ignorado porque eu não tenho mais tempo pra responder essas mensagens, infelizmente. [Risadas] É isso então, até semana que vem, beijo. </p>	<p> O encerramento apresenta um convite para que os espectadores sigam os idealizadores do Sem Capa em outras plataformas, tendo em vista que recados e novidades serão postados nesses outros espaços. </p> <p> Isso já nos indica uma limitação, inclusive, das funcionalidades da plataforma Xvideos, assim como interesses para ganhar seguidores em outras redes sociais. </p>

CONSIDERAÇÕES

Esse vídeo apresenta alguns pontos necessários de serem pensados. Há contradições no próprio argumento. São marcadas críticas contra a medicina, frisando a exclusão de discussões sobre usos de partes do corpo para o sexo. Porém, a fala de Sa João e a tentativa de esquematização da anatomia recorrem a própria estruturação e organização do corpo humano estudadas pela biologia. Ou seja, enquanto visa refutar atribuições biológicas aos órgãos, ele já traz as descrições anatômicas.

A demarcação do ânus como órgão sexual pode ser pensada pelas proposições de Paul Preciado no Manifesto da Contrassexualidade (2014) e a destabilização da sexualização dos órgãos.

TÍTULO: SEM CAPA #11 | HOW TO XUCA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video36873133/sem_capa_11_how_to_xuca

DURAÇÃO: 7'40''

VISUALIZAÇÕES: 279.436 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 31''	As imagens desfocadas dos 20 segundos iniciais são homens fazendo sexo. Em seguida, Sa João caminha na direção da câmera, assenta-se diante ao equipamento e começa a falar.	Tinha muita gente pedindo esse vídeo o tempo todo e finalmente, sim, eu vou ensinar a fazer a chuca.	Pela observação imediata de Sa João, parece-me que este tema é de interesse comum para o público. “Eu vou ensinar” - já marca uma condição de superioridade para

			ensinar.
32'' 1'14''	- Continua sentado falando.	Antes de qualquer coisa, para galera que adora reclamar de tudo, eu não estou aqui dizendo que você tem que fazer a chuca, tá ok? Você faz se você quiser. Eu só vou mostrar como eu faço para quem tem curiosidade e quem sabe algo que eu digo aqui pode ser útil para alguma pessoa. Se você não faz a chuca porque não precisa ou porque é contra ou por qualquer outro motivo, vou te contar um segredo, você não é obrigado a ver o vídeo, tá? Tem certeza que tem coisa muito mais interessante na internet para você gastar o seu tempo e outra nós vamos falar de cocô hoje aqui, ok? Se você tem nojinho ou te falta maturidade para ouvir a palavra cocô e não rir igual uma criança que está na quinta série, então é só você ir aqui em cima fechar a aba do navegador e se entreter com outra coisa, ok?	
1'15'' 2'02''	- Segue a mesma característica de imagem.	Enfim, a chuca é uma coisa super pessoal e não tem como ensinar um jeito aqui que vai funcionar a todo mundo, até porque tem gente que nem precisa direito de chuca. Tem uma galera que acorda, faz cocô e dá aquela lavada básica e pronto, tá limpo para o resto do dia inteiro. Eu não sou assim, se eu for dar a bunda de manhã, tenho que fazer a chuca de manhã, se eu for dar a bunda de noite, no mesmo dia, tenho que fazer a chuca de novo. Por que lembra daquela parada que eu falei no vídeo anterior? Se você não viu, vai lá ver o vídeo anterior, que eu falo da anatomia do ânus que tem aquela dobrinha do reto para o intestino, pois é, o meu reto, ele tem um comprimento relativamente curto, e eu tenho uma tendência de gostar de paus assim, de um comprimento, entendeu, um pouco mais avantajado. Então,	Apesar de falar que ia ensinar, Sa João fala de suas experiências e marca que não pode ensinar algum método eficaz para todos.

		eu estou enquanto fazendo sexo ultrapassando essa dobra, então eu tenho que sempre estar com a chuca muito bem feita.	
2'03'' - 3'54''	Segue a mesma característica de imagem. Ao falar do enema, ele mostra o que é.	Bem, vamos lá, nem todo mundo sabe, a chuca é você fazer essa lavagem do seu reto para tirar o que tiver ali e para deixar limpinho quando o pau entrar não sair sujeira. Normalmente a gente faz isso aonde, no banheiro, e no chuveiro né e tal, enfim, tem gente que usa, por exemplo, o chuveirinho do banheiro, do chuveiro mesmo, do box do chuveiro. Eu não gosto muito dele porque ele não tem muita pressão então, para mim não funciona porque eu tenho que fazer lavagem até lá no meio da dobra do reto e aí ele nunca vai chegar lá, porque não tem essa pressão para chegar até lá, mas se for uma lavagem assim, uma chuca rapidinha, se não for dar para um pau mega enorme como eu tô acostumado, então, ok. Tem gente usa o que chama de enema, um enema é esse daqui ó. Essa bombinha, tá vendo que tá cheia de ar, quando você aperta, só que você abre ela, e aí você enche ela de água ao invés de ar, e aí você fecha e quando você aperta, sai o esguicho com pressão daqui de dentro, obviamente isso aqui você vai introduzir no seu reto e aí vai lavar ali dentro. Tem bastante gente que usa isso. Eu tenho uma, mas não uso muito e é só para casos emergenciais para locais que não tem o que eu normalmente uso, que é o chuveirinho da privada, o chuveirinho da privada que eu uso melhor por causa disso, porque ele tem a pressão. Então, para mim, ele consegue lavar mais lá dentro mesmo de onde eu preciso do que o enema ou chuveirinho do chuveiro e aí é isso, enfim, não tem mistério. Você tem que, ver como você consegue introduzir o que	Fala de modos para fazer chuca. Aconselhamento.

		<p> você for usar, jogar água, jogar água fora ou na privada ou no ralo do banheiro, se o ralo do seu banheiro for grande o suficiente, porque se for aqueles ralinhos com gradezinhos, sai o negócio todo e vai ficar tudo entupido ali. E aí você vê até a hora que não tiver mais. Tem gente que fala "eu faço três jatos e já tá bom", mas tem gente que não é que faz um já tá bom e tem gente de que fazer um monte, eu às vezes fico uma hora fazendo chuca ali porque ainda tem alguma coisa saindo e eu quero ter certeza que não vai acontecer nada na hora que eu estiver fazendo sexo. </p>	
<p> 3'55'' - 4'03'' </p>	<p> Imagem preta e branca com a interrupção de Charles que está nos bastidores. </p>	<p> "É foda porque isso às vezes acontece e aí você faz, às vezes você acha que está seguro, aí do nada sai um pouquinho, tipo, aí ferra tudo". </p>	
<p> 4'04'' - 6'41'' </p>	<p> Mostra um consolo para exemplificar sua fala </p>	<p> Mas tem uma técnica para você ter certeza que está limpo até onde tem que estar limpo quando você fizer, que é você usar um consolo. Por quê? Esse consolo, por exemplo, ele é bem grande e é bem grosso e, então o que eu faço, depois, enquanto eu estou fazendo ali e acho que já limpou, eu tento usar o consolo, lubrifico ele um pouquinho e se ele sair limpo, eu sei que se eu der para um pau desse tamanho ele vai continuar limpo, então tudo bem. Porque aí já garante. A verdade que a maioria dos homens que tem consolo, eles usam é para isso mesmo, não é para se masturbar, não, tem gente que gosta é claro, mas tem gente que usa só para isso. Eu na maioria das vezes uso 90% do meu consolo para fazer chuca e não para me masturbar. Tem gente que fala que não pode fazer chuca todo dia ou que não pode exagerar na hora de fazer a chuca porque o reto tem uma lubrificação natural que você remove quando está fazendo essa lavagem e isso </p>	<p> Quando diz sobre possíveis males causados pela chuca, Sa João critica novamente a medicina e afirma que a experiência individual é melhor para saber se faz mal ou não. </p>

		<p>também afeta sua flora intestinal, então vai afetar seu sistema digestivo, se você fizer isso com muita frequência. Eu queria saber dessas pessoas, porque eu procurei e não achei, onde que está o estudo científico que comprova que se você fizer chuca demais vai fazer mal para você, porque até hoje já vi um monte de gente afirmando isso, mas nunca vi nenhum estudo que comprovasse isso, ou seja, é tudo baseado em suposição. Se é baseado em suposição, a tua vivência, a tua experiência de vida fazendo chuca com a frequência que você faz é tão válida quanto a opinião de um médico que nunca estudou de fato o assunto para firmar o que afirma. Então, assim, eu faço chuca quase todos os dias e eu faço essa chuca, eu falei que às vezes é uma hora fazendo chuca, até hoje não tive nenhuma complicação no meu reto, no meu aparelho digestivo, na minha digestão, em nada disso. Eu estou dizendo que ninguém nunca vai ter uma complicação por excesso de chuca ou chuca mal feita? Não, eu estou dizendo que, para mim, na minha experiência pessoal e individual, eu nunca tive problema. Então, questão é, se você está em dúvida de quantas vezes você pode fazer a chuca por semana, de quão fundo você pode ir na sua chuca, a pessoa mais bem qualificada para responder essa pergunta para você é você mesmo. Vai tentando, faz explorando o seu corpo e vai vendo quais são os seus limites. Se você sentir que a forma ou a frequência com que você está fazendo tá te afetando negativamente de alguma forma, mude ou pare. Aí, você vai pela sua experiência e vai vendo, vai explorando seu corpo e se conhecendo, assim como você faz quando está se masturbando, quando você está fazendo sexo com alguém, quando você está vendo pornô ou qualquer coisa, é só um outro hábito ligado ao sexo</p>	
--	--	--	--

		que você precisa explorar e conhecer para entender como funciona para você.	
6'42'' - 7'40''	No fim, levanta-se e volta a fazer sexo.	No próximo vídeo, a gente vai falar um pouco mais outro tipo de prática sexual, porque a gente tá falando muito de pau e muito de cu, agora a gente vai falar de outras coisas. Assista o próximo vídeo que você vai entender. Eu sou o Sa João, esse daqui é o charlinhus, segue a gente lá no Instagram [risada]. Qualquer coisa manda mensagem lá pra gente. Hoje é quinta-feira, hoje tem Hole no TV Bar, quem for do Rio, vamos para lá no TV Bar, começa às onze horas. Se você quiser participar dessa bagunça que está acontecendo atrás de mim nesse momento, fica de olho nos meus stories lá do Instagram e nos do Charles também, porque quando a gente precisar de gente e rolar gravação, a gente vai avisar como faz pra participar. Até semana então, beijo.	Cria um elo para o próximo episódio.

CONSIDERAÇÕES

O tema desse episódio nos parece recorrente entre o público do Sem Capa. Sa João reitera a cobrança dos espectadores para ele ensinar como se faz a chuca. Quando ele marca “eu vou ensinar” no início do vídeo, já estabelece uma hierarquia nesse gesto pedagógico. Seria alguém que sabe mais (ele) para alguém que sabe menos ou que pediu para aprender (seus espectadores).

Embora ele diga que ensinará, já demarca em seu discurso que falará de sua experiência e outras possibilidades para fazer, além de dizer que se trata de um processo muito pessoal e que cada pessoa precisa descobrir aquele que lhe convém. Ele traça críticas novamente à medicina, visto que não encontrou estudos científicos para atestar que a chuca faz mal à saúde. Por isso, diz que a experiência pessoal é o melhor parâmetro para saber se algo faz mal para si ou não. Logo, ele sugere que cada um teste e veja se está prejudicando ou não seu organismo.

Uma estratégia mobilizada por Sa João é sugerir, mas sem explicitar de fato o que é, o tema do próximo. Algo que gera expectativa entre seu público.

TÍTULO: SEM CAPA #12 | BORA SARRARDISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37215685/sem_capa_12_bora_sarrar

DURAÇÃO: 7'01''

VISUALIZAÇÕES: 123.830 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 1'34''	<p>Os 30 segundos iniciais são apenas os homens fazendo sexo.</p> <p>Após essa introdução, Charles caminha para atrás da câmera. Sa João segue em direção à câmera, se assenta em frente ao equipamento e começa a falar.</p>	<p>Diferente do que vocês acabaram de ver, sexo não é só pau no cu e cu no pau. A gente já falou de muita coisa relacionada ao sexo aqui, já falamos do pau e como lidar com ele, já falamos do cu e como lidar com ele, mas a verdade apesar que esses dois serem os principais órgãos sexuais do corpo ou pelo menos os dois que a gente pensa mais imediatamente quando a gente vai falar de sexo, a gente na maioria das vezes não faz sexo só com pau ou com a bunda. Quando você vai trepar com alguém, você não usa só seu pau ou só sua bunda, você usa o seu corpo todo, sei lá, se só importasse o pau da pessoa para eu querer trepar com ela, eu treparia com meu consolo, para mim, ia ser muito mais prático, entendeu, muito mais rápido, porque eu já tô muito mais acostumado ia ser tudo mais fácil. Mas que dá tesão é justamente o conjunto da obra, então a gente precisa entender que o sexo e o tesão estão ligados a todo o</p>	<p>Apesar de o vídeo ser direcionado às práticas sexuais sem penetração, o realce inicial (mesmo que a imagem seja desfocada) é nos homens ao fundo, sobretudo em Sa João e Charles que estão fazendo sexo com penetração.</p> <p>Define pau e cu como “órgãos sexuais”.</p>

		<p>corpo e não só a pau e bunda. O cheiro, a pegada, o feeling, o mamilo, a boca, a personalidade, enfim, até as ideias da pessoa podem servir pra te dar mais tesão ou não, pra decidir se você quer trepar com essa pessoa ou não.</p>	
<p>1'35'' - 6'12''</p>	<p>Sa João permanece sentado falando.</p>	<p>Por que eu estou falando isso? Porque tem muita gente que pode não sentir tanto interesse assim em um pau, em uma bunda, ou em penetração, ou pode ter alguma dificuldade de penetração tanto como ativo tanto como passivo, seja por fatores fisiológicos e psicológicos, mas isso não quer dizer que a pessoa é ruim de cama, problemática, assexuada. Os custos do sexo são muito individuais e cada um tem a sua preferência. Da mesma forma que tem gente, que, por exemplo, gosta muito de brincar com mamilo na hora do sexo e outros que não acham tanta graça, pode ter gente que gosta muito de penetração e outras que não acham tanta graça. Pode ser que o verdadeiro tesão para essa pessoa esteja no beijo, no cheiro, nas sarração, enfim, em inúmeros fatores. Afinal de contas o ser humano é um bicho muito complexo, então tem infinitas formas de você sentir tesão a dois ou a três ou a quatro, enfim. Tem um monte de denominação que criam para essas práticas que não envolve a penetração, a mais conhecida de todas é guinage, que é um termo francês que serve para definir lesbianismo, só que aí essa definição do lesbianismo vinha pelo fato de não haver penetração no sexo lésbico, que na verdade pode ter várias formas de ter penetração sexual lésbico, mas que na visão da sociedade falocêntrica e homofóbica não tem, então vem daí o termo, só que ele passou a ser empregada a qualquer prática sexual que não envolva a penetração, não necessariamente, sendo duas mulheres. Aí você tem</p>	<p>Ao longo do vídeo, Sa João fala sobre relações sexuais em que não acontece penetração. Ele elenca alguns tipos, fala de seus interesses e aconselha a busca por parceiros com gostos semelhantes.</p>

		<p>também os <i>goy</i> que é aquela galera que não se considera <i>gay</i>, mas gosta de homem e meio que assume que gosta de homem, mas não se considera homossexual por que fazem sexo, uma das práticas mais comuns entre os <i>goys</i> é justamente essa, um sexo sem penetração. São vários elementos que eles determinam que comportamento deles, que fazem eles não se encaixarem no conceito do que é ser <i>gay</i>, por isso eles não são <i>gays</i> são <i>goy</i>, um deles é que a maioria não faz sexo com penetração, eles fazem o que chamam de sarro que é isso você sarrar na pessoa, ficar na esfregação, no beijo, até chupar e tudo mais, mas a penetração de fato não chega acontecer. Cada indivíduo tem a sua sexualidade é igual a impressão digital, não existem duas pessoas que têm a mesma sexualidade idêntica, então não dá para a gente criar uma caixinha ou algumas caixinhas e ficar esperando e querendo que todo mundo se encaixa em uma dessas caixinhas. Porque as coisas não são tão simples assim quando se trata de sexualidade humana e aí tem muita gente que não se sente confortável em nenhuma dessas caixinhas, só que rola uma pressão social para que ela se encaixarem, isso pode acabar gerando uma parcela imensa de pessoas que vão viver sexualmente frustrados e não entendem o porquê. Elas acham que se elas não curtem penetração, por exemplo, tem alguma coisa errada com elas que precisa ser resolvida. Eu não vou mentir aqui, eu sou uma pessoa que gosta muito de sexo com penetração. Para mim, tem que ter pau no cu e cu no pau. Então, eu não sei se eu ia curtir tanto trepar com alguém que não curte penetração. Pode enrolar, eu não estou excluindo essa possibilidade, mas não é a minha preferência, só isso. Agora, não é por isso que eu acho que quem não curte sexo</p>	
--	--	---	--

		<p>com penetração está errado ou tem algum bloqueio ou tem algum problema mental por causa disso. Nós somos provavelmente incompatíveis sexualmente, mas é o que eu sempre digo tem gente demais no mundo, tem gosto para tudo, com certeza vai ter alguém que vai curtir o que ele curte e vai ter alguém que vai curtir o que eu curto. A questão é que como existe preconceito e desinformação sobre práticas sexuais que fogem do padrão ou que já não são estabelecidas como tipo de fetiche, como a denominação certinha, como a comunidade em volta disso, como, por exemplo, o couro, BDSM, etc, as pessoas podem ficar meio perdidas e achando que só elas curtem aquele determinado tipo de prática e aí como só elas gostam deve ter alguma coisa errada com elas, e não, não tem, fique tranquilo. Vai ter alguém que curte a mesma vibe que você com certeza, é só procurar. E a internet, por exemplo, é uma ferramenta ótima para isso, é só usar com responsabilidade. Então, gente, vamos abrir a cabecinha, vamos. Vamos explorar a nossa sexualidade para todas as possibilidades que ela pode oferecer quem sabe você não descobriu algo novo sobre você mesmo, que vai te proporcionar toda uma nova gama de experiências incríveis que você nem sabia que eram possíveis. Você pode descobrir que você gosta de usar determinados apetrechos ou você pode descobrir que você tem um fetiche que você não tinha uma ideia que ele existia, esse fetiche. Já pensou nisso? É disso que nós vamos falar no próximo vídeo.</p>	
6'13'' - 7'01''	Encerra a fala, levanta-se e segue para a cama onde volta a fazer sexo.	Eu sou o Sa João, esse daqui que tá atrás é o charlinhus. Dá tchauzinho. Segue a gente lá no Instagram, manda mensagem pra gente se tiver qualquer dúvida. Pra quem	

	Charlinhus também sai de trás da câmera e segue para o fundo do quarto.	mora no Rio, de novo, hoje é quinta-feira e tem Hole no TV Bar, vamo lá. Enquanto isso vamos nos conhecendo, vamos nos explorando, vamos nos estudando para a gente ser mais feliz no sexo, ok? Beijo.	
CONSIDERAÇÕES			
<p>Uma das contradições, proposital pelo que indica no começo do episódio, é a relação sexual com penetração acontecendo na abertura do vídeo cujo foco é em relação sem penetração.</p> <p>Ao longo da narrativa, Sa João assume um tom de aconselhamento, sugerindo aos espectadores que busquem por parceiros com gostos e interesses sexuais semelhantes.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #13 | BOTA A CAMISINHA PARTE 2

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37431981/sem_capa_13_bota_a_camisinha_parte_2

DURAÇÃO: 7'59''

VISUALIZAÇÕES: 619.663 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 1'31''	O início desse vídeo é diferente. Sa João começou sentado.	Eu sei que eu disse no final do vídeo anterior que neste vídeo, que seria o próximo no caso, nós falaríamos de fetiches, porém aqui temos uma ocasião especial. Desde o início do projeto, desde o segundo vídeo que eu falei das	Apesar de ter sugerido outro assunto para esse vídeo, Sa João justifica a mudança na sequência.

		<p>maravilhas da camisinha interna sendo usada para sexo anal, uma enxurrada de inbox de pessoas me pedindo para fazer um tutorial de como colocar a camisinha interna, veio até mim, assim como eu fiz da camisinha tradicional e aí eu estabeleci uma meta, eu falei: vocês querem o vídeo? vocês querem que eu atenda o pedido? Vamos contribuir aqui com nosso projeto de alguma forma. Então, eu estabeleci que quando eu chegasse a 10.000 seguidores no Instagram a gente ia fazer um vídeo de como colocar a camisinha interna, finalmente esse dia chegou. E aí estamos aqui para fazer isso, hoje eu vou ensinar para vocês como colocar a camisinha interna. Eu normalmente coloco em mim mesmo, testando ali, eu já usei algumas vezes, testando ali, eu descobri que para mim a melhor posição é eu colocar assim de frente, sabe? Como se eu tivesse de frango assado? E eu olhasse assim e colocar com o dedo assim em mim mesmo, só que essa posição não fica um pouco complicada de eu reproduzir aqui. Então, eu pensei assim em tentar achar outra forma que eu pudesse mostrar aqui para vocês como colocar, uma forma que fosse mais visual, aqui, mais fácil de vocês enxergarem. Só que como eu não vou colocar a camisinha em mim mesmo eu preciso de uma coisa, eu preciso de uma bunda.</p>	<p>Os espectadores do projeto que seguem Sa João no Instagram pediram para ele ensinar como usar o preservativo interno. Isso nos sugere um apelo da audiência que confirma a proposta pedagógica do Sem Capa.</p> <p>A mobilização do léxico “ensinar” já atesta esse gesto.</p> <p>Sa João também assume uma função de tutor. “Eu vou ensinar” é uma marca discursiva que constitui uma imagem para si de autoridade para falar e demonstrar aquela temática. O gesto pedagógico se estabelece por hierarquias. De um lado, um sujeito autorizado a falar porque “sabe mais”; do outro, alguém (ens) que “sabe menos” e vai aprender.</p> <p>Sa João fala também de sua experiência com o uso do preservativo.</p>
1’32’’ - 2’	As imagens mostram um convidado de costas, “uma bunda voluntária”, como chamou Sa	Então aqui temos uma bunda, voluntária, para fazer o nosso tutorial e aí já podemos começar. Primeira coisa, a gente vai abrir, né? O pacote da camisinha feminina é fácil de abrir,	

	<p>João, para realizar o passo a passo de introdução do preservativo. Esse homem não é apresentado e permanece de costas, com a imagem focalizando a bunda, durante toda sua participação.</p> <p>Mostra a embalagem do produto.</p>	<p>então super tranquilo você vai tirar. Quando você tirar, aí você diz dobra, vai aparecer aquele negócio assim "meu Deus do céu que que é isso, que que eu faço com isso?" Bom, você entendeu a anatomia do negócio, né? Aqui, isso aqui vai ficar para fora e isso aqui vai ficar para dentro.</p>	
<p>2'01'' - 3'56''</p>	<p>Sa João vai mostrando o passo a passo com lubrificante, como introduzir...</p>	<p>"João do céu, tem um aro, duro, esse negócio... como é que esse negócio vai entrar em mim?" Se preocupe, ele é duro, ele é duro mesmo, você tem que fazer uma forcinha para apertar ele, mas ele vai se mudar dentro de você, não vai doer, e não vai te incomodar, ele é feito para isso, ok? E aí, não tem mistério, você tem que enfiar isso aqui em você, eu normalmente faço como eu disse na posição meio de frango assado, eu vou colocando a mão por dentro da minha perna sim, para mim, é mais fácil, só que eu fazer em outra pessoa, na verdade, é mais fácil fazer assim em pé, porque eu consigo olhar e ver o que eu estou fazendo. Qual é o segredo? O segredo é, o pênis vai aqui dentro, então a lubrificação desta camisinha está aqui dentro, só que o que acontece, se você vai enfiar em uma mulher, você vai enfiar em uma vagina, a vagina já tem uma lubrificação dela natural, espera se pelo menos que a mulher esteja excitado e vai estar lubrificada. No caso do cu não vai ter essa questão aí, entendeu? Não vai ter facilitador, então o segredo é pegar o lubrificante e passar fora da camisinha. Então, oh, lubrifica bem a parte de fora da camisinha, deixa ela mais lambuzada, para ela entrar mais fácil e para quando você estiver no meio do ato não ficar gerando atrito entre a</p>	

		<p>camisinha e o reto da pessoa que está sendo penetrada no caso. Aqui, o que que acontece, esse aro vai ter que entrar ali, então a primeira coisa que você tem que fazer é apertar esse aro, só que você vai ter lubrificado, então, coloca o dedo, eu tô tampando, né? Coloca o dedo aqui no meio que você consegue segurar ele aqui ó, assim, dobrou, aí você tem que enfiar, para você enfiar, pega a parte do aro e o seu dedo assim ó, apoiado aqui no aro, quando você for enviar, porque aí é só você enfiar o dedo que o ar vai entrar junto.</p>	
<p>3'57'' - 4'45''</p>	<p>Sa João introduz a camisinha em seu convidado.</p>	<p>Abriu a banda da bunda. Esta bunda é dura igual uma pedra, entendeu? Eu vou ter que fazer uma força para conseguir chegar lá dentro. Mas a gente vai conseguir. [Gemidos] Os efeitos sonoros são ótimos pra você saber que está fazendo o negócio certo e enfia o dedo. Ela vai ter um pouco de relutância no começo para entrar, mas depois que entra a primeira metade vai. E é bom que você já pode brincando com a pessoa, você já vai dando aquela dedadinha, e tal, vai com calma, não precisa ter pressa, pode ser o momento de diversão, de brincadeira, até você sentir que pelo menos o aro entrou, o importante é o aro entrar. Entrou, tá tudo lá dentro.</p>	<p>É possível ouvir gemidos da pessoa que está sendo introduzida.</p>
<p>4'46'' - 5'12''</p>	<p>Permanece com a pessoa de costas e já com a camisinha introduzida. Sa João ao lado explicando.</p>	<p>"Ah, João, mas olha só, ficou esse negócio estranho aqui pra fora, pelo amor de Deus". Duas coisas. Um, ele tá um pouco para fora porque depois que o pênis entrar aqui, aí a camisinha vai ajeitar de fato lá dentro e vai terminar de entrar. Dois, essa visão aqui por mais que para algumas pessoas ela pode ser um pouco broxante, vai ser compensada pelo prazer que você vai sentir de meter usando essa camisinha porque parece que você não está usando</p>	<p>Sugere uma possível interpelação de seus espectadores.</p> <p>“Eu te garanto” é outra frase que atesta sua posição de ensinar e garantir o que está exemplificando.</p>

		nada, eu te garanto.	
5'13'' - 5'52''	Segue a característica de imagem.	"Mas, João, pelo amor de Deus, deu maior trabalho botar esse negócio aí". Claro, gente, porque é a primeira vez que eu estou colocando em alguém essa camisinha. Quando você colocou uma camisinha normal, que a gente conhece, tradicional pela primeira vez também foi meio estranho, você também teve que pegar um jeito, entendeu? É porque a gente já tá acostumado a colocar a camisinha normal que para gente é uma coisa de tipo um, dois segundos ali e acabou, entendeu? É só uma questão de prática. Quanto mais você usar, mais fácil você vai colocar ponto final quando eu coloco em mim, agora que eu já usei algumas vezes essa camisinha, ela entra muito mais rápido, eu coloco rapidíssimo, rapidamente, não quebra o clima, não tem que parar nada para fazer, é super tranquilo. E aí, depois, meu filho, é só alegria.	Outra possível indagação dos espectadores. Marca sua experiência novamente.
5'53'' - 6'11''	Segue a mesma característica de imagem.	Primeira coisa, as vantagens que a gente tinha falado no outro vídeo, foi aqui ó, meteu aqui ó, pode vir um outro pau se quiser, porque tá tudo protegido, entendeu? Óbvio que se gozar lá dentro, vai vir outro que vai mexer no gozo do outro, vai ser um problema. Pra quem tá dando, meu filho, foda-se, não faz a menor diferença.	Essa fala traz contradições ao próprio incentivo do uso da camisinha. Se mais de uma pessoa penetrar sem que haja a troca do preservativo, as chances de contágio por alguma IST são presentes. E Sa João negligencia isso, apenas se referindo à ejaculação ali.
6'12'' - 6'52''	Retira o preservativo.	E aí, o que acontece, você tá vendo que isso aqui tá tudo protegido? Tá tudo fora, pode meter, meter, meter a vontade, ou seja, se você saiu, foi lá, fez a chuca, foi lá encontrar o	Marca outra vantagem para o uso do preservativo.

		<p>boy, mas e aí foi na pressa e não deu tempo de fazer chuca, não está seguro 100% que o negócio está ali totalmente limpo, não tem problema por que está vedado, meu filho, esse pau pode entrar e sair quantas vezes ele quiser que tudo que tá lá dentro vai continuar lá dentro. E aí, você terminou, vai no banheiro como quem não quer nada, aqui ó, puxou, vai estar tudo aqui dentro, vedadinho, lindo, maravilhoso, você joga fora na sua lixeira e plaus, tchau, beijo.</p>	
6'53'' - 7'59''	<p>Beija a bunda do convidado e há um corte na imagem. Volta para Sa João sentado e falando.</p>	<p>É isso, espero que tenha ficado claro, eu acho que não é muito complicado, né? É bem intuitivo o processo e, enfim, vamos testar, testem aí e me digam como foi porque eu acho que a gente precisa popularizar mais esse uso porque ele é muito prático e é maravilhoso e eu acho que quanto mais gente usar, mais barato vai ficar a camisinha interna para gente comprar. Ela tem nos postos de saúde, é só você ir lá e perguntar, se não tiver no posto de saúde que você procurar, eles vão saber de indicar onde que tem e vende nas farmácias, o preço é um pouquinho salgado, mas eu acho que vale a pena pelo menos para ter a experiência de saber como é que é.</p> <p>Eu sou o Sa João, esse aqui que está atrás da câmera como sempre é o charlinhus. Segue a gente lá no Instagram, beleza? Semana que vem, vai ter o vídeo da programação normal, que é o vídeo sobre fetiches, está incrível, vocês vão amar. Se você está vendo esse vídeo no dia do lançamento, hoje é quinta-feira, tem Hole lá no TV Bar. Então apareçam quem estiver aqui no Rio, beleza? E é isso, até semana que vem, beijo.</p>	<p>Sugestão para uso.</p>

CONSIDERAÇÕES

Interessante destacar que nesse vídeo não há nenhuma pessoa fazendo sexo. O convidado de Sa João (“bunda voluntária”, como ele marcou) não é apresentado e permanece todo o vídeo de costas.

Esse vídeo é um gesto pedagógico explícito, um tutorial, passo a passo para usar um preservativo interno. Além disso, ele sugere o uso como uma forma de experimentar outro tipo de preservativo para relação sexual.

TÍTULO: SEM CAPA #14 | FANTASIAS NO AR

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37586961/sem_capa_14_fantasias_no_ar

DURAÇÃO: 15'15''

VISUALIZAÇÕES: 90.366 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 14''	No fundo, há homens fazendo sexo. Já inicia com um diálogo entre Sa João e um convidado. Há um corte na imagem, um efeito sonoro e barras coloridas na tela.	Ton: "Ai... tô achando que a gente tá em Ipanema, mas não" Sa João: Não estamos em Ipanema, só estamos aqui desfrutando do clima do inverno do Rio de Janeiro (Falas sobrepostas e de difícil compreensão)	

<p>15'' - 1'01''</p>	<p>- Volta a imagem para eles.</p> <p>Importante destacar que tanto Sa João quanto seu convidado - Ton - estão com acessórios corporais usados em práticas sexuais sadomasoquistas.</p>	<p>Sa João: Hoje não vai ter iniciozinho de eu vindo lá do fundo pra cá porque como vocês já podem ver é um vídeo especial. 500 quadrilhões de pessoas me mandaram direct já pedindo para eu falar de fetiche, o meu namorado já veio me pedir para falar de fetiche e eu acho um tema ótimo para se falar no vídeo aqui na série, só que o problema é eu não sou uma pessoa que conhece muito de fetiches, eu não pratico muitos fetiches eu sou uma pessoa que você chamaria de baunilha. Então, eu resolvi, como eu vou fazer esse vídeo do fetiche, vou ter que chamar uma pessoa que vai ser um phd em fetiche para vir falar com a gente aqui, um profissional do fetiche, entendeu? Então, eu resolvi chamar o Ton, que é o nosso amigo, que não é profissional do fetiche, é um pouco, né? Mas é mais um amador do fetiche do que um profissional do fetiche.</p>	<p>Sa João mostra outro apelo dos espectadores para que ele fale sobre fetiches. Aqui indica um interesse do público.</p> <p>Contudo, Sa João frisa que não poderia falar sobre o tema porque não tem experiências suficientes para isso.</p>
<p>1'02'' - 1'08''</p>	<p>- Segue a mesma característica de imagem.</p>	<p>Ton: "Sim, sim. Bem amador, amo muito com fetiche". Sa João: É um amor assim, sem condições. Ton: "Exato. Gosto muito".</p>	
<p>1'09'' - 1'43''</p>	<p>- Segue a mesma característica de imagem.</p>	<p>Sa João: Eu trouxe o Ton aqui para falar com a gente sobre fetiche, o que que é fetiche para você? Como você defenderia a pessoa ter um fetiche? O fetiche é uma alguma coisa que você gosta, alguma coisa que você sinta atração, alguma coisa que você sinta um tesão por aquela prática, por aquele acessório, por aquele aspecto da sexualidade ali que você acha interessante. Ton: "Aham". Sa João: Então é meio que um gosto só que, tipo, tem gente que gosta de coisas que não são consideradas fetiches, são gostos e outras coisas não são considerados gostos e são</p>	<p>Apesar de fazer a pergunta, o próprio Sa João já responde.</p>

		fetiches.	
1'44'' - 2'	Segue a mesma característica de imagem.	Ton: "Então, tem algumas coisas que vão bem na curiosidade e outras que vão mais ao fetiche mesmo. Fetiche tem diversos níveis de fetiche, tem desde fetiche que é só pela curiosidade, às vezes também, muitas vezes a gente desenvolve, assim, vai do filme, vai vendo, alguém conta uma experiência e daí você vai criando curiosidade e vai desenvolvendo".	Ton responde.
2'01'' - 2'04''	Segue a mesma característica de imagem.	Sa João: Até porque pra você saber se você tem um determinado fetiche, você precisa saber que ele existe. Ton: "Exato". (Falas sobrepostas e corte na edição)	Sa João interrompe para complementar a fala de Ton.
2'05'' - 2'28''	Segue a mesma característica de imagem.	Sa João: É justamente essa questão da pessoa e procurando, como é que uma pessoa descobre que ela tem um fetiche? Por que, assim não só descobre, por que descobrir ela pode descobrir por acaso, ela botou lá no filme pornô, vai ver que tinha determinada coisa, ela viu e achou hm. Mas como é que ela vai atrás, como é que uma pessoa vai se inserir num determinado fetiche?	Sa João dirige outra pergunta para Ton.
2'29'' - 2'42''	Segue a mesma característica de imagem.	Ton: "Principalmente não tendo nenhum preconceito, você vai indo, não tenha preconceito, vai no extinto também. Tem coisa também que você tem que saber negar, tem coisa também que, redução de dano, que você tem que saber até onde ir".	Ton responde.
2'43'' - 3'22''	Segue a mesma característica de imagem.	Sa João: Tem aquela questão da gradação dentro do próprio fetiche. Ton: "Tem, tem. O fetiche, mesmo assim, quem é mais	Ton explica a gradação de fetiches. É interrompido por Sa João que indaga novamente.

		<p>imerso dentro do fetiche, tem pessoas que chegam a fazer até contrato, entre dominador e dominado"</p> <p>Sa João: Contrato, tipo, escrito? Assinado?</p> <p>Ton: "É, contrato, contrato. Faz um questionário... não é questionário que eu ia falar... faz um formulário, respondendo quais são os seus fetiches..."</p> <p>Sa João: Tipo assim, dentro desse fetiche, eu gosto disso, disso, disso, não gosto disso, disso, disso.</p> <p>Ton: "É, você vai dividindo os fetiches. Tem uma galera que curte pig, aí dentro da parte do pig..."</p>	
3'23'' - 4'10''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Sa João: O que que é pig?</p> <p>Ton: "Pig, normalmente, é quem curte assim... sexo... tem diversas graduações, desde aquele sexo, assim, pig, que curte os cheiros, a urina, e tem gente que vai até a fezes, né, toda essa questão. E aí tem de diversos graus. Aí você normalmente faz ali pra já no meio não acontecer o problema de, sei lá, você só curtir ali um pig baunilha, um xixi no box ali na hora do banho, aí o cara já quer... faz uma coisa além..."</p> <p>Sa João: Já querer ir pra um outro nível além. Avisar antes.</p> <p>Ton: "Avisar, você já vai fazendo todo o preparo. Também é muito importante pra quem curte práticas, como fisting ou spunk, porque aí você tem que saber até onde vai o nível da pessoa".</p>	Ton explica a gradação de fetiches classificados como "pig". E fala sobre a importância de haver consenso entre as pessoas.
4'11'' - 6'49''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Sa João: Exatamente, porque quando envolve violência, você tem que saber... o que passa a ser fetiche e o que passa ser violência.</p> <p>Ton: "E o fetiche, na verdade, é exatamente um acordo que você faz. É meio que uma atuação porque, na verdade,</p>	

		<p>assim... boa parte das práticas de fisting... principalmente BDSM vem também de algumas práticas de tortura desde shibari...</p> <p>Sa João: Que eram práticas de tortura antes de ser consideradas...</p> <p>Ton: "Bukkake é meio uma forma de humilhação... que fazem com a mulher que trai. Tudo isso, na verdade, vende uma história que vai começando ainda assim... meio de... falou que era masmorra gourmet. Algumas coisas que também diferencia muito em algumas práticas porque lá fora ainda tem algumas coisas que são ligadas a essa cultura, o shibari, a amarração."</p> <p>Sa João: O shibari, pra quem não sabe, enfim, é um dos fetiches que existem que é uma técnica de amarração com cordas a pessoa ficar presa mesmo, amarrada, que, o nome é shibari porque era uma técnica de tortura japonesa que, enfim, virou uma cultura de fetiche em cima disso.</p> <p>Ton: "É tem toda assim ... pegando na história, isso na verdade, é um acordo, uma brincadeira, você não vai de fato amarrar a pessoa sem existir uma palavra de segurança, muitas vezes, ela é dita muitas vezes, brincadeira tem que parar, então tem toda uma responsabilidade ali em fazer. Quando você está fistingando uma pessoa, a pessoa que está sendo fistada, ela tem que estar completamente relaxada, confiando, tudo tem que acontecer de uma forma, porque se não pode acontecer coisas graves, por isso tem que estar bem acordado".</p>	
		<p>Sa João: Tudo é um jogo, e tem suas regras, e as regras precisam ser respeitadas. Inclusive essa é uma coisa que eu percebo muito, que é pessoas que eu percebo que são mais</p>	

		<p>fetichista tem até uma tendência a respeitar mais o outro, o sexo ser mais respeitoso do que pessoas que não sejam desse meio do fetiche.</p> <p>Ton: "Senão não é fetiche, é violência".</p> <p>Sa João: Exatamente, elas entendem melhor essa separação. Tem pessoas que não entendem e acham que...</p> <p>Ton: "Tem toda essa técnica, tem tudo isso, porque tem que estar confortável, tem que ser bom para os dois, é tudo um jogo".</p> <p>Sa João: Porque afinal de contas a pessoa está fazendo porque ela quer sentir prazer com aquilo, entendeu? Pode envolver dor, pode envolver qualquer outra coisa, cocô, sangue, pode envolver tortura, mas tudo isso é em busca de um prazer.</p> <p>Ton: E tem que ser uma coisa de duas partes, as duas pessoas têm que estar de comum acordo. Tipo, eu acordei e estou de acordo e você não está concordando. Não é assim.</p>	
6'50'' - 7'33''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Charlinhus: eu recebi um questionário que tinha mais de 50 questões, eu não consegui responder tudo porque meu celular reiniciou a página e voltou tudo. Então, quer saber, foda-se, tô cansada, não preciso disso. E aí, tipo, tinha algumas questões, 'se a pessoa mijar em você, você gosta do zero, que era tipo completamente insatisfeito, tem repulsa, ou o seis que era tipo amo muito, quero muito.</p> <p>Sa João: era tipo uma pesquisa de satisfação. (Falas sobrepostas)</p> <p>Ton: você tem que pesquisar, urina, você quer beber, você só quer um banho.</p> <p>Charlinhus fala (falas sobrepostas).</p> <p>Sa João: aí essas respostas eram mandadas pra alguém?</p>	Charlinhus entra na conversa e conta sua experiência.

		<p>Charlinhus: para o e-mail de um cara...</p> <p>Ton: que era seu dominador, mestre...</p> <p>Charlinhus: aí eu falei, ah não, não quero não.</p>	
7'34'' - 8'10''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Ton: você falou de urina, urina mesmo, vai lá. Você gosta de tomar um banho, você gosta de beber urina, você levaria urina no bareback, você... tem toda uma questão que você tem que trabalhar.</p> <p>Sa João: exatamente, a gente tem que ter consciência que tem toda uma gama de fetiches e cada fetiche tem uma gama dentro dele mesma do que pode ser feito. A imaginação do ser humano não tem fim, né?</p> <p>Ton: ela não tem, então é bom tudo já está acordado antes para não ter problema.</p> <p>Sa João: para não ter problema porque afinal de contas as pessoas estão ali atrás de prazer.</p> <p>Ton: nenhum trauma, terapia tá cara.</p>	
8'11'' - 9'17''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Sa João: aqui no Brasil, enfim, existem muitos discursos aqui no Brasil de dizer que os brasileiros são mais conservadores em relação a fetiches e em relação ao sexo em geral, mais especificamente em relação aos fetiches, do que o pessoal da Europa que existe lá uma fama maior de que os europeus são mais fetichistas que os brasileiros.</p> <p>Ton: o fetiche europeu, eu acho que ele mais comercial e lá tem uma facilidade maior em conseguir produtos pra qualquer prática de fetiche, conseguir acessório, aqui é muito difícil. Eu mesmo pra conseguir acessórios, eu tenho que mandar fazer.</p> <p>Sa João: ou então comprar importado, caríssimo.</p> <p>Ton: aí você compra importado e não sabe se o número vai</p>	Comparativo entre Brasil e Europa.

		<p>chegar certo, aí tem que mandar adaptar.</p> <p>Sa João: se você compra no Aliexpress que é feito pra pessoas que têm 1,40m de altura... e aí vai chegar pra você que tem um 1,85m e aí...</p> <p>Ton: ou é o contrário, as peças são enormes e você fala meu deus do céu e isso Aqui foi feito pra jogador de rugby. Meu Deus, era pra um homem desse tamanho e vem pra mim, que que eu faço com isso.</p>	
9'18'' - 10'35''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Ton: Também brinquedo é muito mais difícil, você encontra muito mais brinquedo tradicional no mercado, mas você não encontra, sei lá, (inaudível).</p> <p>Sa João: E a maioria do sexshop aqui no Brasil são meio que voltados para mulher, tem muita pouca coisa, então, justamente só tem coisas que podem ser usada por homem por mulher, mas (falas sobrepostas)</p> <p>Ton: lubrificante...</p> <p>Sa João: essa é toda uma coisa. No fisting se usa um lubrificante diferente, não é o mesmo lubrificante que a gente usa na farmácia</p> <p>Ton: tem que ser um lubrificante que demora mais tempo para secar, tem que ficar ali, tem que ser mais viscoso.</p> <p>Sa João: tá vendo, se você é uma pessoa que se interessou por algum fetiche e vai procurar saber, procure saber essas coisas, entendeu?</p> <p>Ton: até em questão de danos, pra você não se machucar, fazer da forma correta. Às vezes, você gosta, fez uma coisa errada ... é melhor, você para de gostar do fetiche</p> <p>Sa João: às vezes, você acha que não gosta porque foi fazer e não fez direito. E aí Ah não gosto, mas se você tivesse procurado, pesquisado, conversado com pessoas que já</p>	Mais aconselhamentos sobre conhecer as práticas antes de realizá-las.

		<p>praticam esse fetiche pra entender melhor. Porque é isso, como é uma cultura meio secreta das pessoas, né? É meio difícil você achar informação sobre isso, então é melhor forma é você conhecer pessoas que praticam esse fetiche. Como que uma pessoa encontra outra pessoa que pratica fetiche?</p>	
10'36'' - 14'26''	<p>Segue a mesma característica de imagem.</p>	<p>Ton: olha, hoje tem grupo no Facebook, grupo no WhatsApp, grupo nos canais mesmo, você vai pesquisando, onde você vai encontrar seu grupo, é onde você vai encontrar o amor da sua vida. Hoje em dia tem grupos no YouTube. Você pode encontrar na rua. Eu já encontrei pessoas fetichistas na rua, no ponto de ônibus. E aí você vai pra casa e fala meu deus.</p> <p>Charlinhus: a cena fetiche de São Paulo tá muito forte, Curitiba também.</p> <p>Ton: aqui no Rio não tem tanto mercado, São Paulo já tem, tem muitos clubes. Hoje em dia também tem muitas festas que já estão liberadas e as pessoas podem ir usando acessórios e se liberando.</p> <p>Sa João: a Hole é uma dela, aqui no Rio tem a Flsh também, a Kiki também. São Paulo tem várias festas também, tem a popporn, Kevin, tem a dando. Em Belo Horizonte também tem a Horny que eu já fui lá performar uma vez, tem a Lust em Brasília. Tem várias festas acontecendo, que se você tem algum interesse em tipo assim, você tem uma curiosidade, mas não sabe nem o que que é porque você não conhece, vai lá que você vê. E de repente você vai conhecer alguém que está lá por acaso gosta do mesmo fetiche que você tem essa curiosidade e vai poder te mostrar e te iniciar nesse processo de autoconhecimento que é o fetiche.</p>	

		<p>Ton: eu comecei por acaso. Conheci uma pessoa no Grindr e aí...</p> <p>Sa João: ele te apresentou? Ele te propôs?</p> <p>Ton: me propôs, foi indo aos poucos foi acontecendo uma pessoa bem fofa assim e aí foi, E aí me apresentou pessoalmente os toys, O que é pessoalmente o que eu acho legal de brincar, adoro.</p> <p>Sa João: a coleção do Ton de dildos é um negócio assim... ele tem um que é uma pistola... você tinha que ter trazido isso hoje.</p> <p>Ton: tem uma pistola de porcelana que foi presente de um amigo, bem legal. Então tem esses brinquedos, tem essa coisa então foi apresentando assim, justamente, foi a pessoa que foi me apresentando aos poucos, não foi aquela coisa assustadora, foi de uma forma bem legal e com isso fui me interessando, fui gostando e aí quando eu vi...</p> <p>Sa João: é um pouco do tipo você tem que procurar, informar, entender melhor, conversar, mas também é uma coisa que meio que vai fluindo naturalmente porque já é uma coisa que estava dentro de você...</p> <p>Ton: foi indo, na hora ali deu a curiosidade. Olha, gostei disso, aí foi indo, não me fechei, fui abrindo. Tem coisas que já me ofereceram ir lá que eu falei, então, tentei, não rolou, tem coisa que que você nem tenta que você fala não, obrigado, tô cheio.</p> <p>Sa João: é isso, o fetiche é um processo de autodescobrimento, como é a sexualidade, como era você quando estava mais jovem descobrindo se você gostava de homem ou de mulher, entendeu? É meio que isso, é só você entender que a sua sexualidade é uma coisa extremamente complexa.</p>	
--	--	---	--

		<p>Ton: ou você pode gostar de tudo.</p> <p>Sa João: exatamente, então é isso. Se você tem alguma curiosidade em relação a fetiches, primeira coisa, se você já é praticante do fetiche, entenda que estamos nesse mundo com bilhões de pessoas, então outras pessoas também gosta da mesma coisa que você, não tem nada de errado com você, você não é estranho, doente mental por causa disso desde que o seu fetiche não envolva diz respeito e violência não consentida, obviamente. Se você não é uma pessoa praticante do fetiche, mas tem alguma curiosidade... porque às vezes a primeira impressão é aquela coisa que você vê e acha meio estranho, mas senti ele dentro aquele negocinho hm, aquela vontadezinha de ver mais, de saber mais. Então, vai atrás, não se impeça de explorar esse lado da sua sexualidade porque não tem nada de errado com isso, e pode te fazer muito bem, pode te fazer uma pessoa muito mais saudável porque você está explorando a sua sexualidade ao máximo.</p>	
14'27'' - 15'15''	<p>Segue a mesma característica de imagem.</p> <p>Encerramento: levantam-se e vão para a cama ao fundo, onde homens fazem sexo.</p>	<p>Sa João: eu sou, como sempre, o Sa João, o que está aqui atrás da câmera é o charlinhus. Qual seu arroba?</p> <p>Ton: tondutra.</p> <p>Sa João: vai aparecer ali, você vão ver. Aí vocês seguem todo mundo lá no Instagram, qualquer coisa que tiver perguntas sobre fetiche, pode perguntar para o Ton, não pergunta para mim porque eu não saberia responder.</p> <p>Ton: o que eu puder, respondo, o que não puder, a gente procura quem sabe.</p> <p>Sa João: manda uns links, entendeu.</p> <p>Risadas</p> <p>Charlinhus: a caixa de mensagem do menino vai ficar cheia.</p>	

		Sa João: então é isso, semana que vem a gente volta para ver quantos seguidores o Ton ganhou, beijo, até mais, tchau.	
CONSIDERAÇÕES			
O foco do vídeo é um diálogo com um participante que gosta e pratica fetiches. Contudo, é confuso por falas sobrepostas e explicações breves. O vídeo apresenta gestos pedagógicos de esclarecimentos, resolução de dúvidas e aconselhamentos direcionados aos espectadores do canal.			

TÍTULO: SEM CAPA #15 | HEY MACHÃO

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video37770879/sem_capa_15_hey_machao

DURAÇÃO: 14'31''

VISUALIZAÇÕES: 65.926 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 32''	Início semelhante aos demais vídeos com Sa João e outros homens fazendo sexo no fundo do quarto. Sa João se assenta e começa a falar.	Ser um homem feminino não fere o seu lado masculino? O que é ser masculino? O que é ser feminino?	A primeira pergunta de Sa João alude à música de Pepeu Gomes, "Masculino e Feminino", de 1983.
33'' -	Segue a mesma característica de	Quando o seu corpo está sendo formado no útero, se você	

1'24''	imagem.	vai ter um pênis ou na vagina é a proporção entre hormônios masculinos e femininos que você receber ali no seu desenvolvimento que vai definir isso. Mas, na verdade, em teoria, não existe só pênis e vagina, existe uma gama de graduações infinitas entre esses dois modelos de aparatos sexual. Quando a gente estava falando lá no outro vídeo de evolução e tal, não sei o quê, lembra, as mutações são aleatórias? Então pode muito bem ter havido diversas mini mutações que alteravam essa proporção entre os hormônios e alterava, conseqüentemente, fisicamente o aparato sexual desses indivíduos, gerando diversos aparatos e conseqüentemente diversos "sexos".	
1'25'' - 4'35''	Segue a mesma característica de imagem.	A questão é que as espécies que conseguem desenvolver uma separação maior entre os sexos asseguram assim uma variabilidade genética maior, o que vai assegurar uma melhor sobrevivência, ou seja, em quantas espécies estavam ali se desenvolvendo, os indivíduos que tinham uma separação maior entre os sexos conseguiram se reproduzir mais do que os que não tinham, então geravam mais descendentes como eles e aí todos esses outros sexos, esses outros aparatos, foram sumindo com tempo por seleção natural. Então, por conta dessa seleção natural, a maioria esmagadora dos indivíduos de todas as espécies acabaram-se dividido entre indivíduos que produzem mais testosterona que é o hormônio masculino do que os outros, indivíduos que produzem mais estrogênio e progesterona, que são os hormônios femininos do que os outros. Só que a gente ainda é regido por esse mesmo sistema, né? A nossa reprodução ainda é feita por, né, o DNA ali que pode sofrer mutações, tudo isso pode acontecer, só que a gente superou	O argumento de Sa João passa por discussões biológicas - seleção natural, DNA, hormônios - para chegar em um entendimento de construção social.

		<p>a seleção natural, ou seja, todos esses fatores que faziam com que determinados indivíduos desaparecessem não existem mais. Então todas essas características que eram eliminadas pela seleção natural, não só em relação ao aparato sexual, acaba aparecendo com mais força. Por exemplo, eu tenho rinite alérgica, então isso afeta minha imunidade e o meu sistema respiratório, se a gente não vai viver se numa sociedade civilizada, uma sociedade que fosse regida pela seleção natural, eu nunca chegaria a idade adulta porque na primeira infecção que eu tivesse não ia ter antibiótico para eu tomar, eu ia morrer. Então com a seleção natural em jogo a tendência que existam dois sexos separados, um mais masculino e um outro mais feminino, só que quando você elimina o fator da seleção natural, as possibilidades se tornam infinitas, o que faz a gente repensar esses conceitos do que é homem e do que é mulher, do que é masculino e o que é feminino. O problema é historicamente como a gente só considerou que existiam esses dois sexos, essas duas possibilidades, a gente acabou culturalmente, ou seja, através da nossa cultura não através da nossa natureza, atrelando várias outras características a esses dois conceitos, ou seja, o homem para ser homem dentro da definição do que é ser homem tem que gostar de determinadas coisas e as de determinada forma, e a mulher a mesma coisa, para ser mulher dentro da definição do que é ser mulher, tem que gostar de tais coisas e a gente tal forma. O problema é que quando você entende que a fisiologia humana não é tão simples e não se divide em duas caixas, essa classificação perde um pouco o sentido, fica tudo mais confuso, o que faz a gente perceber, parar para pensar, que essas outras características atreladas ao conceito</p>	
--	--	--	--

		de homem e mulher, de masculino e feminino, não são fisiológicas, são apenas uma construção social. A sociedade meio que se convenceu de que essas coisas estão ligadas, mas elas não estão, era só meio que uma correlação ali, uma coincidência que não tem relação de causa e efeito nenhum. Então, se isso foi construído a gente pode desconstruir isso, mas por que querer desconstruir isso?	
4'36'' - 7'29''	Segue a mesma característica de imagem.	Porque quando a gente associa, por exemplo, ter um pênis com gostar de mulher, ou gostar de futebol, ou ser forte, dominador, corajoso, ou mais racional, ou outra qualquer característica que a gente normalmente associa com conceito disseminado do que é ser homem, a gente acaba limitando, afunilando o que vai ser visto pela sociedade como um homem. E a mesma coisa para as mulheres só que com características opostas, ser frágil, submissa, delicada, sentimental, etc. Mas qual o problema disso? O problema disso é que além dessas definições de o que é ser homem e o que é ser mulher e outra coisa também foi construída entre os dois, uma hierarquia, que historicamente o conceito de homem foi considerado superior ao conceito mulher. Consequentemente, o masculino foi considerado superior ao feminino em muito prazer, machismo. E aí no que isso acarreta? Acarreta, por exemplo, em um indivíduo que se aproxima do conceito, segunda visão da sociedade do que é um homem, mas que apresenta características comportamentais que não se encaixam nessa caixinha do que é ser homem, é considerado defeituoso porque ele não se encaixa na caixinha homem porque, se ele não apresenta todas as características do que é ser homem, ele necessariamente apresenta características do que é ser	Sa João explica questões sociais atreladas ao gênero. No entanto, ele une questões fisiológicas ao cultural em determinado ponto para frisar as diferenças e singularidades entre indivíduos.

		<p>mulher, o que é um ser inferior, então ele é um ser inferior. A mesma coisa acontece com as mulheres só que no sentido oposto. Quando uma mulher apresenta características da caixinha homem, ela não é vista com uma mulher superior, ela também é vista como defeituosa porque se ela é mulher ela tem que se encaixar na caixinha dela que é se colocar no lugar inferior a que ela pertence. Só que assim, não, né, gente? O ser humano é aquela coisa complexa, cada um de um jeito, não tem dois seres humanos iguais nem gêmeos são iguais porque praticamente toda a nossa vida é definido por fatores genéticos e culturais, então cada indivíduo tem uma mistura única desses elementos, ou seja, colocar 7 milhões de pessoas divididas entre apenas duas caixinhas não faz o menor sentido. E quando você faz isso você gera diversos problemas para as pessoas que não se encaixam em nenhuma das duas caixinhas, que, na verdade, são a maioria das pessoas e quanto menos você se encaixa, mas você acaba sofrendo com isso, seja emocionalmente, seja fisicamente por traumas internos, por você não se entender, por não se encaixar nos padrões, seja por fatores externos, por você não ser aceito por não se encaixar nos padrões. Então, eu acho muito importante a gente esclarecer algumas coisas aqui para tentar minimizar mesmo que seja um tiquinho desses problemas, vamos lá?</p>	
7'30'' - 8'40''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>“Não curto afeminado”. Primeiro que começa com esse termo aí gramaticalmente incorreta porque o prefixo a indica negação, ou seja, afeminado é uma pessoa que não tem nada de feminino e não é isso que a pessoa está querendo dizer. O gramaticalmente correto seria efeminado. Segundo que efeminado, quando agente vai considerar</p>	Aponta uma questão da linguagem sobre “afeminado” e “efeminado”.

		<p>semanticamente, também não é o termo mais correto porque ele indica essa construção indica uma mudança, uma transformação, um processo, ou seja, indica que a pessoa não tinha características femininas e aí adquiriu características femininas ou que ela não deveria ter, mas teve essas características de alguma forma, e não é assim que as pessoas ou são masculinas ou elas são mais femininas, independente do gênero ou do sexo delas. Então, se você quer se referir a homens que têm características femininas, diga simplesmente que eles são femininos, assim como mulheres que têm características masculinas que são mulheres masculinas. Se você for considerar padrão culto da norma quando você for se referir a isso, não é afeminado ou efeminado, ok? É só feminino, tá ótimo.</p>	
8'41'' - 13'25''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Para além dessa análise linguística, eu tenho outra dica para dar para todo mundo, toda vez que você for pensar ou expressar se você gosta ou não de alguma coisa antes pense porque, por que eu gosto disso? Por que eu não gosto daquilo? Por que que é importante a gente perguntar isso? Porque gosto, qualquer gosto, seja relacionado a sexo, comida, série de televisão, é construção social, ou seja, sem para ver a fatores externos que vão definir e influenciar os seus gostos queira você ou não. Esses aspectos podem ser dos mais variados, podem ser coisas positivas ou podem ser coisas negativas. Que que eu quero dizer com isso? Eu quero dizer que talvez isso vai depender da sua capacidade de auto-análise e pensamento crítico, talvez alguns fatores que fazem você gostar ou desgostar de algo possa ser uma experiência, uma vivência, uma ideia que não seja algo muito saudável ou que seja ofensivo ou preconceituoso. Aí</p>	Retoma a construção social que baliza as subjetividades.

		<p>esse seu gosto vai ser apenas um sintoma desse problema maior que possa ser algo muito negativo de que talvez você deva se livrar para se tornar um ser humano mais madura evoluído, e quando isso acontecer provavelmente o seu rosto vai mudar. Por exemplo, e é apenas um exemplo, eu não estou dizendo que é o seu caso, pode ser, você que tem que olhar para dentro de si mesmo e ver se é, você é um homem cis, masculino, criada numa sociedade machista que te faz acreditar que o masculino é superior ao feminino e você sente atração por homens, exceto por homens femininos, talvez sim talvez não, mas pode ser que você não sinta atração por homens femininos por que você foi criado para entender que o feminino é inferior, por isso você não sente atração e, com você já é um homem que sente atração por homem, você já não se encaixa nessa caixinha do homem que a sociedade te impõe. Então, já existe um desajuste, você já é visto pela sociedade como defeituoso, o que naturalmente, totalmente compreensível, vai criar uma tendência em você de tentar se aproximar ao máximo dessa caixinha homem. Nessa tentativa, uma maneira eficiente de conseguir isso é se distanciar das coisas que te aproximam da caixinha mulher para que o seu defeito seja considerado menor, mas aceitável aos olhos da sociedade. Tipo, você é <i>gay</i>, mas não é igual aquele outro <i>gay</i> que é todo feminino, super delicado, então assim, você tem um defeito, mas é defeito aceitável porque ainda é um defeito menor que o dos outros, entendeu? Tem gente muito pior do que você. Essa ideia te dá uma segurança porque aí você vai se sentir menos oprimido, então você acaba concordando com essa ideia, defendendo essa ideia porque ela te faz se aproximar mais da caixinha e conseqüentemente ser mais aceito. Tá vendo</p>	
--	--	---	--

		<p>como aspecto social pode influenciar o seu gosto? "Então, João, você está dizendo que eu sou obrigado a gostar de homens femininos porque se não eu sou um babaca, preconceituoso, machista?" Não, não necessariamente. Você pode ser, você pode não ser, mas você só vai poder afirmar quando você tiver certeza e plenitude que seu gosto ou desgosto por homens femininos não é gerado por motivações e aspectos machistas presentes na nossa sociedade. Se você não tem certeza disso, então você não pode afirmar que seu gosto é apenas um gosto. E tem mais, uma coisa é você não sentir atração por homens femininos, outra coisa é você sentir nojo de homens femininos, é você xingar e excluir, fazer piadinha e inventar apelidos para homens femininos, é você ser grosso e agressivo com um homem feminino se ele chegar em você. Aí não tem nada a ver com gosto, tem a ver com você ser um ser humano babaca mesmo, que perpetua preconceito e discriminação. Se você é essa pessoa, eu tenho uma coisa pra te dizer? A tua masculinidade não vale porra nenhuma, ela não te torna melhor que ninguém, ela só te faz ser uma pessoa desrespeitosa, arrogante e, acima de tudo, burra. Não seja essa pessoa.</p>	
13'26'' - 13'41''	Segue a mesma característica de imagem.	No próximo vídeo, eu vou querer falar, fazer um tete a tete aqui com um grupo de pessoas que eu tenho certeza que assiste esses vídeos, mas é um grupo muito particular da nossa comunidade, se é que eles fazem parte da comunidade.	Estratégia para chamar para o próximo vídeo.
13'42'' - 14'31''	Segue a mesma característica de imagem.	Eu sou o Sa João, esse aqui atrás da câmera é o charlinhus, como sempre já conhece a gente. Segue a gente no	

	<p>Após encerrar, levanta-se e segue para a cama ao fundo.</p> <p>Charlinhus também sai dos bastidores.</p>	<p>Instagram se não conhece que vai conhecer. Os vídeos vão entrar no ar como sempre toda quinta-feira, inclusive hoje é quinta-feira, então o que que tem? Tem Hole no TV Bar. Se quiser saber mais, enfim, as novidades, o que tá acontecendo no projeto, tudo mais, fica de olho lá nos stories que sempre que tiver uma mudança, uma novidade, conto para vocês, ok? até semana que vem, beijo.</p>	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Esse vídeo tem um caráter reflexivo para questionar aspectos ligados às construções sociais de gênero. Há pontos em que Sa João reflete sobre as singularidades de indivíduos e as diferenças nos modos de viver.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #16 | SIGILO

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video38010109/sem_capa_16_sigilo

DURAÇÃO: 7'29''

VISUALIZAÇÕES: 101.582 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 3'14''	Sa João inicia o vídeo fazendo sexo, caminha nu e se assenta (primeiros 25s).	Hoje eu quero falar com você que se identifica como enrustido, discreto ou fora do meio. Existem um milhão de motivos para uma pessoa não se declarar LGBT porque afinal de contas a gente vive em uma sociedade homofóbica.	A fala de Sa João apresenta razões diversas que podem levar alguém a ser “sigiloso”/“estar no armário” por conta de sua sexualidade.

		<p>Então não é fácil para ninguém ser LGBT. Para uns pode ser menos difícil do que para outros, mas não é fácil para ninguém, a gente sabe. Pode ser que você perca o seu emprego se descobrir que você é gay ou que você seja expulso de casa ou que você seja assassinado se você se declarar LGBT para alguém da sua família ou próximo a você. Além de tudo isso, existe o conflito interno que é você entender que você é LGBT e depois você se aceitar LGBT. Esse conflito interno, eu posso te garantir, minha gente, todo mundo passa. Se você é uma pessoa que esconde a sua sexualidade por que você está passando por essas questões, e aí você vê pessoas LGBT super de boas com a sua sexualidade, abertas em relação a isso, não se engane, essas pessoas também passaram pelo que você está passando, ou seja, por mais difícil que possa parecer é possível, sim, você viver de boa com a sua sexualidade, seja de forma aberta ou não, mas que pelo menos seja de forma clara e saudável para você mesmo, que é o que mais importa na verdade, a nossa saúde mental. Então, é muito difícil a gente julgar essas pessoas porque a gente entende toda problemática e as dificuldades que as pessoas podem estar passando por conta da sua sexualidade. Porque, assim, o Harvey Milk disse que no dia em que todos os <i>gays</i> saírem do armário, a homofobia acaba. O que que isso quer dizer? O Harvey Milk é aquele cara dos Estados Unidos que foi o primeiro candidato abertamente <i>gay</i> a se eleger para um cargo público lá nos Estados Unidos, lá em São Francisco, e essa era uma das frases que ele sempre usava. O que ele quer dizer? Se um dia todo mundo, todos os homens <i>gays</i> saírem do armário, a sociedade vai ver que tipo qualquer homem pode ser <i>gay</i>, que <i>gay</i> pode ser alto, baixo, preto, branco, rico, pobre, pode</p>	<p>Ao longo da fala, ele retoma um exemplo histórico com Harvey Milk e uma frase marcante na trajetória política do candidato.</p> <p>Contudo, ele frisa que não é possível que todas as pessoas falem de sua sexualidade pelo fato de elas terem inúmeros motivos que levam a esconder.</p>
--	--	--	--

		<p>ser o advogado, pode ser o padeiro, pode ser a drag queen, pode ser um padre, pode ser o que for, e com isso todo mundo vai ver que não só o <i>gay</i> pode ser qualquer pessoa, que não existe um perfil de quem é <i>gay</i>, o que é ser <i>gay</i>, e que todo mundo tem alguém próximo que é <i>gay</i>, então, ser <i>gay</i> seria naturalizado com o tempo à medida que as pessoas forem saindo do armário. Na teoria isso é muito lindo, porém na prática não é tão simples assim. Por que quem é enrustido pode estar temendo pela própria vida, então a gente não tem como cobrar dessa pessoa a responsabilidade por acabar como homofobia do mundo, ou seja, sai do armário quem quiser, se quiser. Agora, ter esses problemas, passar por essas dificuldades, não justifica certas atitudes e discursos que a gente vê por aí.</p>	
3'15'' - 5'31''	Segue a mesma característica de imagem.	<p>Por exemplo, o cara casado ou comprometido que fica mentindo para esposa ou para namorada e fica com homem em segredo. É muito delicada essa questão, porque de um lado você tem uma sexualidade que precisa ser explorada e tudo mais, e de outro lado você tem uma sociedade que oprime você por conta dessa sexualidade. Mas você sabe quem não está em nenhum dos dois lados da história não tem nada a ver com isso? A tua namorada. A tua esposa. Que está sendo enganada e pode se programar, estruturar a própria vida para construir uma vida ao seu lado, e aí de repente você resolve se assumir, ser feliz, mas aí, ao mesmo tempo, você destrói todos os planos que essa pessoa tinha feito para vida dela. Você tem as suas questões, você tem os seus problemas, ok, mas não envolva terceiros nessa história sem o consentimento deles. Se você já sabe que é <i>gay</i>, mas não quer se assumir por qualquer que seja o motivo, não</p>	<p>Continua com exemplificações consideradas problemáticas. Frisa o gesto político no ato de assumir-se e afirma que, se é uma pessoa com privilégios, ela deveria sair da “zona de conforto” da suposta heterossexualidade.</p>

		namore uma mulher dizendo para ela que você é heterossexual, porque aí já não é uma questão de você ser oprimido, já é uma questão de você ser mau caráter mesmo. Dá para ser minoria oprimida pela sociedade e mau caráter ao mesmo tempo, tá?	
		Outra coisa, ser opressor com outras pessoas LGBT. Você quer esconder a sua sexualidade, ok, a gente entende, agora usar o privilégio que você vai ter por ser hétero aos olhos da sociedade para propagar a homofobia e discriminação de forma a reforçar sua falsa heterossexualidade, ou seja, fazer piadinhas entre os amigos, piadinha de viado, para os outros acharem que você não é viado, tem um mau-caratismo aí de novo. Tá complicado. Além disso, se assumir é um ato político, voltando lá na questão do Harvey Milk. Quanto mais a gente mostrar para as pessoas que os LGBTs estão em todo lugar, em toda a sociedade, menos preconceito existirá, então, se você é uma pessoa bem sucedida, independente, ocupa um lugar confortável na sociedade seja financeiramente, seja socialmente, é uma pessoa esclarecida, teve acesso à educação de qualidade e tudo mais, mas ainda assim não se assume por uma mera conveniência, só porque é mais confortável, problemático de novo aí, tá?	
5'32'' - 5'33'	Mesma característica de imagem. Sa João simula uma tosse.	[Gianecchini]	Simulando uma tosse, Sa João fala o sobrenome Gianecchini, remetendo-se ao ator Reynaldo Gianecchini cuja sexualidade sempre é alvo de especulações pela mídia. No entanto, o gesto de Sa

			João é o mesmo que ele repudia em sua explanação.
5'34'' - 6'42''	Permanece a mesma característica de imagem.	<p>Porque você poderia usar todo esse privilégio que você tem para mostrar para as pessoas que tudo bem ser gay, lutar contra os inúmeros preconceitos que existem acerca da nossa comunidade, fazer parte de fato da comunidade para que talvez dessa forma você consiga ajudar outras pessoas LGBT, que talvez não vivam uma vida relativamente tranquila tanto quanto a sua. Talvez fazendo isso você ajude essas pessoas a terem uma vida um pouco menos difícil. Vamos levar isso em consideração, tá? Guarda isso no seu coração, pensa um pouquinho sobre isso. E quando você conseguir enxergar a maravilhosidade que é o vale, nós vamos estar aqui de braços abertos prontos para receber você. Se você não sabe o que é o vale, chega dar um cansaço aqui só de pensar todo trabalho que tem que ensinar. Mas se você não sabe o que é o vale, isso pode ser um indicativo de que você esteja no estágio iniciante, aí, de homossexualidade. Mas não se preocupe, semana que vem a gente vai dar um intensivão sobre esse assunto, você vai entender melhor o próximo vídeo.</p>	<p>Continua a condução da narrativa marcando justificativas que seriam plausíveis para uma pessoa poder assumir-se.</p> <p>Ele usa o termo “vale” para se referir a coletividade das pessoas LGBTQIA+.</p> <p>Seguindo, já faz uma chamada para o próximo episódio, qualificado como “intensivão”, o que já marca o caráter pedagógico de ensinar.</p>
6'43'' - 7'29''	Encerra o vídeo, levanta-se e volta para a cama onde tem homem fazendo sexo.	<p>Eu sou o Sa João, o que está atrás da câmera é o charlinhus. Segue a gente lá no Instagram, ok? Os vídeos como sempre saem toda quinta-feira lá no site sajoao.com. É só entrar lá. Qualquer coisa vai no meu Instagram que vai ter link para os vídeos. Não tem como você perder. Se você está vendo o vídeo quando ele acabou de sair, então é quinta-feira, quinta-feira à noite tem Hole no TV Bar. Vamos pra lá. E é isso, gente, beijo, até semana que vem.</p>	Encerramento comum aos vídeos.

CONSIDERAÇÕES

Há uma ação contrária no próprio discurso de Sa João. Se de um lado ele afirma que o “sigilo” sobre a sexualidade envolve diferentes motivos que impedem com que uma pessoa “saia do armário” e que sua escolha em não se assumir deve ser respeita, por outro lado ele contradiz a própria intencionalidade simulando uma tosse com o sobrenome “Gianecchini”, artista brasileiro cuja sexualidade sempre foi alvo de especulação midiática.

TÍTULO: SEM CAPA #17 | SINDIBIXA E POKÉMON

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video38706975/sem_capa_17_sindibixa_e_pokemon

DURAÇÃO: 11’13’’

VISUALIZAÇÕES: 36.640 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0’’ - 2’28’’	<p>Começo semelhante aos demais vídeos. Sa João inicia a gravação fazendo sexo com vários homens ao fundo do quarto, caminha nu, se assenta e começa a narrar sua experiência.</p> <p>Há movimentações ao fundo.</p>	<p>Oi! Quando eu ainda estava descobrindo e entendendo a minha sexualidade, principalmente a minha homossexualidade, pelo fato de eu não me sentir confortável em falar com ninguém sobre o assunto, tinha muitos conflitos que eu passava e ideias que eu tinha que eu achava que eram coisas que só passavam pela minha cabeça, que eram dramas individuais meus. Eu sentia que eu não me encaixava no conceito de <i>gay</i> que eu conhecia e por isso eu me senti muito sozinho porque eu não identificava nem que</p>	<p>Já inicia a fala com suas experiências.</p> <p>Em seguida, traça um comparativo entre experiências com fases de videogame.</p> <p>Essa analogia aponta uma condição sequencial para vida de</p>

		<p>eu conceito de hétero, nem de bi, nem de <i>gay</i>, na verdade, na minha confusão, eu até achei por um tempo que eu fosse bi. Depois que eu fui com o tempo me entendendo melhor e entendendo melhor o mundo, eu fui vendo que não só várias questões que eu tinha iam sendo superados e dando lugar a novas questões, a gente nunca se livra totalmente delas, mas também fui vendo que essas questões que não achavam que eram dramas totalmente meus, porque eu era aquele ser diferente estranho, na verdade, eram os dramas de quase todo mundo. E mais integrante, eu vi muitas pessoas do meu círculo social, às vezes com a mesma idade que eu ou mais, passarem por dramas que eu já tinha passado anos atrás ou encontrei pessoas que já haviam superado há muito tempo dramas pelos quais eu estava passando naquele momento. Isso tudo, além de me fazer sentir um clichê ambulante, me ensinou que tem coisas por que todo ou quase todo homem gay passa e que essas coisas se desenvolvem estágios, como se fossem fases de um videogame, quando você zera o prêmio é a carteirinha do sindibixa. E até hoje, eu vejo isso, direto, eu deparo com certas situações e pessoas relatam como se fosse um drama totalmente deles e que eles não entendem muito bem porque eles passam por isso e aí eu fico, mas, gente, eu passa por essa mesma coisa há dez anos atrás e não tem nada demais nisso. Então, inspirado por outro João Pedro, o PEU, bichas do documentário, que nós deu a incrível pérola do "todo dia mais bicha, todo dia um level a mais igual pokémon". Se você ainda não viu esse documentário, procura lá no YouTube que você vai achar, bichas o documentário.</p>	<p>homens <i>gays</i>.</p> <p>Faz referência a um produto audiovisual.</p>
2'29'' -	Permanece a mesma característica	Eu resolvi fazer esse vídeo para gente entender melhor que	Sa João segue sua fala equiparando

2'56''	de imagem.	level são esses pelos quais toda a bicha passa porque talvez você esteja passando por algum deles. E aí vendo que várias pessoas passam pelas mesmas questões, talvez fique mais fácil de você evoluir e se tornar uma bicha como a sexualidade mais amadurecida. Então, vamos lá, vou tentar listar algumas coisas aqui que eu consigo pensar que poderia ser um drama que você tá passando e que todo mundo passa, e fica tranquilo e é assim mesmo.	experiências com fases de videogame.
2'57'' - 3'53''	Permanece a mesma característica de imagem.	Se sentir mal depois de gozar, se sentir culpado. Isso daí faz parte do seu processo de aceitação da sua sexualidade, do fato de você ser <i>gay</i> ou ser bi ou, enfim, seja como você se define. E, na verdade, esse processo é infinito, ele não termina nunca, tá? Por exemplo, tem a Hannah Gadsby, que, se você não viu o que ela faz o standup Nanette, que tá lá na Netflix, ela fala muitas coisas incríveis sobre homossexualidade, mas uma das coisas que eu gosto mais é que ela fala justamente que ela, por já ser uma pessoa com idade avançada e que já é uma pessoa bem sucedida e segura de si mesmo, ainda assim ela se sente culpada por ser lésbica, então assim, isso vai estar sempre com a gente porque a gente é criado para ter isso, sabe? A gente só precisa arranjar formas de lidar com isso e minimizar esse problema, mas isso não é uma coisa que só você sente, não se preocupe.	Elenca a primeira “fase” suposta como comum. Além disso, traz outra referência audiovisual com um produto da Netflix.
3'53'' - 5'13''	Permanece a mesma característica de imagem.	"Ah, é porque meu problema é, eu só gosto de homem hétero". Olha, então, isso daí também é um dos sintomas do estágio inicial da homossexualidade. Porque a gente cresce nessa sociedade machista que vai fazer a gente valorizar, tipo assim, homem tem que ser masculino e másculo e	Sa João volta com o recurso de supor possíveis interpelações de seus espectadores. Essa estratégia discursiva ajuda-o na sequência da narrativa.

		<p>mulher tem que ser feminina e delicada e, então, a gente entende em princípio que ser <i>gay</i> é não ser masculino, não ser másculo, é ser feminina, e ser delicado, então, se a gente gosta de homem, a gente gosta de homem masculino, homem másculo então, homem másculo é homem hétero, e aí a gente idealiza isso e acha que a gente sente atração só por eles porque é o pra gente ser <i>gay</i>. Ser <i>gay</i> é gostar de homens héteros porque os homens héteros representam a masculinidade. Primeiro que homens héteros não representam a masculinidade, tem muito <i>gay</i> que é muito mais másculo do que muito homem hétero, você ser mais masculino mais feminino não tem nada a ver com a sua orientação sexual, e segundo que isso tudo é construído, então isso é tudo construção social. Então, a medida que você vai explorando a sua sexualidade, você vai entendendo que você pode ter os gostos mais diversos, você pode continuar gostando de homens másculos, você pode passar a gostar de homens mais femininos também isso vai ser ótimo.</p>	<p>Elenca outro “estágio”.</p>
<p>5’14’’ - 7’03’’</p>	<p>Permanece a mesma característica de imagem.</p>	<p>"Não gosto de dar o cu, já tem uma vez e foi horrível". Se você tentou uma vez, você não sabe se gosta de dar o cu, a verdade é essa. Tem muitos <i>gays</i> que não gostam de dar o cu, tem <i>gays</i> que são só ativos, tem <i>gays</i> que são só passivos, tem <i>gays</i> que são os dois, tem <i>gays</i> que, às vezes, são ativos e, às vezes, são passivos, enfim. Mas a verdade é que tem muita gente que por toda essa questão que a gente fala nesse canal de falta de informação, de não conversar sobre o assunto, não conhece direito o próprio corpo, não sabe muito sobre sexo, e aí faz o negócio uma vez errado e acha que aquilo para sempre e nunca mais experimentar. Para</p>	<p>Novamente, usa do recurso de trazer possíveis interpelações dos espectadores.</p> <p>Outro possível “estágio”.</p> <p>Faz um aconselhamento e também marca um gesto de ensinar. Sa João traz outra possível dúvida de seus espectadores e, em seguida, responde.</p>

		<p>mim é assim, você quer saber se não gosta de dar o cu, tem que dar o pelo menos umas dez vezes na vida, entendeu? Pelo menos pra três pessoas diferentes, entendeu? No mínimo, pra você ter uma noção, fazer uma melhor de três ali, e você ter uma noção mesmo de dar o cu ou não. Então fica tranquilo que dar o cu é uma coisa que tem que se aprender a fazer, ninguém nasce sabendo dar o cu. A questão é você identificar se você não gosta de dar o cu ou se você só não sabe dar o cu. "Ah, eu queria muito aprender, pedir umas dicas, queria saber, João, como dar o cu sem sentir dor". Então, meu amor, se você está sentindo dor ao dar o cu, você está fazendo errado, a pessoa que está te comendo está fazendo errado, ou os dois. Porque, assim, não é para sentir dor. Você pode sentir dor, se você gosta de sentir dor, tem gente que sente prazer e gosta de sentir a dor, aí tudo bem, vai lá, mas se você gostar de sentir dor isso não seria um problema para você, você não estaria aqui considerando na sua cabeça. Então, assim, amor, é uma questão de não tem que doer, tá? Existe esse mito na sociedade de que dar o cu dói e aí se você tem que dar o cu tem que aguentar a dor, isso não é verdade, isso é coisa de hétero que não sabe fazer sexo que inventou essa história de que tem que dar o cu porque as mulheres não conhecem o próprio corpo e os homens não respeitam o corpo das pessoas que eles estão trepando, por isso que dói, aí cria esse mito de que dar o cu dói, isso é mentira.</p>	
7'04'' - 7'50''	Permanece a mesma característica de imagem.	<p>"Ah, mas eu não gosto de diva pop, de fazer coreografia, essas coisas, por isso que eu não me identifico como <i>gay</i>". Uma coisa não tem nada a ver com a outra, você pode muito bem ser <i>gay</i> e não gostar disso, e existem um milhão de <i>gays</i></p>	Outra possível interpelação e "fase".

		no mundo, muito mais do que isso na verdade, que não gostam de pop, que gostam de rock, que gostam de música mega alternativa, que gostam de música clássica que gostam de sertanejo, entendeu? Que não gosta de diva pop e é isso, o gosto musical não define a sua orientação sexual. A mesma coisa é para quem fala que não gosta de boate <i>gay</i> , você não precisa gostar de boate <i>gay</i> pra ser viado, não precisa gostar de boate <i>gay</i> , você pode gostar de muitas outras coisas, tem muito <i>gay</i> , em tudo quanto é lugar, nós estamos em todos os lugares, tá bom?	
7'51'' - 8'46''	Permanece a mesma característica de imagem.	"Quem é <i>gay</i> gosta muito de putaria, eu sou super caseiro, eu quase não tenho vontade de trepar, pra mim, eu gosto de ficar agarradinho vendo um filme de noite". Sabe por que você não conhece outros <i>gays</i> que são assim que nem você, porque vocês não gostam de sair e aí fica difícil realmente de vocês se encontrarem porque vocês são mais caseiros e gostam de ficar em casa, isso não quer dizer que não existam outros igual você, tá, não é porque o que você vê na televisão ou que você na rua, que é os <i>gays</i> super 'uhul, loucura, drogas, festas e não sei o quê' que isso significa ser <i>gay</i> , isso é só uma característica de um grupo de pessoas que por acaso é <i>gay</i> . Porque afinal de contas você tem vários grupos de héteros que são, tipo, 'uhul, drogas, festa, loucura' do mesmo jeito, então não tem nada a ver uma coisa com a outra. Existem muitas pessoas LGBT que não curtem festa, que não curtem sair para boate, que não curtem se encher de droga, que curtem ficar em casa, fazendo jantar, vendo filmezinho e dormir agarradinho.	Mesmo esquema anterior.
8'47'' -	Permanece a mesma característica	"Se eu me assumir, todo mundo vai me abandonar, eu vou	Mesmo esquema anterior.

10'19''	de imagem.	<p>ficar sozinho". Eu vou te dizer que se você se assumir, eu não conheço sua realidade, então pode ser que todo mundo que está próximo a você hoje te abandone, mas isso não quer dizer que você vai ficar sozinho. Se você assiste RuPaul, você sabe do que eu estou falando. Se você não assiste RuPaul, vai assistir RuPaul, você não precisa gostar do programa, não, só vai assistir porque tem muita coisa interessante lá pra você absorver lá sobre cultura LGBT. E a questão é essa, quando você se declara LGBT para as pessoas, você continua sendo a mesma pessoa, mas que para os olhos da sociedade você se torna outra pessoa. Então é de se esperar que as pessoas tratem você de forma diferente a partir daí, só que, se as pessoas da mesma forma podem ter pessoas que te tratam bem, passam te tratar mal, pode ter várias outras pessoas que não te tratavam necessariamente bem, que vão passar tratar super bem porque vão se identificar com você, porque vão encontrar em você um irmão, uma pessoa com que elas tenham algo em comum e você também vai encontrar essas pessoas algo que você tenha em comum. Então, fique tranquilo que você não vai ficar sozinho necessariamente só por ser LGBT. As pessoas que estão hoje na sua vida podem te abandonar, mas elas também podem te surpreender, e você fortalecer laços com essas pessoas, sejam amigos, seja sua família, seja o que for, do trabalho, mas mesmo que essas pessoas virem as costas para você, você com certeza vai encontrar outras pessoas na sua vida que vão abrir os braços e vão se tornar a sua nova família, não se preocupe.</p>	Traz outra referência audiovisual - RuPaul's Drag Race.
10'20'' - 11'13''	Encerra a fala, levanta-se e volta para o local onde os homens	Eu sou o Sa João. Esse que está atrás da câmera é o Charlinhus. Segue a gente lá no Instagram, já pedi pelo amor	Encerramento comum aos episódios. Convida para outra rede

	permanecem fazendo sexo.	de Deus, não fique me mandando mensagem toda hora que vocês querem participar do Sem Capa porque já tem bastante gente, quando precisar eu aviso lá nos stories, como eu já avisei, ok? Então, não adianta você morar na Mongólia e querer participar do Sem Capa porque não dá para gente gravar no Rio de Janeiro, tá? Se você está vendo o vídeo quando ele saiu, hoje é quinta-feira, então, tem Hole lá no TV Bar, bora pra lá. É isso, então, até o próximo vídeo, beijinho.	social.
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Primeiramente, cabe apontar a narrativa de si. As vivências de Sa João tornam-se parâmetros para a narrativa a ser desenvolvida no episódio. Ele cita semelhanças entre experiências de outrem e as suas. Desse modo, estabelece um comparativo com “fases”, como se a vida fosse um videogame e diz: “Isso tudo, além de me fazer sentir um clichê ambulante, me ensinou que tem coisas por que todo ou quase todo o homem gay passa e que essas coisas se desenvolvem estágios, como se fossem fases de um videogame, quando você zera o prêmio é a carteirinha do sindibixa”.</p> <p>Neste vídeo, Sa João elenca um conjunto de fatores que os espectadores podem estar vivenciando ou já vivenciaram. Com base nisso, ele aconselha e suscita modos de viver.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #18 | TREPADA ADITIVADA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video38582233/sem_capa_18_trepada_aditivada

DURAÇÃO: 7’42’’

VISUALIZAÇÕES: 80.538 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0''- 44''	Sa João caminha em direção à câmera, assenta-se e começa o vídeo com uma pergunta.	Você curte algum aditivo na hora do sexo? Lembra do que eu disse no vídeo 15 sobre se perguntar porque você gosta de algo ou não, então, essa é a premissa também vale para o uso de drogas na hora do sexo. Você gosta de usar uma determinada droga no sexo? Por quê? É sempre bom a gente entender o porquê das coisas, porque pode ser que o aditivo pode ser algo tão simples quanto porque fica mais gostoso, mas também pode haver uma motivação mais profunda e problemática por trás. Porque eu acho que existe uma diferença crucial entre você preferir fazer sexo com alguma droga e você precisar fazer sexo com alguma droga.	Começa com risadas ao fundo.
45'' - 3'58''	Mesma característica de imagem.	"Ah, porque eu curto dar um teco na hora de trepar". Beleza, mas se você não tiver o teco para dar, você ainda vai querer trepar? Ainda vai ser bom o sexo Se você não der o teco ou você só quer se for dando tempo? Porque se esse for o caso quer dizer que você precisa da droga para trepar e precisar de alguma droga para qualquer coisa nunca é bom. Por exemplo, se eu preciso tomar um determinado remédio para dormir direito, isso indica claramente que eu tenho um problema de saúde não é para isso que o remédio serve? Esse remédio é uma droga, então eu preciso dessa droga para conseguir dormir bem porque eu tenho problema de saúde que me impede de dormir bem. É a mesma, se você só consegue sentir vontade de trepar usando determinada droga ou se você só consegue sentir prazer no sexo só usando determinada droga, isso significa que você precisa	Sa João traz uma frase possível de ser dita por seus espectadores e segue a narrativa propondo uma autorreflexão para seus espectadores.

		<p>dessa droga, isso quer dizer que você tem um problema de saúde. Eu não estou dizendo que você tem uma DST, não tem nada a ver. Problema de saúde não é só doença causada por vírus ou bactéria, ok? Você pode ter um problema de saúde de ordem mental e tudo bem, não estou te chamando de louco ou retardado. Doença mental não é só esquizofrenia e dificuldades cognitivas, tá? A verdade é que quase todo mundo sofre de alguma, de algum problema de saúde mental, e isso ocorre principalmente porque existe preconceito em relação ao assunto, o que dificulta em muito o diagnóstico e o acesso ao tratamento para esses problemas porque as pessoas não consideram isso como um problema de saúde. Até hoje tem muita gente que acha que depressão é frescura ou que ter transtorno bipolar é ser uma pessoa volátil, que muda de ideia toda hora. Mas enfim o assunto do vídeo de hoje não é transtornos mentais, é drogas, então vamos retornar o fio da meada aqui. Por exemplo, tem gente que usa determinada droga na hora do sexo, eu tô falando assim de qualquer droga, tá? Pode ser de álcool a metanfetamina, para relaxar, para se sentir mais à vontade na hora do sexo. Mas pera aí, a ideia do sexo não é fazer porque é algo que te dá prazer, não é por isso que você faz sexo? Então por que que você precisa de um aditivo para sentir prazer na hora do sexo se o propósito do sexo é sentir prazer? Pode ser só porque você quer sentir mais prazer na hora do sexo, mas se for o caso de vocês hein aquela droga não consegue sentir prazer suficiente, talvez seja porque você tem algum tipo de bloqueio que te impede de sentir prazer na hora do sexo e aí você usa determinada droga pra furar esse bloqueio e aí sim conseguir sentir prazer, o que a primeira vista é ótimo, não tem nada de errado, né? Mas a</p>	
--	--	---	--

		<p>questão é se você precisa fazer tudo isso para sentir prazer na hora do sexo, isso significa que o sexo em si não está te dando prazer, então tem alguma coisa errada aí. Por que o sexo é feito para isso e aí depender de uma droga para conseguir chegar nisso não é a solução do problema, porque se você não identificar e tratar a causa, o problema vai continuar existindo. Mas que problema pode ser esse? Pode ser que você ainda se sinta culpado por ser <i>gay</i>, que no fundo no fundo você ainda acha que é errado ser <i>gay</i> e isso é muito comum, porque, enfim, a sociedade enfia isso na nossa cabeça todos os dias e é praticamente impossível se livrar totalmente desse ideia.</p>	
3'59'' - 5'06''	Mesma característica de imagem.	<p>"Mas eu só consigo dar o cu muito cheirado ou usando poppers". Primeiro que ninguém precisa gostar de dar o cu, pode ser simplesmente que você não goste de dar o cu, e tudo bem, não tem nada de errado nisso. A gente já falou também sobre sexo sem penetração no vídeo 12, vai lá e dá uma olhada. Mas se você realmente sente vontade de dar, mas não consegue de jeito nenhum estando sóbrio pode também ser um bloqueio mental ou porque você e/ou seu parceiro tão fazendo algo errado. Também falei no vídeo 17 essa história de ter que aguentar dor na hora de dar o cu, isso não existe, a não ser que sentir dor seja um fetiche seu, mas aí a dor não vai ser impedimento nenhum pra você dar. Se você assistiu o vídeo até aqui e a sua conclusão é que eu sou um conservadorzinho de merda porque eu sou contra drogas no sexo, porque eu acho que quem gosta de usar alguma droga na hora de trepar é um doente mental e que precisa de ajuda, você não entendeu nada. Volta lá no início e assiste de novo pra prestar mais atenção. Eu sei que é difícil prestar</p>	<p>Neste momento, Sa João chama os espectadores para outros vídeos já realizados com temas que se entrelaçam aqui.</p> <p>Ele afirma que o vídeo não é uma repressão ao uso de drogas, como os espectadores podem supor.</p>

		atenção no que eu tô falando com tudo que está acontecendo aqui atrás, mas vai lá, entendeu? Bate a sua punheta, goza, relaxa e volta o vídeo do início e assiste de novo que fica mais fácil, te garanto.	
5'07'' - 6'47''	Mesma característica de imagem.	Eu não sou contra o uso de drogas no sexo, na verdade, eu sou a favor da legalização de toda e qualquer droga a experiência de alteração de consciência por meio do uso de drogas está presente na sociedade em todos os lugares, em todos os momentos da história, inclusive entre diversos animais, não são humanos, então assim é completamente natural, ou seja, eu acho que todo mundo que tem vontade de usar alguma droga, devia usá-la. Só que assim como no caso do sexo, existe muito preconceito e muita desinformação sobre o assunto. O que faz com que a maioria das pessoas ou se drogas de forma irresponsável e aí realmente eu acho bem problemático porque usar alguma droga como válvula de escape para determinado problema sentimental ou psicológico em vez de tentar resolvê-lo, é uma forma de uso irresponsável, você não acha? Se você faz isso eu não estou tentando dizer que você tem que se sentir culpado por isso porque a culpa na verdade da sociedade que reprime nossa sexualidade o tempo inteiro seja ela qual for. Agora, não quer dizer que você não tenha como lutar contra isso e quem sabe talvez se libertar dessa repressão, depois que isso acontecer, você pode continuar usando as drogas que você usa, mas aí no caso vai passar ser um uso meramente recreacional, não patológico. Então vamos todos usar as drogas que a gente quiser, mas de forma consciente e responsável, pelo bem da nossa saúde mental e física também, né? Procurem entender os efeitos que as drogas	Posiciona-se sobre o consumo de drogas e também aconselha.

		que você usa causam no organismo e a proveniência delas também. Que eu não precise ensinar pra ninguém que pó de cal e resto de barata triturado no meio da droga faz mal, né? Não tem nenhuma criança aqui.	
6'47'' - 7'42''	Encerra o vídeo, levanta-se e vai para o fundo do quarto onde homens fazem sexo.	Eu sou o Sa João, esse que está aqui atrás da câmera é o Charlinhus. Segue a gente lá no Instagram. Se você perdeu algum vídeo, tá perdido, viu esse vídeo no WhatsApp ou no Xvideos perdido em algum canto e quer ver mais, é só entrar no sajoao.com, lá no site você vai encontrar a trilha com todos os vídeos em ordem, com os nomes, com os temas, tudo bonitinho lá pra você ver, ok? Se você mora mora no Rio de Janeiro e está vendo o vídeo quando ele saiu, hoje é quinta-feira tem Hole lá no TV Bar, que é a festa de sexo que eu trabalho, pra quem mais sabe, segue no Instagram lá, dá uma olhada lá, mesmo que você não siga, tem as informações todas lá no Instagram pra você saber como é que rola. E até semana que vem, beijo.	Encerramento semelhante aos demais episódios.
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>A condução de Sa João neste episódio é marcada por aconselhamentos, propostas de reflexão aos espectadores e posicionamentos sobre o uso de drogas.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #19 | CASALZÃO DA PORRA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video38773931/sem_capa_19_casalzao_da_porra

DURAÇÃO: 9'46''

VISUALIZAÇÕES: 111.583 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 32''	Começo semelhante aos demais episódios. Sa João caminha nu em direção à câmera, assenta-se diante ao equipamento e lança uma pergunta ao espectador.	Um é pouco, dois é bom, três é demais?	Essa pergunta remete a uma frase que circula no imaginário social e também é comum a títulos de produções audiovisuais.
33'' - 51''	- Charlinhus interrompe e a imagem fica preta e branca. Após o breve diálogo entre eles, a imagem é cortada, aparecem barras coloridas de televisão (Society of Motion Picture and Television Engineers (SMPTE)'s Engineering Guideline EG 1-1990).	Eu e o Charles não somos monogâmicos. Charlinhus: "Não" (risadas) Eu não tô vendo seu rosto, eu não sei tonação que você está falando, não sei se é brincadeira ou se você tá falando alguma coisa, tipo não, não merda.	
52'' - 1'49''	- Voltam as cores com a mesma característica de imagem.	Eu não me dou bem com relacionamentos monogâmicos, nada contra monogamia, acho ótimo, quer dizer, acho péssima, tem várias coisas contra monogamia, mas eu não tenho nada contra quem opta por um relacionamento monogâmico. Já tive vários inclusive, alguns foram bons outros nem tanto, mas já tive relacionamentos não monogâmicos que foram bons e outros nem tanto. Então, assim, uma coisa não tem nada a ver com a outra. O problema não está na monogamia em si, mas nos aspectos	Sa João fala de seus relacionamentos.

		<p>históricos que tornaram monogamia a forma predominante de relacionamento da nossa sociedade e como isso afeta a visão da sociedade em relação às outras formas de relacionamento. Eu não vou ficar aqui destrinchando esse processo histórico porque senão o vídeo vai virar uma série de dois episódios de tão longo que ele vai ficar, mas se você quiser entender melhor sobre isso tem um milhão de vídeos sobre isso no YouTube, é só você digitar lá monogamia que vai aparecer um monte de coisa em várias línguas inclusive se você quiser. "Mas então o que você vai falar aqui, João?" Bom, eu posso começar falando do meu relacionamento com Charles.</p>	
1'50'' - 2'34''	Mesma característica de imagem.	<p>Como eu estava falando, nós não somos monogâmicos. "Ah, então vocês estão em um relacionamento aberto?" Olha, por uma questão de praticidade, eu digo que sim, mas eu não gosto muito dessa denominação. "Mas como que vocês lidam com o ciúme?" Então, nós não lidamos com ciúme porque não existe ciúme. E não é porque aberto, não, eu acho se uma coisa péssima que necessariamente tem a ver com posse, então é uma coisa que não deveria existir em relacionamento nenhum, aberto ou não. "Ah, então cada um faz o quiser, isso aí não é namoro, isso aí é só um nome bonitinho que vocês arranjaram de relacionamento aberto pra poder fazer putaria. Isso daí é coisa de gente que não liga pra compromisso". Olha, então, primeiro que querer putaria não impede ninguém de querer carinho, afeto e parceria.</p>	Segue a narrativa falando do relacionamento atual com Charlinhus.
2'35'' - 2'40''	Mesma característica de imagem.	<p>"Não estão relacionadas". Não são mutuamente excludentes, exatamente.</p>	Outra intervenção de Charlinhus.

<p>2'41'' - 4'44''</p>	<p>Mesma característica de imagem.</p>	<p>E segundo que é justamente por isso que eu não acho que o termo aberto mais exato. Porque assim o sentimento que a gente tem um pelo outro cumplicidade que a gente desenvolveu, a intimidade que a gente construiu juntos, isso é só nosso, não tem como dividir com outra pessoa, isso é uma coisa que só diz respeito a nós dois. Então, nesses aspectos, o nosso relacionamento não é aberto. Isso não impede de que eu ou ele desenvolvamos uma relação sexual ou afetiva com outra pessoa. O Charles gostar de outra pessoa não significa que ele goste menos de mim. Se ele desenvolver uma relação com outra pessoa, isso é entre ele e a outra pessoa, eu não tenho nada a ver com ela, essa relação não diz nada sobre mim e nem sobre o sentimento dele por mim. Eu achava que a relação dele com outra pessoa tem a ver comigo é muito egocentrismo da minha parte. Pode parecer chocante para algumas pessoas, mas assim, se você namora uma pessoa, isso não quer dizer que a existência dela vai passar a girar em torno do seu umbiguinho. A pessoa que você namora é um indivíduo completo que existe independentemente de você ou não, essa pessoa já existia antes de você se relacionar com ela, não é? Ela já tinha pensamentos, desejos, aspirações antes de te conhecer. Talvez justamente essas características que fizeram você se interessar por essa pessoa. Aí agora que vocês estão juntos, você quer que essa pessoa mude o foco de todas essas coisas para você? Você não é tão bucetudo assim, ninguém é, nem tem que ser. O legal de um relacionamento é justamente que essa pessoa incrível que está com você poderia estar com quem ela quisesse, mas ela escolheu estar com você. Isso é o mais incrível de um relacionamento. E quando você procura maneiras de</p>	<p>Continua falando da experiência do relacionamento deles e levanta considerações sobre a individualidade de cada pessoa envolvida em um relacionamento.</p>
----------------------------	--	---	---

		impedir que essa pessoa se relacione com outras pessoas, você tira esse poder de escolha dela, e aí nem a pessoa nem você vão ter certeza de que estão juntos porque querem estar juntos. Porque vocês são as pessoas preferidas uma da outra.	
4'45'' - 6'31''	Mesma característica de imagem.	"Ah, João, se eu deixar a pessoa ficar provando por aí e ela arranja uma outra pessoa que ela goste mais e me largar?" Se você realmente ama alguém, você quer que essa pessoa seja feliz, ou não, você não quer que ela seja feliz? Você quer que ela seja feliz, mas você quer que ela seja feliz não significa necessariamente que ela tem que ser feliz do seu lado. Pode ser que a pessoa seja mais feliz do lado de outra pessoa. E aí você acha direito seu decidir com quem ela tem que ser feliz? Fazer essa escolha por ela? Você acha isso justo? Eu não acho isso justo. E aí se ela escolher ser feliz ao lado de outra pessoa e me largar, eu vou achar ótimo que ela me largue porque eu não quero ficar com uma pessoa que deseja estar com outro em vez de mim. Ou você prefere que essa pessoa eu fiquei frustrada do teu lado até vocês casarem, e aí com 15 anos de casamento a pessoa finalmente decide largar porque ela não aguenta mais ficar do seu lado, sem nem saber o porquê direito, porque ela não teve nem oportunidade de entender se você era a pessoa preferida dela ou não. Ou pior, nem te largar, mas se afastar de você ao longo dos anos e vocês acabaram desenvolvendo uma relação fria, doentia, às vezes até abusiva e às vezes de repente rola até uma criança no meio disso tudo que vai crescer num ambiente tóxico e, vai ter um exemplo péssimo de relacionamento, vai crescer achando que isso daí que você desenvolveram é amor, é isso que você quer? Eu não prefiro isso, eu prefiro que o relacionamento acabe o quanto	Continua a fala de orientação.

		antes para não chegar nesse ponto, eu prefiro que a pessoa fique comigo tendo certeza de que ela quer ficar comigo, e ela só tem como ter essa certeza se ela tiver oportunidade de se envolver com outras pessoas. Ela pode simplesmente não se envolver com mais ninguém, mas que seja por que ela não sente vontade de se envolver com mais ninguém, isso tem que ser uma escolha dela, não pode ser algo imposto por mim, entende?	
6'32'' - 7'14''	Mesma característica de imagem.	A maior prova de amor que eu tenho do Charles é que ele tem liberdade de poder estar com quem ele quiser e ainda assim ele escolhe estar comigo, isso é amor de verdade para mim. Amor para mim não é ele abrir mão das vontades dele para não me perder, amor para mim é ele está feliz do meu lado sem precisar abrir mão de nada, nenhum desejo, nenhuma aspiração, nem uma vontade. É não só ele está livre para explorar qualquer vontade que ele tenha, como também ele por pura iniciativa própria decidir me incluir nessas experiências sem eu nem pedir. Se isso pra você não é a coisa mais linda que existe no mundo, eu sinto muito, mas você não sabe o que você está perdendo.	Sa João continua frisando a experiência dos dois e diz o que acredita ser amor.
7'15'' - 7'32''	Charles faz outra intervenção. Quando termina o diálogo entre eles, a imagem é cortada, aparecem novamente as barras coloridas.	"Às vezes, rola aquele "ah, mas um ciúminho é bom porque aquece a relação. É saudável sentir ciúme na relação". Eu falo não, gente, ciúmes é falta de confiança só" O aquece a relação é, sei lá, você viajar junto no fim de semana pra um hotel chique com lareira. O pé na lareira vai aquecer a relação.	
7'33'' - 8'52''	Voltam as cores com a mesma característica de imagem.	Isso daí é tipo tudo joguinho de insegurança, se eu jogar quase segurança da pessoa, isso vai aquecer a relação.	"Essa é minha dica" marca novamente o gesto de aconselhar e

		<p>Gente, isso daí, Freud. "Mas, João, como é que eu faço pra abrir meu relacionamento, eu já falei com ele e ele não quer. Como é que eu faço para convencê-lo?" Bom, não faça, essa é a minha dica. Mesmo com todas as questões que eu coloquei aqui, qualquer pessoa tem todo direito de ter uma relação totalmente tradicionalmente monogâmica se é isso que ela quer. Se o seu parceiro não quer ter um relacionamento aberto, isso precisa ser respeitado, tudo numa relação precisa ser de comum acordo. Se o seu parceiro quer ser monogâmico, você não tem que convencer ele de nada você tem que respeitar a vontade dele. E se você quer ter um relacionamento aberto, se isso para você é fundamental, e a pessoa com quem você está se relacionando não quer, talvez isso seja um indicativo de que vocês são incompatíveis e não devemos estar juntos. Terminar com essa pessoa é uma atitude muito mais saudável do que tentar forçar ela a ter um tipo de relacionamento que ela não quer. Queria falar tanta coisa que sobre esse assunto, porque, enfim, quando você entende que a monogamia é só uma modalidade de relacionamento, você percebe que existem inúmeras maneiras de se relacionar, as possibilidades são infinitas e infelizmente não dá tempo de cobrir tudo aqui, mas quem sabe a gente não se envolve melhor esse assunto num outro vídeo.</p>	orientar seus espectadores.
8'53'' - 9'46''	Encerra o vídeo, levanta-se e volta para o fundo do quarto onde homens fazem sexo.	Eu sou o Sa João. Esse aqui é o charlinhus, que está atrás da câmera aqui. Siga a gente lá no Instagram, ok? Se tiver qualquer dúvida, manda lá pra gente. Se você perdeu algum vídeo, tá perdido, sei lá, viu o 15, não viu o 2, viu o 10, não sei que, tá tudo lá no sajoao.com, é só entrar lá no site, se você já não estiver no site, né, que vai estar os vídeos todos	

		em ordem pra você assistir, fazer maratona de madrugada pra você assistir esses vídeos. Se você está no Rio de Janeiro e está vendo o vídeo quando ele saiu, hoje é quinta-feira, hoje tem Hole lá no TV Bar, vamo lá, passa lá pra me dar um beijo. Ok? E até semana que vem.	
CONSIDERAÇÕES			
Este episódio é desenvolvido a partir da exposição de experiências dos relacionamentos de Sa João e, sobretudo, com Charles. Há orientações sobre como se relacionar com outra pessoa.			

TÍTULO: SEM CAPA #20 | O NEGÃO DA PIROCA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video39011705/sem_capa_20_o_negao_da_piroca

DURAÇÃO: 7'06''

VISUALIZAÇÕES: 151.946 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' a 38''	Neste vídeo, Charlinhus que faz a condução. Pela primeira vez, ele aparece na filmagem como apresentador. Sa João não está em cena.	Oi! Pra quem não me conhecer, eu sou o @charlinhus, aquele que o Sajoão vive falando no fim do vídeo, e eu vim passar um recadinho para vocês. Já me perguntaram diversas vezes, tipo, “Charles, quando você vai aparecer no canal?” e tal. Então, tô aqui e vim trocar uma ideia com vocês. Mas eu venho com um assunto que não é muito novo	Charlinhus, nos vídeos anteriores, era citado apenas no final ou com algumas intervenções durante as falas de Sa João.

	<p>As imagens iniciais são semelhantes aos outros vídeos. Charlinhus vem caminhando em direção à câmera, nu, assenta-se diante ao equipamento e começa a apresentar.</p>	<p>pra mim, mas precisa ser discutido porque eu sou um homem negro e gay. O tal do negão da piroca. Somos objetificados, sim, e eu vim falar sobre isso.</p>	
<p>38''- 2'02''</p>	<p>Charlinhus permanece sentado e falando.</p>	<p>Pois vivemos numa sociedade onde somos a maioria, e isso precisa ser discutido até que todo mundo tenha noção sobre seus atos, entendeu? Então, tô eu lá, linda e bela, no meu cardápio de jambrolhas, de boas e tipo, eu juro, gente, que, por dia, eu tenho uma quantidade significativa de pessoas me objetificando como “o negão da piroca” porque eu pertença a esse estereótipo. E aí vêm uns caras falando que adoram negão, que morrem de vontade de fazer sexo com um homem negro, sempre tratando o homem negro de uma forma um pouco fetichizada, entendeu? Eu falo "um pouco", mas, não é um pouco, não, é bastante. E todos partindo do pressuposto que eu sou ativo. Confesso que, por diversas vezes, tirava proveito disso, sim. Antes mesmo de eu ter total clareza sobre a minha sexualidade, sobre minhas preferências. Pois existe um culto falocêntrico em cima dos corpos negros de que nós somos incríveis, e que nós temos pegada, e que somos fodas, e que, na cama, te esculacham. Confesso que, no passado, para mim, ser visto dessa forma era algo positivo. Mas o problema é quando você só é visto dessa forma. E aí você percebe que está sendo tratado da mesma maneira, sempre pros mesmos fins. Porém, a partir do momento em que você se empodera e você toma consciência que você tá ali só exercendo mais um estereótipo racista, e que por mais que naquele momento</p>	<p>Jambrolha seria pênis; no caso, “cardápio de jambrolhas” seria aplicativos de encontros, como Grindr.</p> <p>Charlinhus segue sua fala apresentando os estereótipos ligados a homens negros.</p>

		<p>you esteja em "vantagem", afinal você tá ali conseguindo um sexo fácil, né, assim do nada, é bom, né? Quem não gosta de sexo?</p>	
<p>2'03'' - 3'33''</p>	<p>Mesma característica de imagem.</p>	<p>Acredite, existe uma vasta gama de coisas que vêm atreladas a ser objetificado como "o negão da piroca" que são tão boas quanto um sexo rápido. Eu lembro que, quando eu era criança, eu era uma criança muito viada, sabe? E eu amo ver minhas fotos de criança viada. Adorava brincar de boneca com as meninas, adorava dança, eu era sempre o jacaré, mesmo querendo ser a Sheila.</p> <p>(Risadas)</p> <p>Mas eu queria ser a Sheila, botava até, como é que fala, toalha amarela na cabeça.</p> <p>Porém, ao longo dos anos e anos, eu fui tô lido a ser mais másculo, pela minha família, pelos meus amigos, enfim pela sociedade porque eu precisava cumprir o papel do homem negro. Porque ou você é o negão da piroca e é sempre objetificado ou você é a bixa preta que também é sempre vista de uma forma depreciativa econômica, que vive uma outra experiência, sabe, um outro tipo de solidão, mas esse é um assunto para um outro vídeo porque eu sou um homem negro, <i>gay</i>, mas eu acho que eu sou muito másculo para poder falar sobre a experiência de ser uma bixa preta. Acredito eu que, se eu não tivesse sofrido todas essas repressões, durante anos e anos, da minha infância e adolescência, hoje, eu ia ser uma bixa muito muito mais afeminada e pintosa. E infelizmente essa é a realidade de outros homens negros <i>gays</i> também pois "além de preto, você é um viado? Você é um negão!", "Tem que ser um negão! Aja como um negão!", "Homem não chora, imagina</p>	<p>A interrupção com risadas o fundo dos homens que estão fazendo sexo.</p> <p>Charlinhus fala de suas vivências desde o período da infância e como isso pôs obstáculos a seus modos de viver a sexualidade.</p>

		homem preto”	
3’34’’- 5’	Mesma característica de imagem.	Quando eu falo sobre essa figura do negão é preciso entender que ela fosse várias características preconceituosas sobre o que é ser um homem negro. Ele é um cara durão, fala grosso, o dito cafuçu, é o bandidão, o que gosta de funk, rap, aquele cara que vai te pegar no escuro, sabe, no beco, aquele cara que dificilmente você vai apresentar para os seus amigos, seus familiares e, por diversas vezes, eu me vi nesse lugar. Em situações onde eu saía com o boy e o dia seguinte ele fingiu que não me conhecia quando estava no ciclo de amigos, entendeu? Sem falar das inúmeras mensagens que só aparecem na madrugada, sabe? Contatinho da madrugada? Eu era o contatinho. E aí sempre me convidando para um sexo rápido, na encolha, no sigilo, era sempre alguma coisa que as pessoas não podiam descobrir. O que é preciso entender, gente, é que essas afirmações sobre os nossos corpos são ridículas. Nós não somos objetos de consumo. Essa idealização criada sobre o corpo do homem negro é muito perverso e nociva. E não venha com essa história de “Ah eu gosto de negão, eles tem mais pegada, sou racista por isso” Sim. É. Pois nós não estamos sendo escolhidos, e sim, objetificados. Existe uma diferença entre isso. Tipo itens a prateleira mesma. “Ah, vou escolher esse aqui porque ele tem mais pegada”. É preciso entender que gosto é construção social. As nossas ações são baseadas nas experiências que nós temos na sociedade. E, se vivemos em uma sociedade racista, logo, os nossos gostos perpassam por isso.	Ele elenca estereótipos construídos sobre homens negros. Em seguida, diz sobre suas experiências em relações nas quais foi tratado como objeto de consumo e satisfação sexual do outro.
5’01’’ -	Mesma característica de imagem.	Sou uma bixa preta, fotógrafa, cineasta e participo da Flash	Charles se identifica e explica que

6'37''		<p>Mag, um coletivo que discute sobre sexualidade e assuntos que são importantes para cultura LGBT, e também promovemos uma sexy party. E, por mais que eu exponha meu corpo, através de ensaios nus que eu publico nas minhas redes sociais, ou durante a festa, ou até aqui mesmo, no Sem Capa, isso não impede de discutir sobre objetificação dos corpos negros. Já ouviu aquele ditado “meu corpo, minhas regras”? Então, é bem isso mesmo, porque por mais que eu faça tudo isso, nada disso dá margem para objetificação do meu corpo ou para qualquer outra conclusão sobre mim. Conforme disse ET Bilu, busquem conhecimento, gente. Pelo amor de Deus, não seja essa pessoa escrota. Se for abordar um cara negro, não chega elogiando o fato dele ser negro, tipo, “nossa, que negro bonito” ou tratando como algo exótico. Isso é ofensivo. Não venha perguntando se o cara é pirocudo com a certeza de que ele vai te proporcionar um sexo avassalador. Pois ele tem "pegada". É preciso entender que esse cara tem sentimento e, por mais que, naquele momento, ele não esteja tão consciência para o papel que ele tá exercendo, mesmo assim, isso não te dá liberdade para tratar ele dessa forma objetificada. E a nós, bichas pretas, vamos nos amar mais, não nos permitamos de ver isso. Por mais que seja bom, naquele momento, alguém está te desejando, e querendo algo a mais contigo, sei lá, sexo, isso é uma cilada. Precisamos desconstruir as ideia e discutir sobre o que não foi dito, entendeu? É preciso entender a fala do outro, o lugar do outro, esses espaços de discussões estão sendo criados por nós e para nós, pois nós gastamos tempo demais tentando sobreviver nessa sociedade racista, que vive nos matando, e parem para ouvir uma bixa preta. Ela tem muito</p>	<p>o fato de expor seu corpo nas festas que participa ou no projeto Sem Capa não é motivo para ninguém objetificá-lo e sexualizá-lo. Encerra a fala explicitando a necessidade de ouvir pessoas negras e sempre buscar conhecimentos.</p>
--------	--	--	---

		dizer. Vai por mim.	
6'38'' - 7'06''	Encerra a fala e volta para o fundo do quarto onde homens fazem sexo.	Então, gente, esse era o recadinho que eu tinha para dar para vocês. Eu sou o @charlinhus, esse que tá atrás da câmera é o @sajoao, que vocês já conhecem. É isso, no siga nas nossas redes, eu tô aqui para conversar, vamos dialogar. Acho que é só isso mesmo, tchau!	
CONSIDERAÇÕES			
Este vídeo tem a apresentação de Charlinhus que se dedica a falar sobre a experiência de homens negros e a sexualização dos corpos. Ele demarca uma série de estereótipos que marcam essas pessoas, a necessidade de ouvi-las e buscar informações.			

TÍTULO: SEM CAPA #21 | MANDA NUDES

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video39446526/sem_capa_21_manda_nudes

DURAÇÃO: 5'47''

VISUALIZAÇÕES: 41.266 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 25''	Sa João caminha nu e se assenta diante da câmera. O foco é ajustado assim que a	Manda nudes? Tem nudes? Manda uma nude aí, vai? Você já mandou nudes pra alguém? Se você não mandou, tenho quase certeza que pelo menos tirar uma você já tirou. Entendeu, todo mundo tem uma câmera fotográfica na mão	Sa João começa o vídeo com algumas perguntas.

	<p>identificação do episódio (SEM CAPA #21) sai da tela.</p> <p>Para fazer cada pergunta inicial, ele aparece em um canto da tela.</p>	<p>hoje em dia, então assim, a probabilidade é que todo mundo já tenha tirado uma foto pelado de si mesmo em algum momento. Então assim, vamos conversar sobre isso rapidinho?</p>	
<p>26'' - 4'28''</p>	<p>Permanece sentado e falando.</p>	<p>"Aí, lá vem o João dizer que a gente não devia tirar nude, postar nude, porque aí a gente vai se expor, aí depois vaza essa nude na internet, a gente não vai poder reclamar". Amor, olha para mim, olha para esse canal, você realmente acha que eu sou contra tirar nude? O que eu quero falar é justamente o contrário. Nas minhas andanças pela bolha gay do Facebook e do WhatsApp, eu já perdi as contas de quantas vezes já me colocar em grupos de nude por essas redes sociais. E nesses grupos, varia muito de um para o outro, mas rola um várias coisas. Alguns têm pessoas marcando encontros, em outros, ficam postando pornografia em geral e comentando, outros ficam discutindo sobre sexo, preferências sexuais e sexualidade em geral, mas tem uma coisa que é uma constante em todos esses grupos, sem exceção, as nudes. E não é nude de celebridade, de ator pornô, de gente famosa, não. São homens integrantes desses grupos mandando nudes próprios voluntariamente. Tem alguns grupos que inclusive você obrigada mandar uma nude de tanto em tanto tempo para não ser expulso. É regra do grupo, ou seja, pelo menos entre esses espaços, é muito comum você mandar uma nude, e não é uma nude que você manda para o seu contatinho que só aquela pessoa vai ter. É no grupo para várias pessoas, que todo mundo vai ter acesso e poder fazer o que quiser com aquelas fotos, você não vai ter controle nenhum. "Ah, João, mas esses grupos aí é tipo</p>	<p>A fala de Sa João é conduzida com exemplos. Ele expõe situações em outras redes sociais nas quais as pessoas, em grupos específicos, compartilham nudes sem qualquer constrangimento. Ao mesmo tempo, ele questiona o porquê de tanto pudor quando o assunto é nudez.</p>

		<p>uma galera, assim, mais desconstruidona e exibicionista, é um nicho, não é tanta gente assim. Então, não é assim também um Deus dará que, se alguém vazar alguma foto, ninguém vai saber quem foi". Então, um dos grupos que me colocaram direto lá no Facebook tem mais de 75 mil pessoas do Brasil inteiro, inclusive gente de fora, é internacional negócio. E isso é um grupo. Imagina quantos existem por essa internet sem fim, o que é muito curioso e tem gente que não manda nudes, nunca mandou nudes, não manda nem para o contatinho. Pode até ter tirado uma foto, mas nunca mandou ninguém, nem vai mandar. Mas, ao mesmo tempo, a gente precisa contemplar o fato aqui de que existem muitas, muitas pessoas que manda nudes diariamente para pessoas que elas nunca viram na vida. E como eu tô mostrando para vocês, essa quantidade, essa proporção de pessoas, é muito maior do que o senso comum acredita. Porque eu não vejo ninguém postando nude no próprio perfil do Facebook, por exemplo. Essas pessoas que postam essas fotos não são necessariamente pessoas que fazem suruba ou que frequentam festas de sexo, o que trabalham com sexo. São pessoas normais. Tem essas pessoas, mas tem médico, advogado, engenheiro, enfim são 75 mil pessoas, então dá para imaginar que, assim, todos os demográficos estão contidos ali naquele grupo. Mas aí essas pessoas postam essas fotos, sem o menor pudor no grupo, mas não posta no próprio perfil, por quê? Para limitar o número de pessoas que vão ver essa foto não vai ser, porque, sei lá, na sua lista de amigos, você tem quantos amigos? 500? 1000? 2.000? Você posta no grupo, imediatamente, 75 mil pessoas vão ter acesso a essa foto, ou seja, se você tá querendo postar essa foto de uma forma secreta, você está</p>	
--	--	--	--

		<p>fazendo um trabalho péssimo, porque, assim, 75 mil pessoas terem acesso essa foto, essa foto não tá nada secreta, entendeu? Ela tá, na verdade, praticamente pública. Nem meus vídeos, que eu fico no Instagram pedindo para as pessoas assistirem, têm 75 mil visualizações. A questão é, se tanta gente vai ver essa foto, e você não se importa com isso, senão não estaria ali postando, e se tanta gente faz a mesma coisa que você, não só 75.000, 75.000 é um grupo, lembra? Então, por que postar nude é um problema? Por que que é uma coisa que tem que ser escondida, que ninguém pode ficar sabendo? Todo mundo tira foto pelado. A sua mãe, se ela tem um smartphone, ela provavelmente já tirou uma foto pelada. Então, se todo mundo tira foto pelado, por que que as pessoas escondem que tiram foto pelada? Entendi como isso não faz sentido? Eu sei que tem toda a questão de a pessoa poder perder o emprego por causa disso, pode dar merda no relacionamento, em casa, na família, dependendo da proporção que negócio pode tomar. Uma nude vazada que seja pode marcar a vida de uma pessoa para sempre, eu sei, mas a minha questão é que, justamente, a sua mãe provavelmente já tirou nude, a sua chefe ou o seu chefe, provavelmente, e já tirou uma nude, a pessoa que você namora mesmo que ela não tenha mandado para você, provavelmente já tirou uma nude, ou seja, uma pessoa sofrer qualquer tipo de represália por causa disso, é pura hipocrisia.</p>	
4'29'' - 5'01''	Permanece a mesma característica de imagem.	É isso, esse vídeo não tem ensinamento nenhum não, só queria compartilhar mesmo esse ponto de vista com vocês para a gente poder, assim, refletir sobre o assunto. E viver na esperança de que um dia sociedade entenda que peito,	Sa João demarca o gesto reflexivo proposto neste episódio.

		bunda, buceta, pau, só apenas partes do corpo como quaisquer outras. Porque da mesma forma que você pode postar uma foto do seu braço ou da sua barriga, você pode postar uma nude que não tem nada demais. Quanto menos a gente esconder nosso corpo, melhor a gente vai entender ele e lidar com ele de uma forma saudável, porque tá foda. Um dia, quem sabe, quando a gente tirar foto pelado, a gente nem vai mais chamar de nude, só de foto mesmo.	
5'02'' - 5'47''	Encerra a fala, levanta-se e volta para o fundo do quarto.	Eu sou o Sa João. O que está atrás da câmera é o charlinhus. Segue a gente lá nas redes sociais, no Instagram é sajoao, no Facebook é facebook.com/sajoao, no twitter é underline sajoao, porque o sajoao já tinha sido tomado. Mas enfim, segue a gente lá, que a gente atualiza vocês do projeto, das coisas que estão vindo aí, em seguida. Qualquer dúvida, manda mensagem para gente, ok? Se você está no Rio de Janeiro, como sempre, hoje é quinta-feira, tem Hole lá no TV Bar. Aparece lá pra me dar um beijo, se divertir, botar essas coisas que a gente fala aqui em prática, ok? E até semana que vem.	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Neste vídeo, Sa João fala sobre o compartilhamento de nudes em outras redes sociais e questiona as barreiras sobre a nudez, afirmando que todo mundo pode ter tirado uma foto nu. O episódio tem caráter reflexivo.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #22 | SURUBA NÃO É BAGUNÇA

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video39605349/sem_capa_22_suruba_ao_e_bagunca

DURAÇÃO: 8'57''

VISUALIZAÇÕES: 69.917 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 23''	Início semelhante aos demais episódios. Ao assentar e começar a perguntar, Sa João aponta para o fundo da imagem.	Você já participou ou tem vontade de participar de algo como o que está acontecendo ali atrás?	Interpela seu espectador.
24'' - 2'14''	Permanece sentado falando.	Entre nós, homens <i>gays</i> , eu acredito, rola muito mais esse tipo de coisa que em outros grupos, né? A minha impressão é que entre héteros e lésbicas festas de sexo, suruba, banheirão, sauna, essas coisas, sejam algo muito menos comum. Entre os bis, eu até acho que deve rolar mais, mas, assim, acho que muito menos que entre os homens <i>gays</i> ou homens que fazem sexo com homens. E eu acho que isso acontece por vários fatores. Obviamente vai ter um bando de gente conservadora que vai dizer que é por que os <i>gays</i> só querem saber de putaria e são tudo promíscuos. Meu amor, todo mundo só quer saber de putaria tá? A questão é que os <i>gays</i> ou passaram por processos mega traumáticos para poder exercer a sua sexualidade de forma livre, então eles querem exercer essa liberdade ao máximo agora para compensar por toda a repressão sofrida no passado, ou contrário, são pessoas que ainda sofrem essa repressão interna e externamente, não têm como exercer a sua sexualidade livremente, então procuram espaços onde eles	Sa João fala sobre sexo grupal entre homens <i>gays</i> ser mais comum que entre mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, etc., com base em sua bolha social. Por isso, sugere que os espectadores possam corrigi-lo, caso esteja errado em sua pressuposições. Aqui, o convite é para mulheres lésbicas e heterossexuais.

		<p>possam explorar esses momentaneamente para não enlouquecer, entende? Outro fator que eu acho que contribui para isso é que, nos espaços para sexo entre homens <i>gays</i>, não vai haver mulheres. Ou vai, mas elas vão sempre ser uma minoria. Porque aí tem a questão do estupro, né? Porque eu tenho certeza, né, que muitas ou quase todas as mulheres não exercem a sua sexualidade de forma totalmente livre por medo de serem estupradas. Ou de ser taxada de puta, vadia, daí para baixo. Por que enfim, um homem ser taxado de promíscuo, ele pode ficar mal falado. Uma mulher ser taxada de promíscua, ela pode apanhar na rua até morrer, né? Então tem pesos e medidas diferentes aí nesse caso. Posso estar, do alto da minha bolhinha social, completamente errado. Então, se você for hétero ou lésbica, e puder desmentir isso que eu tô falando aqui, por favor, mande mensagem nos comentários ou no inbox que eu vou ter muita curiosidade em saber como são as interações de sexo em grupo entre vocês.</p>	
2'15'' - 2'38''	Mesma característica de imagem.	<p>Como eu sempre digo no final de todo vídeo, eu trabalho na Hole, que é uma festa de sexo que acontece toda quinta-feira aqui no Rio de Janeiro. E, fazendo essa festa há quase três anos, eu já aprendi muita coisa sobre sexualidade das pessoas, apenas acompanhando o comportamento delas na festa, ou a postura delas, em relação à festa. E aí eu queria compartilhar aqui com vocês alguns pensamentos sobre esses tipos de eventos, até para esclarecer algumas dúvidas aqui, de quem nunca frequentou, mas tem curiosidade.</p>	<p>Esse ponto é importante para entender o local social de onde Sa João fala. Por trabalhar com festas de sexo, ele usa experiência empírica para condução dos episódios.</p>
2'39'' - 4'13''	Mesma característica de imagem.	<p>Tô usando a Hole como exemplo, mas isso vai servir para qualquer festa de sexo, sauna, banheirão, matinho na praia,</p>	<p>Pressupõe razões pelas quais alguém pode se sentir inibido de</p>

		<p>qualquer lugar em que pessoas se reúnam para fazer sexo. Eu vejo muita gente dizendo que tem curiosidade de ir, mas tem medo. Bem na vibe do "Deus me livre, mas quem me dera". Eu não entendo muito bem do que é esse medo, mas eu imagino que algumas pessoas devem achar que elas vão entrar lá e aí vai ter, assim, pessoas penduradas pelo teto, entendeu, e aí, em algum momento, alguém vai agarrar ela à força, arrancar roupa delas e enfiar uma vassoura no cu delas. Por que, assim, é o único motivo que eu consigo pensar para uma pessoa ter medo de ir numa festa de sexo. Primeiro, obviamente, isso não acontece, tá? As pessoas que vão à festa de sexo, elas são pessoas normais, como você. Você não é uma pessoa pervertida e degenerada só porque você tem vontade de ir numa festa de sexo. Você só é uma pessoa sexualmente ativa e curiosa, como quase toda a população mundial. Por mais que ninguém admita isso. Então, você não faz parte de um grupo de pessoas estranhas, que são as que frequentam esses espaços. Todo mundo frequenta ou pelo menos tem vontade de frequentar. Ou seja, as interações dessas festas são interações normais entre seres humanos. A única diferença é que, se você começar a se pegar com cara, vocês não vão precisar sair dali para ir para um motel ou então trocar contato de telefone e ficar se falando dias até chegar a trepar. Vocês já vão poder trepar ali na hora mesmo. Esse medo que essas pessoas têm, na verdade, é um medo delas ir e gostarem e aí elas ficaram se sentindo com pessoas depravadas, promíscuos, por causa disso. Todo mundo é uma puta depravada, meu amor, porque todo mundo tem vontade de fazer isso. Ou de pelo menos experimentar.</p>	frequentar festas de sexo.
--	--	--	----------------------------

<p>4'14'' - 8'</p>	<p>Mesma característica de imagem.</p>	<p>"Aí, mas esse eu chegar lá e encontrar alguém que eu conheço?" Então, meu amor, eu entendo a sua preocupação com a exposição e o que que isso pode acarretar. E quando a gente é afetado por um medo, a gente não pensa muito racionalmente. Então, assim, vamos tentar aqui, entendeu? Respira, se acalma e vamos pensar aqui com o tio. Se você for visto por uma pessoa que você conhece na festa, essa pessoa também vai estar sendo vista por alguém que ela conhece na festa, que é você. Então, assim, você tá com medo de essa pessoa te expor? Porque para ela te expor, ela vai ter que se expor também, por que como ela vai provar que você tava na festa sem ela admitir que estava na festa? "Ah, mas é porque a pessoa é solteira e eu namoro e aí meu namorado não sabe" aí então é outra história, né, meu amor? Aí você está traindo seu namorado, então você não devia estar indo essa festa sem ele saber. Se não for esse o caso, se você for uma pessoa livre e desimpedida, não vai haver risco nenhum de alguém te expor sem a pessoa ter que se expor também necessariamente. Agora, se o seu medo é o quê essa pessoa que vai te ver lá vai pensar sobre você, aí nós temos um probleminha. Por que assim, se ao imaginar que alguém nessa festa que você conhece, ao te ver, o primeiro pensamento que vai passar na cabeça dela é que você é um puto, promíscuo, desvairado, coisa do tipo... provavelmente é porque essa é a primeira ideia que passa na sua cabeça, quando você pensa em alguém que frequenta essa festa. Então, o problema não são os outros, é a sua mentalidade que precisa. "Ah, mas é obrigado a fazer sexo na festa?" Amor, se você for, qualquer dia, em qualquer situação, obrigado a fazer sexo isso não é sexo, isso é estupro. Então, não, a intenção das festas, pelo menos não</p>	<p>Elenca o medo da exposição como um fator impeditivo. Ainda, Sa João afirma que as pressuposições da pessoa em ser julgada pelo outro partem primeiro da mentalidade da pessoa.</p>
------------------------	--	--	---

		<p>as que eu frequento, não é de estuprar pessoas e, se você souber de alguma festa que essa é a intenção, por favor, denuncie à polícia, ok? "Ah, então, João, você está dizendo que numa festa cheia de homem cheio de tesão, todo mundo se trata com respeito, é tudo muito lindo e maravilhoso?" Infelizmente, não ponto vai sempre haverá alguém, ou alguéns, que vão faltar com respeito ao corpo e ao espaço alheio nesses lugares, assim como vai ter nas ruas, no seu trabalho, dentro de casa, em qualquer lugar. Porque, enfim, assédio é algo que está presente na nossa sociedade, não só em festas de sexo. Ou seja, a pessoa pode estar lá na festa pelada, no meio da pista, fazendo pirocôptero, que, ainda assim, isso não te dá o direito de ficar pegando nela sem autorização. Não é não em qualquer lugar. Por ser uma festa de sexo, você pode até chegar ali, entendeu, dá uma pegadinha, uma passada de mão, mas assim se você pega no pau de um cara, numa festa dessa, e ele tira sua mão, se você pegou de novo, isso daí já é assédio. Se você gosta dessa liberdade de poder fazer sexo nesses lugares, preserve esse direito, respeitando o direito dos outros, ok? Até porque isso é uma coisa que eu só percebi depois que eu comecei a trabalhar nesse tipo de festa. Para muitas pessoas, que talvez seja obrigada a responder a sua sexualidade, por conta de família ou religião, ou trabalho, qualquer outra coisa, esses espaços são os únicos em que elas podem se soltar e explorar a sua sexualidade. Essas festas têm uma importância gigante para essas pessoas, mesmo que, às vezes, nem elas percebiam isso. Então vamos todos nos respeitar e respeitar a liberdade alheia, de fazer o quê der vontade, desde que haja consentimento, claro. Vamos? Se você não gosta desse tipo de festa, tem uma coisa ótima que você pode fazer a</p>	
--	--	---	--

		respeito, não vá. Mas deixa quem quiser ir, ir, tá? E se você nunca foi, mas tem vontade, venha. Você pode ir não achar a menor graça, mas você pode ir e acabar descobrindo que estava perdendo uma grande oportunidade de explorar a sua sexualidade de uma forma completamente nova e muito prazerosa para você.	
8'01'' - 8'16''	Mesmo esquema de imagem.	Eu sou o Sa João, esse que aqui é o Charlinhus. Vou botar as redes sociais todas aqui pra você seguir a gente. Qualquer coisa, manda mensagem lá pra gente, com qualquer dúvida, ok? Como sempre, hoje é quinta-feira, como eu já falei, tem a Hole. E é isso, até semana que vem. Beijo.	Encerramento e convite para redes sociais e festa.
8'17''- 8'57''	Após falar, levanta-se e volta para o fundo do quarto.	(Alguém atrás da câmera): "João, é... toda quinta tem a Hole? É toda quinta mesmo?" É toda quinta-feira. No TV Bar. Se você quiser saber quaisquer outras dúvidas que você tenha ou possa ter "ah, tem que fazer sexo?", "Tem que tirar a roupa?", "Tem não sei o quê?", no Instagram da Hole, tá lá, @welcometohole, aí vai ter lá no destaques, aquele negocinho de perguntar do Instagram, todas essas dúvidas, outras pessoas já tiveram, então elas já foram respondidas, tá lá no Instagram da Hole, é só você entrar lá e olhar, ok? (Alguém atrás da câmera): "Ok, então, então é quinta mesmo, né?" Então tá bom, beijo.	Esse fechamento do vídeo difere dos demais. Alguma pessoa atrás das câmeras pergunta sobre o dia da festa. Acreditamos que esta pessoa não seja Charlinhus pela diferença da voz.
CONSIDERAÇÕES			

Sa João conduz este episódio para falar de sexo grupal. Primeiro, ele parte de pressuposições sobre homens *gays* praticarem mais sexo grupal do que pessoas heterossexuais ou mulheres lésbicas. Ele sugere que estas pessoas entrem em contato, caso sua afirmação esteja errada. Em seguida, ele continua sua narrativa com base na festa de sexo da qual participa semanalmente. Cabe apontar que o convite para a festa é feito no fim dos episódios. Sua reflexão é um gesto de aconselhamento para as pessoas mudarem seus pensamentos quanto a festas de sexo e passarem a frequentar.

TÍTULO: SEM CAPA #23 | PARECE UMA PORNÔ

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video39787585/sem_capa_23_parece_uma_porno

DURAÇÃO: 12'29''

VISUALIZAÇÕES: 45.282 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0' - 11''	Sa João caminha, assenta-se e começa a perguntar.	Hoje o negócio vai ser complicado, mas vamos lá? Como discutir e problematizar a pornografia, sem estragar ela para sempre para vocês?	Abre o vídeo com duas questões.
12'' - 19''	Permanece sentado e falando.	É quase impossível, mas a gente vai tentar aqui. O vídeo vai ser muito longo, mas, por favor, fiquem comigo, me acompanha nessa jornada.	
20'' - 2'23''	Mesma característica de imagem.	Primeiro vamos delimitar as bases da nossa análise aqui porque o assunto é muito amplo. Vou limitar a nossa	Expõe para qual objeto irá debruçar sua fala - pornografia <i>gay</i>

		<p>conversa aqui à pornografia <i>gay</i> ou à pornografia feita para homens <i>gays</i>, ok? É porque enfim, eu sou, imagino que a maioria das pessoas que está assistindo também seja, mais familiarizado com a pornografia <i>gay</i>, então, eu tenho mais conhecimento de causa para falar sobre o assunto e vocês vão ter mais conhecimento de causa para entender o que eu estou falando. Eu falo isso porque tem muitas questões que a gente vai entrar aqui que, na verdade, são bem mais problemáticas no pornô hétero, porque envolve mulheres no ato sexual e aí tudo fica mais complicado, fica bem mais delicado, então debate teria que tomar o rumo um pouco diferente. Mas eu não sou hétero, nem sou mulher, então eu não tenho lugar de fala para entrar nessas questões. Então acho melhor, se você quiser entender mais sobre o assunto, procurar mulheres que escrevam, falem, discurssem sem sobre esse assunto a partir do ponto de vista delas, tá? Beleza. Outro fator é, quando eu falar de pornografia aqui, eu vou estar falando da pornografia industrial. Da pornografia que seja profissional ou amadora é feita com intuito de ganhar dinheiro, ou gerar visualizações que possam ser capitalizadas posteriormente. Por que eu falo isso? Porque é um tipo de produção feita sobre uma lógica capitalista e eu acho que esse é um aspecto muito relevante na hora que a gente for analisar quais problemas esse tipo de produção pode ter. Eu tô falando isso porque existem outros tipos de produção que não necessariamente seguem a lógica capitalista. Elas podem seguir uma lógica mais artística, política ou documental, por exemplo. Isso não quer dizer que elas estejam livres de questões passíveis de problematização, mas a pornografia industrial é a predominante, é o padrão vigente, que querendo ou não</p>	<p>industrial. Justifica a escolha para esse recorte.</p>
--	--	--	---

		<p>influencia todas as outras produções. Então, fica mais fácil que a gente analisar, mas você pode muito bem aplicar várias questões que vão ser tratadas aqui nesses outros tipos de pornografia, ok? É só você ter um mínimo de senso crítico que você mesmo pode fazer isso. Mas peraí, volta aí, por que que o fato de a pornografia ser industrial é um problema?</p>	
2'24'' - 6'23''	Mesma característica de imagem.	<p>Porque quando você usa a lógica capitalista para qualquer coisa, o grande e único objetivo vai ser sempre o lucro, então esse pensamento vai sempre se sobrepôr a qualquer outro e isso dá margem para vários problemas porque, quando você usa essa lógica, você sempre vai ter a desculpa do "estou só fazendo o que as pessoas querem ver", "se tiver terminado o tipo de vídeo dá mais visualização, a gente faz mais dele", "não somos nós que decidimos que tipo de vídeo a gente faz, é o público". E aí, quando você pensa de um ponto de vista meramente econômico, isso faz todo sentido. Só que quando você trata de produção cultural, essa produção, você querendo ou não, ela vai ter um impacto social, vai influenciar a sociedade de alguma forma. Então, não dá para você negar que existe uma responsabilidade da parte de quem produz sobre os efeitos que essa produção pode gerar na sociedade. Isso serve para qualquer coisa, não só pornografia, serve para televisão, literatura, jornalismo, tudo. E por causa dessa mentalidade, vários padrões de comportamento, preconceitos, etc são reproduzidos. Por exemplo, é muito fácil perceber que na pornografia várias questões que a gente tratou aqui nesse canal acabou sendo reproduzidas. Como, por exemplo, estereótipos machistas. O ativo é um cara alto, forte, masculino, dominador, e o</p>	<p>Explica como a lógica capitalista é uma base importante à pornografia. Sa João destrincha pontos importantes que balizam as produções culturais cunhadas pelo lucro e aponta como isso reforça um conjunto de problemas sociais.</p>

		<p>passivo é um cara frágil, feminizado, submisso, mais novo. É só você pensar aí como isso é comum no pornô. Mas que que tem de errado nisso? Isso isoladamente não tem nada de errado, em você sentir tesão esse tipo de interação. O problema é que, esse tipo de interação é imensamente mais retratado do que o contrário, por exemplo. O problema é a grande maioria dos vídeos ser assim porque reforça a ideia de que isso é uma regra, de que passivos e ativos só se comportam dessa maneira, e isso não é verdade. Da mesma forma, tem diversas outras questões. Primeiro a própria homofobia mesmo, de ter toda uma produção que explora a fantasia de pegar o cara hétero de enganar o cara hétero de converter o cara ou de pegar o cara que é casado com mulher, sem a mulher saber, que remete à idealização do homem hétero, de que a gente falou no vídeo 17. Por que menospreza e degrada a nossa posição como homem <i>gay</i>, colocando somente o homem hétero como objeto de desejo. Tem questões raciais, por exemplo de reforçar o mito do homem negro, pirocudo, forte, ativo, dominador. De que o passivo tem que aguentar a piroca gigante, como for, e aguentar a dor e se sentir dor, melhor ainda, porque ele tem que sofrer na piroca para agradar o ativo. De que tem o pai e o filho, ou enteada e o padrasto, que é um cara mais velho comendo um cara muito mais novo, com corpo de criança, quanto mais novo parecer, melhor ponto inclusive tem vídeos que se vangloriam disso, existe um gênero para isso, que é o <i>barely legal</i>, que significa que, tipo, o ator acabou de completar 18 anos, tipo, se fosse assim 6 meses atrás seria ilegal. E isso é um fator atrativo para o vídeo. O famoso <i>bareback</i> que é uma promoção escrachada e opressa do sexo sem proteção. E não venha me dizer que esses estudos</p>	
--	--	---	--

		<p>cobram exame de DST, porque eles não cobram, e quando cobram, não faz a menor questão de checar a veracidade, ok? Eu conheço vários, não é um, vários atores pornôs que são soropositivos e falsificam o exame de HIV quando vão filmar nesses estúdios. Por que isso acontece? Porque eles só estão preocupados com o lucro, então eles não querem perder a oportunidade de utilizar determinado ator que vai dar lucro para eles. É igual boate que finge que não percebe que você usou identidade falsa para entrar porque eles querem que você entre, eles querem que você paga entrada, eles querem ter o maior número de pessoas possível lá dentro, então foda-se o resto, o que interessa é que você está pagando a entrada, você vai entrar. Para vocês terem noção, o estado da Califórnia, que é o maior produtor de pornografia do mundo, passou uma lei alguns anos que proíbe a filmagem de filmes pornôs sem uso da camisinha. E aí, os caras foram lá e desenvolveram uma tecnologia que apaga a camisinha digitalmente. Isso tudo porque eu ainda nem entrei na tão discutida cultura do estupro, né?</p>	
6'24'' - 7'30''	Mesma característica de imagem.	<p>Alguns dos termos mais procurados em sites pornô são: abuso, estupro, peguei o cara dormindo, "forcei o cara hétero trepar comigo", "filmei não sei quem trepando sem ele saber", aí tem o "não tinha dinheiro para pagar o entregador de pizza e ele acabou me comendo", "fulano fez alguma merda e aí eu fui dei um corretivo nele", tudo isso é estupro, tá? E ele tem os problemas de performance também, que é para ser ativo você tem que ter uma piroca de 25cm, senão não presta, não vai ter graça, entendeu? Qual é a graça de dar pra uma piroca de 12cm? Para ser bom, tem que ser um cavalo, senão não serve. Os corpos tem que ser</p>	<p>Continua apontando problemas da indústria pornográfica.</p>

		coisas assim, monumentais, super sarados e gostosões, porque assim, se for magrinho demais o gordo demais ou peludo demais, até rola, mas aí é um fetiche que você tem, uma coisa já mais diferente que você curte. A foda pra ser boa tem que ser assim: duas horas de meteção sem parar, em todas as posições possíveis, é um circo de soleil o negócio, senão não tem graça. Enfim, tem muito mais coisas, mas tá dando para perceber o tamanho do problema?	
7'31'' - 8'26''	Mesma característica de imagem.	Para mim, um dos fatores que contribuem para esse tipo de pornô não fazer tanto sucesso, é que a sociedade trata o sexo como algo que tem que ser escondido, e aí, a gente acaba associando ele a outras coisas que a gente acha que tem que ser escondidos, que a gente tem vergonha de admitir que gosta. E tudo bem o sexo ser uma válvula de escape para certas fantasias, mas o sexo não é só isso. Só que, muitas vezes, pornografia faz parecer que é, e aí então agravante complicadíssimo, que a gente fala que dele desde o primeiro vídeo desse canal, a medicina, a família, a religião, a sociedade em geral não nos ensina sobre sexo. Não fala para gente como lidar com o sexo de uma maneira saudável, e aí a pornografia acaba, por causa disso, sendo a maior e, muitas vezes, a única fonte de informação sobre sexo para muitas pessoas, principalmente, as pessoas LGBT porque, se já não se fala sobre sexo hétero, imagina sexo <i>gay</i> .	Neste ponto, Sa João reitera a justificativa dada para a execução do Sem Capa. “Não falar de sexo” é um aspecto considerado por ele como um agravante social para que as pessoas “aprendam” na pornografia.
8'27'' - 9'51''	Mesma característica de imagem.	"Ah, então você está dizendo que a gente tem que ser contra a pornografia?" O problema não é simplesmente "ai, a pornografia tem que acabar porque ela influencia mal as pessoas". A questão é que ela não deveria ser a nossa fonte primária de informação e aprendizado sobre sexo ela não	Traz uma possível indagação de seus espectadores e discute como a pornografia se torna uma má influência para a vida. Compara com as comédias românticas que

		<p>deveria ser uma referência, assim como as comédias românticas não deveriam ser uma referência para relacionamentos, mas são, e, infelizmente, e isso acarreta em vários problemas porque as pessoas ficam romantizando um monte de coisa que não condizem com a realidade e aí isso gera um monte de expectativas, que não vão ser atendidas, o que gera frustração e isso acarreta em diversas pessoas que não vão conseguir desenvolver um relacionamento saudável e maduro por conta dessas expectativas e inalcançáveis. Pois é exatamente a mesma coisa acontece com a pornografia. A pessoa vai ver no pornô que mostra um sexo que ela nunca vai encontrar na vida real, e aí, ela vai perdendo interesse pelo sexo de fato esse viciando só na pornografia, só na idealização daquele sexo que não existe. Milhares, talvez milhões de pessoas sofrem de vício em pornografia. Elas não conseguem sentir tesão com outras pessoas de fato, ela só consegue sentir tesão vendo filme pornô, só vivenciando isso, experiência delas com pornô. E aí vão sempre buscando por pornôs cada vez mais bizarro e entrando numas fantasias que acabam sendo doentias, não pelas fantasias em si, mas pelo fato de elas não existirem na realidade.</p>	<p>idealizam um tipo de relacionamento fora da realidade.</p> <p>Segue com problemas que essa influência da pornografia pode causar, por exemplo, vício.</p>
9'52'' - 10'27''	Mesma característica de imagem.	<p>Ah! Vale lembrar que não é só a pornografia que representa o sexo de forma problemática, ok? Quando não é na pornografia, é algo mais artístico, ou algo mais mainstream, na televisão e tal, não sei que, é algo que é, mais ou menos assim, as pessoas vão e aí elas encostam um dedo um no outro e aí pa! Elas gozam de amor e alegria, e aí elas ficam de conchinha na cama. Isso é também é problemático, isso também não condiz com a realidade. A sociedade não</p>	<p>Sa João atesta que “sexo” não é um assunto apresentado de forma correta de modo geral.</p>

		representa bem o sexo, de forma geral, ok? E isso acaba fazendo com que os indivíduos não lidem com sexo, de forma geral.	
10'28'' - 12'08''	Mesma característica de imagem.	"Ah, mas eu não gosto de ficar pensando nessas coisas na hora do sexo, o sexo é justamente a hora que eu não quero pensar em nada, só em sentir prazer". Ué, mas aí no Facebook, vocês querem problematizar tudo, as atitudes mais cotidianas, mas aí não querem representar uma coisa que é tão importante da nossa sociedade que é o sexo e a forma como ele é representado? "Mas aí você quer o que, que a gente pare de ver pornografia? Ou que parem de produzir pornografia?" Não, eu quero que a gente se proponha a também assistir a pornografia menos problemática e que os estúdios se comprometam também a produzir pornografia menos problemática. "Mas, João, não tem como, entendeu? Séculos de pornografia, sempre foi assim, não tem como mudar agora". Só porque sempre foi feito de um jeito, não quer dizer que não tenha como fazer de outro, ok? O que eu estou fazendo aqui nesse canal, por exemplo, é o quê? Quantos punheteiros desavisados aí, entendeu, que eu enganei, e aí a pessoa foi ver o vídeo e aí acabou vendo o vídeo pensando em várias questões, mas ainda assim, sem abrir mão da punheta dela? Tem funcionado no meu caso. Então é possível sim. E essa é só uma maneira que eu encontrei de fazer isso. "Ah, então tem outras? Por que eu nunca vi". Você nunca viu porque nunca foi feito e eu tenho como provar. Você quer conhecer uma pornografia que trata das questões que a gente tratou aqui nesse canal de forma responsável, que ajuda você a repensar a maneira como você lida com sexo, mais ainda se te fazer	<p>Aqui é interessante o reconhecimento feito por Sa João sobre seu projeto e os modos como subvertem lógicas da pornografia.</p> <p>“O que eu estou fazendo aqui nesse canal, por exemplo, é o quê? Quantos punheteiros desavisados aí, entendeu, que eu enganei, e aí a pessoa foi ver o vídeo e aí acabou vendo o vídeo pensando em várias questões, mas ainda assim, sem abrir mão da punheta dela? Tem funcionado no meu caso” (sic). (11min12s - 11min26s)</p> <p>Outro aspecto importante de ser demarcado é a afirmação de Sa João sobre não existir pornografia alternativa como o que ele faz com o Sem Capa.</p> <p>Usa uma estratégia que consiste em uma espécie de aperitivo sobre o que vem a seguir.</p>

		gozar? Então, fica de olho no sajoao.com que a gente vai começar a produzir projetos que vão explorar essa maneira alternativa de fazer pornografia, que, na verdade, são várias maneiras. A gente vai abrir um leque aqui que nunca foi aberto, mas ele existe. "ah, João, você vai parar com o Sem Capa, então?" Assista o vídeo da semana que vem que eu vou explicar melhor sobre isso.	
12'09'' - 12'29''	Encerra o vídeo e termina caminhando em direção ao fundo do quarto.	Eu sou o sajoao, esse aqui que está atrás da câmera é o charlinhus. Segue a gente lá nas nossas redes sociais, ok? Hoje é quinta-feira, hoje tem Hole lá no TV Bar, apareçam lá se vocês tiverem aí no Rio de Janeiro. E até semana que vem.	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>A narrativa deste vídeo tem elementos interessantes para apreendermos os jogos com o pornográfico feitos pelo Sem Capa. As problematizações atribuídas à pornografia <i>gay</i> industrial frisadas por Sa João formam bases para sua reflexão e para atestar sua proposta com o projeto.</p>			

TÍTULO: SEM CAPA #24 | PÓS-COITO

DISPONÍVEL EM: https://www.xvideos.com/video39950891/sem_capa_24_pos-coito

DURAÇÃO: 16'34''

VISUALIZAÇÕES: 408.565 (até 28 de maio de 2021)

Tempo	Imagem	Texto - transcrição das falas	Observações
0'' - 5''	Este episódio começa diferente dos anteriores. Não há homens no fundo do quarto. Apenas Sa João sentado. Após dizer a frase de aberutra, entra a identificação do vídeo (SEM CAPA #24).	Esse é o último vídeo do Sem Capa.	
6'' - 1'11''	Mesma característica de imagem.	<p>Sim, meus amores, o Sem Capa vai acabar e eu vou explicar direitinho o porquê, mas antes, eu queria contar para vocês um pouquinho de como foi a experiência de fazer isso aqui. Se a gente disser que esperava que os vídeos não tivessem repercussão que eles tiveram, a gente estaria mentindo. É verdade, não é porque a gente se acha muito foda, não. É porque, como eu disse desde o primeiro vídeo, a gente entendia a necessidade de algo como esse projeto existir, que, se a gente quando estávamos iniciando a vida sexual, tivesse algo parecido para se informar, ou iniciar um debate, ou uma reflexão sobre o assunto, nós teríamos uma vida sexual muito mais saudável desde o começo. E hoje a gente vê que muita gente concorda com a gente. A gente recebe diariamente mensagens de pessoas agradecendo pela ajuda que os vídeos têm proporcionado, compartilhando histórias incríveis, que se comunicam com um ou mais vídeos que a gente tenha postado, tem sido uma experiência inesquecível para gente poder trocar tanto e tocar tantas pessoas que a gente nem conhece. E infelizmente eu não tive tempo de responder todo mundo, mas saibam que eu agradeço, do fundo do meu coração, todas as palavras de carinho que eu tenho recebido até hoje.</p>	<p>Novamente, reitera a justificativa para o desenvolvimento do Sem Capa.</p> <p>Aqui, frisa como os espectadores foram fundamentais para o projeto. Também diz sobre aqueles que confirmam a proposta do Sem Capa.</p>

1'12'' - 2'17''	Mesma característica de imagem.	Mas obviamente nem tudo são flores, né, meus amores? Junto a essa experiência incrível que tem sido fazer os vídeos, algumas coisas não tão positivas têm acontecido também e normal, tudo na vida tem um lado positivo e um negativo. Então, eu queria aproveitar aqui já que nós estamos nos despedindo, para esse vídeo não ficar só um metavídeo, que não trata de assunto nenhum, eu queria falar de último tema: a nossa relação com sexo e as redes sociais. Como eu disse, junto dessa centena de comentários fofos e emocionantes, que mostram para gente que o que a gente tá fazendo tá dando certo e dá forças para gente continuar fazendo, tem algumas mensagens e algumas atitudes que às vezes podem até ser bem intencionados, mas muitas vezes causam efeito contrário. E aí, enfim, eu queria listar algumas aqui para gente refletir um pouquinho sobre elas. Só uma coisa, esses exemplos que eu vou dar aqui, não é uma mensagem que uma pessoa me mandou uma vez, são centenas de mensagens que chegaram para gente ao longo desses meses exatamente iguais, ou seja, é um padrão de comportamento e, por isso, que eu achei relevante tratar delas aqui.	Apesar dos espectadores que aderiram ao projeto serem centrais para o desenvolvimento, outra parcela também culminou para o desfecho. O tema “nossa relação com sexo e redes sociais” dialoga com essas questões negativas trazidas por Sa João.
2'18'' - 2'31''	Mesma característica de imagem.	Primeiro de tudo: nudes. Não me mande nudes, se eu não pedir para ver você pelado, não me mande nudes. É desnecessário, é desrespeitoso e eu não pedi para ver o seu pau ou a sua bunda.	Aponta o primeiro problema.
2'32'' - 2' 36''	Intervenção de Charlinhus. Imagem fica preta e branca, corte com as barras coloridas.	Charlinhus: "Ou um cu exposto" Ou um cu exposto. (Risada ao fundo de Charlinhus)	

2'37'' - 3'12''	Volta imagem colorida.	"Ah, João, mas quem me dera meu inbox no Instagram fosse cheio de nudes, eu ia adorar". Eu tenho certeza que ia ter muita gente que ia adorar isso, e eu não vejo o menor problema ponto se você é uma pessoa que gosta de receber nudes de estranho no seu direct, ótimo, mas não é só porque você existe, que quem me manda mensagem pode simplesmente presumir que eu queira ver nudes do meu direct, porque eu não quero. É a mesma coisa daquilo que a gente disse lá no vídeo dos fetiches, se eu, por exemplo, gosto de mijada no sexo, eu não vou simplesmente chegar e mijar na cara de uma pessoa que eu acabei de conhecer sem antes perguntar para ela se ela gosta de mijada no sexo, entende?	Traz um possível contraponto de seus espectadores e justifica seu ponto de vista.
3'13'' - 4'47''	Mesma característica de imagem.	Daí tem quem não manda nudes, mas manda mensagem do tipo, quero trepar com você, que pauzão gostoso, quero fazer isso e aquilo com você na cama. Se você é uma pessoa que manda esse tipo de mensagem, na sua cabeça, isso pode parecer um elogio, mas não é. Isso é só assédio e objetificação. Às vezes, a pessoa faz um textão, entendeu, elogiando o seu trabalho e a ideia do projeto, "nossa, muito incrível seu trabalho, você é muito talentoso, é muito importante isso que você tá fazendo pela comunidade... e você tem um pauzão delícia. rs". Quanto você faz um comentário desse, você me complica porque aí, se eu for agradecer, vai parecer que eu estou agradecendo pelas duas coisas, por você elogiar meu trabalho e o meu pau, e eu não tô. "Ah, mas você fica postando nude, aparecendo pelado, trepando com os outros, falando um bando de putaria na internet pra quem quiser ver, e não quer receber esse tipo de mensagem?" Se você acha que eu fiz essa série de vídeos	Assédio é outro problema elencado por Sa João.

		para conseguir sexo ou ganhar biscoito, pega, volta lá no começo, lá no primeiro vídeo, volta tudo, assistir tudo de novo porque você não entendeu nada do que foi dito aqui. Não é porque eu expõe o meu corpo, seja aqui ou em qualquer outro lugar, da forma que for, que a minha existência serve para te dar prazer sexual. Estar com tesão não te dá liberdade para agir como completo babaca. E quando você age de alguma dessas formas que eu citei, você está sendo babaca. Eu não estou dizendo que você é uma pessoa babaca, mas essas atitudes pontuais são babacas e você, como ser humano dotado de inteligência e empatia que eu sei que você é, pode muito bem repensar essas atitudes, né?	
4'48'' - 4'57''	Mesma característica de imagem.	"Ah, tá bom, João, então você quer que a gente acredite que você não troca nude com ninguém, não fala putaria com ninguém na internet, não faz nada disso?". Eu faço, muito isso.	Novamente, usa o mesmo recurso de supor falas de sua audiência.
4'58'' - 5'04''	Charlinhus fala e a imagem fica preta e branca; corte para barras coloridas.	Charlinhus: "Ah, é?" Sa João: Ah, é, então. Charlinhus: "Mas como que é isso?" Sa João: Tranquilo. Charlinhus: "Tranquilo"	
5'05'' - 5'26''	Volta imagem colorida.	Tenho vários contatinhos, mando nudes, fala putaria direto, com bando de gente, faço tudo isso. Mas eu não faço isso com um completo estranho, que eu nunca vi, e não sabe quem eu sou. Porque aí não é simplesmente um jogo de sedução, entendeu? Isso daí é o equivalente virtual do tarado que fica andando na rua, e aí, tipo, abre o sobretudo e fica	

		balançando o pau na tua cara.	
5'27'' - 6'09''	Mesma característica de imagem.	E isso nos leva a um ponto muito delicado que eu queria tocar aqui, se você só me conhece pelos meus vídeos ou pelas minhas redes sociais, você não me conhece. Eu não te conheço e você não me conhece. Mesmo você me vendo toda semana pelado de pau duro aí no seu quarto, enquanto você bate uma punheta, a gente não tem intimidade. Você não conhece a minha intimidade e eu não conheço a sua intimidade. E isso que eu tô dizendo não serve só para mim, serve para qualquer pessoa. A gente tem que parar, como sociedade, de achar que seguir alguém em alguma rede social significa ser amigo ou ter intimidade com alguém.	
6'10'' - 6'26''	Mesma característica de imagem.	Vou te contar um segredo, isso daqui é uma persona, todo youtuber qualquer pessoa que, famosa ou não, aquilo ali que você tá vendo é só parte daquela pessoa, não é a realidade nua e crua de quem ela é.	Persona são personagens criados para alguma finalidade.
6'27'' - 7'05''	Mesma característica de imagem.	Então, não, nós não somos íntimos, você não me conhece. Então, por causa disso, certas atitudes não são, ou pelo menos não deveriam ser, aceitáveis. Existe todo um discurso do "ai, você tem que ser grato pelas pessoas que te seguem porque elas te dão fama e visibilidade". Eu concordo e eu sou, só que isso não dá liberdade para essas pessoas me tratarem como elas bem entenderem. E se, na cabeça dessas pessoas, nós somos amigos ou íntimos, então, eu, como amigo íntimo dessa pessoa, tenho toda liberdade pra chegar pra ela e dizer: "gata, você tá sendo babaca, para já com isso". É isso que eu tô fazendo aqui, tô dando um toque de amigo.	

<p>7'06'' - 9'02''</p>	<p>Mesma característica de imagem.</p>	<p>Então, por essas e outras, esse é um dos motivos pelos quais a gente decidiu encerrar o Sem Capa. A gente tá sexualmente esgotado, eu e o Charles, toda nossa energia sexual acabou sendo voltada para o projeto e isso a longo prazo, é péssimo, não é saudável. A gente precisa renovar as nossas energias e descansar. Além disso, a gente começou o Sem Capa sabendo que ele era um projeto finito, que uma hora ele ia acabar, até porque os temas e eu se esgotar, ainda mais os vídeos sendo semanais, então antes que isso aconteça, a gente resolveu parar. E, já que ele teria um número finito de vídeos, nós decidimos que ele teria 24 vídeos, por motivos óbvios. Eu sei que ainda tem muitos assuntos que eu não abortei ainda, mas isso não impede que eles sejam abordados. Eu sou só um, eu não pretendo, nem desejo ser, a única voz nesse debate começou aqui. Eu não posso ser a única pessoa capaz de fazer vídeos falando de sexo como eu falo. Tenho certeza que tem assim, 500 Sa Joãos por aí, talvez até com mais talento, informação e clareza nos argumentos que eu. O que eu espero, de verdade, que a gente só tenha dado um pontapé inicial para que centenas de outros canais como Sem Capa apareçam por aí. E aí todos esses assuntos que eu não tratei, eles vão poder tratar. A gente só vai se tornar uma sociedade que fala abertamente sobre o sexo quando o nosso conhecimento for construído coletivamente, não pode haver uma só voz. Agora, se você acha que a gente vai simplesmente parar e não vai fazer mais nada, você está muito enganado. Até porque existem vários temas que eu não posso sentar aqui e falar para vocês com propriedade sobre o assunto porque eu não tenho lugar de fala para isso, mas, talvez, eu conheço é quem tenha. Enfim, eu não sei se vocês repararam a bagunça</p>	<p>Justifica o encerramento do projeto.</p>
----------------------------	--	--	---

		que está aqui atrás, mas, para quem não sabe, este daqui é o apartamento do Charles. E o Charles está de mudança lá para casa. Own.	
9'03'' - 9'19''	Mesma característica de imagem.	Então, nós não vamos ter mais como gravar o Sem Capa aqui porque nós vamos ficar sem local. E esse é o nome do nosso próximo projeto. Então, fiquem de olho nas nossas redes sociais, no sajoao.com, que a gente vai atualizar vocês assim que a gente tiver os detalhes fechadinhos de quando ele vai ao ar, ok?	Apresenta o título do próximo projeto (Sem Local foi desenvolvido no YouTube).
9'20'' - 9'40'' 9'41'' - 16'34''	Encerra a fala. Levanta-se e vai para cama ao fundo. Charlinhus também. Eles terminam fazendo sexo. A imagem passa a focar o fundo.	Muito obrigado a todas as pessoas que ajudaram a gente a fazer esses vídeos. A todos os meninos que vieram aqui atrás gravar com a gente também, muito obrigado. E a você que teve saco de ficar vendo esse vídeo até o final, fica aí um presentinho de despedida para você, tá? Mas despedida breve, que a gente já volta, tá? Sem Local o nome do projeto, ok? Até mais, beijo.	
<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>Para encerrar o projeto, Sa João apresenta as justificativas para o término da iniciativa. O final do vídeo difere dos demais pelo fato de o foco ser direcionado ao fundo do quarto e finalizar com Charles e Sa João fazendo sexo. Há indicativo do próximo projeto.</p>			

APÊNDICE B – Comentários de espectadores para o *Sem Capa*

Comentário dos vídeos 1 ao 12 - *Sem Capa*

Coletados em 13 de março de 2021

SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE SEXO? http://www.xvideos.com/video37475257/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Boy18Carioca	8 jul 2018 23h58	E como eu falo ctg no direct pra participar dessa brincadeira la atras ?		
Checocho4525	9 jul 2018 4h17	melhor iniciativa impossivel		
Jops27701	10 jul 2018 17h49	Quero participa com vc!!! Rsss		
Lucasbeb	10 jul 2018 18h10	Gostoso		
Rodrigo8728	10 jul 2018 19h09	Gosto muito de mamar fazer mão amiga dar o cu quem quiser		
Morenomlkaio	10 jul 2018 21h29	parabens man pela aldacia ja admiro voce, se curte um moreno chama ae ☐		

Marcos Vix	10 jul 2018 22h30	parabens hein.. que delicia! me chama		
Okara26	11 jul 2018 2h05	Muito bom esses conselhos....		
Vinhogomes	11 jul 2018 3h40	Queria saber os nomes dos pornos que ele ja fez kkk		
Sergiovb40	11 jul 2018 4h05	Quero participar		
Danstewart	11 jul 2018 6h50	karalho, adorei isso!!! Continua por favor. E obrigado!		
Adayume	12 jul 2018 22h12	Meu deus! Suas ideias são maravilhosas, é tipo um canal do youtube de sexo UAUHAUHAUH parabéns! Aliás, quero dar pra você! haha		
Gatogja	14 jul 2018 17h16	Você é nota mil!!!!	(5) gostei	
Sovimbaixar857	17 jul 2018 12h24	Gostei bastante da ideia. Criativa e inovadora, mas também não consegui deixar de tarar teu dote scr kkk		
Trewoiu	18 jul 2018 1h26	- educativo - gato - dotado vamo casa	(65) gostei (1) não gostei	
Billy Ddevil	22 jul 2018 8h23	Vcs são de qual cidade?		
Brothermarks	22 jul 2018 20h56	Eu acho que vou é bater ouvindo você falando mesmo! rrsrrsrrsrrsrrs Adorei a proposta do projeto, gostei mesmo!!! Só fiquei curioso para saber quais pornôz fez....rs Gostei da naturalidade que se apresenta, sem tabus nem nada! E que gatão!	(3) gostei (1) não gostei	

Wander1991	26 jul 2018 17h24	Já amei o canal. Sem frescuras, fala na tora		
Jonbareback001	27 jul 2018 12h35	Haaaaaaaaaaaaaaaaasaaaa amei. Que sacada maravilhosa a de vcs !!!	(6) gostei	
Nilomoares	8 ago 2018 20h04	Dicas boas. Mas confesso que sem camisinha é mais gostoso, de preferência com seu namorado, ainda mais quando goza dentro...		
Someonefrombrasil	17 ago 2018 1h37	fala sobre pinto grandepequeno		
Sportsman2015	3 set 2018 13h07	Cara, João, parabéns pelo canal! Um amigo me passou este link e já curti muito! Bacana demais o projeto, a forma do teu programa... Mais tarde quero ver mais. Deixa eu voltar pro trabalho, senão já sabe no que vai rolar aqui... Abs		
Novinho2747	5 set 2018 2h33	Olhem meu canal	(1) gostei	
Naturalbighairy	7 set 2018 5h28	Quero com vc sem c	(1) gostei	
Vivo da Silva	15 set 2018 17h57	Parabéns para os idealizadores desse projeto. Entrei procurando pornografia e acabei encontrando conhecimentos. Gostei muito da forma como o assunto foi tratado. Gostaria de fazer parte do elenco que fica atrás. Kkkk Parabéns. Gostei mesmo. Quero assistir toda os videos. Ja virei fã.	(18) gostei	
Esdras Santiago	17 nov 2018 2h08	Pau bonito..	(5) gostei	
O Augusto Marques	18 jan 2019 18h57	Pauzão gostoso, queria conhecer pessoalmente essa delícia	(12) gostei	

Novinhocwb2	20 abr 2019 0h21	meu deus, queria aprender a transar com você rs	(1) gostei (1) não gostei	
Lumos19	20 maio 2019 17h13	Será o melhor canal no xvideo KKK amei		
Gozar No Cu	31 maio 2019 6h54	CARALHO QUE PAU GOSTOSO ☐☐☐☐☐☐☐☐	(1) gostei	
Llipe95	31 maio 2019 13h32	o brasileiro é muito empreendedor mesmo, genial rs	(23) gostei	
Gostoso27Bh	11 dez 2019 0h57	Pau delícia de mamar	(1) gostei	
Jisoosa	25 abr 2020 17h56	Gente, eu amei esse projeto. É tão descontraído que vc nem tem vergonha de assistir uma aula de sexologia.☐	(1) gostei	
Juuhninho	30 set 2020 11h	Gostaria muito de conhecer você e quem sabe gravar um vídeo, chupar você bem gostoso... e que delícia de Pênis..m		
Lito909	25 out 2020 20h42	como sou louco por este cara!!		
Junea03	1 dez 2020 9h40	Sou so eu que nao acho o @ deles nos insta ?		
Rosalialol	14 dez 2020 1h49	Que vídeo incrível!		
Morenoativobr	24 dez 2020 2h25	Eu não uso camisinha ☐☐ porque confio no meu parceiro ☐		
Tomwmb	4 jan 2021 9h25	Quero transar contigo		
Guyguyguyhu	7 jan 2021 15h49	i wish there were english subtitles♥		
Rogerdickdrill	27 fev 2021 13h32	Video muito educativo começarei a seguir seus videos		

SEM CAPA #1 VAMOS FALAR DE SEXO? (LEGENDADO)				
http://www.xvideos.com/video42795143/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo_legendado				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Lulu437	18 dez 2018 3h57	Idéia da hora! Parabéns	(1) gostei	
Depiladinho69	18 dez 2018 4h40	Sou passivo adoro usar calcinha quem quiser conversar só chamar pelo menos no primeiro encontro um boquete eu faço	(7) gostei (1) não gostei	
Johnlonghair	18 dez 2018 8h48	Mas que foda esse canal. Já virei fã no primeiro vídeo. Super apoio o projeto. Além do conteúdo ser necessário, vc é uma delícia hahaha. E escolheram o local perfeito pra divulgação. Parabéns	(4) gostei	
Passivo Bastyan	18 dez 2018 9h36	Oi acabei de ver seu vídeo me chamo sebastyan Sousa amei a forma de você interagir a, e mais uma coisa seu pau é muito lindo.	(1) gostei (1) não gostei	
Abelardo-1	18 dez 2018 15h58	Vcs que estão comentando e elogiando ele pelo visto nao viram o ultimo video dele condenando esse tipo de atitude. Melhorem, vcs e ele!	(4) gostei (2) não gostei	
Albin21	6 fev 2019 3h39	Senhor...que pirocão lindo. Adorei a iniciativa.	(35) gostei (1) não gostei	
Rsl1989	30 abr 2019 1h33	Ótima a proposta □□□□	(2) gostei (1) não gostei	

Jikooksex	3 mai 2019 22h03	Um pau lindo e gostoso desse deve fazer um estrago	(6) gostei	
Mateusfb	22 jun 2019 4h57	Ótima iniciativa João, parabéns. Queria estar na surubinha mas moro longe haha	(2) gostei	
Pentelhudo12Cm	28 ago 2019 5h31	Caraca, nem todo dotado tem pau bonito, não sou tão admirador de paus avantajados, com algumas exceções, mas vc, tenho que reconhecer que tem um pau muito bonito e gostoso. Queria muito vc chupando meu pau e eu chupando o teu!	(2) gostei	
Tonybot	22 set 2019 11h39	Wow hermoso	(1) gostei	
Brenoselvas	15 nov 2019 22h56	Comunidade LGBT não me representa, infelizmente. A maioria esmagadora dos gays EXIGE A PERFEIÇÃO, sendo que a perfeição NÃO EXISTE. LAMENTÁVEL ver que gays são sectaristas e narcisistas. Só valorizam a beleza estética.	(23) gostei (8) não gostei	
Lito909	19 mar 2020 13h47	como é gostoso		
Rensantos 010	28 mar 2020 4h59	Que bunda linda hein ☐☐☐		
Voyeur-Amigo	29 abr 2020 16h55	Q Pauzao eu quero		

SEM CAPA #2 BOTA A CAMISINHA, BOTA MEU AMOR				
http://www.xvideos.com/video37474471/sem_capa_2_bota_a_camisinha_bota_meu_amor				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Fagarruda	8 jul 2018 6h29	Ja usei a camisinha feminina e ela e bem pratica mesmo.	(12) gostei	
Furye	11 jul 2018 14h18	Gente que menino fofo ! Da vontade de te pegar dá uns tapas cheirar teu cangote e te cobrir de beijos.	(4) gostei (1) não gostei	
Welton107	17 jan 2019 4h43	Esse canal é massa!	(2) gostei	
Diegaomg	22 jun 2019 0h47	ta de parabéns, cada dia eu gosto mais do canal.	(3) gostei	
Guigas35	9 jul 2019 0h30	Só uso camisinha feminina! É muito melhor e mais prático!	(3) gostei	
Morglabeija	16 nov 2019 15h37	Se fala "camisinha vaginal" Pq existem homens com vagina tbm. Viajo no seu canal,muito bom, bjo	(3) gostei (2) não gostei	
Llipe95	27 jan 2020 6h10	mais educação sexual nessa pátria educadora	(6) gostei	

SEM CAPA #3 HIV NÃO É DOENÇA				
http://www.xvideos.com/video37474049/sem_capa_3_hiv_nao_e_doenca				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário

Willian-Safadooooo	8 jul 2018 2h10	Gostei ae ♥		
Gaiok321	14 jul 2018 8h03	Não seja leviano, João. Claro que HIV é doença. Sou médico e trato muitos casos de HIV+. Hoje é controlado com medicação, assim como um hipertenso ou um diabético. Não diga que não é doença e não banalize. Só pra constar, HIV possui CID (Código de Identificação de Doença): o do HIV vai do B20 ao B24.	(141) gostei (12) não gostei	Pedroalcantarax xx - 5 nov 2019 2h53 - Mas ele acabou de explicar que HIV é o vírus e não a doença, a doença é a AIDS que é uma deficiência no sistema imunológico. Cê não viu o vídeo? De qualquer maneira, o correto é fazer sexo com proteção já que não é só HIV que pode ser transmitido através do sexo. (9) gostei (4) não gostei <hr/> Jaine242424 -

				22 mar 2020 5h39 CID:CÓDIGO INTERNACIONAL DE DOENÇA ATE ONDE EU SEI!! (1) gostei
Rael21	14 jul 2018 17h41	Gente nada melhor que não arriscar, prevenir é tudo! É muito bom fazer sem camisinha delicia mais se vc tem hiv não arrisque o outro seu parceiro seja consciente, porém se você já está tratando e não ha vestígios do hiv no seu sangue ai depende da situação! Ok! Divirta-se com responsabilidade amor	(8) gostei	
Dercymijada	14 jul 2018 18h27	Divirtam se com responsabilidade, não façam sexo sem capa com desconhecidos, HIV e algo que se leva por toda a vida, por mais que as pessoas consigam viver uma vida normal com ela faça o possivel pra mão te-la #MILITEI	(47) gostei (1) não gostei	
Nukenbr	14 jul 2018 20h48	A transmissão do HIV ocorre quando há uma troca de fluidos corporais (como sêmen, sangue ou fluidos pré-ejaculatório) e isso é possível durante o sexo oral, quando há feridas abertas como cortes ou machucados na boca ou gengiva ou infecções na garganta ou na boca que estejam inflamadas. Até o uso de fio dental pouco tempo antes de sexo oral leva a um trauma	(22) gostei	

		mais importante na gengiva. É por isso que 'tem muito médico que fala que é possível' a transmissão de HIV via sexo oral.		
Jag3Uar	24 jul 2018 8h41	Ver profissional dizer que HIV é doença só não é pior que ouvir um médico dizer que não transaria com um hiv+ ainda que indetectável. Mostra que independente de escolaridade e área de atuação, não se está imune ao preconceito motivado por estupidez. Não sabia que a carga viral ficava mais alta nas primeiras semanas de exposição ao hiv por quem acabou de se infectar. Obrigado pelo vídeo e parabéns por tocar em assunto que em pleno 2018 é tabu. Estou falando de sexo gostoso ☐	(5) gostei (6) não gostei	
Passivo-Sapeca-Rj	11 out 2018 5h	Curti o vídeo, isso aí, vamos trepar com consciência	(1) gostei (1) não gostei	
Npatricio	6 dez 2018 11h22	HIV é incurável, o que devemos transmitir é que sexo sem proteção envolve riscos de inúmeras doenças. NUNCA ENDEUSEM OU EMBELEZEM ESSA 'DOENÇA'. Usem sempre camisinha.	(176) gostei (4) não gostei	
Gozadornit	4 jan 2019 2h48	Parece o freixo falando	(2) gostei (1) não gostei	
Yuri123Lk	18 jan 2019 4h58	Quem quiser trocar nuds add ai	(4) gostei (4) não gostei	
Nick-Sjc	24 fev 2019 19h32	Tá uma coisa? Se o cara for indetectavel e eu beber o sêmen dele ele me passou o hiv?	(10) gostei (2) não gostei	Talles Bomdudo - 7 maio 2019 4h17 - Bom n sei dizer maia é

				<p>bom vc fazer o teste rapido</p> <p>(1) gostei (1) não gostei</p> <hr/> <p>Versatilputao - 5 nov 2019 17h39 - Se o cara for indetectável comprovadamente por mais de 6 meses, ele não te passa hiv nem por sexo anal. Tenho amigos casais em q um tem e o outro não tem e transam sem camisinha há mais de um ano pq um deles se trata e eh indetectável.</p> <p>(5) gostei</p>
Onesimo Pereira	29 abr 2019 5h33	VIRUS HIV E MAIS INOFENSIVO QUE Y=UM	(5) não gostei	

da Silva		DISBATES EUSO DEI MERU CU PARA UM TRAVESTI COM UMA ROLA DE 19 CM AGORA QUEROV DAR PARA UM NPAUBDE 20 CM NO MINIMO SEN M CAMISINHSAA PAR encchrer meu cu peludo nde porra		
Souzaalex	2 jun 2019 22h51	A romantização do HIV chegou aqui no Xvideos MEU DEUS	(82) gostei (7) não gostei	PedroAlcantarax xx - 5 nov 2019 2h33 - Assiste primeiro e fala depois. (5) gostei (1) não gostei
Garotaodorio	15 ago 2019 8h02	Ele nao falou nada de errado. HIV não é doença e sim o nome que se da ao vírus da imunodeficiência humana. Ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença e por fazer exames rotineiramentes sao mais saudáveis do que a maioria da população que nunca faz exames e consultas com infectologistas.	(7) gostei (1) não gostei	
Garotaodorio	15 ago 2019 8h03	Transar camisinha n é a questao e sim, Se todos fossem ao medico e fizessem check-up teríamos um controle do HIV a muito tempo. Mas ninguém faz exames, principalmente brasileiro. Falar sobre isso nao é banalizar ou romantizar o HIV. Bando de hipócritas.	(3) gostei (1) não gostei	
Yureed	4 nov 2019 23h29	ASSISTAM O VIDEO INTEIRO IMUNDAS! Acho válido a informação por conta do preconceito, JAMAIS romantizem esse vírus e o sexo sem proteção pq	(2) gostei	

		não é bonitinho tomar remédio todos os dias sem poder esquecer nenhum dia. Usem a merda da camisinha pq não existe só hiv como dst.		
Comentandocomumamao	4 nov 2019 23h42	HIV é doença! se cuidem	(2) gostei (2) não gostei	
Pedroalcantaraxxx	5 nov 2019 2h54	SEUS PORRAS, PRIMEIRO VEJA O VIDEO DEPOIS COMENTEM!	(4) gostei	
Pocpocdapan	5 nov 2019 4h37	Como não é doença??? vc é muito escroto em fazer apologia ao assunto...querendo ou não vc está incentivando as pessoas a não se cuidarem... GENTE, USEM SEMPRE PRESERVATIVO	(11) gostei (4) não gostei	
Novinhopervertido18	15 dez 2019 9h49	Morre seu porco cretino.	(1) gostei (2) não gostei	
Omamador	15 dez 2019 22h47	Que horror!! Seu canal é um desserviço. Pare de falar asneiras.	(2) gostei (1) não gostei	
Barbudo Voyer	13 fev 2020 2h43	A cara do doente que provavelmente é soropositivo. Se duvidar, é carimbador	(2) não gostei	
Macho2530	13 fev 2020 4h09	Acho tão irresponsável essa sua fala toda torta sobre a temática. Quer aparentar ser um cara fodástico, que tem relacionamento aberto e isto o torna incrível (oi?), que é "O PASSIVO" na cama, e O ATIVÃO quando tem que ser; que não tem medo de HIV, que é "o cara" mais desenrolado de todos os fodásticos intergalácticos. Coloca os pés no chão cara; bom senso SEMPRE!	(1) gostei (1) não gostei	

Macho2530	13 fev 2020 4h17	1) A medicação antirretroviral tem efeitos adversos de curto e longo prazo. A curto prazo, muitos experimentam quadros diarreicos importantes. A longo prazo, comprometimento de função hepática e hipercolesterolemia. 2) Se Jairzinho contrai HIV, não trata, desenvolve pneumonia e morre, diz-se que ele "morreu de pneumonia", porque aquela pneumonia foi uma pneumonia "OPORTUNISTA". Se não fosse a contaminação pelo HIV, ela não teria acontecido.	(2) gostei (1) não gostei	
Macho2530	13 fev 2020 4h24	3) Sexo oral transmite HIV sim! Contudo, a pessoa que recebe o pênis na boca, ou seja, aquele que "chupa", corre mais risco de contaminação, sobretudo se já houver alguma lesão na boca. Quem usa prótese, aparelho ortodôntico, fez tratamento recente de canal ou cirurgia dos cistos, possui aftas, mordeu a língua a ponto de sangrar, e frequentemente sangra quando usa o fio dental e sangrou, não deve fazer sexo oral sem camisinha.	(1) gostei (1) não gostei	
Nego Londrina	13 fev 2020 6h22	denunciem	(1) gostei (2) não gostei	
Safadomamador slz	13 fev 2020 9h04	Esse cara é um escroto AFF. Pessoal sempre Camisinha, esse perfil deveria ser DENUNCIADO ! Q absurdo o discurso desse sujeito !	(1) não gostei	
Yuriloko	13 mar 2020 22h20	"HIV NÃO É DOENÇA" = Falou pouco mas falou merda!	(1) não gostei	
Log Log 32	9 mai 2020 2h49	nunca ouvi tnata estupidez num vídeo só. Distorce toda a seriedade com a qual o tema deve ser tratado. Seriedade e responsabilidade. Argumento falacioso que abranda o caos que o HIV causa no indivíduo e na sociedade em geral. Foi		

		tao literal que beirou a estupidez.		
--	--	-------------------------------------	--	--

SEM CAPA #4 PREP-ARA http://www.xvideos.com/video37473601/sem_capa_4_prep-ara				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Cav21	11 jul 2018 21h58	voce é versatil no sexo sa joao?		
Jag3Uar	24 jul 2018 8h53	Olha! A tal vacina, AMP, né? É informação nova pra mim! João estou com vontade de te dar um abraço. Obrigado mesmo pela iniciativa. Contribuindo, no DF, a distribuição do Truvada pelo SUS começou em fevereiro. Cada estado tem começado a ofertar o PrEP a depender das condições operacionais para se adotar o novo método sem prejudicar os demais serviços, como o TARV. Na Paraíba, o PrEP é realidade há mais de uma ano.		
Ebanobaiano	2 ago 2018 17h40	Para atualização, galera: A PrEP já está disponível na rede pública de saúde, nas principais cidades brasileiras. Procurem o serviço de referência em HIV/AIDS em seu município.	(5) gostei	
Tsvalsecchi	5 ago 2020 22h42	gato, nao te encontro no instragram. Certeza que é @sajoao? bjos e parabéns pelo projeto.	(1) gostei	

SEM CAPA #5 DESINFORMAÇÃO E PIOR QUE DST http://www.xvideos.com/video37473383/sem_capa_5_desinformacao_e_pior_que_dst				
--	--	--	--	--

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Thomasnovinhobaby	9 jul 2018 3h28	Cuidado quando com o link que você bota no insta, várias contas já caíram por conta de denúncias		
Anderson27Maio	9 jul 2018 16h23	Nada mais chato do que uma bicha didática e, provavelmente, problematizadora. Parece um textão de redes sociais sendo recitado. Acho que o Xvideos não tem público interessado em lacração, mona!	(2) gostei (19) não gostei	
Lelozinms	11 jul 2018 1h36	Nada mais chato que gay homofóbico usando o termo bicha de forma pejorativa e continue sim Sa Joao com os vídeos informativos, certeza que muita gente leiga vai ver esse vídeo e entender melhor sobre DSTs	(4) gostei (1) não gostei	
Marcos Vix	12 jul 2018 3h39	a foda ali atrás ta violenta hein.. soh os gemidos	(3) gostei	
Jag3Uar	24 jul 2018 9h08	Informação virou 'problematização'... que bom né? Só transo com gente bem informada e que problematiza. Haha Isso sim dá tesão. Aos haters covardes e orgulhosos da própria burrice, continuem assistindo e aprendam algo.	(1) gostei	
Pjhp2017	18 nov 2019 0h49	No caso do HPV, 90% das pessoas que entram em contato consegue eliminar o vírus através da resposta imunológica num período de 6 meses a 2 anos, ou seja, HPV não é pra vida toda. Mas em algumas pessoas ele o HPV pode ficar latente pro resto da vida, neste caso a pessoa pode nunca manifesta, ou ter várias recorrências ao longo da vida ou até mesmo evoluir pra câncer, dependendo de vários fatores.		

SEM CAPA #6 | LAVA O PINTO DIREITOhttp://www.xvideos.com/video37459031/sem_capa_6_lava_o_pinto_direito

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Kaluto	7 jul 2018 17h52	apaixonado por esses videos... voce divulga os videos só aqui ou tem algum blog?	2 gostei	
Duooficial	11 jul 2018 2h43	Fala sobre os pênis que quando flácidos são pequenos e o outros como o seu que sempre parecem grandes.	25 gostei	
Janshinke	15 jul 2018 6h28	Quanto a higiene feminina, a necessidade de maiores cuidados não é só porque a cultura é machista. O tamanho da uretra feminina é muito menor e há maior probabilidade de infecção urinária caso a higiene não seja adequada (as mães já aprendem a limpar os nenês do sexo feminino de frente para trás para evitar infecção por e. coli e ensinam as meninas a respeito da higiene adequada pela maior probabilidade de vaginoses - tendo em vista que a vagina é um órgão mais internalizado).	1 gostei 1 não gostei	
Janshinke	15 jul 2018 6h29	A necessidade de produtos especiais para higienização da região íntima feminina se deve ao fato de que a alteração no pH vaginal (extremamente importante para a mulher e variável ao longo do ciclo menstrual) pode propiciar o crescimento de determinados patógenos, já existentes na microbiota vaginal, mas que podem ter crescimento populacional exacerbado e provocar sintomatologia clínica. Logo, a higienização adequada da vagina tem um grau de importância infinitamente maior em relaç	1 gostei 2 não gostei	

Janshinke	15 jul 2018 6h44	Concordo com a questão do exagero na indicação de postectomia (retirada do prepúcio), especialmente nos EUA. No Brasil, geralmente é indicado quando há chance de ocorrência de parafimose (estrangulamento do pênis pelo prepúcio) ou quando a higienização não poderá ser realizada adequadamente (há maior probabilidade de câncer de pênis). O prepúcio é muito útil e protege a glândula, facilita a masturbação, etc. Contudo quando há necessidade, deve ser removido para prevenir probl	5 gostei	
Janshinke	15 jul 2018 6h45	Uma questão que poderia ser abordada poderia ser a anatomia do pênis e suas variações fisiológicas (glândulas de Tyson, por exemplo - aquelas bolinhas que muitas vezes são percebidas ao redor da corona e que muitos confundem com algum tipo de doença e/ou relacionam erroneamente com má higienização).		
Gabrielolito97	15 jul 2018 17h35	Olá, Boa tarde , primeiramente , parabéns pelo vídeos, sempre indícios e repassou elas para amigos, gostaria de tira uma dúvida como , e que poderia ser tema de vídeo talvez , que seria, qual a melhor possisao para por o pênis na cueca para evitar a fribose, sobro desse problema ,pois tenho oncostimpe de coloca meu pênis para baixo quando coloco a cueca	3 gostei	
Macho7145	6 ago 2018 1h57	Mto bom, isso é importante demais e um tabu pra se falar com amigos rs	2 gostei 1 não gostei	
Procurando Alguma Coisa	23 ago 2018 18h11	Eu não sei como tu consegue pegar no pau assim... eu lavo bem até, mas ele tem muuuita sensibilidade... acho que isso é um problema de falta de uso ou algo do tipo... mas enfim, é	19 gostei 3 não gostei	Lolfelix - 30 maio 2019 15h22 -

		um saco kkkkkk	<p>tenho um conhecido que o parceiro não pode nem encostar no pau dele, por ser muito sensível. O médico disse que ele não conseguiria ter filhos pela sensibilidade exacerbada. Não sei como ele faz pra se masturbar, lavar, essas coisas..</p> <p>1 gostei</p> <hr/> <p>Agefirelast - 14 out 2019 20h10 - Eu era assim também, aí um amigo falou pra eu me masturbar mais, hoje em dia é normal até... (Quando estiver excitado, passa</p>
--	--	----------------	---

				um pouco a mão na glande)
Gfmtoddy	24 dez 2018 13h44	Nossa Sa_Joao, você é bem dotado hein! Meus parabéns!!!		
Anónimo	13 mar 2019 11h25	se vc quiser eu lavo o seu pinto com minha boca. lindo e muito apetitoso seu pinto viu. imagina ele duro...	2 não gostei	
Jorgeamaral	17 jun 2019 0h44	O canal em si não é ruim , só acho desnecessário se “usar” pra dar exemplos , fica com um ar de querer aparecer ...	9 não gostei	
Silviovnrs	4 abr 2020 1h03	Qual é o seu nome? Tem Instagram? Facebook? Diz aí pra nós gostosão safado.☐☐	2 não gostei	

SEM CAPA #7 PELUDOS E PELADOS http://www.xvideos.com/video37452041/sem_capa_7_peludos_e_pelados				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Novinhopass16	7 jul 2018 15h53	QUE DELÍCIA DE PAU!		
Ezalorlight	8 jul 2018 3h48	Minha situação com pêlos é igual, mas na parte do meio do cu sempre tive medo de passar gilete e irritar. Tu tem dicas?		
Maxwell Milhome	8 jul 2018 5h55	Não tem como assistir e prestar atenção no que tá dizendo sem ficar de pau duro com essa bunda gostosa, mas consegui	5 gostei	

		ouvir depois de bater uma e concordo com tudo		
Berg Rec	8 jul 2018 20h54	cabeção lindo	1 gostei	
Victorluno	9 jul 2018 21h36	Eu amo pelos, caras peludos me deixam com mt tesão pqp! Eu sou peludinho e os caras q curtem sempre acham q meu cu é peludo, até é mas eu sou obrigado a depilar, qnd cresce os pelos lá me incomoda muito. A barba eu deixei crescer pelo mesmo motivo q o seu hehe meu rosto ficava todo fodido com a gilete	4 gostei	
Andreiquerendo	10 jul 2018 1h26	caralho isso aqui é um canal tipo youtube, como eu nunca pensei nisso antes	2 gostei	
Brunpol	10 jul 2018 2h26	Eu indicaria cera quente. Dói nas primeiras vezes claro, mas eu depilo desde sempre e gosto muito. Mas também não tenho problemas ou nojinho com quem tem pelos. Só que em excesso acaba ficando tudo muito escondido kkkkk então é bom dar uma aparada. Curti o vídeo.		
Bundudo0391	13 jul 2018 2h47	Migo, como você passa o gilete na bunda? pra mim é muito complicado, acabo utilizando creme depilatório	1 não gostei	
Cara-Peludo	16 jul 2018 2h48	vc não gostar de pelo é uma coisa, agora dizer que é falta de higiene quem tem pelo é de uma ignorância completa. E tem mais, já peguei mto cara lisinho que fedia igual porco pq vai transar sem tomar banho. Aí meu amigo, qualquer um vai feder. Quem toma banho regularmente e principalmente antes de transar, seja liso ou peludo, não passa vergonha.	112 gostei 17 não gostei	Silviovnrs - 4 abr 2020 0h51- "...fedia igual porco." Chorei de tanto rir agora. Kkkkkkk□□□

				1 não gostei
				Machosigilo2018 - 20 jun 2020 18h07 - tb rs
Marlonlikesass	20 jul 2018 9h38	que delícia de bunda e cu		
Cmcgyver	25 jul 2018 18h40	cara, mas bunda gostosa!!!	1 gostei	
Boqueteiro	10 ago 2018 16h30	meu cu é peludo quando fico muito tempo sem depilar ,faz cacho . quando cago,vou imediatamente vou para o banho . o problema é quando tenho que evacuar na rua. aí sem lugar pra tomar banho mesmo limpando o cu com muito papel higiênico ainda assim os pêlos anais ficam melados de bosta ficam duros e vez em quando faz até chuca de cocô dependurado . é horrível! prefiro manter meu cu sempre depilado liso . além de ficar mais limpo , na hora de dar o cu escorrega bem! o pau não puxa na hor	12 gostei 2 não gostei	
Didi Kong	27 out 2018 4h38	Que delícia seu rabo, rapaz.	2 gostei	
Gozar No Cu	20 nov 2018 5h05	Gostei desse canal e tipo o YouTube só que fala sobre sexo e mostra as partes íntimas do nosso corpo interessante essa ideia	19 gostei 1 não gostei	

Ativospleste	21 nov 2018 23h24	Amo peludos.... e lisos gosto muito. Pena q conheci canal agora. Adoraria transar c vc e seu rabo tipo.... floresta		
Le Safado	10 dez 2018 3h23	Eu faço esse mesmo processo gilete na virilha e escroto e máquina em cima, bunda e pernas	1 gostei	
Paodecenteio	22 jan 2019 18h12	eu queria tanto mostrar esse video para todos os homens do mundo	8 gostei	
Artsexguys	20 fev 2019 17h26	Fui acompanhar o canal e pensei "Vou ficar com mt tesão e não vou conseguir prestar atenção!", mas já to almoçando enquanto vejo os vídeos	48 gostei 2 não gostei	Trans Para Coroas - 12 ago 2019 3h11 - Omg kkkkkkkkk
Chupandocu2	18 abr 2019 12h58	3:34... BUNDONA DELÍCIA!!!!!!!!!!!!!!	12 gostei 1 não gostei	
Onurb0	14 out 2019 19h20	Sou peludo e muito cheiroso. Convenhamos que se tem muita exigência para apenas um sexo casual na maioria para o pessoal.	1 gostei	
Cabral 19	14 out 2019 20h42	Cara lisinho é melhor pra tudo,pra dar pra comer pra o oral por questão de higiene e até por estética, não curto peludo mas respeito.		
Play Ya	11 nov 2019 14h31	meu pau babou quando mostrou o cuzinho pqp parabéns	6 gostei 1 não gostei	
Teujack	17 fev 2020 4h45	Bunda gostosa, farta, porém não muito grande. Eu gamo.		

Magrao Caipira	5 ago 2020 22h28	Gente cagar fora de casa e foda. Eu ando com lenço umedecido o tempo todo. Se eu precisar cagar fora de casa, uso o lencinho. Assim me sinto mais limpo.		
Moreovixx	10 nov 2020 22h15	Gostei quando ele abriu o cuzinho		
Iadoremales	24 jan 2021 11h56	wow thx so much 4 t.amazing hot video my manly FUCKER.. u hav so manly male body & I'm proud that I'm ur follower		

SEM CAPA #8 O MELHOR AMIGO DO HOMEM				
http://www.xvideos.com/video37451573/sem_capa_8_o_melhor_amigo_do_homem				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Maxlaues	7 jul 2018 17h09	O pênis não tem músculo, mas estruturas cavernosas e esponjosas.	1 gostei 2 não gostei	
Marianougml	8 jul 2018 6h10	Delicia demais esse homem gente, vontade de chupar esse pau.	9 gostei	
Adrosantos	8 jul 2018 17h14	Acho interessante ele querer falar sobre o sistema reprodutor, mas ele deveria ter chamado um especialista. Várias informações erradas nesse vídeo... infelizmente	3 gostei 4 não gostei	
Caralhometedor	8 jul 2018 18h27	Músculo nãaaaaoo! Pelamor! Músculo não!	2 gostei	

			2 não gostei	
Dinhubiel	9 jul 2018 2h18	Bem legal esse formato de CANAL XTUBER como se fosse YOUTUBER já que a outra plataforma bloquearia esse tipo de vídeo. Mas queria ser um "convidado da plateia" ali atras kk	26 gostei	
Mklyo	9 jul 2018 6h18	Obrigado pelo vídeo !Super explicadinho ! Adorei o fundo também, bem criativo haha !! O Youtube devia permitir vídeos com teor de educação sexual, independente das imagens...	2 gostei	
M Jager	15 jul 2018 22h23	Você já falou como medir corretamente o pênis tanto em ereção e quanto flacido. Vejo que muita gente não sabe medir.	18 gostei	
Rolaquenterj	20 jul 2018 1h56	quero comer cu	1 gostei 2 não gostei	
En Fermeirodoprazersp	9 dez 2018 3h12	JÃO, USAR A CAMISINHA INTERNA É ÓTIMO, EU USO DESDE 2006. É HIGIÊNICO E SUPAR CONFORTÁVEL.	2 gostei	
Sayolivera	18 maio 2019 4h03	não tenho maturidade pra isso desculpa	2 não gostei	
Patrickpirocao1998	3 jun 2019 7h52	Amo seus vídeos cai aleatório num deles e são uma delícia de informações importantes para nossa vida☐:heart_e	2 gostei	
Delicious213456	19 jun 2019 5h45	Nossa que viado safado	2 gostei 1 não gostei	

Jon-C	24 set 2019 6h11	João seu louco kkk eu vim pra me masturbar e to aqui estudando! Ta bom demais! Vou assistir seus outro videos!	43 gostei 2 não gostei	
Incho	28 nov 2019 6h10	Eu nunca pensei que eu fosse ver esse tipo de vídeo nesta plataforma, eu tô meio não acreditando ainda.	5 gostei	
Drauziobengala	20 mar 2020 7h56	Gostei, esse vídeo foi maos objetivo e técnico na explicação. Conteúdo de muita qualidade! Parabéns!	1 não gostei	
Puto Cretino	24 set 2020 21h55	O melhor canal , ia bater uma hoje , acabei aprendendo até lavar o pinto kkkk	3 gostei	
Marcelo Van Der Pol	4 fev 2021 1h21	A bolsa ou saco escrotal tem essa elasticidade para regular a temperatura dos espermatozoides, que precisam ficar de 2°C a 3°C abaixo da temperatura corporal. Ela estica no quente e comprime no frio. Não tem relação alguma com a produção de testosterona, até pq as mulheres também produzem esse hormônio, mas claro, em outro local.		
Dilaylao13	8 mar 2021 4h52	E gostei vou ver todos os videos e ainda irei seguir lo instra		

SEM CAPA #9 PAU PRA TODA OBRA				
http://www.xvideos.com/video37448971/sem_capa_9_pau_pra_toda_obra				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Serginhotransante	7 jul 2018 22h23	O Dr. Rey aparentemente desenvolveu um metodo de aumentar o penis com celulas tronco. Ele comenta sobre na	1 gostei	

		entrevista com o Danilo Gentili Agora eu ja nao sei se funciona ou não, ou quão avançado esta o projeto		
Rauanzinho	8 jul 2018 0h49	nossa amei o povo transando ali atras	3 gostei	
Esqueciooutrologin	8 jul 2018 1h17	Aí que tudo esse canal!	1 gostei	
Martinez1997	8 jul 2018 3h43	Melhor canal do Xvideos kkk deveria ter mais canais como o seu aqui no Xvideos muito legal a iniciativa sucesso	5 gostei	
Ikaropss4	8 jul 2018 5h51	Gostei	1 gostei	
Pm444784	8 jul 2018 5h59	me chama no whats, ta no meu perfil	3 gostei 1 não gostei	
Maxwell Milhome	8 jul 2018 6h18	Foi quase impossível tirar o foco da suruba, dessa vez! Isso não foi uma reclamação, viu? "Cada um trabalha com o que tem e tá ótimo"	5 gostei	
Heymancalifornia	8 jul 2018 12h28	Adorei! Falou tudo que ninguém queria falar e de uma forma bem explicada pra todo mundo entender.	5 gostei	
Lostb0y	9 jul 2018 4h03	Entrei na intenção de bater uma e cá eu achando um canal com os melhores assuntos que precisam ser falados	18 gostei	
Llipe95	10 nov 2019 23h55	uma putaria educativa	11 gostei 1 não gostei	Machosigil o2018 - 20 jun 2020 17h36 - vdd
Brenoselvas	15 nov 2019 22h52	Não sou representado por esta comunidade chamada LGBT.	2 gostei	

		A maioria esmagadora EXIGE PAU GRANDE. Mesmo que você tenha um pau NORMAL que FUNCIONA, Pra maioria dos gays não serve.	1 não gostei	
Hilejo	22 jan 2020 15h23	Mais como eu faço pra eu deixar meu pau ficar reto? Tenho que deixar ele virado pra que lado da cueca	2 gostei	
Araujo125	22 jan 2020 18h12	Eu não esperava nada do que eu vi aqui		
Thobiasbellmont	26 ago 2020 16h52	Eu tenho um pau tipo.. muito pequeno (do tipo não faz diferença pra que lado guarda pq ele não tem volume nenhum).. e SEMPRE sofri por isso (apesar de nunca ter usado antes).. Enfim chegou o grande dia e meu namorado não conseguiu dar pq era "grande" pra ele.. fiquei tipo: ué...		
Blackboard25	3 set 2020 17h03	PARABENS pelo canal e pelas informacoes... muito bom. VALEW		
Passivo Agrecivo	14 set 2020 4h41	4:31, minha nossa sra. A suruba no fundo ta quente☐		

SEM CAPA #10 O SEGUNDO MELHOR AMIGO DO HOMEM				
http://www.xvideos.com/video37065061/sem_capa_10_o_segundo_melhor_amigo_do_homem				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Lucasbeb	22 jun 2018 11h44	Delicinha		
Submissosaopaulo	24 jun 2018 19h26	Que lindo!!! Nossa fiquei sem fôlego		Machosigilo

				2018 - 20 jun 2020 17h25 - kkk
Luck Novinho	25 jun 018 1h18	Mano que rola é essa do cara atrás sendo chupa no começo do vídeo	7 gostei	
Sivanxxx	5 jul 2018 9h27	Porra como não prestar atenção na tranza atrás?	4 gostei	
Maxwell Milhome	8 jul 2018 6h33	Que argumento foda! Adorei e vou levar pra vida... Cara, só tem como assistir seus vídeos depois de ter gozado hahaha	1 gostei 1 não gostei	
Martin1907	27 jul 2018 10h56	Obrigado pois ao meu ver somos leigos e certos assuntos e achei esclarecedor	1 não gostei	
Boyape	1 ago 2018 15h39	oi como fazemos trocar ideia no skpe alessandro6097 ou no watt	1 não gostei	
Gtakashi	22 ago 2018 0h27	Que bunda perfeita tem esse homem! Obra de arte!		
Mlkpassivorj	3 dez 2018 17h16	O pau desse homem é uma maravilha, sem or	44 gostei 2 não gostei	
Chupandocu2	18 abr 2019 13h15	👊		
Beetuty	19 ago 2019 7h24	Tem alguma coisa estranha atrás dele no vídeo, devo me preocupar? ☐		
Evertoncurioso	14 nov 2019 1h37	você deveria mostrar seu cu como seria	3 gostei	

Drauziobengala	20 mar 2020 7h43	Amei descobrir o canal. Os vídeos são bem esclarecedores, mas sinto que o João tá pesando a mão na opinião. Tem argumentos que ele reafirma a mesma coisa muitas vezes. Fico mais esperançoso pra hora dos ensinamentos técnicos. Canal muito bom!!! Nunca vi algo tão útil! E essa foda de fundo foi a melhor!	2 gostei	
Pabloangelis	31 ago 2020 2h47	5:05...Esse uhn é a pior coisa que tem. Como tem gente que consegue dar pra cara com pau grande? É uma tortura.		
Lito909	24 out 2020 16h48	como é lindoooooooooooooooooooo		

SEM CAPA #11 HOW TO XUCA http://www.xvideos.com/video36873133/sem_capa_11_how_to_xuca				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Jose9999999999999999	22 jun 2018 22h51	os próprios médicos falam que nem todas as informações sobre o que faz bem ou mal para o nosso corpo são encontradas na internet, as vezes e preciso ir até um profissional para se orientar melhor. fazer a chuca com muita frequência complica sim a flora intestinal, contudo, isso e com o passar dos anos, creio que só uma pessoa que faz chuca a muitos anos pode nos dizer se realmente faz bem ou mal. e melhor prevenir do que remediar, aliás, depois que o estrago e feito não tem mais volta.	9 gostei 2 não gostei	
Auaunihilist	6 jul 2018 21h39	Gente, aprendam como a ciência funciona. Se não tiverem artigos sobre os benefícios ou malefícios da chuca	6 gostei	

		proctologista nenhum pode ficar afirmando nada.		
T809H	6 jul 2018 22h44	Gostei continue colocando vídeo assim		
Hdouglas	7 jul 2018 1h46	Cara, você ensinou totalmente errado. Usar água no reto, ainda mais de torneira é totalmente não recomendado. O ideal é usar o enema de farmácia que vem com uma solução própria que irá promover o movimento do intestino, fazendo com que a pessoa evacue muito e assim limpe bem o reto para o sexo anal.	64 gostei 15 não gostei	Olhos Azuisgg - 28 dez 2020 2h53 - Eu abusei da chuca com o chuveirinho e ainda coloquei um pouco de sabonete líquido. Irritou o reto e precisei consultar um proctologista e vou necessário tomar antibiótico. <hr/> The-Mascara - 5 mar 2021 4h41 - Oxe, péssimo esses enemas de farmácia. Antes usava e

				ardia demais o cu. Além disso dava muiiiitos gases. Horrível!
Hdouglas	7 jul 2018 1h48	Isso de fazer mal é balela e totalmente relativo. Não há nenhum estudo que comprove isso. Aliás, uma lavagem intestinal feita a cada 2 mês, pode até ajudar a evitar o câncer de colo, de acordo com alguns estudos científicos. Porém deve ser feito apenas e somente com enemas prontos de farmácia.	6 gostei 2 não gostei	
Mamaforbangu	14 jul 2018 12h51	Gostei muito da sua dica. Falou tudo. Eu normalmente após fazer a xuca tomo por 3 dias o Floratil, assim auxilia na limpeza e regulariza a flora intestinal voltando a lubrificação natural e mantendo a limpeza por mais tempo.	6 gostei 2 não gostei	
Guricrush	15 jul 2018 20h46	Normal eu ver esse vídeo com maior seriedade e me masturbar com o sexo no fundo?? POha que tesão.... Queria ser o cara que esta filmando tudo... provavel que eu estaria batendo uma ao vivo também xD.	22 gostei 4 não gostei	Italo-Brasiliano - 4 dez 2019 5h50 - Dois. ☐
Homemceara	12 abr 2019 14h46	Aprendendo muito.. nunca fiz xuca	1 gostei	
Llipe95	4 out 2019 14h32	cuidado com a burra	2 gostei 3 não gostei	
Pequenoputo	3 fev 2020 0h57	Eu tô fodido!!! Parece que 80% de mim é feito de bosta se eu for dar tenho que fazer a chuca se não cago o ativo todo, quando vou me limpar passo até 2 horas no banheiro, minha sorte é que meu namorado tem o pau pequeno, mesmo assim	9 gostei 1 não gostei	

		se algum amigo quiser me comer eu tenho que limpar se não eu passo vergonha...		
Pornowukimtae	17 jul 2020 20h38	Só foi eu que fiquei vendo os caras lá trás?	1 gostei 1 não gostei	
Carloshenriquetocci	9 nov 2020 22h57	☐		
Jacktaylor3	4 mar 2021 11h41	Um monte de gay falando que fazer a chuca faz mal, mas eu duvido que vcs queiram ver que seus paus cagados. Pode até fazer mal, mas é um preço a se pagar por ser passivo uai. E não me venha com essa de "é só comer fibra e blá blá blá" não gente, não é só comer fibra. A minha alimentação é a melhor possível e mesmo assim se eu enfiar alguma coisa no cu ele vai sair sujo. Chuca é necessário.	1 gostei 1 não gostei	

SEM CAPA #12 BORA SARRAR http://www.xvideos.com/video37215685/sem_capa_12_bora_sarrar				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Camp18Anos	28 jun 2018 21h53	esse início de vídeo é sempre um show a parte haha, sou fã!		
Cudecurioso69	29 jun 2018 2h31	É sempre engraçado ver o tema distanciar do acontece ali atrás kkkk Os vídeos continuam atrasando e agora ainda tem um extra... Já tô sentado esperando		
Bears Spears	29 jun 2018 3h02	Nossa esse negao de dread podia aparecer mais vezes		

Rihmj	29 jun 2018 5h18	Charlinhus é lindo demais		
Birtneysperma	30 jun 2018 6h14	EU AMO ESFREGAR PINTO COM PINTO, FAZER SEXO DE FRENTE COM A PESSOA ABRAÇADINHO BEIJANDO, AI Q TESÃO	7 gostei	
Mrhughesaftermath	30 jun 2018 18h40	É quase broxante quando o cara já quer ir para o finalmente, quando justamente as preliminares são uma das mais excitantes! As vezes é até mais excitante e nem precisa da penetração. Eu levarei tranquilamente um sexo sem penetração por tempo ilimitado.	11 gostei	
Maxwell Milhome	8 jul 2018 21h33	Que maravilhoso!		
Sergiovb40	8 jul 2018 23h38	sou fa. adorando os videos	1 gostei	
Treisand	11 jul 2018 20h33	Eu queria ver um porno dele kkk	17 gostei	
Atvwolf	26 jan 2020 1h25	Quero participar de um dos seus vídeos! rrsrs		
Podeportudonocu	29 fev 2020 13h49	Um amigo faz a chuca e, para garantir, coloca chamados de algodão embebido com lubrificante no reto. Assim, ele cria uma barreira de proteção entre a bosta e o pau do boy. Mesmo em vaso de chuca mal feita.	2 gostei 2 não gostei	Putasacana0 - 16 mar 2020 13h18 - Legal

Comentário dos vídeos 13 ao 24 - Sem Capa

Coletados em 14 de março de 2021

SEM CAPA #13 | BOTA A CAMISINHA PARTE 2http://www.xvideos.com/video37431981/sem_capa_13_bota_a_camisinha_parte_2

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Lip72	6 jul 2018 23h32	Ameiii	2 gostei	
Ninfetinh8	6 jul 2018 23h34	Bem didático, adorei	1 gostei	
From199X	7 jul 2018 1h24	Amei o tutorial	1 gostei	
Britneysperma	7 jul 2018 1h40	MDS, CAMISINHA FEMININA É O FUTURO		
Yeims	7 jul 2018 2h21	Faltou ter comido a poc pra gente ter uma nocao mais dinâmica do tutorial, amei, nota 2	2 gostei 2 não gostei	
Gustavo1Fart	7 jul 2018 3h28	E se a camisinha for "sugada" e se alojar no intestino?	1 gostei 2 não gostei	
Npatricio	7 jul 2018 17h22	Nada de novidade. Só mais um gay que gosta da putaria querendo dar uma de intelectual.	1 gostei 8 não gostei	
Alhojr	8 jul 2018 22h07	Mas gente, fica muito fora do tema do canal se vc fazer um vídeo comendo essa bunda?	1 gostei 1 não gostei	
Vinysz	10 jul 2018 4h59	Dela não entre toda para dentro. Dependendo da socada e velocidade? Me responda	2 gostei	
Pan Sc	11 jul 2018 22h14	Que desserviço a opinião do cara sobre a camisinha feminina, toda vez que se troca de	2 gostei 3 não gostei	

		parceiro deve se trocar a camisinha, afinal um atv não deve comer 2 pessoas com a mesma camisinha assim como o passivo deve trocar a camisinha feminina caso troque de parceiro		
Novinhodificil	13 jul 2018 0h15	Nossa.. esse vídeo é de utilidade pública devia dar no intervalo da novela das 20h.	80 gostei 5 não gostei	
Homura24	13 jul 2018 1h47	Mas e se for colocar o pau a camisinha nao vai ficar presa la dentro? Pode demonstrar?		
Marlonlikesass	20 jul 2018 10h10	tesao de bunda	2 gostei 1 não gostei	
Martin1907	27 jul 2018 21h36	parabens com videos esse da camisinha em e otimo estou curtindo muito	6 gostei	
Capirotoboy	28 jul 2018 9h51	Tô besta com o povo achando q o aro de fora vai entrar..... Gnt prf claro q isso n entra olha a circunferência dessa porra! PS: é muito mais confortável pro passivo e pro ativo também. Super recomendo!	46 gostei 3 não gostei	
Litopirocudo	25 ago 2018 2h38	Acho que tinha que ter testado aí pra nos vermos ela depois do uso...	103 gostei 6 não gosstei	
Mr-Cosgrove	27 ago 2018 3h15	QUE ÍCONE	2 gostei	
Cratylus	28 ago 2018 0h53	Pegou mal falar que o passivo pode dar pra quantos ativos quiser, colocando outras pessoas em risco. Pode acontecer nos clubes de sexo e saunas da vida, o passivo não estar	52 gostei 28 não gostei	

		nem aí e vai lá o ativo desavisado e enfia o pau achando que está protegido. Na verdade isso é crime, colocar pessoa em risco.		
G9Briel	18 dez 2018 2h12	Vários ativos usando uma só camisinha, acho que o MINISTÉRIO DA SAÚDE não nos recomenda, como diria nossa MUSA Ludmilla, sério gente isso é muito perigoso.	28 gostei 4 não gostei	
Pentelhudo12C m	10 jan 2019 15h18	Vc é mto gostoso. Tesão esse seu corpo peludo, peito, sovação peludo, barbudo. Perfeito homem assim!	11 gostei 4 não gostei	
O Augusto Marques	18 jan 2019 18h58	Que cusão é esse... Delícia ! Aguardo você lá em casa	17 gostei 3 não gostei	
Danymaiki	19 fev 2019 2h02	Como faço pra dar o cu pra vc?	37 gostei 8 não gostei	
Anonimo3157	10 jun 2019 18h37	Só acho que deveria ter testado! Haha		
Branquelo Rj	27 jun 2019 4h18	Coloca o pau e a camisinha fica dentro do cu kkk e se nao sai? deixei de fazer passivo por isso dá muito trabalho cara fazer chuca então nem me fale kkk..		
Qualquer24	8 jul 2019 4h21	Maravilha Tuto pom	1 gostei	
Scuba	4 ago 2019 19h20	Achei essa bunda meio fresca.		
Rafinhasapecarj	23 out 2019	Amei o vídeo, João! Parabéns!		

	22h21			
Cs17Bayosky18	2 abr 2020 15h51	Nossa, queria que o youtube tivesse youtubers assim Queria ver vc testando essa camisinha ai nele ksksks	1 gostei	
Voyeur-Amigo	29 abr 2020 16h50	Pensei q ia meter no cuzinho kkk	3 gostei	
Thatrishgirl1970s	30 maio 2020 8h46	What is this sexy angel saying? I got a lot of it. From context	3 gostei	
Cafucu 20 Cm	26 nov 2020 11h05	Eu não estou conseguindo lidar com esse video □□□□		
Charlespassivoguloso	23 dez 2020 9h44	Adorei saber disso, vou testar se gostar, só vou usar dessa.		
Paulao450	2 fev 2021 2h45	Foi muito bom!! Eu estava duvidando se seria viável e tal mas depois de entender melhorou. Escutei um povo falando para remover o aro mas deve ficar muito estranha lá dentro sem o aro, tb ouvi falar de enfiar o pau na camisinha e socar no cu da pessoa diretamente... Achei essa opção mais fácil porém n da para ir com o aro		
Kakoman28	11 mar 2021 19h36	TE Ganaste un suscriptor!!!□		

SEM CAPA #14 | FANTASIAS NO ARhttp://www.xvideos.com/video37586961/sem_capa_14_fantacias_no_ar

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
M4Rcioalexandre	13 jul 2018 5h14	Maravilhoso como sempre ?/	1 gostei	
Anônimo	13 jul 2018 13h54	Kkkkkk adorei o Sa"Faustão"João. fetiche substantivo masculino 1. objeto a que se atribui poder sobrenatural ou mágico e se presta culto. 2. PSICOPATOLOGIA objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas.	1 gostei	
Anônimo	13 jul 2018 14h06	Sá, para complementar o vídeo ai. Continue assim! Parabéns! Shibari (しばり?) é um verbo japonês que significa literalmente amarrar ou ligar. É uma expressão que tomou um sentido diferente no século XX, quando o uso da corda (nawa em japonês) começa a ser utilizada	1 gostei	

		no contexto o uso no shibari para fim erótico.		
Anónimo	13 jul 2018 14h07	Kinbaku (緊縛?) é a palavra japonesa para "bondage" ou ainda Kinbaku-bi que significa "o bondage bonito". Kinbaku (ou Sokubaku) é um estilo japonês de amarração sexual ou BDSM que envolve desde técnicas simples até as mais complicadas de nós, geralmente com várias peças de cordas (em geral de 5 mm à 8 mm, sendo a mais tradicional a de 6mm) e que podem ser de materiais diferentes, sendo a tradicional corda japonesa utilizada para o Shibari, a de juta.	1 gostei	
Anónimo	13 jul 2018 14h07	A cordas de cânhamo ou algodão. A palavra Shibari tornou-se comum no ocidente em meados dos anos 1990 para denominar a arte de amarração chamada Kinbaku.	1 gostei 1 não gostei	
Juniorpereiragoi ano	16 jul 2018 3h41	Curti as axilas peludas de vocês. Haha	9 gostei	Lordalpha123 - 23 jun 2019 0h28 - Eu tbm! Pra caralhoouooooo
Mamaforbangu	31 ago 2017	Eu tenho um fetiche, de fazer esse tal de fist,	2 gostei	

	22h56	mas eu nunca tive coragem de deixar fazer em mim, mas tenho coragem de fazer nos outros. Certo dia sai com um casal e o ativo, resolvi fazer em mim sem minha permissão eu fiquei super sem graça e brochei na hora, eu nem estava preparado fisicamente e nem psicologicamente para isso, foi um constrangimento que só. Depois o cara pediu mil desculpas e agora eu não tenho mais coragem, Inclusive vc poderia falar sobre essa pratica!		
Pedraodorio	8 set 2018 3h44	Falou tudo, mas não falou nada!	4 gostei 1 não gostei	
En Fermeirodopraze rsp	9 dez 2018 18h34	ADORO CARAS PELUDOS.	2 gostei	
Bergsouza	23 dez 2018 23h01	o meu é de extupro consensual.. e de bukakke;; tenho vontade de um dia ser fistado mais não creio que consiga isso logo pq sou muito apertado.	1 gostei	
Brian11Edwards	12 fev 2019 18h43	Eu gosto de pés	1 gostei	
Querendo Levar Vara	20 jun 2019 23h53	Queria participar de uma suruba Boa..	3 gostei	
Llipe95	19 mar 2020 20h58	ursinhos carinhosos	1 gostei	

SEM CAPA #15 | HEY MACHÃOhttp://www.xvideos.com/video37770879/sem_capa_15_hey_machao

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Th3Ago1989	20 jul 2018 1h46	Parabenizo o vídeo porque eu vejo como no meio LGBT existe a inferiorização sobre o que é ser um homem feminino. Eu sou o considerado discreto ,mas nem por isso eu acho certo fazer pouco ou me achar privilegiado por não demonstrar ser gay. Acho que não deveria existir tanto machismo no nosso meio . Realmente vou rever meus conceitos sobre	7 gostei	
Rolaquenterj	20 jul 2018 1h49	O cara falando e falando e o negao malhado la atras tomando no cu. Não quis nem saber de papo. Deu gostoso o putto!	2 gostei	
Pdrplrj	20 jul 2018 4h41	o termo "afeminado" não ta gramaticalmente incorreto pq o prefixo a- é pra indicar aproximação, presença daquela característica, como em acebolado, acorrentado, etc. mas o problema real você já apontou mt bem no video	2 gostei	
Pdrplrj	20 jul 2018 4h42	kkkkkkkkkk tem um cara falando de machismo às avessas no mundo gay kkkkkk	3 gostei 3 não gostei	

		só rindo msm		
Sexopima	20 jul 2018 4h50	Ótimo video. Parabéns pela iniciativa. Agora deverial deichar a camera ligada ligada no final no video pra ver o sexo rolando kkkkkkk	1 gostei	
Sadomasochrist	21 jul 2018 16h24	Sobretudo o aspecto de construção me parece bastante relevante nesse caso. Mas, não deixaria de citar âmbitos biológicos como itens de extrema relevância. Me pergunto, apenas, apesar de saber previamente como ambos influem sobre o outro, o quanto se sobressai o fator determinante em relação ao indivíduo, em aspecto do tipo. E, me é um bocado detestavel, ver desse tipo de comportamento em relação a homens femininos, dentro da própria comunidade LGBT.	2 gostei	
Lukaslira8	21 jul de 2018 22h43	Ainda sonho em ver uma sextape do sajoao	4 gostei	
Jag3Uar	25 jul 2017 7h09	Gramaticalmente, afeminado é particípio passado do verbo afeminar; efeminado é particípio passado do verbo efeminar. E significam a mesma coisa, efeminar vem de 'effeminare', tornar feminino, em latim; afeminar é uma variação somente. O	1 gostei	

		problema de ambas as palavras tem a ver com o uso depreciativo de cada uma delas. Infelizmente, é a prática social que determina os sentidos das palavras a depender do contexto.		
Noangelbr	27 jul 2018 2h01	Já transei com o João e foi muito legal	3 gostei	
Homemceara	12 abr 2019 14h57	João por favor. Faz um vídeo sobre essa gama de produtos que existem no mercado sobre aumento peniano.. existe mesmo? Sofro por que falta de ser ativo e tenho um pênis de 13 cm.. e muitos faltam de pênis bem maior.. atende meu pedido por favor	1 gostei	Harryanaconda - 24 ago 2020 6h08 - É impossível,ele já falou sobre isso!!!
Dontknowwahattotype	24 fev 2020 16h48	qual é o sentido de fazer uma palestra enquanto tem caras se comendo no plano de fundo???	2 não gostei	
Llipe95	25 fev 2020 2h48	em busca do pink money	1 gostei	

SEM CAPA #16 SIGILO http://www.xvideos.com/video38010109/sem_capa_16_sigilo				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Exposed Pandrl	26 jul 2018 16h29	Bubbasue fudendo euphoric da pandrl		
Hrick79	26 jul 2018 22h26	safadobicwb vc no mínimo bissexual.	1 gostei	

Renato Zine	27 jul 2018 0h47	Oi tudo bem? Antes de tudo quero dizer que pau lindo tu tens, rsrs. Segundo faria um video sobre ejaculação precoce? Tenho um certo problema com esse assunto e gostaria de ajuda! Abraços e espero que leia minha Msn !	6 gostei 1 não gostei	
Jag3Uar	27 jul 2018 1h19	Safadobicwb, a sociedade já está dividida, não percebe? O que nós, lgBt, queremos é tentar criar pontes dentro dela. Mas se você continuar negando isso usando de escapismo, vai ser difícil criar espaço para diálogo. E não se engane, sexualidade não tem nada a ver com o que vc faz na cama, o nome disso é intimidade. O que foi colocado no vídeo é da ordem das práticas sexuais, e por isso sociais, e essas são da conta de todo mundo que queira viver em sociedade de forma íntegra.		
Cudecurioso69	27 jul 2018 3h21	É o Yuri Oberon ali atrás?		
Thiafo662	27 jul 2018 12h56	Eu sei o que é o vale. Ele me exclui e excluiu.		
Huangjae	28 jul 2018 13h56	Acho peculiar comentários desvalidando militâncias que, supostamente, dividam e rotulam a sociedade sendo que quem é justamente contra essas militâncias é quem mata diversas pessoas simplesmente por serem LGBTQ. Desvalidar militâncias é fácil sem saber que são justamente as pessoas que estão dentro delas as responsáveis por abrir	8 gostei 2 não gostei	

		tantas portas para a população LGBTQ viver de forma digna como qualquer outro cidadão.		
Tracystevenstws	29 jul 2018 22h09	O indivíduo é livre. Livre. L-I-V-R-E. Livre pra se assumir ou pra não se assumir. Livre pra fazer o que quiser da vida. De um lado uma sociedade que oprime e dificulta a autoaceitação, do outro uma militância que oprime por forçar quem não segue a cartilha “gay assumido e afetado, de esquerda, militante”. A homossexualidade não tem correlação obrigatória com comportamento e personalidade.	21 gostei 13 não gostei	
Tracysteventws	29 jul 2018 22h10	Parem de forçar as pessoas a serem quem não são e fazerem o que não querem, porque a sociedade já faz isso. Isso é que é problemático. Sua vida privada só diz respeito a você. Faça dela o que quiser. A militância que se foda.	6 gostei 7 não gostei	Bugbye - 12 maio 2019 2h11 - O que vc quer é dar o cu e na vida publica defender comportamentos que prejudicam LGBTs só pra não perder privilégio. não te nada a ver com liberdade individual tem a ver com integridade e carater. 6 gostei 5 não gostei
Anónimo	30 jul 2018 3h23	Gente que homem, como se comunica.. Meu Deus me tremo todo	4 gostei 1 não gostei	
Mateusreiss	6 jan 2020 0h18	cara, achei maneiro seu canal! vc tem canal no you tube ou instagram? Meu perfil no insta é @drmateusreis! Gostaria de contactar		

		profissionalmente voce.		
Tlf989	4 mar2021 17h	Delícia o negão passivo lá atrás. Vocês deveriam fazer videos pornô.	1 gostei	

SEM CAPA #17 SINDIBIXA E POKÉMON http://www.xvideos.com/video38706975/sem_capa_17_sindibixa_e_pokemon				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Mczversatil	21 ago 2018 13h50	Esse vídeo tá repetido, João.		

SEM CAPA #18 TREPADA ADITIVADA http://www.xvideos.com/video38582233/sem_capa_18_trepada_aditivada				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Jorgesltd	17 ago 2018 0h01	seus vídeos são melhores que os pornos daqui amei o conteúdo	2 gostei	
Angelina Goncalves Ribeiro	17 ago 2018 4h25	Querido eu adoro seu videos ραγαβεις sempre coisa novos assuntos miuto legal . Eu curto si usar uma drogas no σεχσ mais so pra ter mais prazer tbm fasso sem perfiro tomando algum coisa pra tem mais tezaο .	2 gostei	

		Meu quero bjos fique em paz .		
Thiago662	17 ago 2018 5h46	Eu preciso amar para ter prazer.	1 gostei 3 não gostei	
Awwe32	17 ago 2018 12h32	que cara mais chato esse . cri cri .	1 gostei 3 não gostei	
Felipeos	26 ago 2018 23h	Sajoao, faz um vídeo sobre o vício em pornografia , acho o assunto quente . Bjs		
Paulo-Roberto-Zs	30 ago 2018 19h50	Muito bom		
Naturalbighairy	7 set 2018 5h10	Curto trepar com pó, é muito bom pra curtir fetiches bem loucos! curtir sem tabus	1 gostei 2 não gostei	
Tchago666	27 jan 2019 0h34	Esse cara parece que não dorme há dias hahaha mas ainda consegue ficar bonito.	1 gostei	
Naturalbighairy	24 maio 2019 4h05	sajoao afim de um mineiro?		
Ativoortal18	11 out 2019 21h13	Acho que é triste a quantidade de homens gays ou LGBT em geral que usam drogas e o quanto isso muitas vezes tem um impacto que eles nem conseguem admitir em suas vidas. O vídeo foi meio desinformativo quanto a isso...	5 gostei 2 não gostei	
Barbudo Voyer	12 out 2019 5h46	Apenas um gay usuário de drogas que leva uma vida sexual tóxica, posa de	1 gostei 1 não gostei	

		desconstruído, mas envergonha a família, não por ser gay, mas por estar sabotando a vida		
--	--	--	--	--

SEM CAPA #19 CASALZÃO DA PORRA http://www.xvideos.com/video38773931/sem_capa_19_casalza_o_da_porra				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Oficialdiego	23 ago 2018 13h58	acho que você devia abrir uma playlist a parte pra postar um pouco da putaria que rola atrás, amo demais ver e ouvir você falando cada semana de um assunto diferente, mas fico mt curioso pra ver o que acontece ali atrás.	4 gostei 2 não gostei	
From199X	24 ago 2018 1h29	Vc já pensou em criar um podcast?	3 gostei	
Angelina Goncalves Ribeiro	24 ago 2018 4h19	P**** cara você falou muito bem cara muito massa gostei muito sabia que monogâmicos e tem pessoas que curtem essas relação como dizer assim aberta né ou então é porque deve ter algum nome e eu não sei como é o nome então eles em relação aberta ou então a relação mas tá de parabéns perfeito	4 gostei	
Felipeos	26 ago 2018 22h54	Amei tudo o que vc disse ! Faz um podcast pra vc Sajoao sobre o tema lgbt e relacionamento sajoao , coloca no spotify, vc vai alcançar muito mais pessoas não perde tempo ! Bjao !	9 gostei	

Jhonnymaine	6 set 2018 1h28	Adorando essa suruba aí atrás, os caras botam pra quebrar. Delícia.	5 gostei	
Deoliveiraelisio	5 mar 2019 17h55	são tão libertadores. a cada vídeo é um novo paradigma quebra ♥		
Riqueamr	7 set 2019 21h40	esse aí é o que acusou um senhor de 66 anos de ser pedófilo por dar em cima dele que tem mais de 30 anos e deletou o twitter correndo e as redes sociais por medo do processo que vai tomar?	4 gostei 1 não gostei	
Vielric	23 set 2019 16h52	O assunto é interessante, mas me incomodou esse sexo de fundo, vc tem que fazer um esforço maior pra tentar entender o vídeo.	2 gostei	
Parangaricotirim ijuaro	27 mar 2020 14h12	Maravilhosidades!! Adorei a senhora, sua desenvoltura, sua simpatia, seu corpo, seus olhos e seu cenário. Muitas emoções.		

SEM CAPA #20 O NEGÃO DA PIROCA http://www.xvideos.com/video39011705/sem_capa_20_o_negao_da_piroca				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Janshinke	30 ago 2018 16h37	Válido. Contudo, muito pior que ser objetificado por supostamente ter um pênis grande por pertencer a determinado grupo	2 gostei 2 não gostei	

		étnico é sofrer preconceito por ter pênis pequeno (orientais em geral).		
Fodius	30 ago 2018 18h28	se esse cara mete o tanto que fala até que se justifica	1 gostei 7 não gostei	
Ssouz	30 ago 2018 19h34	Ahazou viado!!! Faz mais video, pfv. Nós bichas pretas precisamos de mais representatividade. E você trazendo este assunto da objetificação do homem negro significa muito para nossa comunidade. Parabéns e sucesso!	12 gostei 2 não gostei	
Dernando Delicia	31 ago 2018 2h32	Caramba eu gostei da explicação e da posição do dito "negão". Parabéns	9 gostei 1 não gostei	
Debob2010	1 set 2018 14h08	Amei seu vídeo, Charlinhus. Queremos mais e mais a sua fala também. Aprendo muito e, confesso, recebo alguns tapas na cara com toda educação de vocês 2 (rs)	1 gostei	
Pobew	1 set 2018 18h01	Sou fã de vcs ^^	1 gostei	
Natyrs	1 set 2018 23h21	Obg por esse vídeo, até que enfim alguém falando sobre o assunto e nos passando conhecimento.	8 gostei 1 não gostei	
Mpassivo20	2 set 2018 0h02	Parabéns. O vídeo representou muito, a sua fala é a verdade que nós, bichas pretas passamos e sentimos na pele. Essa objetivação dos nossos corpos é muito grande, e tem uma galera que não entende	21 gostei 1 não gostei	

		isso e acha que mais um mimimi. Você arrasou no vídeo e na problematica.		
Jhonymaine	6 set 2018 1h57	Parabéns Charlinhus, excelente tópico para apreciação e entendimento e valorização, principalmente. Mto obrigado!!!	7 gostei 1 não gostei	
Lucas-Silva-Stm	11 set 2018 1h26	Cardápio de jambrolha? Alguém aqui ouve Wanda hahaha Gosto bastante do canal! Amei o vídeo ☐	14 gostei 1 não gostei	
Kleytonralipson	14 set 2018 0h23	Acho que alguém aqui ouve Wanda hein HAHAHHAA AMEI	14 gostei 2 não gostei	
Thiaago-Soousa	14 set 2018 5h32	Achei todas as posições propostas muito inteligentes.... PARABÉNS ao idealizador desse conteúdo.	5 gostei 1 não gostei	
Ganimedes Raptado	28 set 2018 3h49	vídeo muito bacana, amigo! muito lúcida e inteligente sua fala. sucesso!	1 gostei	
Conversareality	22 out 2018 17h07	Eu sou um bissexual branco cis, mas amei TANTO esse vídeo. Conheci você agora, tô te admirando! Você é muito foda!	1 gostei	
Black-Rio86	19 dez 2018 17h45	#amei ☐		
Pretinhoneguinho	23 jan 2019 16h	Nossa quanta verdade de uma vez só!	12 gostei 2 não gostei	
Leonino1987	16 fev 2019 4h36	Uau ... Parabéns pelo video ... Parabéns pelo		

		canal...		
Fr4Vs	10 abr 2019 0h11	Melhor conteúdo que já vi. Vocês elevaram a educação sexual pra outro nível, gente. Parabéns!	1 gostei	
Sayolivera	8 jul 2019 8h13	até aqui essa merda	5 gostei 12 gostei	
Julia-Df	12 ago 2019 2h06	Excelente!!!	1 gostei 1 não gostei	
Lookie2X	20 out 2019 17h11	nem te conheço mas já te amo? ♥		
DestroPuto	7 out 2020 14h57	Pois é... Tudo uma construção Eu acho que os Caras Pretos deveriam dar mais valor a Bicha Preta Eles replicam atitudes e falas racistas Alguns chegam a olhar com cara de nojo.... É como se só o fato de Preto fosse sinônimo de Masculinidade... Aí o que me resta??? Ficar com os Brancos Pau branco é bom d+ Mas Preto também gosta de Preto!!		

SEM CAPA #21 | MANDA NUDES

http://www.xvideos.com/video39446526/sem_capa_21_manda_nudes

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Negro1992Rj	13 set 2018 17h42	Adorei ter feito parte dessa gravação hahshshshs	4 gostei	Jjfran - 14 fev 2019 6h21 - queria te conhecer
O Perdigueiro	21 set 2018 19h42	Qual será esse grupo dos nudes hein?	1 gostei	
Blackboard25	3 set 2020 17h02	PARABENS pelo canal e pelas informacoes.... VALEW	1 gostei	

SEM CAPA #22 SURUBA NÃO É BAGUNÇA http://www.xvideos.com/video39605349/sem_capa_22_suruba_nao_e_bagunca				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Willerbi	13 set 2018 18h37	nem acredito que parei minha punheta pra ver todos seus vídeos, e eles são excelentes ahahah amei a criatividade	10 gostei 1 não gostei	Marcos Victor2020 - 3 out 2020 20h58 - Também kkkkk
Kim1626	13 set 2018 18h46	Você é ou já foi pra são pedro da aldeia, no interior do RJ?	1 gostei	
Hexpllosionhot	14 set 2018 2h09	Adorei esse vídeo. Sem capa esta abrindo um caminho alem dos canais de YouTube	3 gostei	
Kayjx	15 set 2018 19h38	Meu medo é exatamente que NÃO queiram fazer comigo tudo que ele falou kkkkk Tipo,	7 gostei	

		eu ficar no cantinho, avulso, guardando a calça do coleguinha pra ele se divertir		
Negro1992Rj	16 set 2018 3h40	adorei ter feito parte desse vídeo	2 gostei	
Boqueteiro	22 set 2018 15h59	gosto muito desse tipo de festa! a primeira vez que eu fui numa festa dessas foi na frança. depois disso fiquei viciado! descobri que aqui no brasil tinha e pasei a ir em são paulo com mais frequência para ir a festas de sexo. sou de brasília e brasília tende a ser muito careta nesse aspecto. mas já há algum tempo temos aqui em brasília o clube dos cuecas e é uma festa de sexo que rola todos os sábados numa sauna gay no setor comercial sul . adoro!!!! não preciso mais ir a são paulo	4 gostei	
Fla1974	22 set 2018 17h50	Uma vez comentei com um amigo que tinha ido a uma festa de sexo e ele falou que tinha medo de ir e pegar algum tipo de doença sexualmente transmissível. Daí eu perguntei q ele que, quem garante que aquele carinha gostoso que ele pegou na balada não vai transmitir alguma doença venérea pra ele? O lance é se proteger como em qualquer transa. Ou seja, como você comentou, as pessoas acham que quem frequenta esse tipo de festa não se cuida quando sabemos que não é bem assim.	1 gostei	

SEM CAPA #23 | PARECE UMA PORNÔhttp://www.xvideos.com/video39787585/sem_capa_23_parece_uma_porno

Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Girombado	22 set 2018 7h17	vai transar viado, aqui n é youtube	9 não gostei	
Apolo779	22 set 2018 12h17	Ok, no começo do video - super revirei meus olhos, julguei super. Mas ai, que coisa ótima me aconteceu! Quebrando esse preconceito que eu tive, e aprendendo a repensar minhas opniões. Video muito bom, me fez pensar muito sobre como eu via a pornografia. E super animado pro video da semana que vem!	4 gostei	
Negro1992Rj	22 set 2018 16h07	Que experiência ótima ter fudido com vocês.	1 gostei	Fudedorofficial - 22 jul 2019 11h30 - Vai lembrar disso em todos os vídeos krai 3 gostei 1 não gostei
Fla1974	22 set 2018 18h04	Excelente video. Parabéns.		
Conversareality	22 out 2018 18h13	Como tem gente amargurada nesses comentários. Tô adorando os videos.	1 gostei	
Castor Cardashian	15 mai 2019 5h56	FO DE GA RO TA	1 não gostei	

Allsign	17 out 2019 19h04	Cara, vc é muito lixo, nojento, escroto e hipócritaaaaaaaaaaaaaa!	8 não gostei	
Joao Carlos2677	25 out 2020 19h42	Excelente vídeo, n sou gay, mas super concordo com o vídeo.		

SEM CAPA #24 PÓS-COITO http://www.xvideos.com/video39950891/sem_capa_24_pos-coito				
Nome de usuário	Data	Comentário	Reações	Respostas ao comentário
Fla1974	27 de set 2018 17h54	Pena que acabou. Parabéns pelo projeto. Aguardando ansioso pelo próximo. Grande abraço para os dois.	1 gostei 1 não gostei	
Alex Mercer69	27 set 2018 22h15	Muito bom	1 gostei	
Chupadordecuz	28 set 2018 0h32	G O S T O S O	3 gostei 6 não gostei	
Danilo Sergio	28 set 2018 0h33	Parabéns fecharam com chave de ouro ! Ansioso pelos novos projetos	1 não gostei	
Vinhedogay	28 set 2018 1h20	Alguem quer um cu novinho que mora em	1 gostei	

		vinhedo ou regioa? Passa whats	1 não gostei	
Mamaforbangu	28 set 2018 2h28	Pena ter acabado. O sem local vai ser postado aqui tbm??	1 não gostei	
Thedeolho	28 set 2018 3h25	Parabéns pelo projeto, meninos! E que final inesperado ♥	3 gostei 1 não gostei	
Martizsafado	28 set 2018 7h16	melhor projeto,aprendi demais e pude ver que tem pessoa minhas opinioes ,parabens,força,e uma otima vida	1 gostei 1 não gostei	
Marukosucwb	3 out 2018 11h36	Obrigado por tanta informação. Obrigado por deixarem esse gostinho de "quero mais". Sucesso!	3 gostei 1 não gostei	
Gaypassivoporno	8 out 2018 3h16	video de uma bixa se achando a ultima bolacha do biscoito	129 gostei 70 não gostei	M1120M - 17 abr 2019 1h24 - Concordo plenamente! Só uma correção, se ACHAVA porque ao se expor não imaginava que fosse ser objetificado ao ponto de ser tratado como um pedaço de carne ou, nas palavras dele, como alguém a serviço do prazer de outrem. A intenção dele era reforçar o Ego mas o tiro saiu pela culatra e acabou virando deposito de expectativas... E de porra também! Hahaha

				<p>15 gostei 5 não gostei</p> <hr/> <p>Thidihunter - 8 fev 2020 14h48 - Que apontamento sensato o seu, acredito que seja muito comum e bom queremos ser objetos de desejos do outro... quem não gosta não é mesmo? Mas pelos demais vídeos e mostra o desejo em sim e na reflexão do outro. Por isso ele fode bem, e claro que as pessoas vão assediar ele pois quem não queria foder assim? Mexe muito no imaginário sexual de muitos. A questão é, ele não soube lidar com a demanda do desejo porquê quem sabe ? Muita exposição,mas achei necessária.</p> <hr/> <p>Machosigilo2018 - 20 jun 2020 18h10 - morrendo de rir</p>
Boqueteiro	24 out 2018 12h04	eu achei a justificativa um tanto quanto antipática. , compreensível, mas antipática. podia ter dito apenas que o projeto tava sugando muita energia deles e que iriam casar	22 gostei	Machosigilo2018 - 20 jun 2020 18h11 - eita

		e o projeto seria morar juntos e ponto. mas valeu! aprendi muito aqui e estou me sentindo órfão. espero que surjam outros canais com a mesma proposta.		
Jjhuinior43	25 out 2018 17h02	Cara na verdade, sobre achei o canal um tanto "pessoal" sempre passou a ideia do que o certo é o que o ele pensa. Tipo poliamor, falar que amar e satisfação de outro, para né, se está feito e quer estar com outro não é amor e mais um gay promíscuo que não sabe amar. E si reiterando sexo 3 e diferente de amor a 3 que eu não acredito. Mas teve sim vídeos que achei que foram legais, pena que João sempre acha melhor que outros gays.	9 gostei 11 não gostei	
Jjhuinior43	25 out 2018 17h03	Isso realmente é chato, nunca transpareceu querer unir ou traçar pensamentos. Assim acho que se um dia voltar tentem ser mais reais e enos utópicos	9 gostei 3 não gostei	
Ipatinga Fudedor	30 out 2018 5h03	Palhaçada eu não mandei nenhum tipo de mensagem assim mas a pessoa aparece nu de pau duro se exibindo pra ganhar ibop e seguidores como se não soubesse que iria receber esses tipos de mensagem aposto que os padrão que mando nu de ele adorou ver	51 gostei 17 não gostei	Thidihunter - 8 fev 2020 14h49 - Ele adorou ou você gostaria?
Canangaodorata	10 nov 2018 0h56	Acho difícil estar 100% desconstruído dos padrões normativos. E por esse canal falar muito bem sobre isso, dou meus sinceros	21 gostei 3 não gostei	Thidihunter - 8 fev 2020 14h49 - Me too

		parabéns. Amei praticamente todas as reflexões, e concordo com quase tudo que é falado nesse vídeo. Quis apenas ampliar a reflexão... Curioso pelos próximos		
Canangaodorata	10 nov 2018 0h57	Agora eu pergunto, se o pau dele é um dos veiculos que ele usa para expressar seu talento, o que ha de errado em um admirador elogiar o trabalho e tbm o pau? Nao estaria ele transformando o próprio corpo em tabu?	98 gostei 25 não gostei	Thidihunter - 8 fev 2020 14h40 - A questão que vi ele abordando não trata-se do sexo em sim, ou do puritanismo do mesmo e sim das pessoas acharem que o corpo dele é de propriedade pública. Falar de sexo, fazer sexo, gostar de sexo é um processo como na maioria dos outros individuais e muito transferido, a questão que vi foi que ele não gostou da maneira que as pessoas cotransferiram o desejo que ele transferiu, como para as maiorias das coisas na vida (inclusivo ele, eu e todo o resto das pessoas) as vezes não se faz muito bem 8 gostei <hr/> Xxadmiration - 4 mar 2021 14h42 - Mds, tem gente q parece q pulou completamente o vídeo

				e já veio comentar
Canangaodorata	10 nov 2018 0h58	Uma cantora recebe uma mensagem de um fã dizendo que ele adora o trabalho dela e que acha a voz dela linda! Isso seria assédio? Acho que não, já que a cantora usa seu próprio corpo, sua voz, como um dos veículos para expressar suas ideias e seu talento. Além da voz, ela pode usar sua criatividade para escrever letras bonitas. Mas a voz de certa forma se sobressai aos olhos do público	8 gostei 7 não gostei	
Berg Rec	15 nov 2018 20h33	Parabéns pelo o projeto amei todos os vídeos, pena q chegou ao fim. Fiquem na Paz bjs.	5 gostei 1 não gostei	
Slut1993	17 nov 2018 23h2	me gustaron mucho tus videos , pude entender a pesar de estar en portugues ya que entiendo algo de la lengua y tu forma de hablar es muy pausada y clara. muchas gracias por las informaciones, saludos desde Honduras, Centro America.	5 gostei	
Garoto Delicinha	3 dez 2018 23h	JOÃO VC É LINDO, O SEU NAMORADO É FEIO, SÓ ISSO.	4 gostei 25 não gostei	
Dan393	4 fev 2019 12h51	boiola nojento grr	3 gostei 14 não gostei	
Jameselfen	6 fev 2019 3h01	Gblx, e você não sabe diferenciar por que, porque, porquê e por quê, pelo visto!	6 gostei 4 não gostei	

Allsign	29 ago 2019 15h54	Esse vídeo é o cúmulo, cara lixo se expondo ao extremo agora pagando de puritano? E o processo, já levou nas costas? Por ser um cara de 33 anos divulgando que é vítima de pedofilia? Apagou todas as redes sociais, mas o print é eterno! Patéticoooooooooooooo	21 gostei 4 não gostei	
Gulosoporgala	21 set 2019 4h34	esquerdista de merda. receber dinheiro público pra isso. a mamata acabou. e dessa vez não é literalmente.	1 gostei 16 não gostei	
Ativofortal18	11 out 2019 21h22	Não sei o que pensar desse canal. Ele diz tentar descomplicar o sexo, mas a visão do cara é muito baseada num lugar social que nem mesmo ele parece compreender. Muitas reflexões boas, mas muita coisa padronizada e um pouco presunçoso	6 gostei	
Carioca 94	10 mar 2020 6h15	Cara o jeito que ele fazem transmite uma paz, se é louco. Cara parabéns pela tranquilidade!:stuck_out		
Victorddi	19 mar 2020 21h16	Mas ué, e aquele vídeo lá no começo que vc mandou as pessoas mandarem direct caso quisessem aparecer no fundo do vídeo? Confuso esse seu discurso hein.	2 gostei	
Sexbrasilmthg	8 jun 2020 19h07	Entendi por que não achei suas redes sociais <input type="checkbox"/>		